

Memória do Plano Piloto, Lucio Costa, 1957. In COSTA (1995, p. 284)

MUTAÇÃO: 1956-1960

Em 1950 Getúlio Vargas é reeleito presidente da República. Da posse de Getúlio à eleição de Juscelino Kubitschek, em 1955, a hegemonia proporciona a difusão da escola carioca como estilo — hegemonia essa que aos poucos abre espaço para uma diversificação menos apurada. Assim, a segunda metade da década de 1950 caracteriza-se pela mutação que sofre a arquitetura moderna brasileira nos ‘anos JK’.

Em 1954, ano do 4º Congresso Brasileiro de Arquitetos e do episódio da rua Toneleros, Getúlio Vargas comete suicídio. Juscelino Kubitschek promete cumprir o que prevê a Constituição — o que inclui a transferência da capital federal para o interior do país. Após a posse, em 1956, a mudança da Sede do Governo da República para Brasília é aprovada pelo Congresso Nacional e faz parte do Plano Nacional de Desenvolvimento — *cinquenta anos em cinco* —, conhecido como Plano de Metas.¹ O propósito da mudança é antigo, tendo surgido ainda no século XVIII — durante a Inconfidência Mineira de 1789 — e constando na Constituição de 1891; mas é levado a cabo somente por JK, que alcança êxito em sua audaciosa iniciativa. Antes disso, alguns projetos são ensaiados, como o proposto por Carmen Portinho na tese iniciada em 1935 e apresentada à Universidade do Distrito Federal para a obtenção do título de Urbanista.²

Ainda em 1956 é criada a Novacap — Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Depois de Reidy e Burle Marx esboçarem um programa e abandonarem a própria sugestão de solicitar a colaboração de Le Corbusier,³ a Novacap — presidida por Israel Pinheiro e tendo Oscar Niemeyer como Diretor do Departamento de Arquitetura — resolve propor um concurso de projetos para o Plano Piloto (a Oscar interessam os edifícios públicos), cujo edital é lançado em setembro daquele ano, solicitando um *projeto básico da cidade, onde figurassem a localização dos elementos principais da estrutura urbana, dos diversos setores, centros, instalações e serviços, bem como suas interconexões, distribuição dos espaços livres e das vias de comunicação e um memorial explicativo*.⁴ O concurso, exclusivamente nacional, privilegia a idéia, favorece a imaginação e as iniciativas individuais em detrimento de equipes previamente constituídas, e deixa a forma de apresentação a critério dos concorrentes;⁵ discordando dessa organização, Jorge Moreira e Reidy não participam.⁶ Mesmo assim, vinte e seis propostas são apresentadas e sete selecionadas para avaliação do júri composto por Israel Pinheiro, Oscar Niemeyer, (da Novacap), Horta Barbosa (da Associação dos Engenheiros), Paulo Antunes Ribeiro (do Instituto dos Arquitetos do Brasil), e três convidados: Stamo Papadaki, William Holford (do plano regulador de Londres) e André Sive (conselheiro do Ministério da Reconstrução da França). O resultado é divulgado em março de 1957: Lucio Costa, um dos últimos a entregar o projeto, vence com a apresentação em croquis acompanhados de uma bela memória; Holford emite opinião decisiva após ler o texto, que contempla o necessário e o suficiente para a compreensão da idéia, não mais; segundo o parecer do inglês, a proposta é uma das mais importantes do século dentro da teoria do urbanismo moderno. A classificação gera reações, algumas negativas — como a de Marcelo Roberto, cuja equipe fica em terceiro lugar, empatando com a de Rino Levi.⁷

¹ “Poucos políticos superpuseram, com tanta intensidade, os objetivos de renovação política e arquitetônica: a construção de uma nova estética simbolizaria a autonomia técnica brasileira, a sua gestão e um caminho exemplar para o desenvolvimento posterior do país.” CAVALCANTI in MINDLIN (2000, p. 12)

² Na tese, ela examina a região destinada ao Distrito federal e define a localização a partir dos relatórios da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil (1892-94), ou Missão Cruls, liderada pelo astrônomo Luís Cruls. Na

segunda parte desenvolve o anteprojeto baseado na Ville Radieuse de Le Corbusier e nas cidades funcionais defendidas pelos CIAM. Cfme. CAIXETA (1999).

³ “Mas as circunstâncias tinham mudado desde então; nesse meio tempo, a arquitetura brasileira tinha-se imposto em escola mundial e os meios profissionais mostraram ter plena consciência disso; vinte anos depois, os arquitetos locais não estavam mais dispostos a eclipsarem-se como aprendizes perante o mestre, mesmo num campo mais ou menos virgem para eles; a reação quase unânime de seus

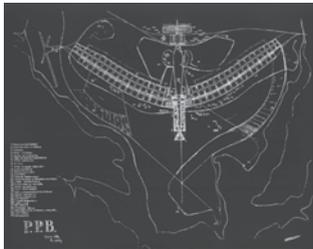
colegas obrigou Reidy e Burle Marx a abandonarem a idéia.” BRUAND (1981, p. 354)

⁴ BRUAND (1981, p. 355)

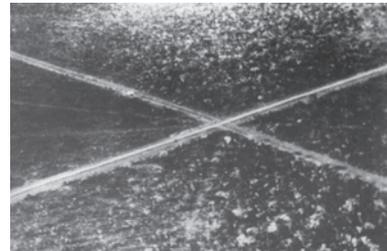
⁵ Cfme. COSTA in MONTEZUMA (2002).

⁶ Cfme. REIDY in BONDUKI (2000).

⁷ As críticas contundentes de Marcelo Roberto são feitas após terem despendido enorme esforço durante o concurso.



Brasília - Plano Piloto, Lucio Costa. In MONTEZUMA (2002, p. 269)



Brasília - trilhas fundamentais, Lucio Costa. In COSTA (1995, p. 281)

O plano de Lucio Costa começa com a marcação dos dois eixos, *como no gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse* (como os colonizadores da América), ou seja, *o próprio sinal da cruz*.⁸ As extremidades dos eixos correspondem aos quatro pontos cardeais. Ao longo do eixo norte-sul, denominado Rodoviário-Residencial, são eliminados os cruzamentos de vias e separados os fluxos de veículos e pedestres; é ao longo desse eixo que se desenvolve a escala residencial, configurada em unidades de vizinhança sob a forma de superquadras arborizadas onde são implantados os blocos de apartamentos de seis pavimentos mais pilotis. Ao longo do eixo leste-oeste, denominado Eixo Monumental, desenvolve-se a escala monumental; a leste, destaca-se a praça dos três poderes, um triângulo equilátero em terrapleno que contém, nos vértices, as sedes dos poderes legislativo, executivo e judiciário (Palácio do Planalto, Supremo Tribunal Federal e Congresso Nacional, com Câmara e Senado). A Esplanada dos Ministérios dá tratamento idêntico aos blocos que ladeiam o eixo, com exceção dos dois primeiros, que fazem a transição: o Ministério da Justiça e o Ministério das Relações Exteriores. A Catedral e o Teatro Nacional são os monumentos complementares. No entorno do cruzamento entre os eixos, onde está a Plataforma Rodoviária projetada por Lucio Costa,⁹ a escala gregária é dada pelo comércio, pelos setores hoteleiro, bancário comercial e culturais norte e sul. Por fim, a escala bucólica corresponde às áreas verdes não edificadas, aos parques ou às áreas de ocupação rarefeita. As quatro escalas, articuladas pelos dois eixos, são definidas através de gabaritos, taxas de ocupação e critérios de uso — e como tal seriam tombadas trinta anos depois.¹⁰

O plano é desenvolvido no Rio de Janeiro por estagiários sob a coordenação do engenheiro Augusto Guimarães Filho, que atuara na obra do Parque Guinle.¹¹ Enquanto isso, seguem as obras dos edifícios projetados por Oscar Niemeyer, então radicado na capital. O Palácio da Alvorada e o Brasília Palace Hotel iniciam antes mesmo do concurso, tão logo abrem as inscrições. Niemeyer projeta a residência oficial do presidente da república — evocativo dos monumentos clássicos — com duas lajes suportadas por uma colunata periférica em peristilo. Ao desenho das colunas atribui forma original, sem precedentes literais (mas com referências abstratas).¹² Sucedem ao Alvorada o Palácio do Planalto, sede do governo, e o Supremo Tribunal Federal (ambos de 1958). No Supremo, a laje está pouco afastada do chão e os apoios são perpendiculares ao plano de vidro recuado, além do edifício girar em relação à implantação; no Planalto, a laje de cobertura balança bastante em relação às três lajes de piso e os grandes apoios verticais conferem maior grau de monumentalidade ao edifício, ao suspenderem todo o volume. Os três Palácios aludem ao templo grego e a Colubandê, levitando brancos sobre a planície do cerrado.¹³ O Congresso Nacional, os Ministérios, o Museu e o Teatro Nacional são do mesmo ano; a Catedral e o Palácio Jaburu, de 1959.

⁸ COSTA (1995, p. 284), Memória Descritiva do Plano Piloto

⁹ Além da Plataforma Rodoviária, que Juscelino Kubitschek insiste em construir de imediato, Lucio Costa projeta a Torre de Televisão (1959-65); contrariando a sugestão de adiamento da construção da Plataforma, feita pelo próprio autor, o presidente responde que é preciso fazer o supérfluo, porque o necessário será feito de qualquer maneira. Cfme. COSTA in MONTEZUMA (2002, p. 265).

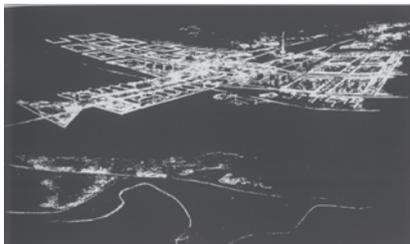
¹⁰ Em 1987 o Conjunto Urbanístico do Plano Piloto de Brasília é inscrito na lista do Patrimônio Mundial (primeiro monumento do século XX a ser incluído). No mesmo ano é inscrito na UNESCO e,

em 1990, nos Livros do Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Cfme. BRAGA e FALCÃO (1997). O tombamento prevê a proteção nas suas quatro escalas: monumental, residencial, gregária e bucólica.

¹¹ “Além dos ‘ingredientes’ da concepção urbanística de Brasília (...), para bem compreender o Plano Piloto é importante ter em mente que Brasília é ‘carioca’ — ou seja, nasceu no Rio de Janeiro.” COSTA in MONTEZUMA (2002, p. 256)

¹² Criticada em primeiro lugar por Bruno Zevi por ocasião do Congresso Internacional Extraordinário dos Críticos de Arte (1959). Cfme. BENEVOLO (1976).

¹³ “Vejam-se por exemplo, três conjuntos dos de nobre presença da Arquitetura no Brasil: casa Bandeirante de Santo Antônio em São Paulo; Casa de Colubandê, em São Gonçalo, E. do R. J.; Palácio da Alvorada em Brasília — todas as três estradas, esparramadas, de relativamente pequena altura, com extensas dominantes horizontais.” SANTOS (1988, p. 63)



Brasília - Plano Piloto, Lucio Costa. In MONTEZUMA (2002, p. 249)

O Palácio do Catetinho (1956) precede o Alvorada, bem como a sede da Novacap; o Brasília Palace Hotel, o setor bancário e as 500 casas populares são contemporâneas, em Brasília, ao palácio de Niemeyer de 1957. Niemeyer segue projetando a capela Nossa Senhora de Fátima (1958), o Hospital Distrital e o Cine Brasília (1959), o teatro ao ar livre, o edifício principal da Universidade de Brasília, o Instituto de Teologia Católica, o CEPLAN da Universidade e o Coreto na avenida W3, todos de 1960. Entre os projetos não realizados constam o Instituto de Siderurgia da UNB, o Palácio do Desenvolvimento, os alojamentos no setor militar, a praça central da Universidade, o Tênis Clube e o Instituto Metalúrgico (1960). A casa do arquiteto na nova capital é diferente de todas as anteriores, com telhado em quatro águas e varanda periférica análoga às coloniais. Sobre ela, porém, muito pouco dá-se a conhecer. No Rio, ainda em 1960, Niemeyer faz o Edifício Barão de Mauá e a Igreja São Daniel em Manguinhos.

Lucio Costa, antes do Plano Piloto e seu desenvolvimento, projeta edifício-sede definitivo para o Jockey Clube Brasileiro (1956), uma década após a anulação da proposta de concurso e do estudo de Álvaro Vital Brazil. Ocupando quadra inteira no centro da cidade, o edifício de Lucio Costa conjuga três funções — sede do clube, lojas e salas de aluguel, além do estacionamento no miolo — diferenciadas pela volumetria. O edifício-sede do Banco Aliança (1956) em lote urbano estreito é outro projeto bem articulado do autor, com circulações verticais coladas às divisas, liberando o restante da planta e a fachada em grelha uniforme. Posterior ao projeto de Brasília, mas anterior à inauguração, é o projeto para a recuperação e as rampas da igreja do Outeiro da Glória (1959).

Os irmãos Roberto, Marcelo e Maurício, desenvolvem a teoria das cidades polinucleares e das unidades urbanas, aplicada ao Plano Piloto para a Nova Capital, e dedicam-se, além deste, a outros projetos urbanísticos, como o plano diretor para Imbituba, Santa Catarina (1956), o plano de extensão marítima para Túnis e para a unidade urbana Gamart em Cartago (1957) e o conjunto balneário Guarujá em Santos, São Paulo (este com Bernardes e Uchoa, 1959). Em 1957 o Pedregulho termina e Reidy, que prefere não participar do concurso para Brasília por discordar do edital, faz o projeto para o edifício do Bank of London & South America na nova capital (1958) e, no mesmo ano, sua casa de campo em Itaipava, de planta quadrada elevada e cobertura em abóbada dupla de concreto. Além disso, projeta o Instituto de Previdência dos Empregados do Estado da Guanabara (1957) e participa dos concursos para o edifício da Organização Mundial de Saúde em Genebra e para o Museu Nacional do Kuwait (1960).

Alcides Rocha Miranda faz uma de suas obras mais belas, a Igreja-abrigo e o restaurante na Serra da Piedade em Caeté, Minas Gerais (1956); em 1957, com Dubugras e Cabral, faz a capela na residência de José Nabuco e participa do concurso para o Monumento aos Mortos



Jocky Clube, Lucio Costa, 1956. In WISNIK (2001, p. 96)

na II Guerra Mundial (1957) no Aterro do Flamengo, no qual fica em segundo lugar — Hélio Ribas Marinho e Marcos Konder Neto são os vencedores, com proposta que ganha menção honrosa na IV Bienal Internacional de São Paulo. Rocha Miranda, Dubugras e Cabral, por sua vez, vencem o concurso para a quadra coberta e as piscinas do Fluminense Futebol Clube, fazem uma escola secundária (1958) e o Museu de Arte Sacra na Catedral (1960) em Niterói, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (1958) e o Ginásio da CASEB em Brasília (1960), e um conjunto residencial em Laranjeiras (1959); entre outras casas, destaca-se a de Plácido Rocha Miranda em Petrópolis (1958). O SPHAN é fundado em Brasília em 1960 e para lá muda-se Alcides.¹⁴

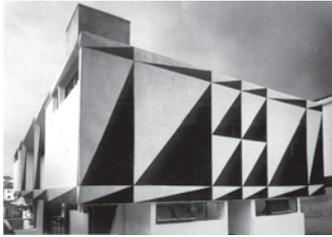
Carlos Leão dedica-se às casas, com destaque para as de Homero Souza e Silva, Carlos Soares Brandão (1956) e Cândido Gunle de Paula Machado (1959). Álvaro Vital Brazil trabalha com a adequação de agências do Banco da Lavoura em diversas cidades e na urbanização de parte de Cabo Frio, onde também propõe um conjunto residencial (1957-58). Francisco Bolonha constrói três casas em Teresópolis: para Adolpho Bloch, para Oscar Bloch e para Nelson Alves (1955-56), as três com elementos em comum, como as coberturas inclinadas, simples ou compostas, ou os apoios também inclinados, mas cada qual com um tratamento diferente (seja no uso dos materiais ou no arranjo em planta, compacto ou articulado ao redor de pátios). A partir de 1960, atendendo ao programa de reestruturação e expansão do ensino básico do governo de Carlos Lacerda, projeta escolas primárias, das quais se destaca a Joseph Bloch em Parada de Lucas, com cobertura em sheds sobre o bloco horizontal.

Em um período de verticalização, a estrutura mista em concreto e aço é utilizada por Mindlin em edifício ocupando quarteirão inteiro no centro do Rio de Janeiro, com pilares periféricos e diversos equipamentos e sistemas pioneiros de apoio; no ano da publicação de *Modern Architecture in Brazil* (1956)¹⁵ na Holanda, na Inglaterra e nos Estados Unidos, faz ainda um Shopping Center em Copacabana. Mindlin participa do concurso para o Plano Piloto de Brasília (junto com Palanti, ficando em quinto lugar, tal como Artigas e uma terceira equipe) e projeta a sede do First National City Bank of New York em Recife (1957), no Rio e em Brasília (1960, não construídos). Em 1958 faz a Associação Religiosa Israelita, além de projetos para a Última Hora em Niterói e o Hotel Arpoador. Outros projetos não construídos incluem os hotéis Imperial (1959) em Petrópolis, o Hilton, no Rio e em Brasília, e o Intercontinental, em Brasília (1960).

José de Souza Reis projeta uma escola-parque (1958) em Brasília, e José Bina Fonyat o Teatro Castro Alves em Salvador (1957). Marcello Fragelli constrói o Posto de Puericultura (1958), que recebe menção honrosa na VI Bienal de São Paulo (1961); o projeto guarda semelhanças com a casa Tasso Fragoso Pires de 1959. Wladimir Alves da Silva faz a casa Castro Maya em 1956, transformada mais tarde no Museu Chácara do Céu e tombada pelo SPHAN. Sérgio Bernardes projeta o Pavilhão do Brasil na Exposição Internacional de Bruxelas (1956),

¹⁴ Cfme. FROTA (1993).

¹⁵ Em português, *Arquitetura Moderna no Brasil*. MINDLIN (2000)



Casa dos Triângulos, Vilanova Artigas, 1958. In ARTIGAS (1997, p. 80)



Casa Baeta, Vilanova Artigas, 1956. In ARTIGAS (1997, p. 73)

que recebe o grande prêmio; do mesmo ano são as casas Gilberto Ferraz da Silva e Cincinato Cajado Braga, esta em São Paulo. Ambas fazem uso de bordas brancas em concreto e planos de vedação em tijolos aparentes. Em 1957 Bernardes faz o Pavilhão para a Exposição Internacional de Indústria e Comércio em São Cristóvão, com planta elíptica, paredes de altura variável e cobertura em superfície parabólica leve, tensionada por cabos de aço; o pavilhão sofreria um incêndio em 1980 e seria abandonado, para voltar a ser utilizado em 2003. Ainda de 1957 é a garagem de lanchas do late-club do Rio de Janeiro; o pavilhão e a piscina para o mesmo clube são feitos em 1958, mesmo ano em que propõe o Aeroporto Supersônico de Brasília, não construído. O condomínio residencial Casa Alta (1959) é um loteamento vertical com duas torres ancoradas por terceiro bloco horizontal em Botafogo. O Clube Cota Mil em Brasília e o Country Club de Petrópolis são do mesmo ano. E em 1960, entre outras casas, constrói sua morada em São Conrado, uma das mais importantes realizações do arquiteto e do panorama geral. A vista desde a escarpa rochosa em direção ao mar é aproveitada ao máximo — para isso contribuem os vidros temperados, num de seus primeiros usos residenciais.

As atenções, por parte dos arquitetos cariocas e paulistas, estão muito voltadas para Brasília. Além de Rino Levi (terceiro lugar no concurso, em empate com os Roberto) e de Vilanova Artigas (quinto lugar, em empate com a equipe de Mindlin), participam também do concurso para o Plano Piloto da Nova Capital os paulistas Carlos Milan e Joaquim Guedes, recém-graduados pela USP. Juntos, os paulistas apresentam produção consistente com a solidez do concreto bruto, gérmen da chamada 'escola paulista': Rino Levi faz a casa Castor Delgado Perez (1958); Artigas faz, entre outras, a Casa Olga Baeta (1956), a casa Rubem de Mendonça (1958) — 'dos Triângulos', em painéis na fachada — e a casa José Bittencourt (1960), além do Ginásio de Itanhaém (1959), com Cascaldi; Carlos Milan, a casa de Roberto Milan e Nadyr de Oliveira (1960); Joaquim Guedes, a casa Cunha Lima (1958); Paulo Mendes da Rocha, o Ginásio Paulistano, e Lina Bo Bardi, o MASP (1957) e as casas Valéria Cirell, Chame-chame e Mario Cravo em Salvador, todas de 1958. Warchavchik faz a sede do Esporte Clube Pinheiros em 1956.

L'Architecture d'Aujourd'hui dedica número especial a Brasília logo após o concurso. No contexto internacional, a imprensa também volta sua atenção para a nova capital, ainda impressionada com a imagem do Plano concretizado e com os edifícios de Niemeyer, as duas contribuições excepcionais vindas de um país como o Brasil. Le Corbusier, durante a construção da nova capital — que visitaria em 1962 —, está envolvido nos projetos para diversas unidades de habitação (Berlim, Meaux, Briey-en-Fôret), para o Convento de Sainte Marie de la Tourette (consagrado em 1960), para o Museu de Belas Artes do Ocidente em Tóquio (1957), para o Pavilhão Phillips na Exposição de Bruxelas



La Tourette, Le Corbusier, 1960. In www3.bk.tudelft.nl



Case Study Houses 22 e 21, Pierre Koenig, 1959-60. In www.volume5.com/shulman/



Casa Esherick, Lois Khan, 1959-61. In WEBB (2001, p. 151)

(1958) — em que usa parabolóides hiperbólicos —, para a Casa do Brasil na Cidade Universitária de Paris, a partir do projeto original de Lucio Costa de 1952, e para o Museu do Conhecimento em Chandigarh (1960). As casas metálicas pré-fabricadas em Lagny, em colaboração com Jean Prouvé, não são realizadas.

Das casas do período, destacam-se as americanas do programa *Case Study* da revista *Arts & Architecture*, que duraria até 1962.¹⁶ Vinte e sete casas são construídas, além de alguns apartamentos. As casas 17 (1954-56) e 18 (1956-58) de Craig Elwood e a casa 21 de Pierre Koenig, premiado na Bienal de São Paulo de 1957, são bastante conhecidas — mas a mais veiculada é a 22 (1959-60), ou Stahl, deste mesmo autor, imortalizada nas imagens noturnas de Julius Shulman. Debruçada sobre uma das colinas de Hollywood, tem vista para a cidade plana que se estende abaixo; a planta é um L com os serviços no vértice e piscina para a qual se abrem as duas alas, à entrada, como na casa das Canoas (1953) de Niemeyer — enquanto a casa 21 tem um espelho d'água perimetral. As paredes envidraçadas integram interior e exterior — exceção é a parede sólida que dá para a rua. A cobertura é plana e estruturada com perfis metálicos, enquanto a base em balanço estrutura-se em concreto.

A casa 22 promove com ênfase e esplendor a visão de modernidade californiana, representando o *american way of life*, neste caso bem estimulado pelas fotografias de Shulman; a julgar pelo luxo que inspira, seus custos são considerados baixos.¹⁷ Porém, nesta época, o projeto 'assinado' começa a fazer-se caro;¹⁸ ao mesmo tempo, surgem iniciativas como as de Joseph Eichler, cujos protótipos são desenhados por um arquiteto das Case Study Houses — A. Quincy Jones —, em caso único; as casas são construídas em grande quantidade na baía de São Francisco, e, facilmente reconhecíveis, perpetuadas pelos anos seguintes. Mas, para aqueles dispostos a destinar tempo e dinheiro, são construídas belas casas, todas derivadas do pavilhão miesiano, a maioria com estrutura metálica esbelta:¹⁹ a casa Strauss (1957-59) de Edward Barnes em Nova York, a segunda casa do arquiteto John Black Lee (1956), que trabalhara com Marcel Breuer em New Canaan, a casa Towers (1956-58) de Ulrich Franzen em Essex, Connecticut (esta com algumas paredes em pedra soltas da cobertura), a casa Miller (1957-58) de Eero Saarinen em Columbus, Indiana (em quatro núcleos ao redor de um pátio aberto), e a grande casa Burckhardt (1956-57) de Paul Rudolph em Casey Key, na Florida. A casa Esherick (1959-61) de Louis Kahn na Filadélfia, Pennsylvania, é contemporânea das casas Fleisher e Goldenberg do mesmo autor. Tendo viajado pelo Mediterrâneo, Kahn retorna aos Estados Unidos, nos anos 50, disposto a descobrir a casa como base da arquitetura; a construção deve seguir uma lógica, e não obedecer a imposições do arquiteto ou do cliente. Pode comprovar suas idéias na Esherick, onde janelas altas conferem certa monumentalidade à pequena dimensão da casa, na Fleisher, que utiliza a simetria e uma precisa relação hierárquica, e na Goldenberg, composta por uma série de quadrados concêntricos ao redor de um pátio.

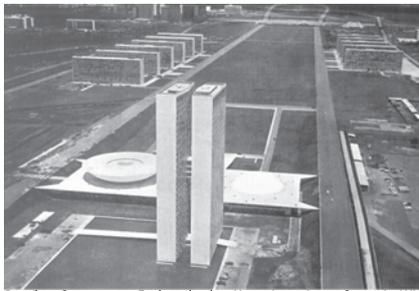
¹⁶ Publicadas no catálogo *Case Study Houses 1945-1962*, de MCCOY (1977).

¹⁷ "A qualidade das Case Study Houses mostra o que pode ocorrer quando certa idéia de casa se torna o tipo emblemático de um sonho da boa vida. As casas de Francisco Artigas e as de Niemeyer exemplificam o fenômeno similar e simultâneo na América Latina, particularmente manifesto no Brasil e no México, onde a industrialização se acelera sem afetar demasiado uma tradição artesanal de construção em concreto. Embora o nicho de mercado tenha renda mais alta que nos Estados Unidos, uma ânsia de liberdade parecida anima uma quantidade enorme de

realizações que dão caráter de casa de veraneio à residência principal." COMAS (2003, p. 20). O autor faz um recorrido histórico no ensaio sobre as casas americanas dos anos 50 em *Livre pensar é só pensar: casa, cidade e pax americana*.

¹⁸ Cfme. MCCOY (1977, p. 5): "By 1960 the custom-built family small house was being priced out of existence. The case Study house was a social program; it essentially ended when the house became a luxury."

¹⁹ Havia, então, um esforço para a utilização de perfis metálicos nas residências, sempre com certas dificuldades (ver tb. nota nº 14). Cfme. MCCOY (1977, p. 70): "One might have hoped that out of this brave beginning, out of the need for mass housing, and because of the rapid industrialization in all other fields, that the standard factory-built frame was an inevitability. But steel was not easily mastered by either architect or the builder. (...) Each house is a new research problem. Few architects are willing to devote their lives to a practice so unrewarding as the steel house. Indeed, few architects are eager to devote themselves to residential work."



Brasília, Congresso e Esplanada dos Ministérios, Lucio Costa. In WISNIK (2001, p. 103)



Brasília - Congresso, Oscar Niemeyer, 1958. In MONTEZUMA (2002, p. 271)

Frank Lloyd Wright falece quando está construindo o Seth Peterson Cottage (1959) em Mirror Lake; o último (décimo primeiro) CIAM, de 1958, assinala o final de um capítulo que começa a levantar dúvidas acerca da arquitetura e do urbanismo modernos. Na Inglaterra, James Stirling e James Gowan fazem a pequena casa em Cowes, invocando a organização axial e comprometendo-se, com simplicidade, com a natureza dos materiais; na Alemanha, Egon Eiermann faz casa para grande família em Baden-Baden (1959-62), dividida em duas edificações protegidas por cortinas externas estruturadas por perfis metálicos.²⁰ Alvar Aalto explora a relação visual com o sítio, a articulação entre os ambientes internos e a iluminação que penetra e valoriza o forro curvo em madeira na casa Carré (1956-59), na França. E na América Latina, destacam-se a casa de Mario Pani em Cuernavaca (1956), e a Sotavento (1957-58) de Villanueva na praia de Caraballeda, Venezuela, onde parte da cobertura em laje inclinada combina-se com parte em telhas, com elementos vazados, com pérgola e com venezianas.

No Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte, ocorrido em 1959 em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Brasília, Mário Pedrosa apresenta a comunicação *Brasília — Cidade Nova, Síntese das Artes*, que traz no título o espírito da nova capital. São deste ano as obras *Formação da Literatura Brasileira*, de Antonio Candido, *Visão do Paraíso*, de Sérgio Buarque de Hollanda, e *Ordem e Progresso*, de Gilberto Freyre; este é uma conclusão prévia dos estudos iniciados com *Casa Grande e Senzala* (1933) sobre a sociedade patriarcal no Brasil.

Brasília fica pronta em 1960.²¹ A nova capital traz, atreladas ao otimismo, as sementes de uma nova fase da história do país — que passaria, infelizmente, por vinte anos de ditadura. Os anos dourados de JK encerrar-se-iam com a inauguração da nova capital, materialização do processo desenvolvimentista e ideal de conquista e de futuro. A sociedade, a ser construída em parte por meio dessa arquitetura proposta com otimismo e esperança, seria obrigada a calar-se nos anos de chumbo. Se o MESP marca o início da proposta moderna, o Plano Piloto marca o início do fim, introduzindo uma etapa em que os paradigmas passam por uma transformação — que iria culminar na inversão do sentido moderno, quando já no pós-moderno.

A transferência da capital produz seus reflexos no Rio de Janeiro através da retração econômica; a urgência do mercado imobiliário toma conta da produção em nome do lucro e do retorno rápido, pressionando a legislação sobre a ocupação do solo urbano. A densificação demanda obras viárias sem que haja planejamento global, e grandes blocos comerciais são capazes de tomar o lugar de edifícios outrora consagrados, dentro de um tecido já desfigurado. Continuidade de um processo iniciado no início da década de 40 — quando a arquitetura brasileira é tema de álbuns e exposições —, o surto imobiliário do início dos anos 60 não beneficiaria diretamente a elite dos arquitetos brasileiros; a especulação imobiliária entregaria o projeto da maioria dos edifícios efetivamente construídos a ‘leigos’; a qualidade é ainda pior devido à falta de preparação da mão de obra, contratada por empreendedores que visam sobremaneira o lucro.

²⁰ ALDAY et alii (1996)

²¹ “Finalmente, o tempo e a hora, no dia 21 de abril de 1960, com a represa do Paranoá cheia e o telefone funcionando — apesar da descrença de muitos —, inaugurou-se a nova capital do País. Desfile dos candangos no Eixo Rodoviário, esquadriilha da Fumaça, missa na Praça dos Três Poderes, baile de gala no Palácio do Planalto — naquele dia, o Hino Nacional tocado pela banda dos Fuzileiros Navais na Praça, ao anoitecer, soou diferente e mais belo para todas as pessoas que tiveram o privilégio de estar ali.” COSTA in MONTEZUMA (2002, p. 279)



Brasília, Palácio da Alvorada, Niemeyer, 1957. In MONTEZUMA (2002, p. 249)

DADOS

O período que vai de 1956 a 1960 não tem tanta expressividade em números quanto o anterior, mas é significativo no que se refere às transformações por que começa a passar a arquitetura moderna brasileira. Abrange 18 casas, a maioria construída (cinco das 18 documentam-se apenas com projetos). Bolonha segue a série iniciada com a casa Adolpho Bloch em Teresópolis e faz mais duas para os diretores da revista *Manchete*. Carlos Leão faz três casas no Rio de Janeiro, duas delas tradicionais. Sérgio Bernardes tem três casas construídas, incluindo a própria sobre a praia de São Conrado. As outras casas de e para arquitetos são as de Reidy em Itaipava, de Niemeyer e de Lucio Costa para suas filhas em Brasília, esta não realizada, mas assinalando a retomada do programa residencial. Wladimir Alves de Souza marca sua participação com a futura sede dos Museus Castro Maya na Chácara do Céu, Aldary Toledo faz uma casa de fim de semana voltada para o interior de lote regular, Álvaro Vital Brasil faz projeto para uma casa simples em São Paulo, Alcides Rocha Miranda faz duas casas para a região serrana, uma urbana com pátio, e Marcelo Fragelli faz a casa Fragoso Pires ao redor de um pequeno pátio de iluminação.

Apenas sete casas localizam-se na cidade ou no subúrbio do Rio de Janeiro; cinco outras ficam na região serrana, uma fica em Niterói, e quatro ficam fora do estado: duas em São Paulo e duas em Brasília. A maioria dos lotes tem tamanho médio e a metade é plana; as exceções em aclave ou declive incluem a casa de Reidy, as de Bernardes, a de Leão para Homero Souza e Silva e as de Bolonha na serra. A maioria absoluta das casas tem implantação solta das divisas. Cerca de metade das casas não ultrapassa os 400 m² de área, quatro variam de 400 a 700 m², duas de Sérgio Bernardes ultrapassam esta faixa e apenas uma supera os 1000 m² — a de Homero Souza e Silva, de Leão. Quatro casas não têm documentação suficiente para a determinação da área (duas são térreas e duas têm dois pavimentos). Quanto às alturas, sete casas são térreas, duas têm um pavimento sobre pilotis, cinco tem dois pavimentos e quatro tem dois pavimentos sobre base ou pilotis.

Quanto ao partido, cinco casas apresentam volumetria prismática básica, as demais sendo composições aditivas. As bases, quando aplicáveis, são recuadas ou mistas, com uma exceção coplanar e uma avançada. A quantidade de casas cobertas com telhado em duas águas em V diminui consideravelmente em relação ao período anterior (são apenas duas, uma de Bernardes, uma de Bolonha), e as coberturas variam mais: cinco casas têm telhado e/ou platibanda, três recebem cobertura em laje inclinada, três têm telhado em quatro águas e duas têm telhado em uma água. As ocorrências de laje plana e telhado plano são duas (na casa Ferraz da Silva e na do arquiteto Sérgio Bernardes, respectivamente). E a casa do arquiteto Reidy em Itaipava é coberta com duas abóbadas de berço em concreto.

A estrutura é mista na quase totalidade das obras, e o programa não apresenta particularidades (a piscina faz-se presente em algumas casas). A materialização envolve os painéis de vedação em alvenaria aparente ou rebocada, os tijolos aparelhados, as molduras brancas, os muros de pedra, os planos de vidro e o concreto, destacando-se a casa de Reidy, onde se evidencia seu estado bruto. Dessa diversificação de elementos e materiais deduz-se que predominam as gradações entre uma face mais erudita e outra mais vernácula; curiosamente, a casa de Lucio Costa de 1960 é moderna 'depurada', enquanto a de Niemeyer do mesmo ano é tradicional 'colonial'.

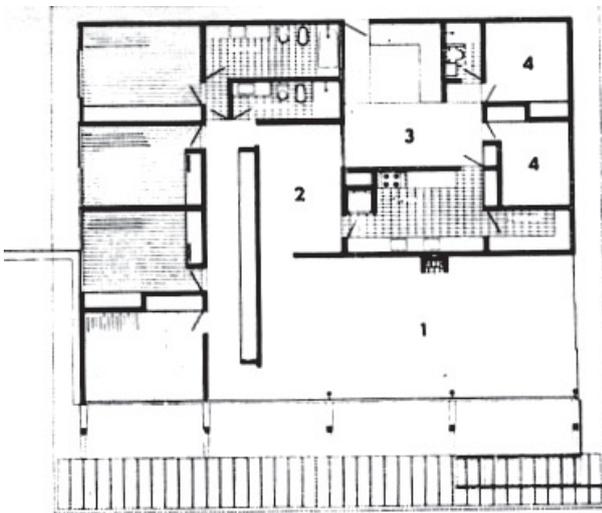
1956 - 1960: MUTAÇÃO

NO.	DATA - ANO	CASA - PROPRIETÁRIO	AUTOR - ARQUITETO	CIDADE UF	NATUREZA DOCUMENTAÇÃO
115	1956	Oscar Bloch	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ	construção
116	1956	Nelson Alves	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ	construção
117	1956 ¹⁴	Carlos Soares Brandão	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto
118	1956	Homero Souza e Silva	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	construção
119	1956	Raymundo Ottoni de Castro Maya	Wladimir Alves de Souza	Rio de Janeiro RJ	construção
120	1956 o	Gilberto Ferraz da Silva	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção
121	1956 p	Cincinato Cajado Braga	Sérgio Bernardes	São Paulo SP	construção
122	1957 p	De fim de semana	Aldary Henriques Toledo		construção
123	1958	Oswaldo Sant'Anna Jr.	Álvaro Vital Brazil	São Paulo SP	projeto
124	1958 ¹²	Oswaldo Nazareth	Alcides Rocha Miranda	Teresópolis RJ	fragmento de projeto
125	1958	Plácido da Rocha Miranda	Alcides Rocha Miranda	Petrópolis RJ	construção
126	1958 ¹⁴	Cândido Guinle de Paula Machado	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto
127	1959	Do arquiteto	Afonso Eduardo Reidy	Itaipava - Petrópolis RJ	construção
128	1959	Fernando Tasso Fragoso Pires	Marcelo Fragelli	Rio de Janeiro RJ	construção
129	1960 p	Em Niterói	Francisco Bolonha	Niterói RJ	construção
130	1960	Do arquiteto	Oscar Niemeyer	Brasília DF	construção
131	1960	Do arquiteto	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção
132	1960	Maria Elisa e Helena Costa	Lucio Costa	Brasília DF	projeto

OBS.:

Os números sobrescritos junto ao número de identificação das casas indicam aquelas que estão reunidas sob o mesmo comentário.

As letras 'p' e 'o' indicam que a data corresponde à publicação (p) ou à obra (o), no caso de não haver especificação sobre o ano de projeto



0 5 10
0 10 1



nº: 115

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: MODERNO-TRADICIONAL

situação: SERRA
topografia: ACLIVE
ocupação: SOLTA
superfície: 250-400 m²
altura: 1 PAVIMENTO / PILOTIS
volumetria: PRISMA COMPACTO
base: RECUADA
cobertura: LAJE INCLINADA

Planta (esc. aprox. 1/250) e vistas externas

L'A d'Aujourd'hui 90 (1960, p.)

Mindlin aponta, ao final de *Arquitetura Moderna no Brasil*, alguns projetos complementares, entre os quais consta a casa serrana de Oscar Bloch, diretor da revista *Manchete*, publicada em *L'Architecture d'Aujourd'hui* em 1960. A casa emprega o mesmo recurso da borda branca de cobertura para coroá-la contra o fundo verde da colina.

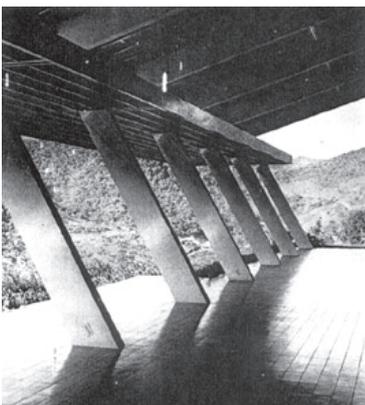
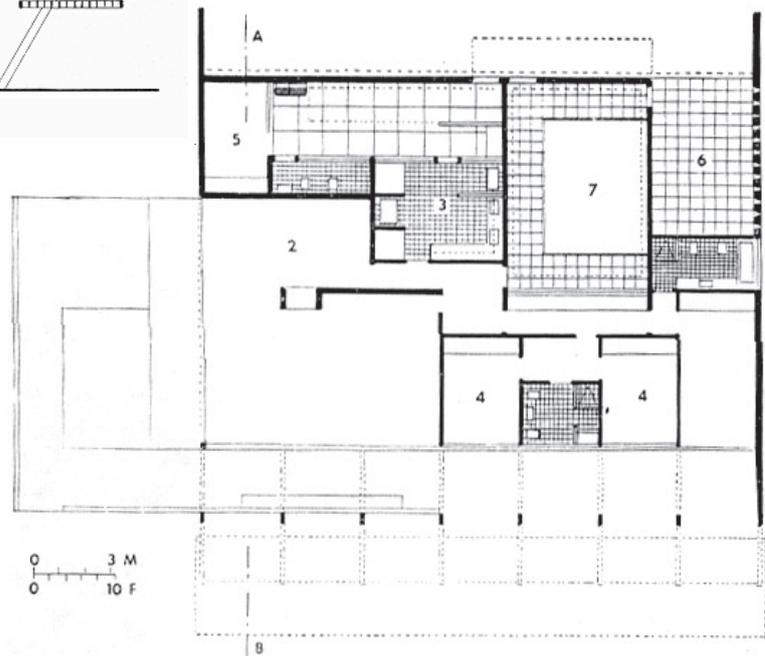
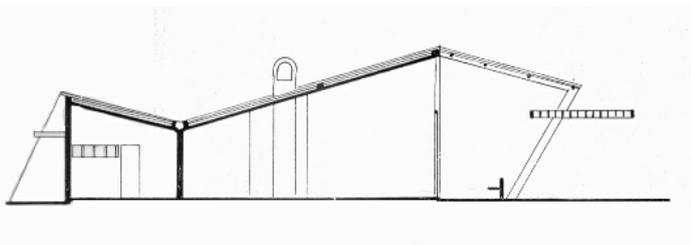
Construída para o lazer e o descanso, a casa privilegia os ambientes de estar e agrupa compartimentos em núcleos distintos e compactos. A planta é quadrada: os quatro dormitórios para os proprietários, filhos e hóspedes organizam-se em linha; dois sanitários são agrupados em um núcleo contíguo ao final da seqüência; cozinha e áreas de apoio e serviço ocupam um quadrante, organizando-se ao redor de um pátio interno. O restante da planta é aberto, separando as duas zonas fechadas através das circulações — uma paralela aos dormitórios, a qual se aproveita para distribuir um grande armário, outra miolo de distribuição. A lareira fica centralizada na parede mais interna da sala (perpendicular àquela do corredor), voltada para o grande plano envidraçado que conforma toda a fachada principal. A transparência descortina o belo jardim com espelho d'água de bordas curvas e espécies vegetais aquáticas, com a casa do caseiro anexa, levemente afastada da casa do proprietário.¹

A laje de piso da residência avança por sobre o jardim, que fica em cota mais baixa. O plano horizontal firma paralelo com a linha da cobertura, que se projeta bem à frente, produzindo sombra tanto para a sala quanto para o avarandado logo abaixo.² Um terraço lateral é acessível através de escada externa paralela. Os alinhamentos progressivos — muro de arrimo sob a parede da sala, borda da laje de piso e projeção da cobertura — sugerem a acentuada inclinação dos cinco apoios verticais, que dotam a fachada principal de ritmo. O perfil da água frontal, triangular, finaliza equilibradamente o jogo de oblíquas. A hipotenusa do triângulo fica por cima, fazendo coincidir o vértice da inflexão (entre os catetos) com o limite da fachada; daí para fora, segue afinando novamente até ultrapassar a linha de pilares para terminar vazada em faixas, comportando-se como um pergolado na porção em balanço. Mais discreta é a água que cobre a faixa posterior, defasada em altura em relação à cumeeira.

A estrutura é mista, com independização frontal pelos pilares externos e montantes internos à esquadria. Nas laterais, as vedações são em alvenarias de tijolos aparentes, enquanto a proteção solar das aberturas é feita com venezianas, que sobem até a linha da cobertura. As bordas brancas da laje, dos apoios e do coroamento destacam a construção em relação a seu corpo escuro e recuado, e em relação ao fundo verde do sítio.

¹ “La construction principale est implantée en vue d’offrir les vues les plus dégagées sur le paysage et le jardin a été aménagé pour créer une liaison entre les terrasses et la campagne environnante. Néanmoins, la forme du bassin et le choix des plantations ont fait l’objet d’une composition très étudiée.” *L’Architecture d’Aujourd’hui* 90 (1960)

² O avarandado é destinado ao lazer das crianças, cfme. *L’Architecture d’Aujourd’hui* 90 (1960).



nº: 116

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: TRADICIONAL-MODERNO

situação: SERRA
topografia: ACLIVE
ocupação: SOLTA
superfície: 250-400 m²
altura: TERREO
volumetria: COMPOSIÇÃO ADITIVA
base: n/a
cobertura: TELHADO 2 ÁGUAS V

Planta, corte (esc. aprox. 1/250) e vistas externas

L'Architecture d'Aujourd'hui 90(1960, p.)

A casa do outro diretor da revista *Manchete*, Nelson Alves, realiza-se simultaneamente à anterior, nas proximidades.¹ A formulação é análoga em alguns pontos — no que se refere, por exemplo, à utilização do concreto na estrutura, que se desenha também com ângulos de inclinação acentuados. O terreno e o entorno imediato, neste caso, têm relevo mais acentuado, o aclave do acesso sendo vencido através de longa escada com patamares a intervalos regulares, que chega alinhada com a varanda frontal.

A planta desta casa difere da anterior na organização interna, mas conserva a mesma idéia de distribuição em zonas dentro de uma geratriz regular quadrada, percebida na planta de cobertura, que inclui as áreas cobertas mas abertas. A larga faixa central que limita a área interna é compartimentada em função da estrutura — na porção anterior, três dormitórios e banho ocupam, cada um, a largura de um módulo entre apoios; e o estar, os outros três módulos. Os ambientes voltam-se todos para a larga varanda que corresponde à largura total, com a qual se comunicam visualmente por panos envidraçados. A sala na esquina dá continuidade ao plano envidraçado também na lateral, até o encontro com a parede das áreas de serviços. Neste ponto, dá-se a inflexão da cobertura, com as duas águas inclinadas para dentro. A porção posterior da casa limita-se por duas paredes portantes que recuam à medida que sobem ao encontro da cobertura, resultando em empenas trapezoidais. Além da dependência de empregada e área de serviços, há a garagem, junto à lateral oposta, e a cozinha central. Entre uma e outra, insere-se um pátio internalizado, ponto comum nos projetos de Bolonha: embora aparentemente incompatível com a casa de implantação livre em sítio amplo, acaba por encontrar coerência na setorização que estabelece.

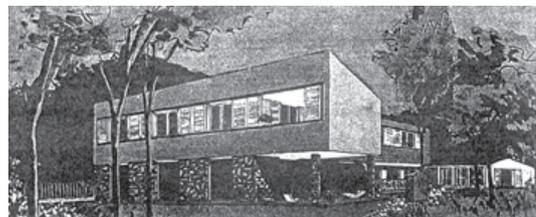
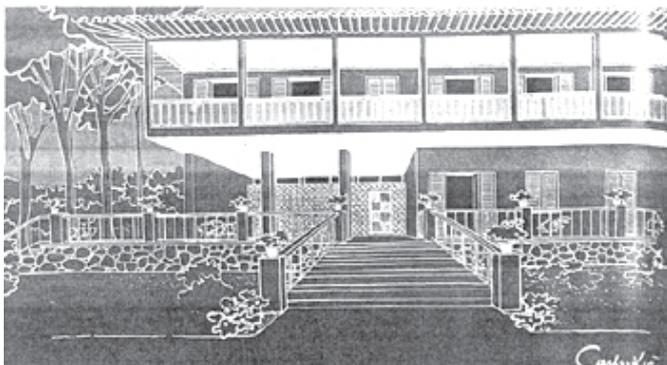
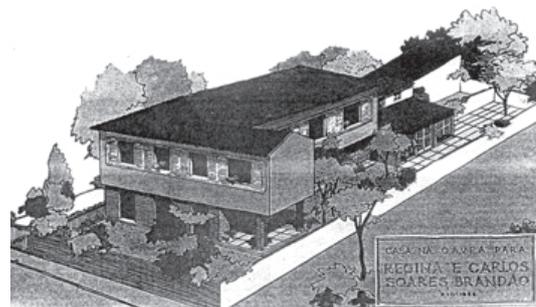
O perfil da edificação é quebrado, remontando o próprio pano de fundo de morros e colinas. A cobertura é desdobrada em três águas: duas águas em V protegem o interior, correspondendo aos trapézios das fachadas laterais; a adição da terceira água sobre a varanda complementa-se com pérgola horizontal em madeira inserida logo abaixo, fixada nos apoios inclinados dos pilares em concreto, em balanço frontal que denota leveza. Os materiais utilizados são os mesmos da casa anterior, variando apenas o tratamento reservado ao concreto, que neste caso não é ressaltado pelo branco.² O conjunto difunde-se mais em meio ao contexto, mas marca diferença pelas arestas, que mesmo oblíquas, pontuam a interferência racional na paisagem.

Simultânea à série de Teresópolis, uma pequena casa construída em Niterói aparece também em *L'Architecture d'Aujourd'hui* (1960).³

¹ As duas casas aparecem juntas em *L'Architecture d'Aujourd'hui* 90 (1960) sob o título *Deux Habitations*.

² “La pente du terrain est ici plus fortement accentuée, ce qui a déterminé un parti architectural très différent. La maison est de plain-pied et l’auvent de protection de la grande terrasse est une pergola en bois fixée aux éléments de la structure en B. A. Les remplissages sont en brique sans enduit pour les murs extérieurs.” *L'Architecture d'Aujourd'hui* 90 (1960)

³ Registra-se ainda, sem data, a casa de Nelson Colart em Itaipava. Em 1966 Bolonha seria curador da Fundação Raymundo de Castro Maya. Também foi diretor da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Guanabara e conselheiro do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Cfme. CAVALCANTI (2001).



nº: 113 / 117

natureza da documentação: FRAGMENTO DE PROJETO
grau: TRADICIONAL

situação: SUBÚRBIO
topografia: ACLIVE / PLANO
ocupação: SOLTA / DIVISAS
superfície: /
altura: TERREO / 2 PAVIMENTOS
volumetria: JOGO DE VOLUMES
base: n/a / RECUADA
cobertura: TELHADO 4 ÁGUAS

nº: 126

natureza da documentação: FRAGMENTO DE PROJETO
grau: TRADICIONAL

situação: CIDADE
topografia: PLANO
ocupação: SOLTA
superfície: /
altura: 2 PAVIMENTOS
volumetria: JOGO DE VOLUMES
base: RECUADA
cobertura: TELHADO 4 ÁGUAS

Elevações e perspectiva casa Carvalho,
perspectivas casa Brandão - dir. e casa Machado - inf. esq.

CZAJKOWSKI (1993, pp. 74 e 76) in AU 48

Casa José de Vasconcellos Carvalho / Casa Carlos Soares Brandão / Casa Cândido Guinle de Paula Machado
 Carlos Leão
 Rio de Janeiro RJ

Carlos Leão tem mais de 50 obras construídas, e cerca de 30 projetos, a maioria pouco conhecida ou acessível, pertencentes às colunas intermediárias entre o moderno e o tradicional, ou mesmo de cunho fortemente tradicional, poucas estando alinhadas sob o título de modernas.¹ Em três projetos de casas não construídos elaborados nessa década o vocabulário utilizado está imbuído da tradição local, e revestido da polidez erudita.

As três casas são de grande porte, bem maiores do que a casa de Hélio Fraga. A casa de José de Vasconcellos Carvalho (1955), destinada a uma família numerosa, desenvolve-se em diversos blocos de telhado quatro águas interligados, que formam pátios. A comunicação entre os ambientes externo e interno é incrementada ainda pela presença de varandas, terraços e jardins. A documentação publicada mostra uma perspectiva onde o terreno aparece como uma península, na ponta da qual se localiza a piscina (porção de cota mais baixa). A fachada lateral revela a seqüência de aberturas a intervalos regulares, contrastando o branco das alvenarias com a sombra das aberturas e do beiral; arrimos de pedra são utilizados na compensação dos desníveis do terreno. A fachada posterior mostra uma galeria que fecha o pátio mais alto enquanto limita o jardim e área de lazer mais baixos.

Do ano seguinte, a casa de Carlos Soares Brandão tem duas versões. A definitiva guarda semelhanças com a descrita anteriormente, em função principalmente do coroamento; na proposta rejeitada, a cobertura em uma água com inclinação para o pátio dialoga harmoniosamente com a série de janelas (como na casa de Hélio Fraga) e com a base de muro de pedra segmentado. Tudo contribui para dar uma feição moderna, que se dissipa na reformulação, haja vista, por exemplo, a diminuição de altura sobre a verga das esquadrias, que faz perder força a elevação frontal.

A casa de fim de semana para Cândido Guinle de Paula Machado, do último ano da década, reconsidera a linguagem tradicional, num momento em que as tentativas de retorno ao racionalismo despontam como possibilidade alcançável. Combinam-se nesta casa a varanda em balanço contínua no segundo pavimento, as esquadrias venezianadas, o telhado cerâmico com beiral, os pilares soltos, o painel cerâmico no recuo da base e o guarda-corpos em madeira, numa proposição das mais requintadas. Para tanto, contam a regularidade e a articulação espacial, que atualizam e qualificam os elementos citados.

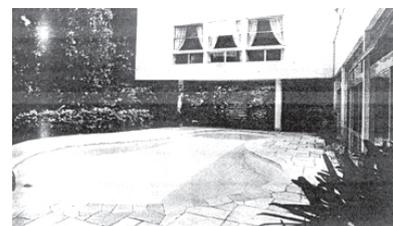
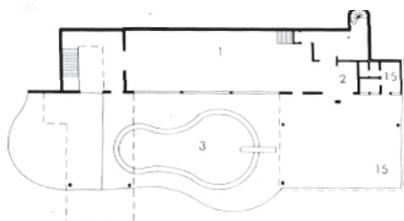
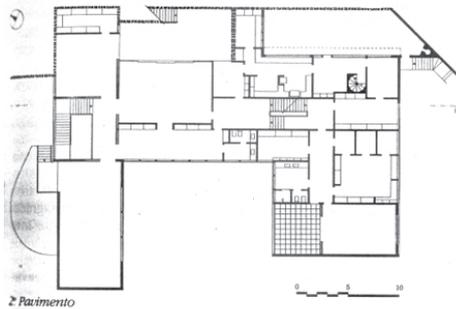
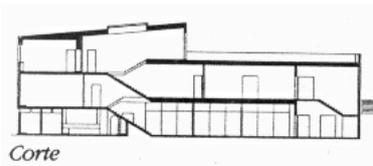
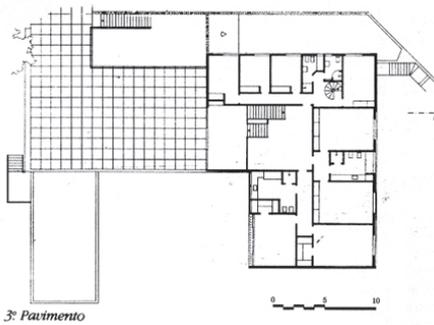
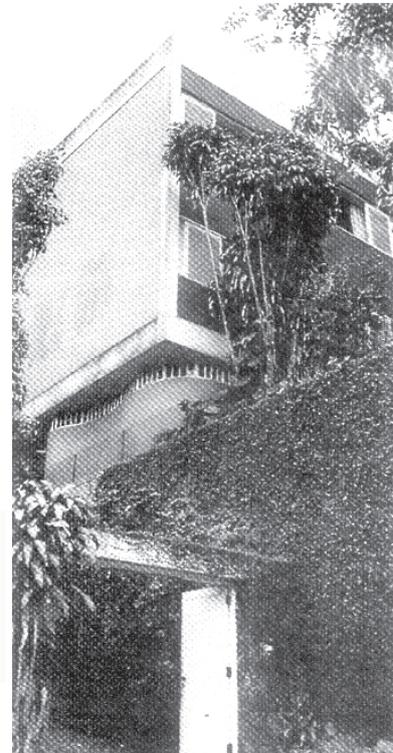
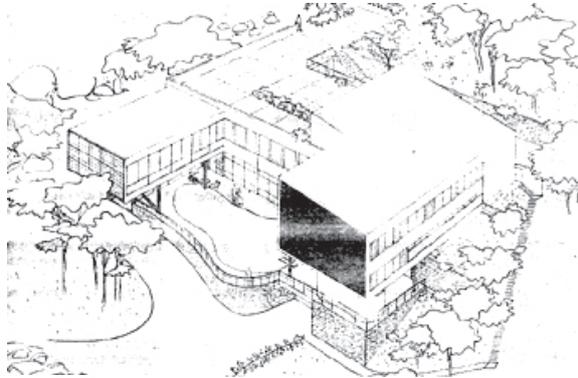
A revivescência de conotações locais induz à reflexão e à busca por esses caminhos alternativos, imbuídos de um espírito do lugar, mas voltados a uma expressão abrangente. Entretanto, nada é estilizado ou emblemático; a presença desses elementos não exclui a investigação formal com base nos dados do local, do programa e das técnicas construtivas, adaptando-os com precisão e trazendo a modernidade a reboque.²

¹ CZAJKOWSKI (1993, p. 70) aposta nessa filiação não-ortodoxa como motivo para as obras e projetos terem ficado relegados ao desconhecimento durante tanto tempo. Jorge Czajkowski foi curador da exposição Carlos Leão – Arquitetura, realizada na Galeria Rodrigo de Mello Franco de Andrade, da FUNARTE RJ, de outubro a novembro de 1985, ano em que iniciou a pesquisa *O Nativismo Carioca: Uma Arquitetura entre a Tradição e a Modernidade*. CZAJKOWSKI (1988). Material da resultado da pesquisa foi publicado no Documento: Carlos Leão, na revista AU. CZAJKOWSKI (1993). Constitui fonte importante para a consulta sobre as casas aqui comentadas; confome o

próprio autor, em conversa com esta autora, há dificuldade de acesso ao material, que ou se encontra sob domínio dos proprietários das casas, muitas alugadas, ou extraviado.

² “Mas as ‘casas brasileiras’ são predominantemente um exercício com um vocabulário desestilizado, quase arquetípico em relação à construção de uso corrente, despido das conotações emblemáticas tão ao gosto do neocolonial. É no perfeito domínio das proporções e das escalas que está o segredo dessa arquitetura, tanto que qualquer erro na transposição das medidas acarreta invariavelmente um desastre.” CZAJKOWSKI (1993, p. 74)

CAVALCANTI (2001)
Casa Vogue Brasil 40 (1978)
CZAJKOWSKI (1993) in AU 48
XAVIER et alii (1991)



nº: 118

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: MODERNO-TRADICIONAL

situação: CIDADE
topografia: ACLIVE
ocupação: SOLTA
superfície: 1000-1250 m²
altura: 2 PAVIMENTOS/PILOTOS/BASE
volumetria: JOGO DE VOLUMES
base: RECUADA - AVANÇADA
cobertura: LAJE PLANA - LAJE INCLINADA

Planta, corte (esc. aprox. 1/750), perspectiva e vistas externas

CAVALCANTI (2001, pp. 81-83) - planta piscina e fotos centrais e sup. dir.
CZAJKOWSKI (1993, p. 77) in AU 48

Esta casa no Jardim Botânico, mantida tal como construída,¹ destaca-se no conjunto da obra de Carlos Leão por seu porte e pelo marco que estabelece após um longo período — desde a casa Francisca Leão — de projetos e realizações menos depuradas. Com a casa de 1934, essa guarda alguns pontos de contato, quais sejam, por exemplo, o pátio e a implantação em aclave num terreno de encosta. A inserção em meio à vegetação faz ressaltar a construção pelo contraste, ao passo que esconde dela algumas partes.

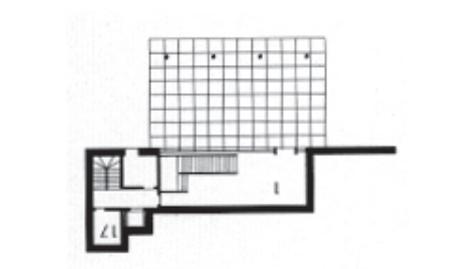
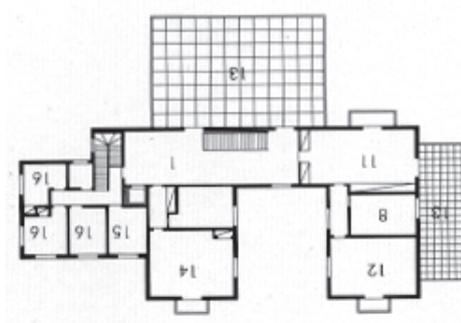
A casa é uma adição de três blocos em U: um tem três pavimentos e os outros têm dois, com pés-direitos diferentes. A defasagem de altura tem implicação de mão dupla na resolução da complexidade espacial e volumétrica.² No nível da rua, a perspectiva mostra a curva conduzindo a um acesso de garagem entre os muros de arrimo em pedra. Os acessos de pedestre estão distribuídos ao longo de um caminho ascendente na lateral; todas as escadas estão localizadas em posição discreta. O primeiro pavimento, elevado em relação à rua e limitado pelo relevo, é voltado ao lazer. A parte fechada é paralela à linha de cota, ficando incrustada na encosta, e configura uma faixa estreita que abriga o salão de festas e jogos, circulações verticais e apoio. Ela abre-se para a piscina de bordas curvas, que fica a céu aberto entre as duas áreas de pilotis que oferecem sombra. Sob uma dessas alas, há um invólucro também sinuoso que abriga um sanitário de apoio. Acima desta, no segundo pavimento, estão distribuídos vestiários, sanitários e áreas de serviço como lavanderia e rouparia. No corpo central, ampliado em relação ao andar inferior, estão cozinha, salas de almoço, de jantar, gabinete e adega; na ala adjacente menor fica a sala de estar. Um pátio situado atrás da sala de jantar volta-se para o muro posterior, e contém escada que conduz diretamente ao terraço acima. Este estende-se para os fundos do terreno onde alcança o nível natural. No terceiro pavimento contíguo, que ocupa aproximadamente metade da área do segundo, fica a zona íntima, com quatro dormitórios e dois sanitários; a dependência dos empregados com três dormitórios fica no mesmo nível.

Panos de vidro em portas de correr e esquadrias contínuas revelam o emprego de uma estrutura mista. As alas que não têm o terraço na cobertura protegem-se também com laje, numa delas plana, na maior inclinada. A intrincada articulação entre ambientes não é comum nas residências aqui apresentadas.³ Talvez a familiaridade do arquiteto com uma base mais vernacular dê subsídio a essa exemplar capacidade, da qual decorre uma produção menos linear. Sem dúvida, há aqui o emprego da base moderna, mas cotejada com o filtro da experiência própria.

¹ Cfme. CAVALCANTI (2001).

² As publicações consultadas (CAVALCANTI, 2001; CZAJKOWSKI, 1993; XAVIER et alii, 1991), apresentam duas plantas cada — nenhuma apresenta as três. Ora aparecem primeiro e segundo pavimento, ora segundo e terceiro. As especificações ou descrições da sequência de ambientes tampouco auxiliam numa interpretação fiel. O presente comentário baseia-se na observação e na comparação entre as fontes.

³ “É importante sublinhar ainda que essas transformações também não decorrem de, ou operam, qualquer mudança visível nas plantas baixas; o próprio método projetual do arquiteto deixa margem a esse ‘deslocamento’ entre a solução espacial e a feição arquitetônica.” CZAJKOWSKI (1993, p. 78)



nº: 119

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: TRADICIONAL-MODERNO

situação: SUBÚRBIO
topografia: DECLIVE
ocupação: SOLTA
superfície: 400-550 m²
altura: 2 PAVIMENTOS/PILOTIS
volumetria: JOGO DE VOLUMES
base: RECUADA - COPLANAR
cobertura: PLATIBANDA

Plantas (esc. aprox. 1/500) e vistas externas e internas

CAVALCANTI (2001, p. 361) - plantas
www.rio.rj.gov.br - foto sup. esq.
demais fotos da autora

Casa Raymundo Ottoni de Castro Maya
Wladimir Alves de Souza
Rio de Janeiro RJ

Wladimir Alves de Souza, paraense, catedrático da ENBA e seu diretor por duas vezes, participa da Divisão de Prédios e Aparelhamentos Escolares do Departamento de Educação da Prefeitura do Distrito Federal, de acordo com um plano pedagógico do diretor e educador Anísio Teixeira, a partir de 1931. Vence o concurso do Ministério da Fazenda junto com Enéas Silva em 1936, que não é levado adiante; segue a carreira de restaurador e opõe-se aos modernos do SPHAN.¹ Esta casa é um evento pontual na sua carreira, a qual dedica a projetar com referências a outras épocas. Vale ser citada exatamente pelo grau sutil de filiação ao movimento moderno, fato que, neste caso, acaba por conferir-lhe certas peculiaridades.² Tombada desde 1974, hoje a casa abriga a sede dos Museus Castro Maya, exibindo importante coleção de seu antigo proprietário, ilustre colecionador, que inclui móveis e objetos dispostos como no uso original da residência.³

O sítio de 25 mil metros quadrados no alto do morro Santa Tereza, chamado Chácara do Céu, tem vista panorâmica sobre a cidade do Rio de Janeiro e a Baía da Guanabara. A casa está implantada numa porção alta do terreno, a sul, e é rodeada por jardins e vegetação planejados por Burle Marx. O volume de dupla altura é definido por bases prismáticas de origem retangular justapostas, mas que recebem tratamento indiferenciado desde a base — com exceção da caixa acoplada no pavimento intermediário à fachada sul, apoiada sobre quatro colunas, destinada a uma varanda de estar fechada. Sob sua projeção, num nível inferior, têm lugar tanto o acesso de pedestres quanto o de veículos; o vestíbulo contém a escada em um lance junto à fachada, e pequenos compartimentos de apoio, apenas. Já no pavimento social, o vestíbulo acessa diretamente a mesma varanda fechada, ou, no sentido oposto, o jardim; o recorte em U da planta reserva parte do jardim, configurando um pátio aberto, para o qual se abrem tanto os cômodos térreos — biblioteca e sala de jantar ocupam as duas alas —, quanto os superiores — onde dois dormitórios ocupam a mesma posição. O térreo complementa-se com a copa e a cozinha e os serviços; o segundo pavimento abriga ainda, além das rouparias e sanitários, dependências para empregados. Dois terraços maiores, um sobre a varanda de estar, outro sobre volume acoplado a oeste, ampliam a comunicação com o exterior; nos dormitórios, pequenas sacadas tipo balcão estendem a vista e determinam uma simetria parcial que se harmoniza com as janelas verticais protegidas por venezianas e persianas.

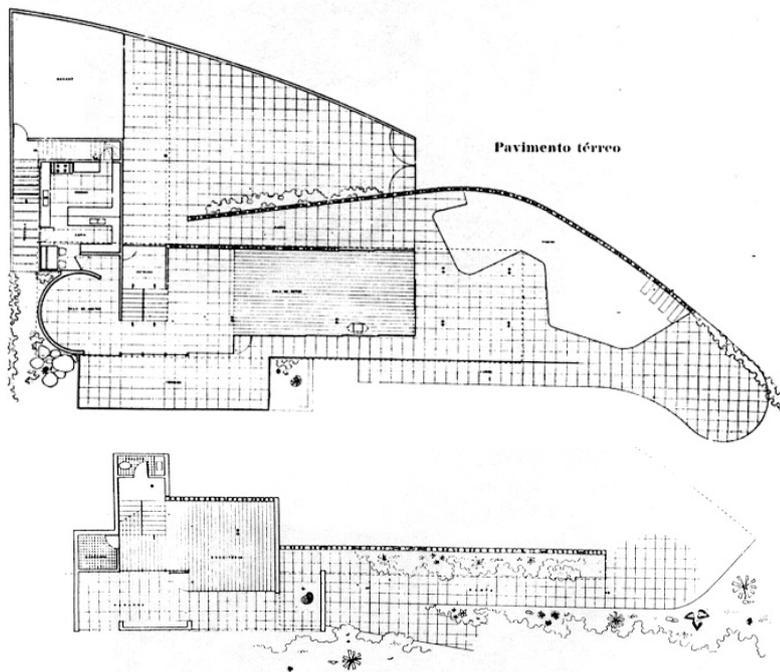
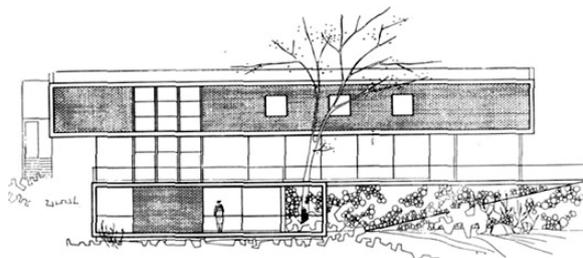
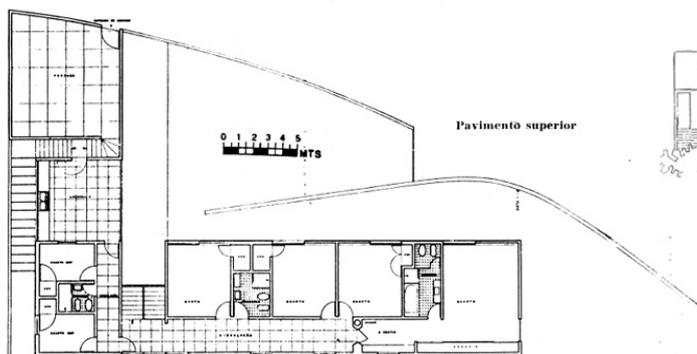
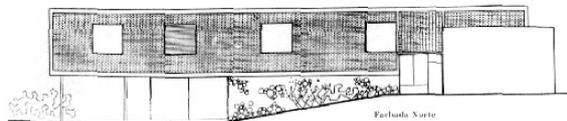
O revestimento externo é feito em pó de pedra e a cobertura, oculta por platibanda, protege-se com telhado. Guarda-corpo simples protege os terraços e o balanço da varanda sobre as colunas. Nesta, a elegância é confirmada por amplos panos de vidro em esquadrias metálicas de correr. Os volumes puros, as linhas retas e a pouca variedade de elementos de arquitetura utilizados associam-se não tanto a um pretendido despojamento, mas mais a uma simplicidade que traduz refinamento, resultado da abordagem estilística e precisa do autor. A atenção recai sobre o acervo de pintura, escultura, mobiliário e objetos que se dispõem na sala de jantar e na biblioteca.⁴

¹ “Manifestou então o propósito de deixar vazia e gramada a área anteriormente ocupada, e de fazer a casa nova no extremo sul da plataforma, debruçada sobre a vista da barra, ficando o amplo espaço coberto resultante, em nível inferior, para livre acesso dos carros como na casa de campo dos Saavedra, em Correias, tarefa que, dado o meu impedimento, em boa hora confiou a Wladimir Alves de Souza.” COSTA (1995, p. 430)

² Entre os trabalhos dos quais participa estão a restauração do convento Santa Teresa, em Salvador, da Fazenda Samambaia, dos prédios e portões da Floresta da Tijuca e da casa da Marquesa de Santos, no Rio de Janeiro. Cfme. CAVALCANTI (2001).

³ Mecenas das artes no Brasil, Castro Maya lidera, já em 1948, o grupo do Museu de Arte Moderna, do qual participavam Rodrigo de Mello Franco, Paulo Bittencourt e Roberto Marinho, entre outros. Castro Maya torna-se o primeiro presidente, apoiado por um grande grupo que inclui Carmen Portinho como diretora adjunta, Lucio Costa, Vinicius de Moraes, Gustavo Capanema e Juscelino Kubitschek, entre outros. Cfme. PARADA (1993). In www.ifcs.ufrj.br

⁴ Há mobiliário brasileiro dos séculos XVIII e XIX, exemplares de arte oriental e porcelana da Cia. das Índias, obras de Candido Portinari, Guignard, Iberê Camargo, Antonio Bandeira e Di Cavalcanti. Dentre os europeus, há Matisse, Picasso, Dalí, Seurat e Miró. Destaca-se a coleção de pinturas, desenhos e gravuras de viajantes do século XIX, como Rugendas, Chamberlain e Taunay, e 490 aquarelas e 61 desenhos de Jean-Baptiste Debret, adquiridos em Paris, em 1939 e 1940. Parte destes foi exposta em 2003 sob o título: Castro Maya, colecionador de Debret.



nº: 120

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: MODERNO

situação: SUBÚRBIO
topografia: DECLIVE
ocupação: SOLTA
superfície: 550-700 m²
altura: 2 PAVIMENTOS / BASE
volumetria: JOGO DE VOLUMES
base: RECUADA - AVANÇADA
cobertura: LAJE PLANA

Plantas e elevações (esc. aprox. 1/500)

Acrópole 217 (1956, pp. 16 e 18)

A casa para Gilberto Ferraz da Silva está implantada com partido em L em terreno triangular, tendo acesso por duas ruas e declive de aproximadamente 45 graus de inclinação.¹ Incrustada em encosta verde da Gávea, sobressai-se pelos contornos brancos das caixas que caracterizam sua volumetria, e pelos planos regulares de cada elevação.

Há um pequeno acesso de serviços pelo pavimento superior, o principal ocorrendo no nível abaixo — onde também está a garagem. O vestíbulo é patamar da escada em dois lances, um ascendendo para o andar íntimo, outro descendo para o térreo social. A circulação vertical articula as alas adjacentes da planta em L desses dois pavimentos, que se apoiam sobre base semi-vazada. A distribuição do programa em três pavimentos gera patamares que disfarçam o desnível tão acentuado e possibilitam o aproveitamento do declive. A laje superior vira terraço no pavimento térreo, onde estão os ambientes sociais, como sala de estar e jantar, esta limitada por meia circunferência — que não deixa de lembrar a casa Tugendhat de Mies van der Rohe, e a Canoas de Niemeyer. Cozinha e copa, além dos terraços e da garagem, definem a outra ala, em ângulo de 90 graus com as salas. No terceiro nível distribuem-se quatro dormitórios e banhos, e, na ala adjacente, dependências de empregados, sanitários e lavanderia, além de terraço de serviço.

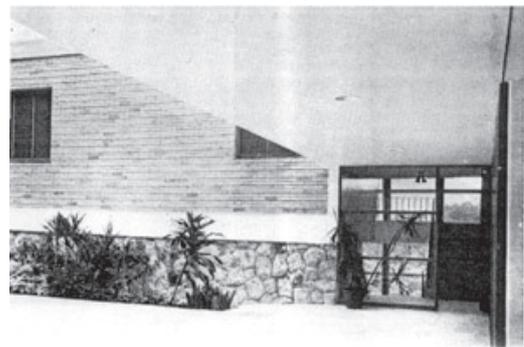
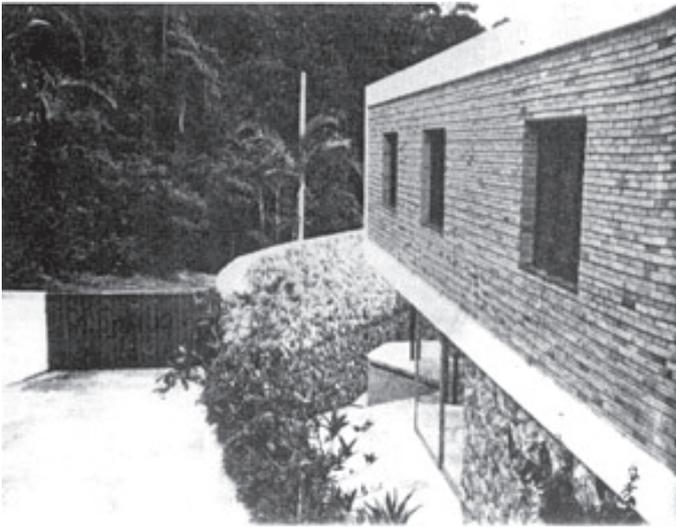
A base é limitada pelo arrimo, junto à encosta, e, na face oposta voltada para a rua inferior, por uma caixa branca vazada, interrompida por uma parede em alvenaria de tijolos aparentes e perfurada para passagem de árvore. O corpo intermediário é neutralizador, com grandes panos envidraçados, de caixilhos marcados por pivotantes horizontais somente no trecho correspondente à circulação. A parede paralela, em alvenaria de pedras, é a parcela portante da estrutura, completada por pares de colunas metálicas independentes.² A sala de estar expande-se para além dos limites do vidro, unindo-se à varanda sob a projeção do volume superior. O recorte irregular na laje proporciona a comunicação com a base e o contraste com os contornos suaves da curva bumerangue do muro, interposta entre a curva suave e aberta que limita a parte mais alta do terreno e o volume ortogonal da casa. O prisma superior repete o invólucro branco da base, com o dobro da largura e fechamento nas faces principais em tijolos aparentes aparelhados em listras horizontais. As aberturas são quadradas, espaçadas a intervalos regulares, com esquadrias protegidas por venezianas na fachada norte e projetadas, somente em vidro, na sul, correspondendo à circulação. Cheios predominando sobre os vazios, o efeito desse volume completa-se através do contraponto estabelecido com os demais elementos.

A casa Ferraz da Silva constitui um projeto claramente elaborado com base na experiência consolidada de Sérgio Bernardes, que emprega algumas das soluções testadas anteriormente, sem ineditismo, mas firmando as constantes de qualidade — adequação ao sítio e apropriação dos materiais, com ênfase no claro arranjo do programa.³

¹ Cfme. Acrópole 217 (1956, p. 15): “O programa era muito extenso, adotando-se por isso um partido em que não se notasse que três pavimentos compõe a residência. (...) Note-se os espaços planos criados, destinados a um melhor aproveitamento do terreno, eliminando a sensação de inclinação dos mesmos.”

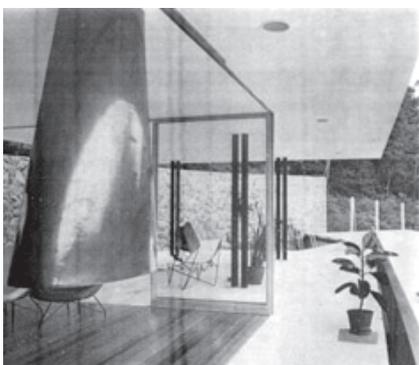
² Que se antecipam na casa de Lota Macedo Soares, de 1951. Ver casa nº 81 da relação geral.

³ “Em Sérgio Bernardes, tal postura implica assumir, aos poucos, uma especificidade em face da esfera carioca, notadamente dominada desde o século XIX pela cultura artística francesa. Se bem que tenha administrado suas discordâncias com os protagonistas da cena carioca, Sérgio Bernardes cultivou uma posição algo marginal ao romper com vários dos pressupostos que até então se encontravam na essência da produção arquitetônica local, tanto quanto com o discurso erguido em torno da questão da brasilidade, a qual vinha sendo reposta desde a década de 20, pelo menos.” NOBRE (2002, p. 1) In: www.vitruvius.com.br



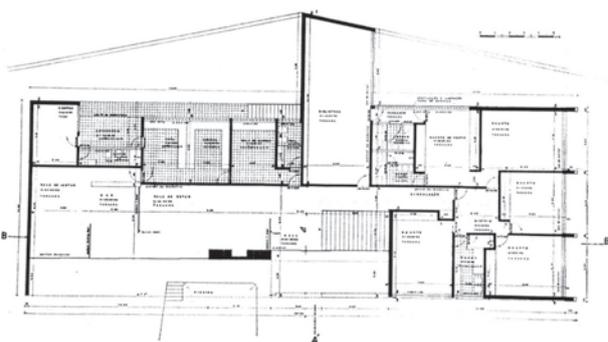
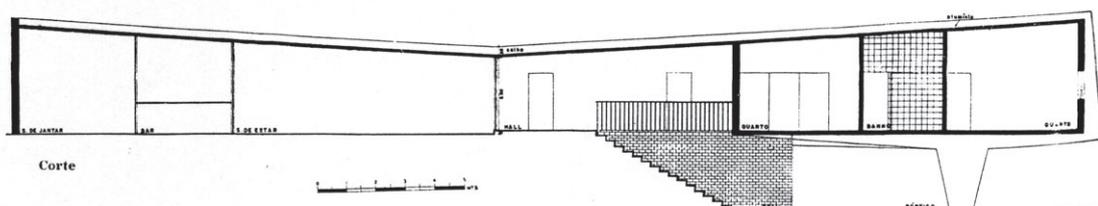
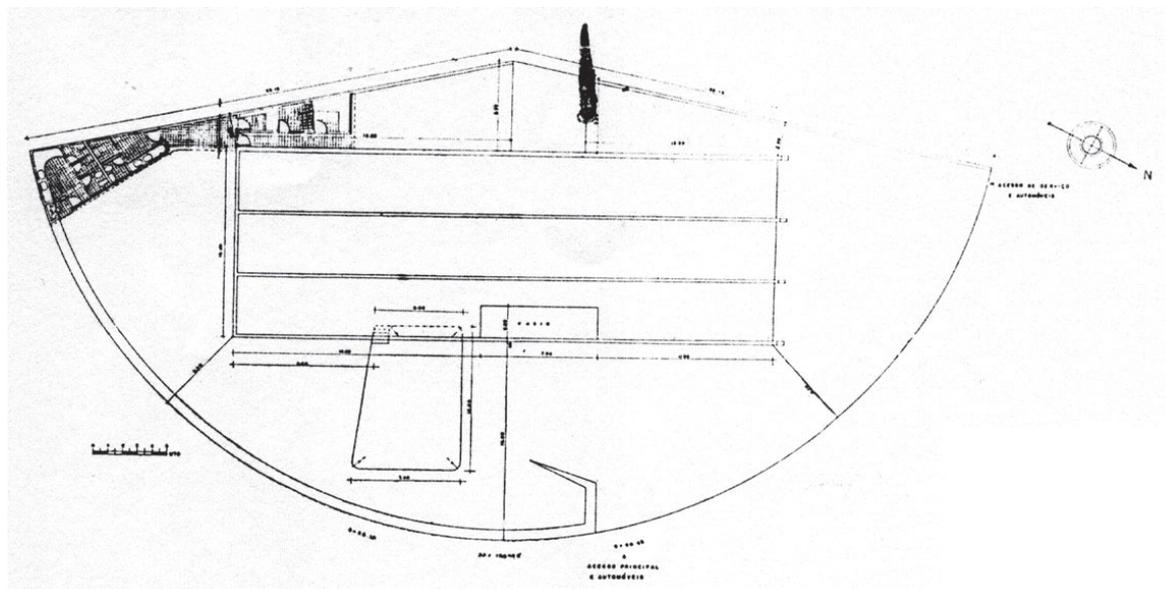
Vistas externas

Acrópole 217 (1956, pp.15 e 18)



Vistas externas e internas

Acrópole 217 (1956, pp.16-17 e 19)



nº: 121

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: MODERNO

situação: CIDADE
topografia: ACLIVE
ocupação: SOLTA
superfície: 850-1000 m²
altura: 1 PAVIMENTO/PILOTIS
volumetria: JOGO DE VOLUMES
base: RECUADA
cobertura: TELHADO 2 ÁGUAS

Implantação, plantas (esc. aprox. 1/500)
e corte (esc. aprox. 1/250)

Acrópole 213 (1956, pp. 345-346)

Publicada pela revista Acrópole no mesmo ano da casa Ferraz da Silva,¹ a casa Cajado Braga repete algumas das características daquela, como os fechamentos em planos de alvenaria aparente de tijolos, desta vez com textura homogênea, trabalhada em duas nuances de cor, emoldurados pelo branco do invólucro de concreto. O lote de esquina tem contorno peculiar dado por uma ponta em meia circunferência quase completa, de raio aproximado de 30 metros, em declive lateral. Novamente comparando-se com a casa Ferraz da Silva, a implantação não segue as linhas curvas dadas pelas divisas do terreno, mas independiza-se em contraste através de uma planta de base retangular.

O programa distribui-se em dois níveis; o inferior é parcialmente ocupado para aproveitar a declividade, correspondendo apenas ao vestíbulo, à garagem, a um *recreio coberto*² e à dependência do motorista, acessíveis desde a cota mais baixa, à direita. Uma escada lance único sobe até o nível superior, térreo em relação à outra ponta do terreno. A planta organiza-se basicamente em duas faixas longitudinais, divididas por uma circulação central integrada; do vestíbulo em direção à esquerda, a faixa anterior subdivide-se em sala de estar, de jantar e bar, com varanda linear, paralela; a posterior abriga dependência de empregada, lavanderia, cozinha, sala de almoço e lavabo. Uma escada secundária conecta os serviços nos dois níveis. A biblioteca é um corpo intermediário atravessado que se sobressai alcançando os fundos e, portanto, dividindo o terreno. A parede divisória coincide com o arrimo que limita o andar inferior. A porção da planta que se sobrepõe corresponde à zona íntima, com quatro dormitórios, dois banhos e quarto de vestir. Complementando, vestiários com acesso independente ocupam o vértice mais elevado do lote.

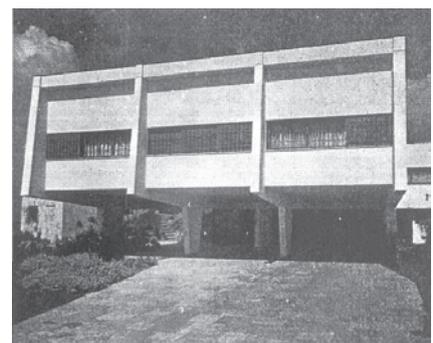
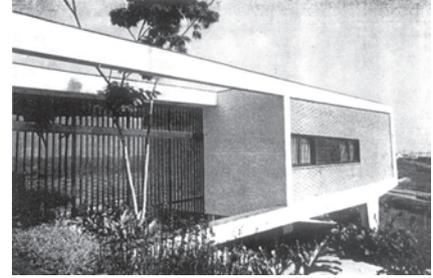
A parede da circulação forma um fundo opaco para as salas e o bar, que se abrem totalmente para frente ajardinada com piscina; esta invade a projeção da cobertura que dá lugar à varanda, estreitando a relação entre as zonas sociais. A lareira, construída em pedra São Tomé, interrompe a transparência do plano envidraçado, limitando assim a área de recepção e chegada da escada. À frente desta, as lajes de piso e forro são recortadas para a livre passagem dos galhos de uma árvore, tal como no terraço da casa anterior.

A fachada norte é a face menor dos dormitórios, pintada de branco; tem janelas horizontais idênticas nos três vãos limitados por vigas aparentes em balanço que, prolongadas, sobem até a borda da laje de cobertura. Os quatro pilares espaçados igualmente em pouco mais de quatro metros têm seção decrescente até o piso, harmonizando suas linhas com as demais oblíquas que traçam o perfil da edificação, como a cobertura com caimento central. A fachada da frente, leste, protege-se pelo recuo em relação à projeção; as esquadrias têm caixilhos verticais muito estreitos, que conferem textura estriada ao pano de vidro. Os interiores têm assoalho de madeira e paredes de tijolos aparentes, e são enriquecidos por painéis de motivos coloniais de Darcy Penteado.³ Garantindo a privacidade no jardim exterior, o muro, também em pedra São Tomé desenha a curva descendente junto ao passeio.

¹ Acrópole 213 (1956) apresenta boas fotografias, desenhos de implantação, plantas e um corte.

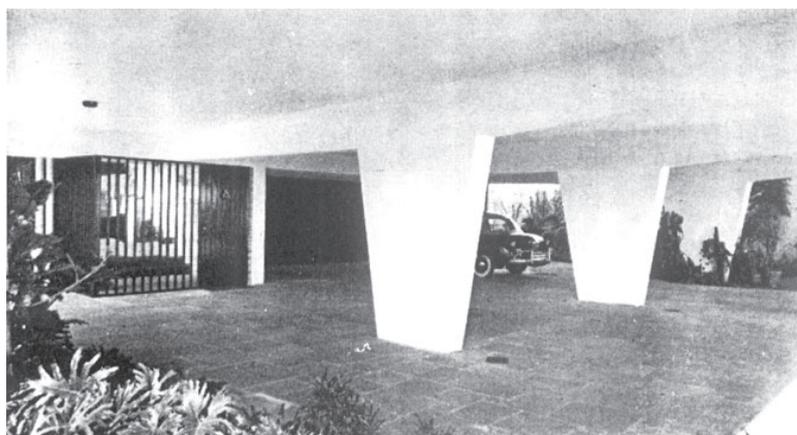
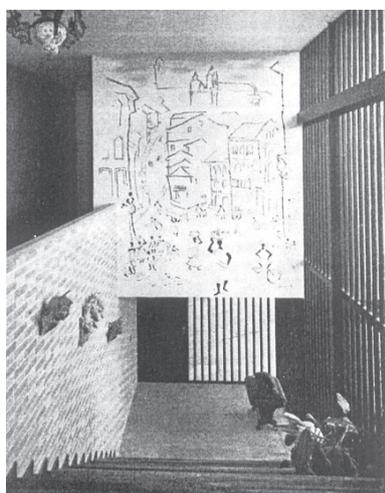
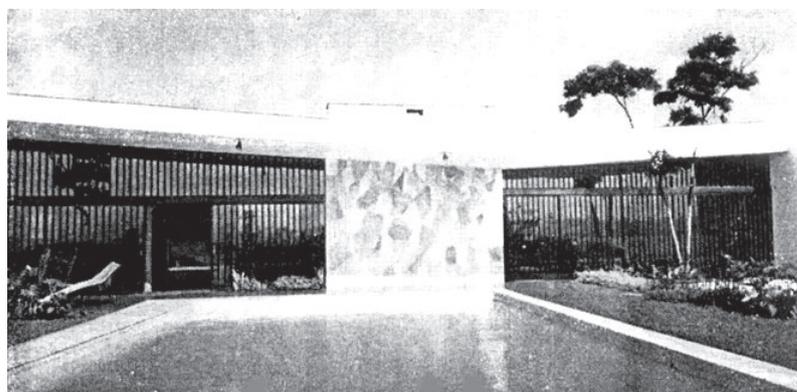
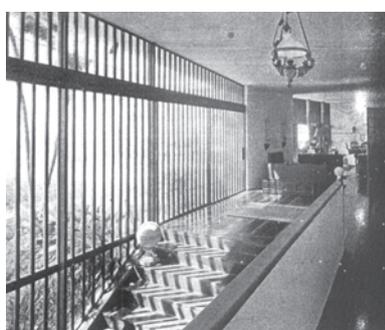
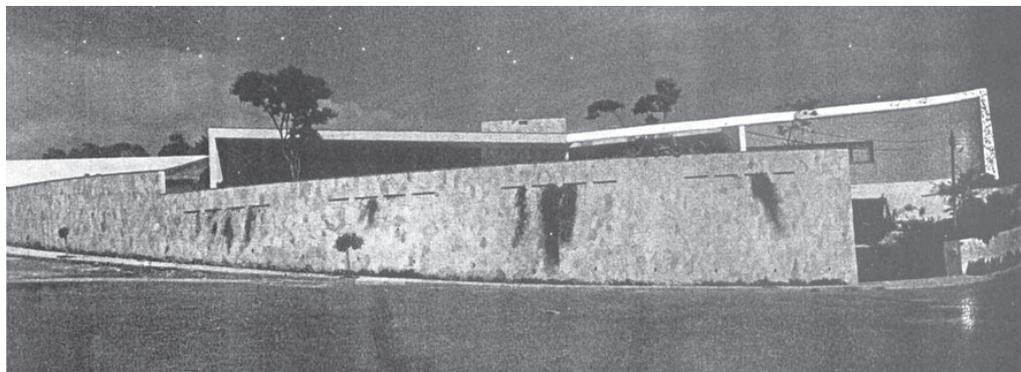
² Cfme. Acrópole 213 (1956, p. 348).

³ Com os quais combinam os móveis, em "*legítimo estilo colonial*", cfme. Acrópole 213 (1956, p. 348).



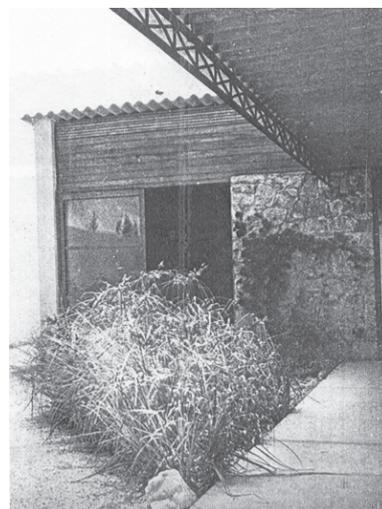
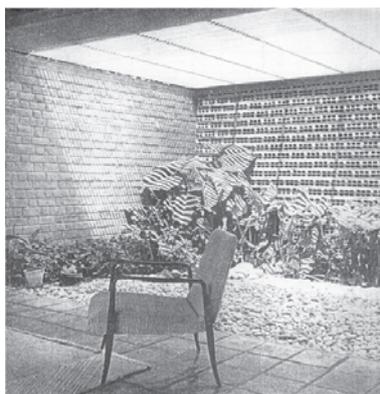
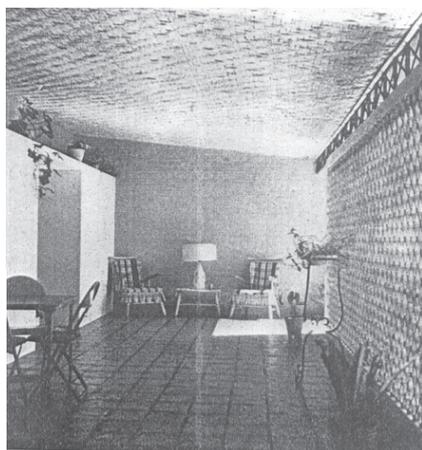
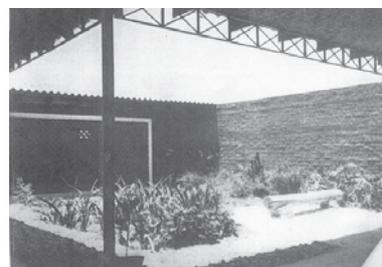
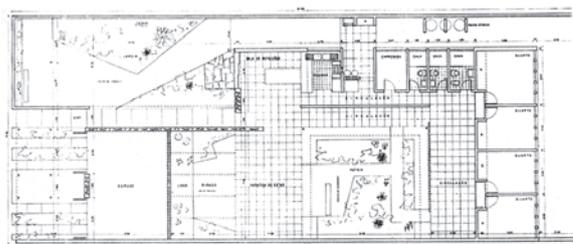
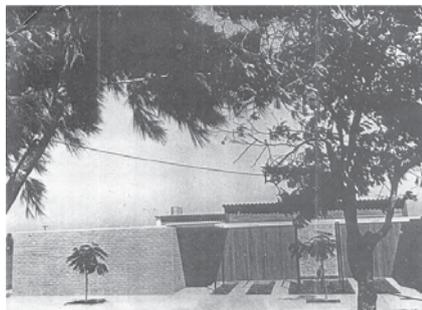
Vistas externas

Acrópole 213 (1956, pp. 345-347)



Vistas externas

Acrópole 213 (1956, pp. 346-348)



nº: 122

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: MODERNO-TRADICIONAL

situação: SUBÚRBIO
topografia: PLANO
ocupação: DIVISAS
superfície: 250-400 m²
altura: TERREO
volumetria: JOGO DE VOLUMES
base: n/a
cobertura: TELHADO 1 ÁGUA

Planta, corte (esc. aprox. 1/500) e vistas externas e internas

Módulo 7 (1957, pp. 28-31)

Esta casa de fim de semana, de Aldary Toledo, é publicada em 1957 em *Módulo*,¹ sem informações de localização, ano de projeto e construção ou proprietário. O lote é retangular, com 15 metros de frente e pouco mais de 50 de fundos. A implantação tem referência em parte nas casas com pátios como as Sem Dono de Lucio Costa e em parte na casa de 1935 de Oscar Niemeyer.² Sendo térrea, a apropriação do terreno é a máxima possível, mas feita através de poucos ambientes fechados e muitos semi-abertos ou abertos. Por ser uma residência destinada ao lazer, a transição e a mistura entre uns e outros é mais importante do que a definição de recintos.

Há mais de uma leitura para a organização planar e volumétrica da edificação: a cobertura em U, com caimento para um pátio central colado à divisa direita, protege os compartimentos sociais e íntimos e destaca o corpo principal; ao mesmo tempo, duas faixas paralelas longitudinais balizam a marcação das circulações e a subdivisão das áreas interpenetráveis de pátios, jardins e áreas de estar. Assim, a garagem é um corpo independente que ocupa metade da largura frontal, alinhando-se com o pátio interno central; entre uma e outro, há um pequeno jardim pergolado e a varanda de estar, que substitui a sala. A seqüência, em direção à ala posterior, se completa com a circulação íntima e os quatro dormitórios em linha, voltados para trás. Na ala adjacente estão três banhos, dormitório de empregada, uma passagem de serviços com acesso para o corredor junto à divisa esquerda, cozinha e sala de refeições. A porta de entrada é quase centralizada entre o acesso de veículos e o jardim da esquerda, delimitado por muro frontal. O eixo de circulação longitudinal é marcado pelo muro em alvenaria de pedras aparentes e pela parede que o duplica e secundariza em frente aos serviços.

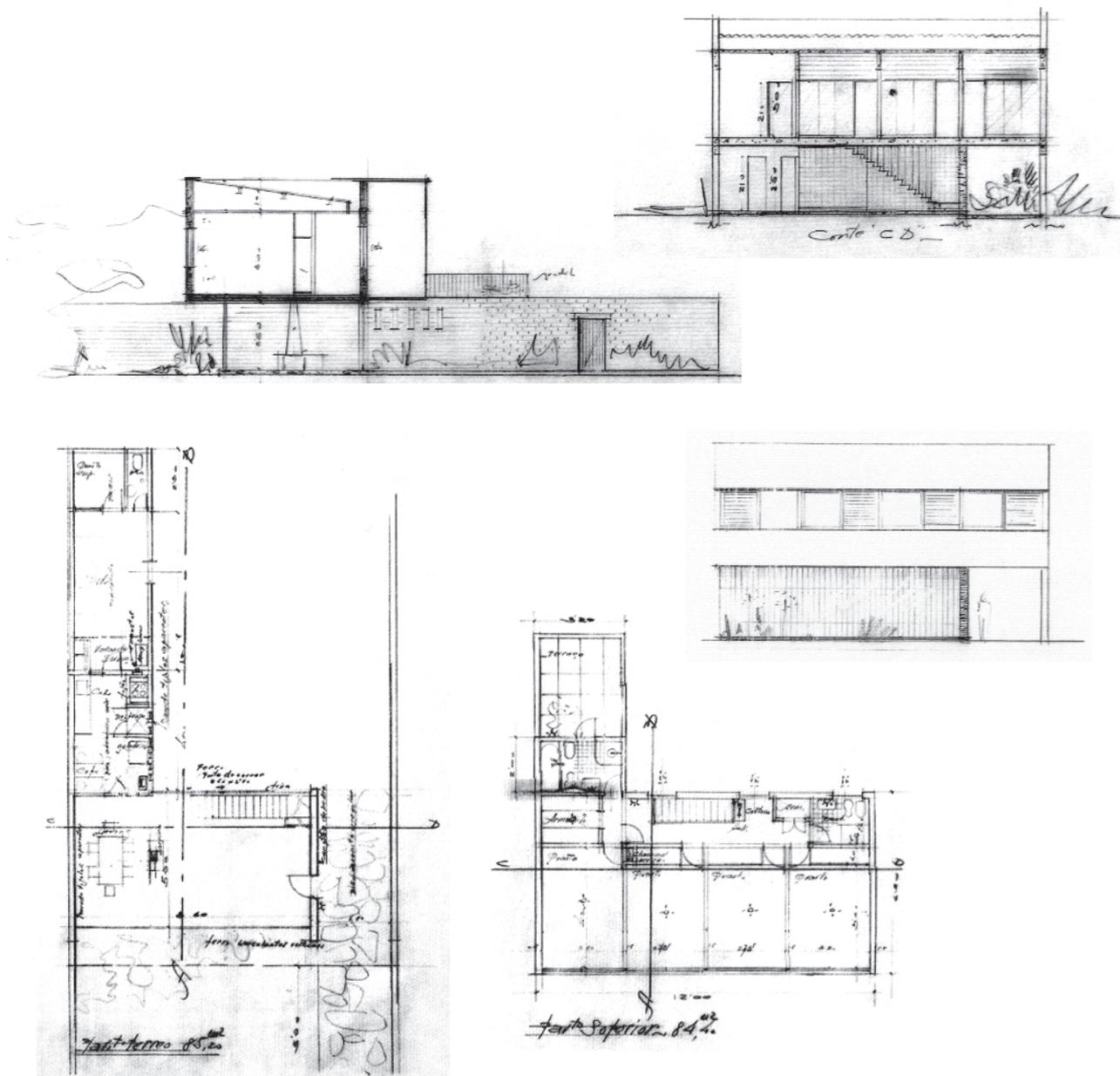
A permeabilidade é maior ou menor, dependendo da necessidade de comunicação entre os distintos locais; assim, a parede da circulação íntima é vazada em cobogós cerâmicos de trama graúda e a interna da garagem em tijolos furados. Atrás desta alinha-se um espelho d'água em faixa estreita. O restante do piso sob o ripado que forma a pérgola é em seixos rolados. Alvenarias rebocadas definem os armários embutidos dos dormitórios e convivem ao lado das alvenarias simplesmente pintadas, ou aparentes. Treliças apoiadas em esbeltas colunas metálicas sustentam a cobertura de telhas onduladas; o forro das circulações abertas é feito em esteira de palha, criando um interessante jogo de texturas.

Numa situação oposta à de 1940, em que a casa na Fazenda São Luiz se espalhava livremente pelo terreno, esta consegue, mesmo ocupando um lote urbano, manter uma articulação bem espaçada e confortável em torno dos pátios e das circulações generosas, abertas e cobertas.³ Demonstra novamente um grau elevado de rigor e precisão do trabalho do arquiteto.

¹ Módulo 7 (1957), com imagens internas e externas, planta e corte.

² Ver as casas nº 4 e nº 24 da relação.

³ “Uma das características da arquitetura colonial era — no caso das residências — a simplicidade da solução e dos materiais em uso. Havia também a constante preocupação do conforto interno, da intimidade familiar, do controle da luz, etc. E daí a sensação agradável que ainda hoje essas construções nos trazem, com seus beirais protetores, suas treliças e pátios internos. Nesta residência o arquiteto teve as mesmas intenções: o que lhe dá o aspecto singelo, acolhedor que as fotografias melhor apresentam.” Módulo 7 (1957, p. 29)



nº: 123

natureza da documentação: PROJETO
 grau: MODERNO

situação: CIDADE
 topografia: PLANO
 ocupação: DIVISAS
 superfície: 100-250 m²
 altura: 2 PAVIMENTOS
 volumetria: JOGO DE VOLUMES
 base: RECUADA
 cobertura: TELHADO 1 ÁGUA - PLATIBANDA

Plantas, cortes e elevação (esc. aprox. 1/250)

CONDURU (2000, pp. 94-95)

A repercussão do trabalho de Álvaro Vital Brazil cresce em duas décadas, desde as publicações em *Brazil Builds* (1943) e em *Modern Architecture in Brazil* (1956).¹ Entre uma e outra, obtém o primeiro lugar na Exposição de Arquitetura na I Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, na categoria de edifícios de uso comercial com o Clemente de Faria, em Belo Horizonte, matriz do Banco da Lavoura, em Minas Gerais (1946); o prisma de base triangular, originado a partir do traçado das ruas da cidade, é uma das obras mais emblemáticas do arquiteto. No ano seguinte, vence o concurso para a sede do Jockey Club do Rio de Janeiro, para o qual faz uma segunda versão, nenhuma delas construída. No seguimento, o Banco da Lavoura encomenda sedes em muitas capitais e cidades brasileiras, demandando trabalho intenso.²

A casa para Oswaldo Sant'Anna Jr., em São Paulo, aproveita ao máximo a largura de cerca de 12 metros do lote urbano, assemelhando-se em partido e tratamento à casa F. E. (1947) dos irmãos Roberto.³ Como naquela, o térreo é um L, mas no presente caso colado à divisa da esquerda, ao qual se sobrepõe a planta alta com base retangular. Além disso, a fachada do bloco superior também utiliza platibanda larga e esquadrias contínuas. Porém, nesta a cobertura em uma água fica escondida dentro do volume prismático, enquanto naquela o beiral projeta-se para trás; outra diferença está na estruturação do bloco superior, avançado em relação ao inferior, que naquela faz uso de colunas, e nesta fica em balanço, apoiando-se apenas nos muros portantes laterais.

A passagem do veículo é possível por sob o volume superior, que faz as vezes de abrigo junto à divisa da direita. A porta de entrada é lateral, liberando toda a frente para o envidraçamento; o invólucro abriga salas de estar e jantar divididas por lareira solta. A perna estreita do L é toda destinada aos serviços, compreendendo cozinha, área de serviços e dependência de empregada. A escada é paralela à fachada posterior, em um lance, e desemboca num corredor de circulação em cuja largura também inscreve-se um banho e uma rouparia. Os quatro dormitórios alinham-se voltados para a rua, todos com a mesma largura. Aproveitando a base, o dormitório principal liga-se ao banho e a um pequeno terraço situado sobre a cozinha.

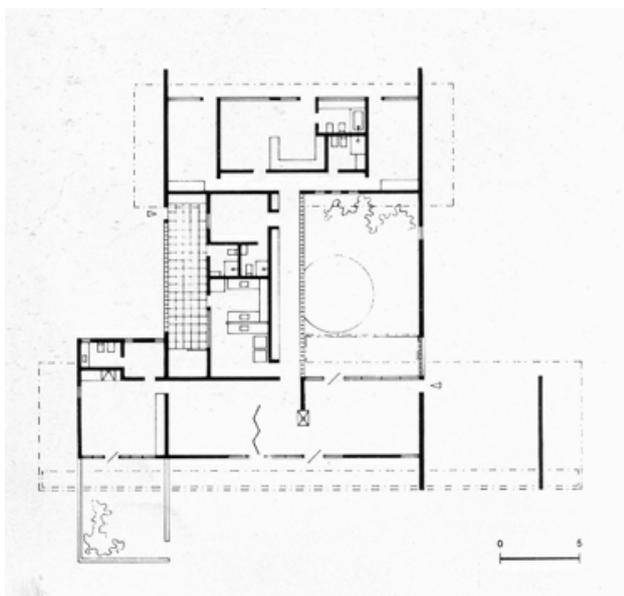
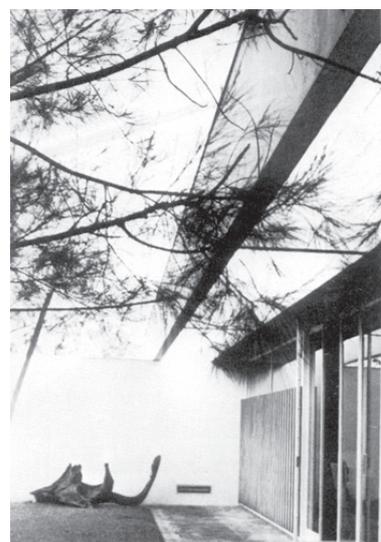
O corte transversal esclarece a situação da cobertura e a relação entre os volumes térreo e alto. Aparentemente, a caixa superior recebe reboco e pintura, enquanto a inferior permanece com a alvenaria aparente. Não há imagens da construção, apenas desenhos feitos a mão, e tampouco informações que confirmem a efetiva realização. De qualquer maneira, a casa cumpre os requisitos elementares sem maiores explorações formais.⁴

¹ O edifício — junto com o edifício Esther e o Instituto Vital Brazil — é incluída por Mindlin na sua compilação de 1956. Ver MINDLIN (2000). O Esther aparecera já em *Brazil Builds* — ver GOODWIN (1943).

³ Contudo, nenhuma se faz representativa em termos formais. Ver casa nº 58 da relação geral.

² As casas registradas do período incluem as de Oswaldo Sant'Anna (1961), em São Paulo, a de Carlos Alberto Thomaz (1954) em Curitiba, e a de Júlio Lobo (1960), no Rio de Janeiro. Cfme. CONDURU (2000).

⁴ “Na residência Oswaldo Sant'Anna Jr., em São Paulo, o programa é acomodado ao lote estreito com uma implantação assimétrica que abre e dinamiza os espaços; os desenhos do projeto atestam como o rigor e a simplicidade formal, bem como a preocupação de Vital Brazil com a construção, estão presentes desde a expressão gráfica.” CONDURU (2000, p. 30)



nº: 125

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: MODERNO-TRADICIONAL

situação: CIDADE
topografia: PLANO
ocupação: SOLTA
superfície: 400-550 m²
altura: TERREO
volumetria: JOGO DE VOLUMES
base: n/a
cobertura: TELHADO PLANO - PLATIBANDA

Planta (esc. aprox. 1/500) e vistas externas

FROTA (1993, pp. 175-178)

A última casa de Alcides da Rocha Miranda no período que vai até 1965 é a que realiza para Plácido. Localiza-se no centro da cidade de Petrópolis, no ponto mais alto de uma colina.¹ O dimensionamento é cuidadoso e controlado, mas a existência de pátios e varandas periféricos confere amplitude aos recintos. O partido segue o H de três setores, como na casa para administrador de 1955, com a ala anterior (área social) maior do que a posterior (área íntima).

O abrigo para carros fica na extremidade à direita, alinhado à fachada e apostado ao invólucro do espaço habitável. Há um acesso através desse abrigo para a sala de estar, também acessível pelas portas de vidro da frente. O estar subdivide-se por meio de uma lareira, terminação do trecho de parede perpendicular, que, associada ao biombo, completa a barreira visual entre os dois ambientes coexistentes no corpo frontal. O rebatimento do abrigo para carros é dado por um cômodo que aparentemente corresponde a um grande gabinete, devido à proporção, à lareira representada na planta, e à existência de um lavabo próprio. Voltado para a frente, abre-se para um pátio privativo murado. A metade da direita da sala de estar abre-se para o pátio maior que se interpõe entre as duas alas; uma varanda com cobertura suspensa de telhas-calha, mais baixa do que as platibandas, intermedia interior e exterior. A face adjacente do pátio, que tangencia o pequeno espelho d'água, é interface com a circulação através de um grande plano envidraçado, de caixilhos estruturais verticais. Para o lado de dentro, a circulação é definida por armários contínuos, que ocultam as paredes da cozinha e copa, ligadas à área de serviço. Um pequeno quarto com banho finaliza essa ala perpendicular, sugerindo a destinação aos hóspedes. A ala dos fundos abriga três dormitórios, sendo dois iguais nas pontas e um maior (suíte) no meio, todos com aberturas para possível varanda aos fundos.²

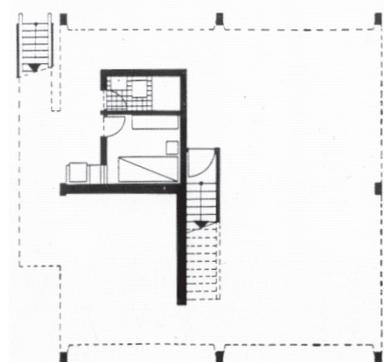
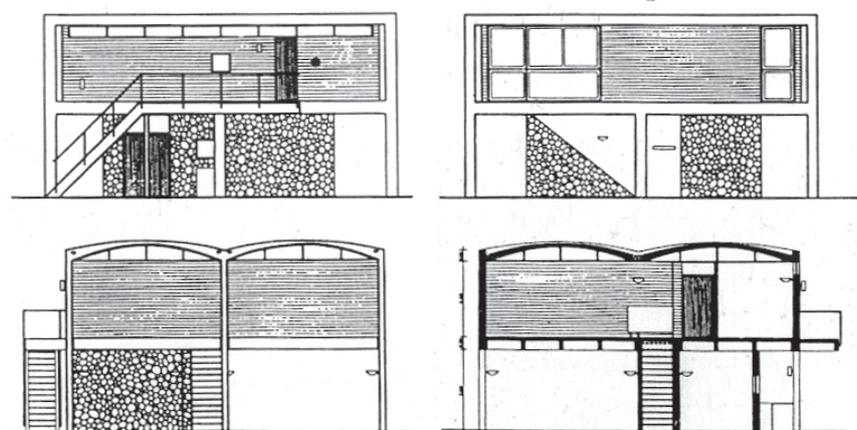
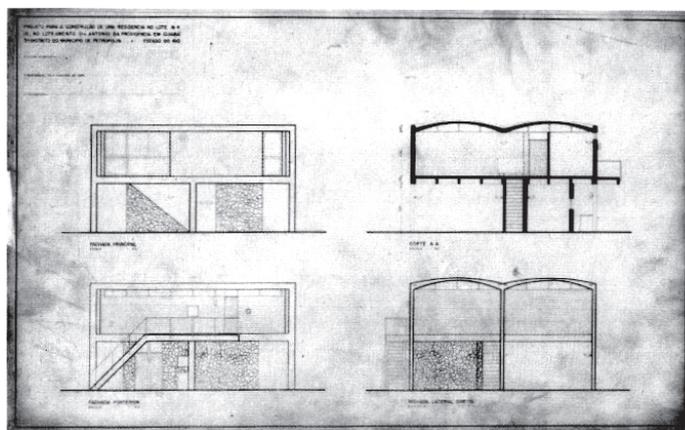
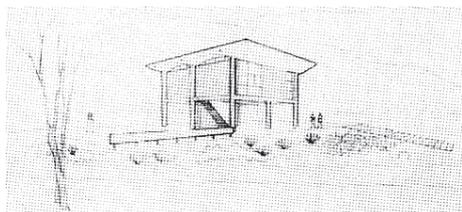
A estrutura é mista, com destaque para as vigas que formam platibanda. A maior fica solta, projetada à frente do alinhamento da fachada frontal, e protege o plano vertical envidraçado da incidência da luz direta, sem impedir a iluminação, ao passo que confere *leveza à cobertura*. A cobertura, concebida plana, tem proteção de telhado devido à necessidade de impermeabilização eficiente; porém, *a intenção era fazer ali um grande terraço*³ que servisse como observatório. O reboco branco de acabamento das superfícies sólidas, bem como as linhas retas que definem os planos ortogonais, destacam-se com as aberturas e vedações leves, marcadas sempre verticalmente — sejam as portas ou o vidro fixo, sejam as estrias dos planos cegos que ladeiam as aberturas frontais. O projeto, para além de moderno, é marcado por uma contemporaneidade que beira o minimalismo, o que não deixa de atestar a profundidade do pensamento de um dos ativos no SPHAN.

¹ Cfme. MIRANDA in FROTA (1993).

² “Para os quartos, que à época da construção estavam voltados para uma floresta, também foram previstos pátios individuais onde seria possível pendurar uma rede e tomar banho de sol. Um muro alto, que não abria para fora, garantia a intimidade de cada cômodo.” MIRANDA in FROTA (1993, p. 174)

³ “Os parapeitos desenhados para protegê-lo hoje encobrem o telhado, deixando-o invisível. Desse terraço se teria um vista completa da cidade, como de uma torre por cima da vegetação.” MIRANDA in FROTA (1993, p. 174)

Arquitetura 30 (1964)
 Baukunst und Werkform 1 (1962)
 BONDUKI (2000)
 CAVALCANTI (2001)
 Habitat 71 (1963)
 KAMITA (1993) in AU 47
 L'A d'Aujourd'hui 103 (1962)
 PEDREIRA (1988) in AU 16
 Solar Gradjean Montigny (1985)



nº: 127

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
 grau: MODERNO-TRADICIONAL

situação: SERRA
 topografia: ACLIVE
 ocupação: SOLTA
 superfície: 100-250 m²
 altura: 1 PAVIMENTO/PILOTIS
 volumetria: PRISMA COMPACTO
 base: RECUADA
 cobertura: LAJE ABÓBADA

Plantas, cortes e elevações (esc. aprox. 1/250), e perspectiva

BONDUKI (2000, p. 192)
 CAIXETA (1999, p. 516) - cortes e elevações

Em 1954 Reidy participa da comissão encarregada de demarcar a localização do novo Distrito Federal; dois anos depois, contesta o edital e resolve não participar do concurso para o Plano Piloto. Projeta, em 1957, o edifício do IPE da Guanabara e um pavilhão na Lagoa Rodrigo de Freitas. A pequena casa de campo em Itaipava, projetada para si e para Carmen Portinho é publicada internacionalmente.¹ Localiza-se a uma altitude de 760 metros na serra, no Vale do Cuiabá,² implantada num terreno de 40 por 80 metros limitado por duas ruas. Apesar do declive acentuado, a casa está assente sobre um platô.

A planta tem base quadrada de 10 x 10 metros e eleva-se sobre uma laje nervurada apoiada numa estrutura regular de nove pilares em concreto. Do exoesqueleto formado por seis dos nove pilares deriva a fina casca da cobertura em abóbada dupla.³ O concreto da cobertura⁴ e da laje do piso faz ressaltar a textura natural dos demais materiais utilizados: alvenaria de tijolos no segundo pavimento e alvenaria de pedras roladas, no seu estado bruto, no térreo. Um plano liso cortado em oblíqua antepõe-se ao grande plano de pedras para estruturar os degraus engastados da escada principal, alinhada a um dos eixos. Internamente, o tratamento diferenciado dos tijolos em cada plano revela uma harmoniosa combinação entre a cor natural, a pintura sem reboco e o aparelhamento em relevo, destaque na sala de estar.

No pavimento térreo encontra-se apenas a dependência do caseiro, ficando o pilotis praticamente livre para estar, abrigo para carro e instalações de serviço. Uma escada secundária paralela à principal localiza-se fora da projeção do volume, acessando a cozinha. No pavimento superior, a chegada se dá de frente a uma das faces do invólucro, exigindo o giro e a passagem pela sala. Praticamente não há área de circulação configurada, reduzida ao mínimo no núcleo de distribuição. Separados por planos ortogonais estão sala, cozinha, gabinete, dormitório e banho compartimentado. O esquema funcional compacto repete o utilizado em várias das casas projetadas pelo arquiteto: os ambientes são confortáveis, mas não há áreas ociosas.⁵

As aberturas ocorrem com parcimônia: nas fachadas leste e oeste — onde a parede em tijolos aparentes, passando por trás da estrutura, se encontra com as abóbadas —, as aberturas são altas e correspondem ao vão resultante do arco abatido sobre o plano da vedação, regra seguida na divisória interna; nas outras duas, há esquadrias em vidro e madeira, destacando-se a da sala e a do dormitório —, que ocupam a metade da largura do quadro em que se inserem, mas em módulos separados: três de um lado, um de outro.

A simplicidade das linhas e do volume desta casa evidencia a técnica apurada de Reidy. Nos anos seguintes, apresenta projetos para os concursos da sede do banco de Londres em Brasília (1959), do Museu Nacional do Kuwait (1960) e da Organização Mundial de Saúde em Genebra (1960). De 1962 a 1964 integraria a equipe de projeto do aterro do Flamengo, projetando vários edifícios e equipamentos públicos, como pista de dança, coreto, pavilhões e a bela passarela de frente ao MAM.⁶

¹ Dos periódicos, a casa aparece em *Baukunst und Werkform* 1 (1962) e *L'Architecture d'Aujourd'hui* 103 (1962).

² Cfme. BONDUKI (2000).

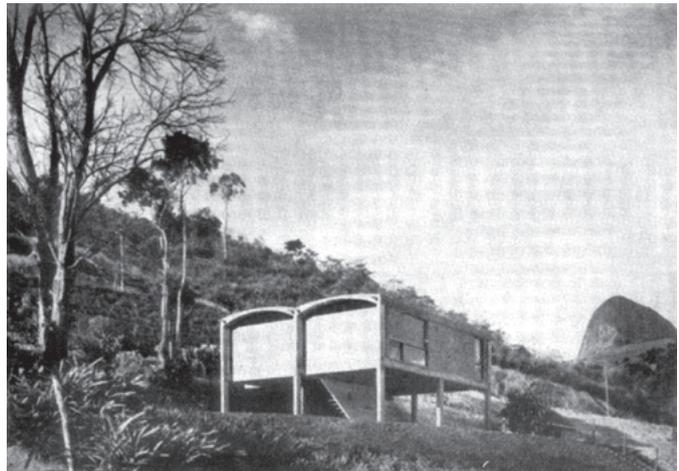
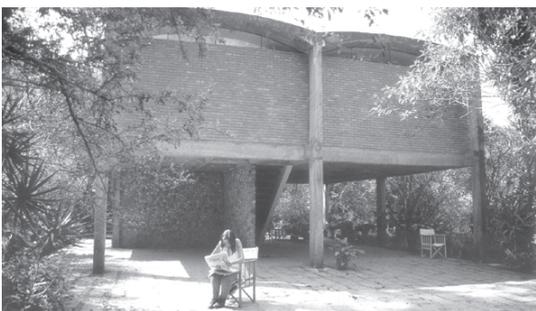
³ Pode-se estabelecer associações com a *Maison Domino*, e as casas da década de 50, como a *Fueter*, as *Jaoul* e a *Sarabhai* de Le Corbusier. “*Com poucas aberturas, trata-se de uma casa voltada para si mesma.*” CAIXETA (1999, p. 514)

⁴ A cobertura recebe isolamento térmico de vermiculite e impermeabilização de emulsão asfáltica. *Arquitetura* 29 (1964)

⁵ Arriscar um paralelo entre a atuação do arquiteto junto ao Departamento de Habitação Popular do Distrito Federal (desde 1946, dirigido por Carmen Portinho), antes Departamento de Construções Proletárias da Prefeitura, não parece despropositado. “*O Conjunto Residencial de Pedregulho, visando uma solução definitiva para um problema longamente pesquisado, compõe de fato uma*

extraordinária realização na história da nova arquitetura brasileira: nele se concretizou a arquitetura social com todas as indicações urbanizadoras no limite da unidade residencial, e deveria ser contado como a organização-piloto, para estudo e desenvolvimento de soluções a serem aplicadas a outros casos.” FERRAZ (1956, p. 46)

⁶ Reidy vem a falecer um mês depois de Marcelo Roberto, fato registrado por FERRAZ (1964) no artigo *Desaparecem dois grandes arquitetos*. A casa de Itaipava estava à venda em 2001, cfme. artigo de NOBRE (2001). In: www.vitruvius.com.br



Vistas externas

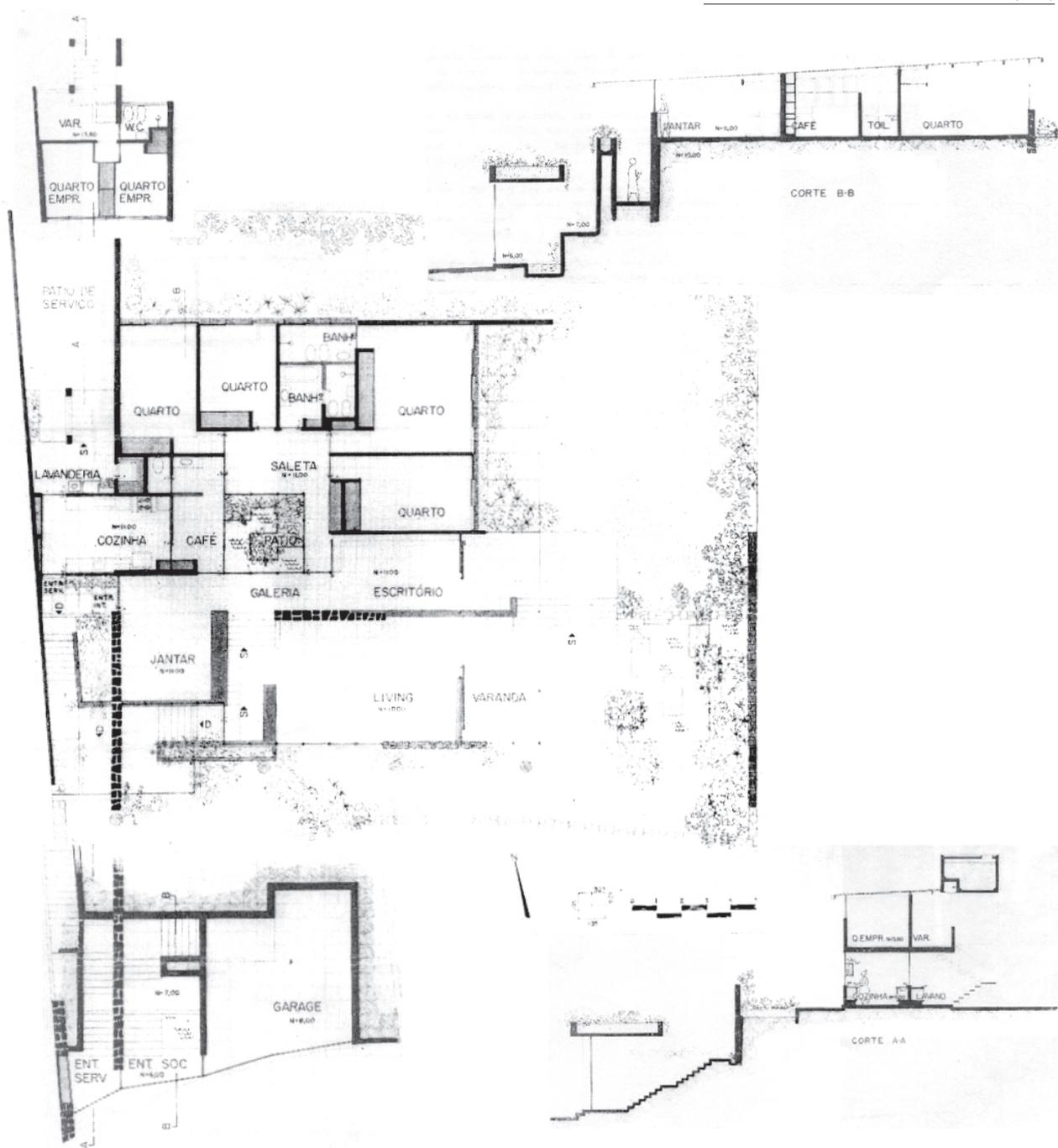
BONDUKI (2000, pp. 193-195)
L'A d'Aujourd'hui 103 (1962, p. 31) - foto sup. esq.



Vistas externas e internas

BONDUKI (2000, pp. 193-194)

<http://www.vitruvius.com.br/ac/ac004/ac004.asp> - foto sup. dir.



nº: 128

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
 grau: TRADICIONAL-MODERNO

situação: CIDADE
 topografia: ACLIVE
 ocupação: SOLTA
 superfície: 250-400 m²
 altura: 2 PAVIMENTOS / BASE
 volumetria: JOGO DE VOLUMES
 base: COPLANAR
 cobertura: TELHADO 1 ÁGUA

Plantas e cortes (esc. aprox. 1/250)

Acrópole 323 (1965, p. 39)

1959

Casa Fernando Tasso Fragoso Pires
 Marcelo Fragelli
 Rio de Janeiro RJ

A casa Fragoso Pires, mencionada na VII Bienal de São Paulo em 1965,¹ situa-se no bairro do Jardim Botânico, em terreno de alicive acentuado. O relevo é condicionante da implantação, em um criterioso exercício de acomodação topográfica; parte do terreno é rebaixada, resultando em dois níveis: um a 4,15 metros do meio-fio e outro um metro acima.² Particularmente interessante é o desenho da seção, esclarecedor das operações de recorte feitas. A construção aproveita alguns muros de arrimo existentes e utiliza pedras retiradas do próprio local em paredes novas — como a que se coloca entre estar e galeria de circulação, ou a que limita o mesmo estar na frente para o jardim.

A planta é ortogonal e configura-se basicamente por planos ora alinhados ora não, quase sempre perpendiculares a um pátio interno centralizado. As entradas social e de serviços e a garagem ficam lado a lado atrás de um portão em madeira, e sob uma laje que tem continuidade no jardim. Em seguida ao portão, uma escada reta leva à cozinha e aos serviços, e outra, intervalada, obriga ao giro de 90 graus para adentrar a área social da residência. O estar antecede os demais ambientes; um trecho de parede da altura de um peitoril é barreira entre ele e o pequeno patamar de chegada. Mais altos, o jantar e o escritório, ambos também separados por meia parede, integram um conjunto espacialmente rico, incrementado pelo prolongamento externo através de varanda e terraço contíguos, cada qual na mesma cota que seu correspondente interno. Quatro dormitórios e dois banhos distribuem-se entre a lateral leste e o fundo norte. Todos são acessíveis a partir de uma saleta que liga também a um lavabo e à copa, estabelecendo a conexão em anel ao redor do pequeno pátio nuclear. Este, um espelho d'água preenchido por floreiras,³ destina-se à ventilação e à iluminação dos três setores. As dependências de empregados ficam num pequeno pavimento superior sobre os serviços.

O arquiteto propõe novamente uma estrutura em madeira, com pilares e vigas em peroba-do-campo dispostas a cada 1,05 metro — módulo da planta do forro em tábuas. O sistema de cobertura, o mesmo da casa de São Conrado, emprega camadas de eucatex e feltro isolante, protegidas por alumínio. O arremate periférico é feito com chapas de cobre.⁴ Uma pérgola sobre o pátio impede a visualização a partir das residências vizinhas, mais elevadas. As esquadrias externas, a maioria de correr envidraçadas, aproveitam como montantes os pilares. As paredes e meias-paredes em pedra ou em alvenarias pintadas de branco, perfeitamente divisíveis em relação aos elementos de madeira, acentuam os efeitos das operações com planos, que dotam de interesse a articulação entre os ambientes.

Do ano anterior é o Posto de Puericultura na Boa Vista, um dos primeiros projetos do autor, para quem arquitetura é arte utilitária, e como tal deve ser julgada.⁵ Recebe, com ele, menção honrosa na VI Bienal (1961). Duas outras casas, ambas de 1979, guardam semelhanças com essa obra e com o esquema da casa Pires, resumido na distribuição celular e centrífuga ao redor de um pátio nuclear: a casa Celso Colombo Filho e a casa Sérgio Colombo, ambas na barra da Tijuca, no Rio de Janeiro.⁶

¹ Cfme. Acrópole 323 (1965).

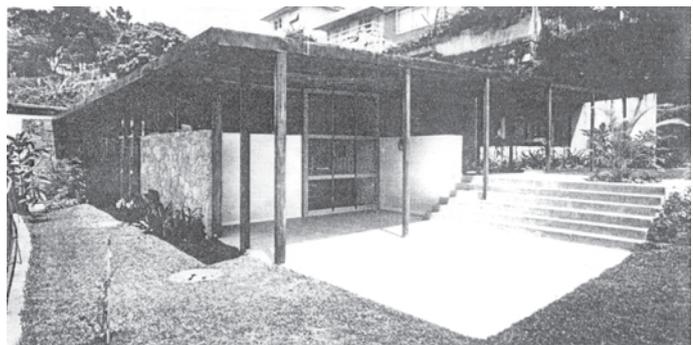
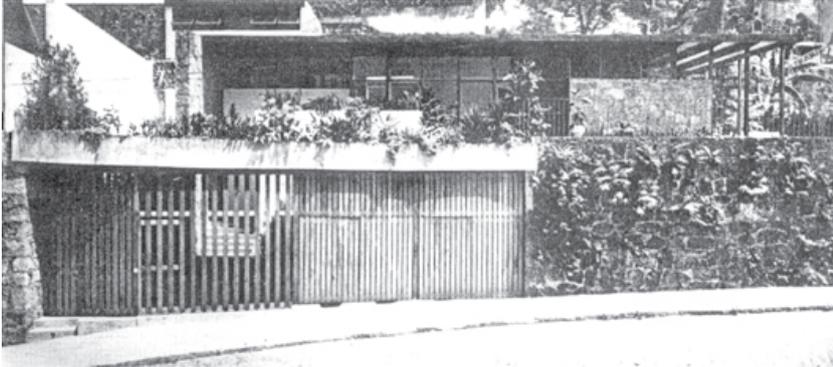
⁴ Cfme. Arquitetura 41 (1965).

² Níveis 10 metros e 11 metros, cfme. Arquitetura 41 (1965).

⁵ Obras publicadas em XAVIER et alii (1991).

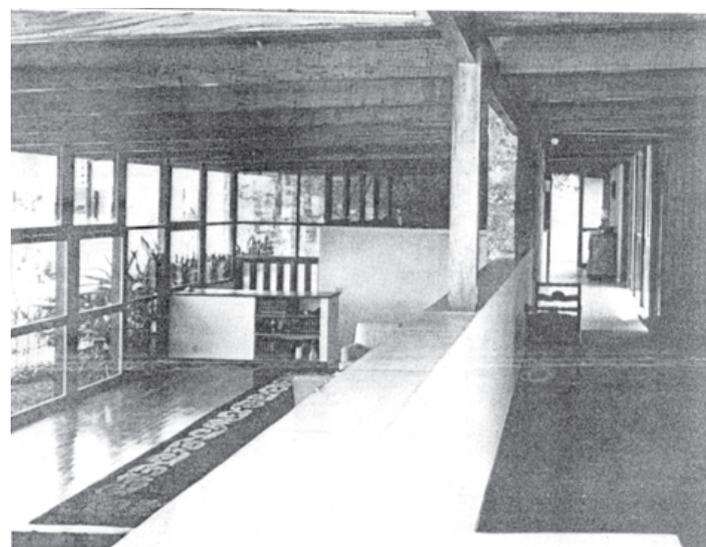
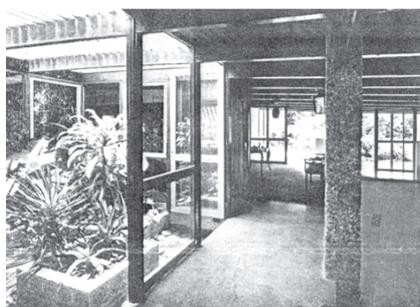
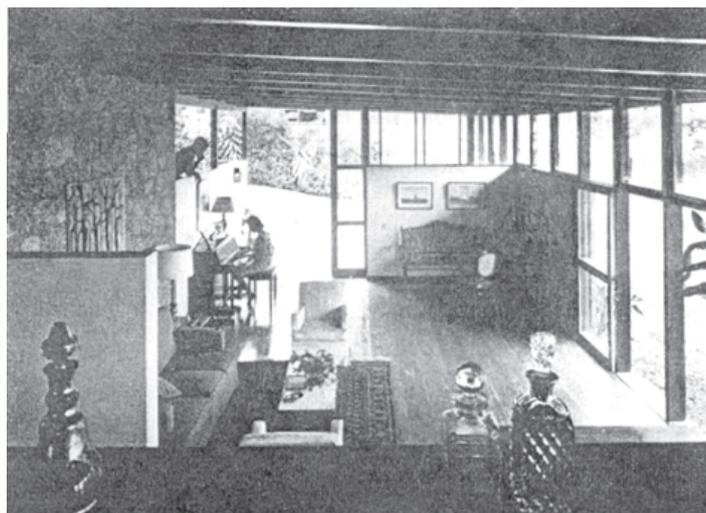
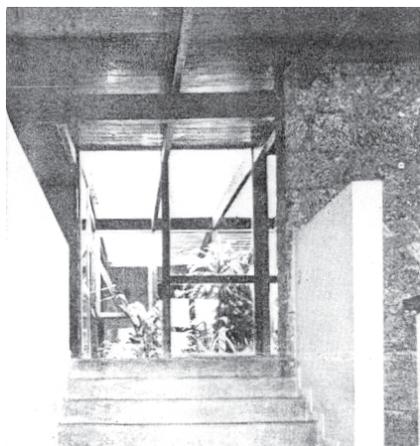
³ “As jardineiras do lago, no pátio interno, têm azulejo antigo, de demolição em fazenda da família, de tom de tijolo queimado.” Arquitetura 41 (1965, p. 14)

⁶ “A estética, em arquitetura, é apenas uma de suas condições, indispensável, mas não suficiente. Sendo a arquitetura uma arte utilitária, a estética tem de ser apreciada sobretudo como necessidade do homem, seu usuário.” FRAGELLI in Arquitetura 6 (1962, p. 41)



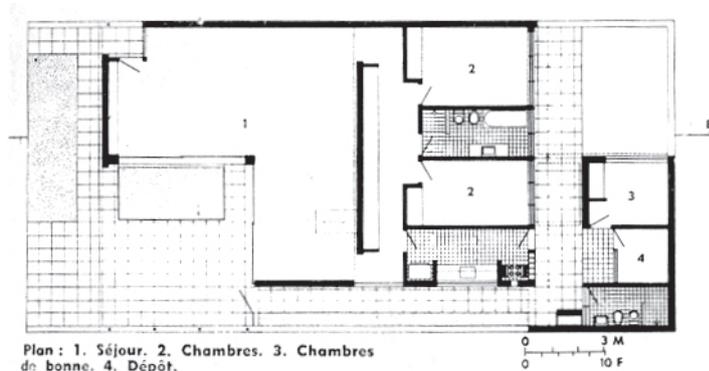
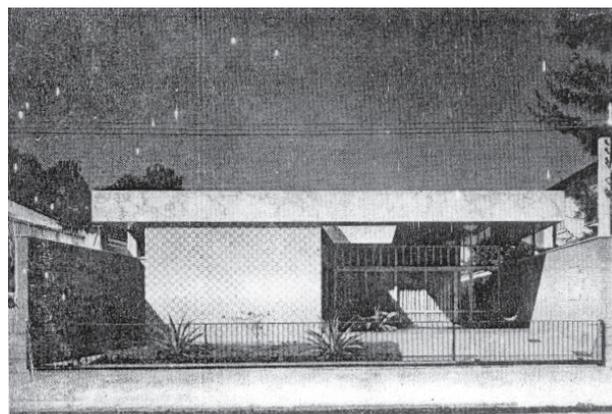
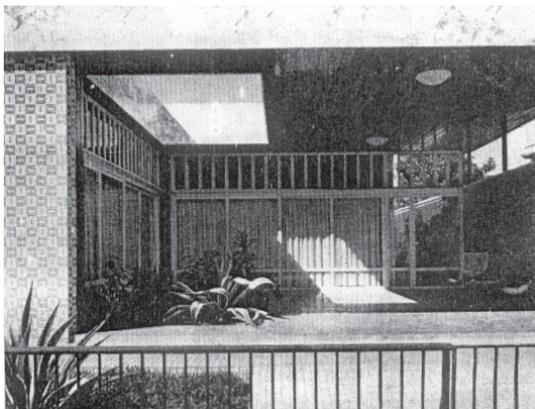
Vistas externas

Acrópole 323 (1965, pp. 38 e 40)
Arquitetura 41 (1965, p. 15) - fotos inf. esq. e sup. dir.



Vistas internas

Acrópole 323 (1965, p. 41)
Arquitetura 41 (1965, p. 14) - foto inf. dir.



Plan : 1. Séjour. 2. Chambres. 3. Chambres de bonne. 4. Dépôt.

nº: 129

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: TRADICIONAL-MODERNO

situação: CIDADE
topografia: PLANO
ocupação: DIVISAS
superfície: 100-250 m²
altura: TERREO
volumetria: PRISMA COMPACTO
base: n/a
cobertura: PLATIBANDA

Planta (esc. aprox. 1/250) e vistas externas

L'Architecture d'Aujourd'hui 90 (1960)

Esta casa de Bolonha em Niterói, implantada em lote tipicamente urbano, publica-se no mesmo número de *L'Architecture d'Aujourd'hui* (1960) em que aparecem as casas Bloch e Alves, em Teresópolis, em página dividida com o quiosque-coreto de Cataguases, do mesmo autor. Divulgam-se apenas planta e duas fotografias da fachada frontal, em que se podem ler todas as características da construção compacta. O terreno de 12 metros de frente por aproximadamente 25 metros de fundo determina o partido térreo, com planta de base retangular colada à divisa da esquerda e pouco recuada em relação ao passeio. O jardim estreito define um afastamento que, somado ao fechamento da fachada frontal, garante a devida privacidade.

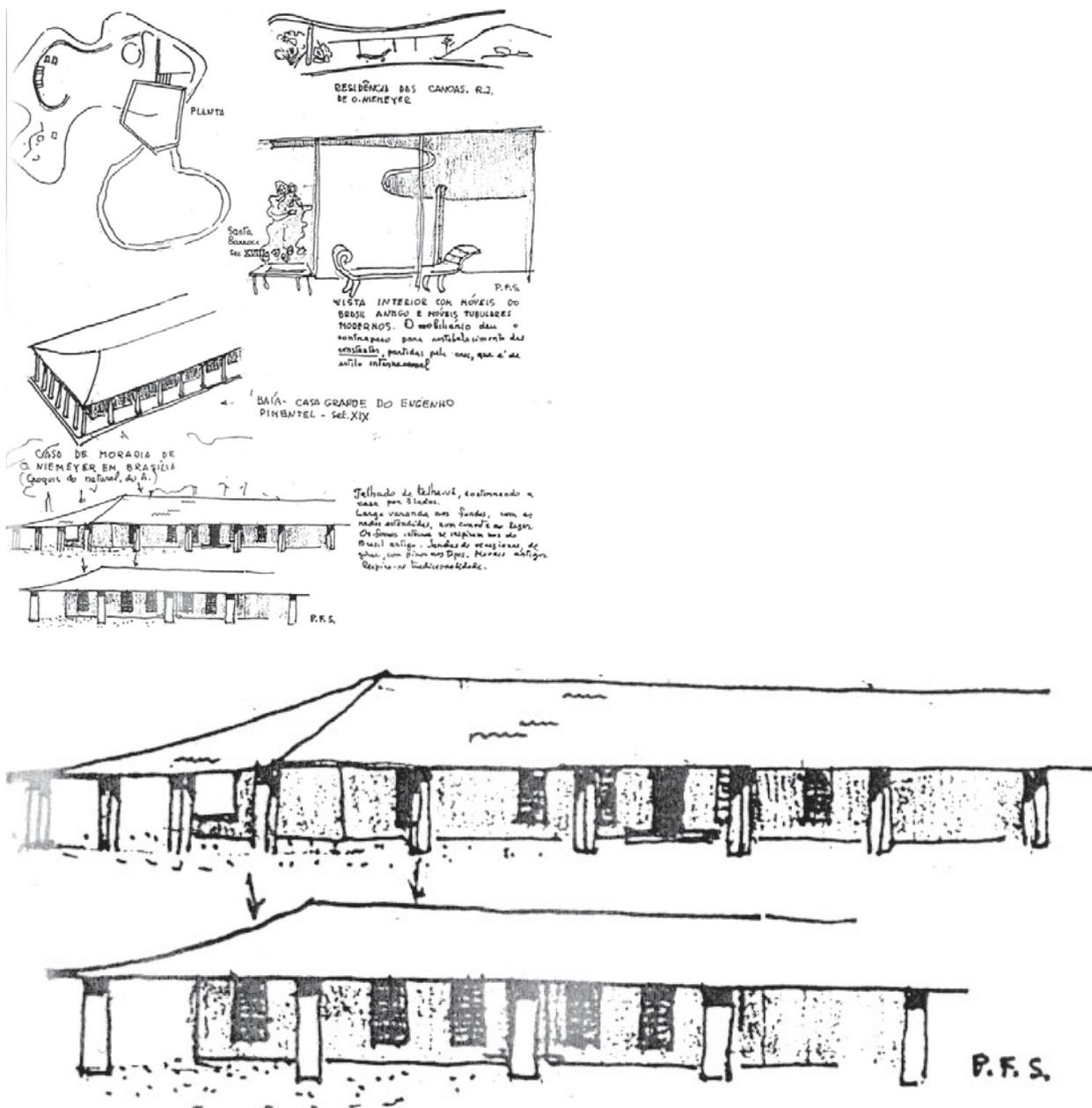
A sala de estar frontal repete a disposição em L das casas anteriores — a subtração no volume dá lugar ao abrigo para carro, sob a laje inteira alinhada à viga de bordo; um recorte retangular não destitui de iluminação a área próxima às esquadrias envidraçadas da zona social, ao mesmo tempo em que as separa do carro através de floreira. A parede de fundo da sala, com passagem pelos dois lados, oculta atrás de si um grande armário e a circulação. Dois dormitórios, sanitário e cozinha alinham-se junto à fachada posterior. A planta complementa-se com a dependência de empregada e a área de serviços junto ao muro dos fundos, no mesmo lado da cozinha. A circulação mantida nesta lateral facilita o acesso independente.

O trecho de parede cega mais avançado é revestido de cerâmica em mosaico de Athos Bulcão,¹ atestando a constante participação de artistas nas obras de Bolonha, mesmo naquelas menos representativas. Mesmo enquadrada nesse rol, a pequena residência de Niterói não se isenta de manter a elegância que conferem, por exemplo, as bandas contínuas de vidros verticais colocadas entre as portas de correr protegidas por cortinas e o forro em madeira.

No início da década de 1960, Francisco Bolonha, como funcionário do Estado, projeta edifícios escolares como a Escola Joseph Bloch, o Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral (1963) e a Escola Roma (1964) no Rio de Janeiro, em cuja construção emprega elementos seriados — desde blocos vazados e esquadrias venezianadas até vigas-calha e lajes de cobertura inclinadas — numa excelente demonstração de racionalidade condicionada à economia de meios exigida por programas públicos de grande porte. Já nos anos 70, a simplicidade predomina em obras como o edifício sede da Companhia Estadual de Telefones da Guanabara (1970), projeto premiado no Salão de Arte Moderna de 1968, a sede do SENAI (1972) no Rio de Janeiro, a casa A. S. F. Alvim (1976), em Belo Horizonte, o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento Telebrás (1979), em Campinas, e o Centro Nacional de Treinamento, da mesma instituição (1977) em Brasília.²

¹ "Pour sauvegarder l'intimité du grand séjour, celui-ci est protégé des vues extérieures par un mur aveugle traité en mosaïque à dominante bleu et blanc, réalisé par Athos Bulcão. Néanmoins, le séjour est très clair, largement vitré sur deux faces et comporte trois orientations grâce au décrochement d'une des façades latérales." *L'Architecture d'Aujourd'hui* 90 (1962)

² "As mutações, ao invés de provocar a dissolução do princípio de ordem original, processam antes seu enriquecimento: a linguagem de Bolonha dispõe de uma gramática, como toda arte maior, e contrariamente àquelas 'obras de arte' cujas gramáticas (...), por não contemplarem a interação peculiar entre leis formais e articulações singulares das mesmas, degradam-se tão logo advêm modificações próprias ou contextuais." FRANCO (1988, p. 25)



nº: 130

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: TRADICIONAL

situação: CIDADE
topografia: PLANO
ocupação: SOLTA
superfície: n/a
altura: TERREO
volumetria: PRISMA COMPACTO
base: n/a
cobertura: TELHADO 4 ÁGUAS

Croquis de Paulo Santos

SANTOS (1988, p. 55)

A quarta casa própria de Oscar Niemeyer é feita em Brasília, onde se encontra o principal de sua produção desde 1955. Naquele ano o arquiteto ainda projeta o edifício residencial no bairro Hansa em Berlin, para a exposição Interbau, os edifícios Eiffel e Triângulo, em São Paulo, e a sede da Novacap, na nova capital. Lá, entre 1956 e 1959, Niemeyer realiza o Catetinho, a capela do Palácio da Alvorada, o Brasília Palace Hotel, as 500 casas para obreiros e o Palácio da Alvorada, a Praça dos Três Poderes, o Palácio do Planalto, o Supremo Tribunal Federal, o Congresso Nacional, o Museu, os Ministérios, a Capela Nossa Senhora de Fátima e o Teatro Nacional, a superquadra 108 com capela e batistério, o Hospital do Distrito, a casa da Guarda Presidencial e o Palácio Jaburu. Em 1960, ano da inauguração, os projetos seguem com o Instituto Metalúrgico, o teatro ao ar livre, o Brasília Tênis Clube, o edifício principal da Universidade do Brasil, o Instituto de Teologia Católica, os alojamentos militares, o CEPLAN, o Coreto na avenida W3 e o Palácio do Desenvolvimento. Na UNB, cujo primeiro reitor é Anísio Teixeira, Niemeyer fica a cargo Instituto Central de Artes junto à Faculdade de Arquitetura até a intervenção militar.¹

A casa do arquiteto é citada em publicações, mas quase não há material disponível, estando fora das principais compilações sobre sua obra, tendo sido noticiada por alguns jornais que se referem a ela como *colonial*. Dos croquis interpretativos e comentários de Paulo Santos podem ser reconhecidas características de construções tradicionais do período colonial, como o corpo de planta retangular recuado em relação aos apoios periféricos, espaçados regularmente, construídos em alvenaria, o telhado de telha vã com largos avarandados *contornando a casa em três lados, as redes estendidas num convite ao lazer, forros internos inspirados nos do Brasil antigo, as janelas altas em venezianas de girar, com pinos nos topos e móveis antigos — respira-se tradicionalidade*.²

É sabido que a arquitetura moderna brasileira não ignora o passado colonial, e, numa aproximação que se aprende respeitosa e habilidosa, sabe dele extrair ricas lições. Oscar Niemeyer é o arquiteto da invenção plástica, mas nem por isso deixa de compreender aquela relação; porém, a casa em Brasília escapa um pouco da linha evolutiva de sua obra, ao aplicar figurativamente alguns recursos evocados apenas à distância em outros projetos.³

Dando seguimento à sua experiência em Brasília, o arquiteto projeta, em 1961, o Yatch Club, revisto em 1965; em 1962, a sede e sala de exposições do Touring Club, o Palácio do Ministério da Justiça, o Palácio dos Arcos ou Itamaraty (Ministério das Relações Exteriores) e um edifício de apartamentos; em 1963, uma escola elementar e um complexo desportivo, esses não realizados.

¹ Cfme. FROTA (1993).

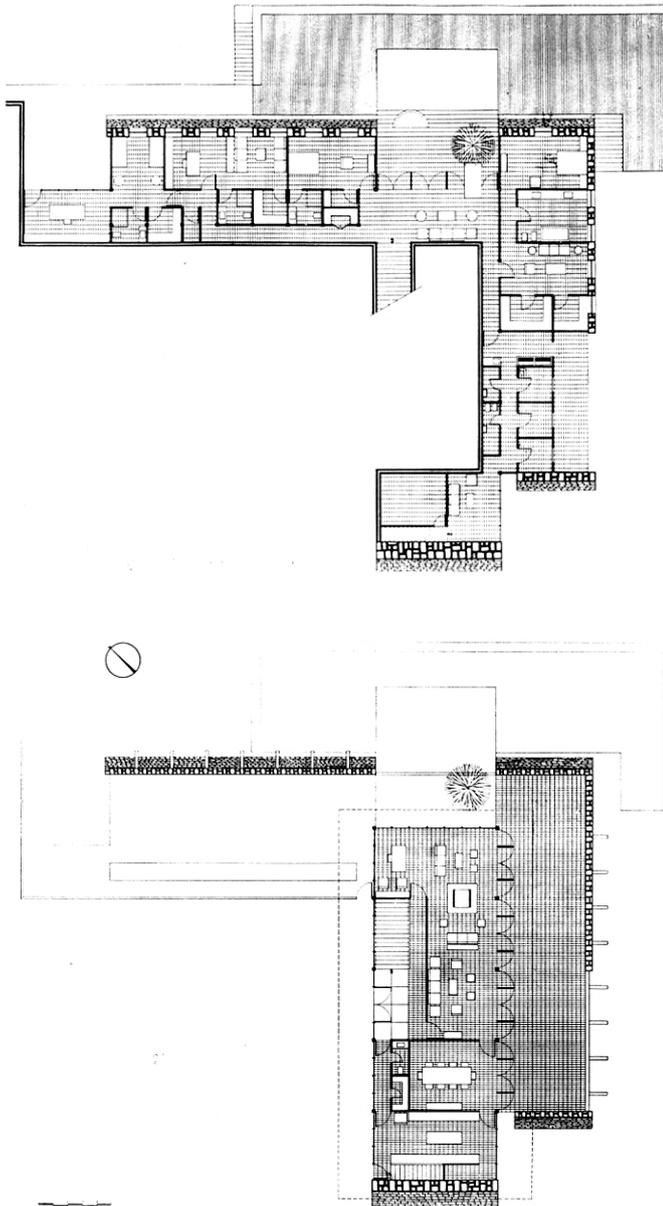
² SANTOS (1988, p. 55) Legendas acompanhando croquis da casa de Niemeyer em Brasília; na mesma página estão croquis da casa das Canoas, inclusive interno com os móveis antigos junto aos modernos, e da casa grande do Engenho Pimentel — séc. XIX, na Bahia.

³ “E talvez tenha sido a nostalgia da perda dos valores tradicionais — que por subjetivos e imponderáveis não são menos legítimos e importantes —, que teria induzido Oscar Niemeyer, quando construiu em Brasília o remanso

de sua morada para o que imaginava ser a quadra final da vida, a adotar, não o partido da casa das Canoas do Rio de Janeiro, plasticamente admirável, mas fria e sem ressonâncias, que tanto podia ser casa como boite, ou cassino, e lhe vinha servindo de residência, mas o partido misto da Casa de Moenda e Casa Grande de Engenho do século XVIII: - planta quadrangular; cobertura de telha-vã contornando a casa por três lados com a santa característica dos telhados desse século, e assente sobre pilares robustos de alvenaria; varanda larguíssima aos fundos com as redes estendidas num convite ao lazer; do lado e à frente do telhado avançando sobre o chão coberto de capim; os

cheios dominando sobre os vazios. Reconstituição de ambiente a atestar a força das constantes de sensibilidade do povo, que nas situações mais imprevistas irrompem com inesperado vigor. (...) E o próprio Palácio da Alvorada em Brasília, a despeito das diferenças de estilo, pertence à estirpe de Colubandê; a mesma serena grandeza, a mesma nobreza desparatosa, e um não sei quê de indefinivelmente brasileiro a provar que, mais do que forma, o que importa à tradição, é o espírito; é ele que, se sobrepondo às contingências efêmeras de cada momento da História dos povos, perpetua no tempo as constantes de sensibilidade nacional.” SANTOS (1988, p. 66)

Acrópole 301 (1963)
BRUAND (1981)
CAVALCANTI (2001)
MACUL (1999) in AU 82
Módulo especial Sérgio Bernardes (1983)
XAVIER et alii (1991)
Zodiac 11 (1963)



nº: 131

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: TRADICIONAL-MODERNO

situação: CIDADE
topografia: DECLIVE
ocupação: SOLTA
superfície: 700-850 m²
altura: 2 PAVIMENTOS
volumetria: JOGO DE VOLUMES
base: AVANÇADA
cobertura: TÊLHADO PLANO

Plantas (esc. aprox. 1/500)

Acrópole 301 (1963, p.7)

A casa que Sérgio Bernardes projeta para si e sua família está debruçada sobre a praia de São Conrado, implantada junto à encosta rochosa da avenida Niemeyer, com a qual não somente integra-se, mas verdadeiramente interage. A opção por técnicas até certo ponto convencionais, aliada à rusticidade de alguns materiais empregados de maneira especial, pressupõe cuidadoso manejo; porém, o que se verifica, é a atenção para com o objeto total, a forma da construção que aproveita as imprecisões para delas tirar substância.¹ A linha reta da piscina sobrepõem-se ao fundo azul contínuo do Atlântico, visualmente aproximando-o.

Construída para ser também o atelier do arquiteto, a casa divide-se em dois pavimentos no terreno em declive, com acesso pelo pavimento superior, no nível da rua, para a qual volta uma face oculta. Neste nível, os limites em quase todo o perímetro da construção se dão através de panos de vidro, translúcidos junto ao pátio de chegada e estacionamento, e transparentes junto aos terraços do pavilhão social, que abriga cozinha, sala de jantar e de estar, com amplos ambientes sucedendo-se em linha e terminando num escritório aberto. Uma escada orientada no eixo longitudinal do prisma retangular desce diretamente para o estar íntimo, articulador das duas alas dispostas em L. Esse estar alinha-se com o grande vazio que descortina a paisagem do Arpoador e de Copacabana atrás da piscina, ladeada por dois outros terraços. A compartimentação do restante da base corresponde à necessária privacidade dos ambientes íntimos, que contam com visuais emolduradas pelas aberturas seriadas ao longo do arrimo espesso, todas orientadas a leste e nordeste. Além do estar íntimo, distribuem-se ali três apartamentos com estúdio, dependência de hóspedes, dependências dos empregados e despensa na extremidade sudoeste.

O volume inferior comporta-se como uma base sólida que define amplos terraços junto às salas superiores, totalmente orientadas para o ambiente aberto que avista o mar. Os muros revestidos em pedra dão força à inserção.² As janelas dos dormitórios ocorrem em pequenas aberturas quadradas nesse muro. Sobre cada uma, calhas funcionam como gárgulas, que jogam a água acumulada no terraço para além da projeção do muro. A modulação regular³ facilita a coordenação entre o concreto, a madeira, o vidro, o telhado plano ‘capa e calha’ em fibrocimento e o forro de lajes pré-fabricadas aparentes no pavimento superior;⁴ entre estes, um colchão de ar ameniza a temperatura. As grossas paredes inclinadas em pedra do pavimento inferior contrastam com o esquema mais industrial, ao passo que estabelecem uma transição entre a racionalidade da construção e a natureza do sítio. O brilho e a cor do piso em cerâmica esmaltada, refletindo a luz que adentra, contrastam com a opacidade e a crueza dos elementos vazados, das vigotas e tavelas e das telhas de aparentes.

A casa do arquiteto Sérgio Bernardes é um dos mais belos exemplares da arquitetura residencial brasileira, por sintetizar na boa forma as variadas características dos materiais e do lugar, a simplicidade e o rico desenho que lhe conferem certo requinte despretenso.⁵ Reformada pelo arquiteto Cláudio Bernardes, filho de Sérgio, tem sua feição profundamente alterada.⁶

¹ “Não se opor às condições reais, sejam de elementos naturais ou humanos, mas compreendê-las e assimilá-las, obtendo, através de fatores contrários, elementos positivos para a sua formulação arquitetônica” — parece ter sido a sua orientação para fazer uma das mais belas obras da arquitetura brasileira: a casa da família Bernardes.” Acrópole 301 (1963, p. 6)

² Haveria uma construção pré-existente de Sérgio Bernardes, possivelmente parte da base do pavimento inferior destinado aos ‘apartamentos’. Cfme. Zodiac (1963).

³ “(...) o mesmo se aplica às preocupações funcionais que desempenharam um papel determinante: orientação ditada

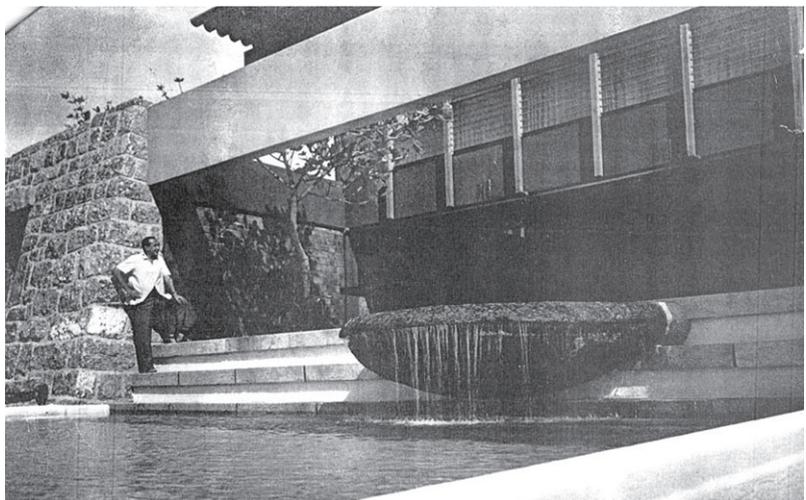
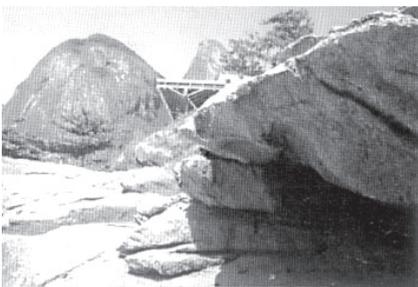
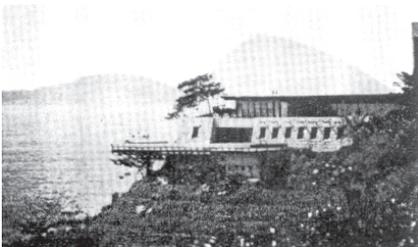
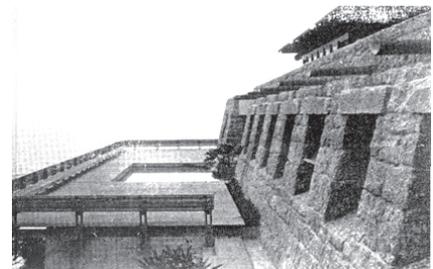
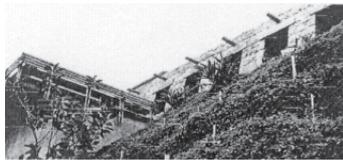
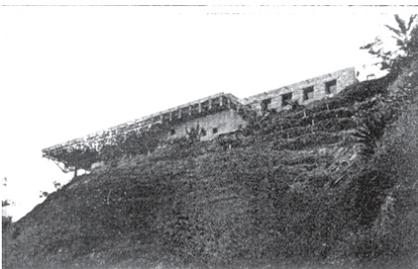
pela necessidade de proteção contra os ventos fortes que vêm do sul, lugar primordial atribuído aos problemas de arjamento contra a umidade, escolha dos materiais e das soluções arquitetônicas em razão dessas considerações e de uma economia estrita, nítida preferência pela construção industrial baseada no emprego de elementos padronizados com a adoção de um módulo estrito (1,20 m) comandando toda a composição.” BRUAND (1981, p. 290)

⁴ “A incessante procura por novos materiais levou Sérgio a criar elementos hoje consagrados em nossa arquitetura, como o bloco cerâmico vazado de 10 x 10 x 10 centímetros, o tijolo de vidro soprado do tipo tijolux e a cobertura em telha meiotubo de fibrocimento (talvez a primeira desse tipo no mundo,

uma ‘telha colonial estendida para seis metros”. BACKHEUSER (2002, p. 25)

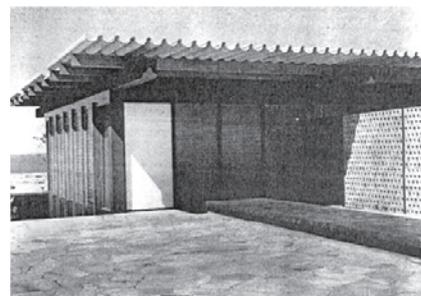
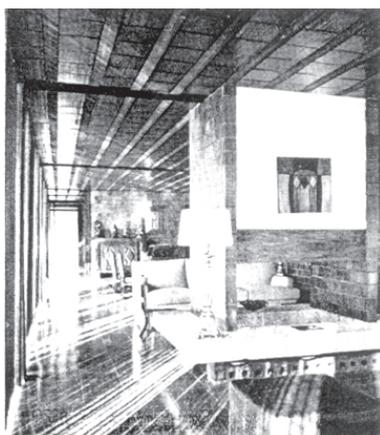
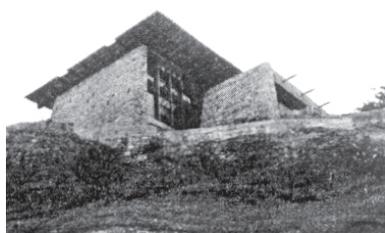
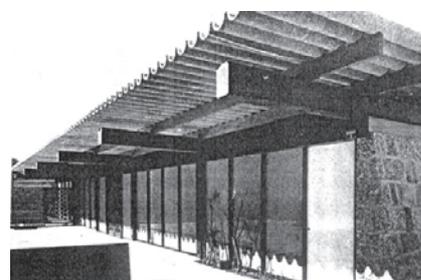
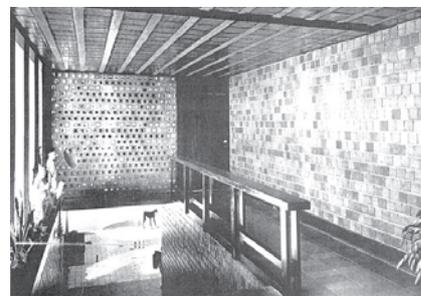
⁵ A revista Zodiac exalta as qualidades derivadas da simplicidade e da do projeto: “Questa fedeltà ai materiali essenziali va sottolineata debitamente, in tempi difficili di ricerche stilistiche, spesso deformate dai revivals, o premeditadamente orientate verso il brutalismo. Dal Brasile, questa volta, un messaggio di serietà e di umiltà.” Zodiac (1963, p. 48)

⁶ Cláudio Bernardes falece antes do pai, em 2001, devido a um acidente automobilístico. A casa foi visitada por Le Corbusier quando da sua última visita ao Brasil, recebendo dele elogios.



Vistas externas

Acrópole 301 (1963, pp.6 e 8)
BRUAND (1981, p. 290) - foto sup. esq.
MACUL (1999, p. 65) in AU 82 - fotos inf. esq. e central dir.
Zodiac11 (1963, p. 49) - foto sup. central e inf. dir.

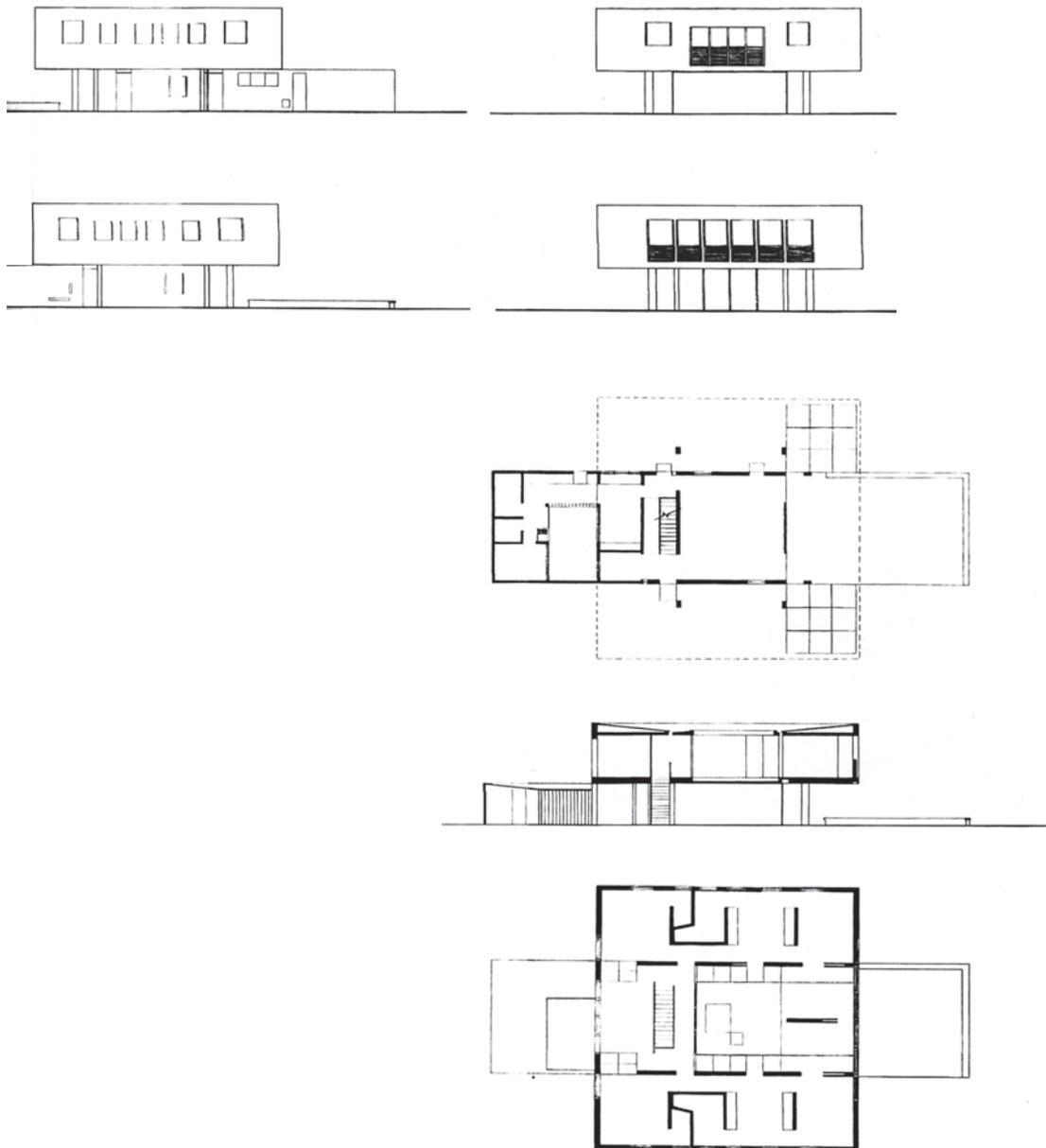


Vistas externas e internas

Acrópole 301 (1963, pp.6, 9-10)

XAVIER et alii (1991, p. 119) - foto sup. central

Zodiac11 (1963, pp. 48, 50-53) - fotos dir.



nº: 132

natureza da documentação: PROJETO
 grau: MODERNO

situação: CIDADE
 topografia: PLANO
 ocupação: SOLTA
 superfície: 400 - 550m²
 altura: 2 PAVIMENTOS
 volumetria: PRISMA COMPACTO
 base: RECUADA - AVANÇADA
 cobertura: TELHADO 1 ÁGUA - PLATIBANDA

Plantas, cortes e elevações (esc. aprox. 1/500)

COSTA (1995, p. 223)

O projeto da casa de Lucio Costa para suas filhas em Brasília é feito após longo recesso de programas residenciais unifamiliares. Entretanto, a tentativa de traçar linhas divisórias entre as realizações resulta em vão, porquanto a dimensão temporal atesta mais relatividade e constância do que linearidade e passagem, e essa independência em relação à temporalidade é atestada nessa casa.¹ Entre 1946 e 1962 o arquiteto escreve *Muita construção, alguma arquitetura e um milagre* (ou *Depoimento de um arquiteto carioca*, 1951), *O arquiteto e a sociedade contemporânea* (1952) e *O novo humanismo científico e tecnológico* (1961), em que expõe a *teoria das resultantes convergentes*. Entre os vários estudos urbanísticos e projetos de arquitetura estão o risco original para a Casa do Brasil na Cidade Universitária em Paris (1952), confiado a Le Corbusier, o risco original do Congresso Eucarístico (1955), entregue a Alcides Rocha Miranda e equipe, o Jockey Clube e o Banco Aliança (1956), e o Plano Piloto de Brasília (1957), a cidade que ‘inventou’.²

O lote urbano fica na região dos Lagos e é ganho à época da implantação do Plano Piloto, mas a casa termina por não ser construída.³ A casa invoca uma pureza e uma regularidade inéditas; Lucio abre mão dos telhados aparentes, das variantes aditivas e das referências vernaculares em favor de um volume prismático de base quadrada, elevado sobre pilotis acima de outro corpo regular retangular, com simetrias em sentido mais estrito, tanto em planta quanto em elevação. Embora os desenhos não contenham indicação dos ambientes, deduz-se que o térreo alongado abriga sala de estar com frente envidraçada, cozinha e apoio. Um pátio alinhado ao limite da projeção superior separa e garante ventilação e iluminação para as dependências de serviço, que assim poupam as fachadas laterais, perfuradas por portas de acesso e poucas janelas. O retângulo é restituído, no lado oposto, com o que aparenta ser uma piscina. Escada transversal em um lance leva ao segundo pavimento, articulado ao redor de um pátio. O eixo geral longitudinal estabelece a distribuição de um apartamento para cada lado, com áreas comuns na faixa central, de largura coincidente com a inferior. Os apoios independentes são quatro, situados dois de cada lado da sala de estar; balanços generosos soltam o prisma puro e evocam de longe a Savoye de Le Corbusier. A cobertura inclina-se para dentro do pátio, oculta por uma platibanda. As fachadas rebatidas do bloco alto têm aberturas quadradas em dois tamanhos, repetidas em intervalos regulares ou não. As outras duas têm aberturas maiores, seriadas e verticais com peitoril, e respeitam a simetria em relação a seu plano — como na frente da casa Hungria Machado de 1941.⁴

Até seu falecimento, em 1998, faria ainda as rampas da Glória (anos 60), o Pavilhão do Brasil para a XIII Trienal de Milão (1964) e o plano piloto para a urbanização da Barra da Tijuca (1969); elaboraria também estudos urbanísticos para Salvador (1972), para a nova capital da Nigéria (1976), para São Luís, e para Casablanca (1980-81). Hábil no manejo das palavras, dono de um texto impecável, Lucio continuaria a expressar suas idéias, vez por outra trazendo algum assunto candente ou respondendo a alguma inquietação, mas nunca gratuitamente. Na compreensão da história da arquitetura brasileira, suas palavras importam tanto quanto seus desenhos — e disso a memória do Plano Piloto para Brasília é uma amostra brilhante.

¹ Cfme. Maria Elisa Costa in WISNIK (2003, p. 138).

² Os textos são republicados em COSTA (1962) e COSTA (1995); neste aparece o título Brasília, cidade que inventei.

³ Cfme. Maria Elisa Costa in WISNIK (2003, p. 139), a casa não foi construída porque o dinheiro deixado no banco terminou com a inflação que sobre ele agiu. “E ele fez um projeto absolutamente enxuto, moderno, como se fosse a leitura dos anos 1960 daquela arquitetura dos 1930. Uma casa grega, impressionante (dessa casa é que saiu o detalhe das janelas do meu apartamento, que foi a primeira coisa de arquitetura que ele fez depois de Brasília).”

⁴ Ver a casa nº 38 da relação geral.



Pavilhão do Brasil na XIII Trienal de Milão, Lucio Costa, 1964.
In COSTA (1995, p. 409)

OCASO: 1961-1965

O governo de Juscelino Kubitschek termina em 1960. Jânio Quadros é eleito novo presidente da República, mas renuncia em 1961. João Goulart, vice do candidato oposto, toma posse (após a campanha da Legalidade de Brizola), mas sob regime parlamentarista, usado como estratégia de controle por parte da oposição.¹ Jango compromete-se a realizar as reformas de base, que intimidam as classes dominantes. É destituído da Presidência pelo golpe militar de 1964, e o substituto, eleito pelo Congresso, é o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, que governa até 1967 através de atos institucionais e emendas constitucionais. O Regime Militar estende-se até a Redemocratização, em 1985, marcado pelo autoritarismo, pela censura, pela supressão dos direitos constitucionais (inclusive de JK, Jango e Jânio), e pela perseguição política. Na economia, há uma rápida diversificação e modernização da indústria e serviços, sustentada pela concentração de renda e pelo endividamento externo; a inflação é institucionalizada e as desigualdades sociais aumentam.

Lucio Costa faz o Plano para a Universidade de Brasília em 1961, e escreve *O Novo Humanismo Científico e Tecnológico*. A Universidade de Brasília prevista no Plano Piloto é fundada com plano de Darcy Ribeiro, inovando a estrutura de ensino, com as idéias de Anísio Teixeira (que o sucede na reitoria em 1963) e com o respaldo de um grupo de intelectuais dos mais respeitados do país. Niemeyer é o responsável pelo campus e pela área de arquitetura e urbanismo, junto com Lucio Costa. Dentre os primeiros professores figuram Ítalo Campofiorito, Glauco Campello e João Filgueiras Lima, Edgar Graeff, além de outros arquitetos vindos do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro, de Pernambuco, de Minas Gerais e de São Paulo. Em Brasília, Lucio projeta a casa para Maria Elisa e Helena Costa, não construída; no Rio de Janeiro, reforma o apartamento de Maria Elisa (1963). E fora do Brasil, é o autor do Pavilhão do Brasil na XIII Trienal de Milão, na Itália, em 1964.

Oscar Niemeyer dá continuidade aos projetos de edifícios para a nova capital: de 1961 são o late-club, o Centro Desportivo e o Estádio (este não construído); de 1962, a sede Touring Club, o Palácio do Ministério da Justiça, o Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty), as habitações pré-fabricadas e um edifício de apartamentos. Fora do Brasil, Niemeyer projeta o Centro de Exposições e o Museu em Trípoli, o centro Desportivo e Hangar Náutico no Líbano. Em 1963, através de correspondência,² projeta a casa Joseph Strick, construída na Califórnia. A Escola Elementar e o Complexo Desportivo da Juventude são projetos não realizados para Brasília, do mesmo ano.³

Ainda em Brasília, Alcides Rocha Miranda projeta a Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, com equipe da UNB, e a casa do embaixador Josías Leão (1961); entre 1962 e 1963, coordena curso-tronco de Arquitetura e Urbanismo daquela instituição, na qual

¹ O parlamentarismo é derrubado em 1963 através de plebiscito nacional.

² Niemeyer não é bem-vindo nos Estados Unidos por ser filiado ao Partido Comunista.

³ “Depois de um longo período de consolidação, nossa arquitetura encontrou, com a construção de Brasília, uma fase de maior grandeza e importância. Grandeza, pelo aspecto monumental que uma capital exige; importância, porque se fez conhecida e fotografada por todo o mundo. (...) Brasília foi um período em que a forma plástica predominou intensamente e disso não me arrependo, pois os que a visitam — gostem dela, ou não — concordam invariavelmente nunca terem visto prédios parecidos.” NIEMEYER (1976-77, p. 17)



Parque do Flamengo, Reidy e Burle Marx, anos 60. In BONDUKI (1999, p. 131)

também atua como professor titular e como suplente do Conselho Diretor. Em 1963 passa a coordenar também o Instituto Central de Artes da UNB, até 1967.

Paralelamente, a Urbanização do Aterro Glória-Flamengo no Rio de Janeiro começa em 1962, em área com cerca de 1200 mil metros quadrados correspondente a aterro sobre o mar, feito com material do desmonte do morro de Santo Antônio. Affonso Eduardo Reidy está no momento afastado do Departamento de Urbanismo da Prefeitura, mas acaba por concordar em retomar o projeto, convencido por Lota Macedo Soares (Presidente do Grupo de Trabalho para Urbanização do Aterro).⁴ O grande parque urbano linear liga o centro à zona sul através de vias expressas, intercalando equipamentos comunitários, de lazer e esportes para diferentes faixas etárias; entre eles, destacam-se os *playgrounds* na praia do Flamengo e na Glória, a pista de dança e espetáculos populares e o coreto no aterro da Glória. O paisagismo é desenvolvido por Burle Marx, numa de suas obras mais belas e significativas. O cruzamento das vias pelos pedestres é feito por túneis ou passarelas, como a escultural passarela Paulo Bittencourt defronte ao Museu de Arte Moderna. Reidy projeta ainda o Fórum de Piracicaba, em São Paulo (1962), enquanto Jorge Moreira integra o Grupo de Trabalho para Urbanização do Aterro Glória-Flamengo em 1961, e projeta um restaurante e sanitários públicos (1962). Reidy falece em 1964, um mês depois de Marcelo Roberto.⁵

Álvaro Vital Brasil continua projetando muitos edifícios residenciais, comerciais e agências bancárias, inclusive do Banco da Lavoura; das casas do período, destacam-se a do arquiteto em Cabo Frio (1961), térrea, elegante ao redor de um pátio envidraçado e coberta com laje plana, e a de Fernando Neves de Magalhães (1964) em Itaipava, um pavilhão com estrutura metálica e telhado plano. Carlos Leão também faz casas, uma igualmente em Cabo Frio — para Homero Souza e Silva —, com feição de hotel-pousada, e outra em Brasília — para Sebastião Paes de Almeida, ambas de 1961.

Francisco Bolonha projeta escolas, como o Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral (1963) e a Escola Roma (1964) no Rio de Janeiro, com blocos vazados, venezianas e vigas-calha pré-fabricadas.

Mindlin, em intensa produção (principalmente encargos de edifícios-sede bancários), faz edifício para Televisão e Rádio Globo (1961), o projeto para a Embaixada da Austrália (não construído) e uma casa em Brasília (1962). Em 1963, projeta o conjunto industrial Estrela, em São Paulo, o Banco do Estado da Guanabara — torre de esquina que lança mão novamente de sistema estrutural periférico, em co-autoria com equipe de Palanti, Morrison, Amaral e Foundoukas —, o conjunto Comercial Nacional Shopping Center Madureira, um edifício

⁴ “Dada a sua posição estratégica, serve o Parque do Flamengo tanto à Zona Norte quanto à Zona Sul, e será fator de vital importância para a saúde mental e física do carioca de ambas as zonas; a falta de jardins, praças e playgrounds no Rio será de certo modo compensada pelos novecentos e trinta mil metros quadrados do Aterro. A idéia básica do projeto é, pois, dar a todos os cariocas e às suas famílias a oportunidade de passar o seu Domingo ao ar livre.” SOARES in BONDUKI (2000, p. 127)

⁵ Cfme. FERRAZ (1964), no artigo *Desaparecem dois grandes arquitetos*.



Partido Comunista Francês, Niemeyer, 1965. In BOTEY (1997, p. 69)



FAU-USP, Artigas, 1961. In ARTIGAS (1997, p. 109)

de apartamentos e o conjunto residencial e comercial Laranjeiras, para Walter Moreira Salles, no Rio de Janeiro (não executado). Em Brasília, construiria a Embaixada Real dos Países Baixos (1964). No final do período, trabalha na urbanização de uma praça com garagem subterrânea e no edifício de escritórios e instalações industriais para o Jornal do Brasil (1965), novamente no Rio de Janeiro, e com a equipe do BANERJ, que assinaria o Hotel Sheraton em São Conrado em 1968.

Em 1961, Sérgio Bernardes faz a casa Maria Enschede em Belo Horizonte e a casa Fernando Segreto no Rio de Janeiro. A casa de João Souza Dantas, em São Paulo, e a de José Luís Magalhães Lins (com belos jardins, no bairro de Humaitá), no Rio de Janeiro, são do ano seguinte, quando também faz também as Petites Galeries nas duas cidades. A casa Sebastião Almeida Ribeiro e a casa Francisco Souza Dantas, ambas no Guarujá, são de 1963. Os demais projetos do período incluem a sede de campo do Jockey Clube de Campinas (primeiro lugar em concurso), o Hotel do Galeão e o Rio Palace Hotel na capital carioca, o Centro de Pesquisas de Cacau em Itabuna, na Bahia, e um domus geodésico para um hotel junto ao Rio Negro, em Manaus, este não construído.

Oscar Niemeyer inicia um período de grande atuação fora do país. Na temporada que passa em Israel em 1964, trabalha no plano da cidade de Negev — cidade vertical —, no projeto para a Universidade de Haifa, no conjunto comercial Nordia Panorama e no Hotel Scandinavia em Tel Aviv (não executados). A casa Federmann em Hertzlia, Tel Aviv, é projeto particular que não sai do papel, assim como a rica casa Edmond de Rothschild na Cesaréia, do ano seguinte. O projeto para as escolas primárias e para a Universidade de Acra, Ghana (1963), não é realizado.

Niemeyer vai a Paris em 1965, onde recebe homenagens em exposições e a permissão de atuar profissionalmente.⁶ Os projetos do momento incluem o clube Sena em Pressigny L'Orvilleux, a sede do Partido Comunista Francês em Paris, executados, o Palácio do Governo em Brazzaville, Congo, o plano para Pena Furada, Portugal, e o centro turístico na Cesaréia, Israel; no que concerne às realizações, elas são poucas proporcionalmente à quantidade de projetos, mas muito significativas — e aumentariam nos anos seguintes, quando o arquiteto vê suas obras construídas na Itália, na França e na Argélia.⁷ No Brasil, 1965 termina com os projetos não executados do Aeroporto de Brasília, do Palácio do Governo de Belo Horizonte, e os executados do Anexo II da Câmara dos Deputados, também em Brasília, e do Clube Náutico Paulista Ilha de Santo Amaro, em São Paulo. Na linha dos grandes edifícios-sede empresariais ou institucionais, Niemeyer faria a sede da Manchete — Bloch Editores (1966) —, e o Hotel Nacional (1968), com planta circular, em São Conrado.

⁶ Cfme. BOTEY (1997, p. 16): “La caída del gobierno constitucional de João Goulart en 1964, y la persecución del Partido Comunista, son problemas políticos que le afectan y que tienen lugar mientras Oscar Niemeyer está en Lisboa revisando el proyecto para la futura Universidad de Ghana. Pese a conocer las denuncias, agresiones y torturas sufridas por sus amigos y aun consciente de su impotencia, vuelve a Brasil durante el gobierno policial de Médici. El asalto a Múdulo y el intento de paralizarlo profesionalmente, le obligan a salir del país.”

⁷ “Diante desse quadro pouco animador, limitada às obras governamentais e aos caprichos da burguesia nacional, alheia aos mais desprotegidos, a esses milhões de brasileiros que nem casa possuem, a arquitetura brasileira — que apresenta exemplos da melhor categoria — perde-se pelas nossas cidades num nível deplorável. Nas zonas habitacionais ela reflete o interesse do lucro imobiliário que a desmerece e comanda; nos centros urbanos, numa confusão de formas e materiais lamentável, a competição profissional e a sociedade de consumo. Mas nos bons exemplos ela assume outra escala. E se faz bela e criadora — técnica e arrojada —, pronta para os grandes

empreendimentos humanos que o futuro um dia vai oferecer. Fora do Brasil, ela não constitui apenas a etapa superior que todo artista deseja: ver seu trabalho conhecido pelo mundo afora. Representa também uma contribuição uma contribuição construtiva e, em certos casos, o desejo de colaborar com os que lutam pelos mesmos ideais. E nessa contribuição, que se expande e fortifica, nossa arquitetura assume aspectos mais radicais, deseja de exibir a técnica mais apurada, de demonstrar o nível artístico e tecnológico do nosso país.” NIEMEYER (1976-77, p. 20) in Módulo 44



Chemosphere, John Lautner, 1960. In www.klangundkleid.ch



Orinda, Charles Moore, 1962. In ALDAY et alii (1996, p. 53)

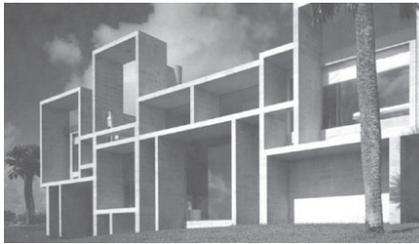
No âmbito mundial, a Europa prospera frente à guerra fria que envolve a América do Norte — onde a guerra do Vietnam é assunto que se mistura às novidades culturais. Na arquitetura, o CIAM extinto é criticado por Jane Jacobs, como as caixas de vidro o seriam por Robert Venturi em 1966.⁸ Chandigarh e Brasília representam vieses distintos, uma fortalecendo o brutalismo ‘em cinza’, outra a leveza ‘em branco’. A polarização gera as primeiras reações que levariam à paulatina valorização da contextualização com o *genius loci* sobre o *zeitgeist*. A consequência, a médio prazo, é a sobreposição da imagem sobre a forma com conteúdo, ou seja, a figuração retoma a importância, em detrimento da abstração — mesmo que aí se incluam as figuras do ‘vocabulário modernista’, mais tarde popularizadas e vulgarizadas em colagens rasas.

As principais experiências são realizadas nos Estados Unidos, que justapõe a cultura incipiente da sua nova sociedade de massas à cultura antiga erudita de raiz européia. Marcel Breuer segue atuando (casa Stillman II em Connecticut), tal como Paul Rudolph (casas Milam, na Flórida, e Wallace, no Alabama), por exemplo; na casa Milam (1961-62), Rudolph maximiza a proporção do quebra-sol da casa Shodhan de Le Corbusier já indicando certo esgotamento, mas ainda com uma criatividade escultural. John Lautner usa a cúpula geodésica de Buckminster Fuller na casa Lalin — ou Chemosphere — (1960), faz a casa Reiner — ou Silvertop — (1961), e ainda a espetacular casa Goldstein (1963-65) em Beverly Hills, em declive com vista sobre Los Angeles. A planta da casa é definida por dois triângulos unidos pelo vértice, e sua cobertura é uma laje quebrada de concreto nervurado em triângulos. Na Califórnia, a casa de Charles Moore em Orinda (1962) é um volume cúbico coberto por quatro águas com lucerna, e duas edículas internas piramidais suportadas por quatro colunas cada (uma delas sobre a banheira semi-social). Albert Frey faz uma segunda casa para si em Palm Springs (1964), uma caixa de aço e vidro coberta por telha ondulada, em pendente de morro; uma grande pedra adentra o volume que se interpõe entre ela e a piscina. Frank Gehry faz a casa Danziger (1964) em Hollywood e Robert Venturi, a famosa e singular casa para sua mãe, Vanna Venturi, (1959-64) em Chestnut Hill, na Pennsylvania, depois de uma estadia em Roma; a simetria externa disfarça a complexidade interna e introduz, junto com a chaminé imbricada com a escada e o acesso, uma revisão dos postulados da arquitetura moderna.⁹

Na Inglaterra, Alison e Peter Smithson fazem a casa Upper Lawn com estrutura em *balloon frame*, pedras e platibanda larga, e James Gowan a casa Schreiber (1964) próxima de Hampstead Heath, um balneário de classe alta; a casa é um castelo de cinco torres conectado à piscina coberta com domo geodésico de vidro, adicionada em 1967.

⁸ *The Death and Life of Great American Cities*, de 1961 — ver JACOBS (2001) e *Complexity and Contradiction in Architecture*, de 1966 — ver VENTURI (2004).

⁹ “La principal razón de la gran escala es equilibrar la complejidad. La complejidad en combinación con la pequeña escala en edificios pequeños significa actividad. La gran escala en el pequeño edificio, como las otras complejidades, consigue tensión más que nerviosismo.” VENTURI in ALDAY (1996)



Casa Mila, Paul Rudolph, 1961-62. In buildersbooksource.com

Paralelamente, na América Latina, Augusto Álvarez constrói quatro casas para sua família; a casa de 1961, em San Ángel, Cidade do México, tem planta elevada quadrada, estruturada regularmente em aço, fechamentos em alvenaria de tijolos pintados e vidros de correr atrás de painéis em madeira. Já Cristián Valdés, na sua casa (1966) em Santiago do Chile, projeta um prisma retangular de aço e tijolos ao qual se soma um volume de parede curva; os pilotis garantem a permeabilidade em meio às árvores e as áreas de estar situam-se no terceiro pavimento, sobre a área íntima.

No Brasil, São Paulo suplanta a idéia — carioca — do paraíso tropical com as casas que utilizam o concreto aparente à Le Corbusier tardio, e destinam-se a uma intelectualidade de esquerda que luta pela autonomia e pelo crescimento do país.¹⁰ As plantas são simplificadas, os volumes são contidos em monolitos, e os suportes e demais elementos, reduzidos, em oposição à generalização de modelos e a banalização de formas da escola carioca, que começam a ser livremente aplicados.¹¹ Vilanova Artigas (com Carlos Cascaldi), em 1961, faz alguns de seus mais importantes projetos, como a garagem de barcos do Santa Paula Iate Clube em Interlagos e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. As residências seriam retomadas a partir de 1966, depois da casa Ivo Viterito (1962). Enquanto isso, Rino Levi faz as casas Carvalho Franco, Cerqueira César (1962), Clemente Gomes, Monteiro (1963), Foucrier, Amarante e a sua própria no Clube de Campo (1964).¹² Carlos Millan garante clara expressão volumétrica na casa para Antonio d'Elboux (1962-64); Joaquim Guedes faz as casas Dalton Toledo (1962) em Piracicaba, Francisco Landi (1965) e Breyton (1965). Em 1964, Paulo Medes da Rocha faz a casa-apartamento para sua família — gêmea da casa para seu irmão —; a caixa em concreto é elevada sobre quatro pilares e vigas que suportam as lajes nervuradas em balanço; as empenas são cegas e as fachadas contíguas abrem-se em uma seqüência de esquadrias metálicas leves, sobre as quais avança a pérgola e a platibanda. Em 1970, Mendes da Rocha lideraria a equipe responsável pelo projeto do Pavilhão do Brasil na Feira Mundial em Osaka, Japão, simbolizando a arquitetura paulista com uma construção efêmera.

O Parlamento em Chandigarh é inaugurado em 1962, ano em que Le Corbusier faz sua terceira e última visita ao Brasil.¹³ Os primeiros estudos para a Casa do Homem, em Zurique, são do mesmo ano. O edifício tem planta formada por dois quadrados com rampa perpendicular entre eles e elevações em aço e vidro soltas sob cobertura que joga com inversões. No ano anterior começa a execução do Centro de Artes Visuais da Fundação Carpenter em Cambridge, nos Estados Unidos, levada a cabo por Josep Lluís Sert. O volume combina base em muros curvos e recortes oblíquos nas aberturas da fachada. Ainda no mesmo ano, são construídas a Casa dos Jovens (com fachada maior inclinada à moda de Niemeyer no Colégio Júlia Kubitschek ou de Reidy no MAM, mas maciça) e uma Unidade de Habitação em Firminy. Em

¹⁰ Cfme. SANVITTO (1994).

¹² Rino Levi falece em 1965, mesmo ano de Le Corbusier.

¹¹ ACAYABA (1985) enumera os 'dez mandamentos' da arquitetura das casas paulistas da década de 60.

¹³ Sobre Brasília, diz Le Corbusier: "*Eles conseguiram uma coisa que eu nunca consegui. Mas contavam com uma coisa que eu nunca tive do meu lado: a Autoridade.*" Cfme. Depoimento de Ítalo Campofiorito, que ciceroneou Le Corbusier na sua visita a Brasília em 1962. (WISNIK, 2003, p. 53). Ver também os relatos sobre esta terceira estadia em BARDI (1984) e em Arquitetura 7 (1963).



Brasília - Congresso, Niemeyer, 1958. In ckphotos.com



Brasília - Palácio da Justiça, 1962. In MONTEZUMA (2002, p. 272)

1964 ficam prontos o Palácio da Assembléia, o Clube, o Museu e a Galeria de Belas-Artes, e a Escola de Belas Artes e Arquitetura em Chandigarh. Ao mesmo tempo, o arquiteto elabora grandes projetos, como o Palácio de Congressos em Estrasburgo, a Embaixada da França em Brasília, a Olivetti em Milão, e o Museu do século XX em Nanterre. Este, assim como a Embaixada, não passam do esboço em virtude da morte do autor em 1965, ao passar as férias no 'cabanon' em Cap Martin.¹⁴

No Brasil, o Executivo ganha plenitude de poderes em 1965, com a suspensão dos partidos políticos. A crise na Universidade de Brasília é provocada pela intervenção militar e pela demissão de 200 professores. São criadas as COHABS — Cooperativas de Habitação, e o Banco Nacional de Habitação, com o objetivo de financiamento da casa própria para a população. Priorizando a questão financeira do problema e delegando à iniciativa privada a responsabilidade de planejamento, surgem os conjuntos habitacionais afastados dos centros, construídos com baixa qualidade, sem preocupações sociais, ambientais ou arquitetônicas, diferentemente dos projetos do Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Distrito Federal coordenada por Carmen Portinho.¹⁵ Um ato complementar institui o sistema bipartidário no país, com a Aliança Renovadora Nacional (Arena), de apoio ao governo e que reúne integrantes da antiga UDN e do PSD, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que reúne opositores de diversos matizes, entre os que sobraram dos processos de repressão pós-golpe.

Cenário de todos os acontecimentos políticos dessa fase conturbada da história brasileira, a singular Brasília traz inicialmente a esperança, como *testemunha a maturidade intelectual do povo que a concebeu, povo então empenhado na construção de um novo Brasil, voltado para o futuro e já senhor de seu destino*, para, em seguida, vislumbrar o ocaso.¹⁶ Muitas são as respostas e *retificações* feitas por Lucio Costa ao longo dos anos posteriores à inauguração da capital, especialmente nos 70 e 80.¹⁷ Não obstante, as críticas negativas ou arriscando insucesso volatilizam-se com o tempo com o tempo, dando lugar a avaliações mais reais, baseadas na vida nova lá criada.¹⁸

As manifestações artísticas sofrem a coerção da ditadura, mas cada vez mais usam de criatividade para protestar; é a época do Grupo Opinião (1965), do Teatro de Arena de São Paulo, e do 1º Festival de Música Popular Brasileira. Em 1967 seria a vez da Nova Objetividade Brasileira, com exposição no MAM do Rio, ao mesmo tempo em que é lançado o movimento tropicalista. O MASP de Lina Bo Bardi é inaugurado em 1968 (ano do Ato Institucional nº 5, que intensifica perseguição à oposição), com o enorme vão livre que mantém a vista sobre a cidade.

Mas as obras significativas da arquitetura diminuem a partir de 1964. A retomada ocorre na virada da década, em direção aos anos 70 do 'milagre econômico', com outra feição.¹⁹ Obras de grande porte aparecem, por exemplo, na orla sul da capital carioca, distanciando-

¹⁴ Na ocasião da morte de Le Corbusier, Lucio Costa vai do Brasil para a França. "Consciente daquilo que representava e defendia, Le Corbusier sempre desejou o respeito e reconhecimento dos franceses, porque a sua obra longe de ser irreverente e predatória como inicialmente se pretendia, foi sempre criadora e construtiva, enquadrando-se portanto na linha da melhor tradição. O seu espírito era fundamentalmente aberto e sem fronteiras, mas a consagração mundial não lhe bastava, e sim a consagração do país de sua origem e adoção." COSTA (1995, p. 585)

¹⁵ SEGAWA (1999, p. 180)

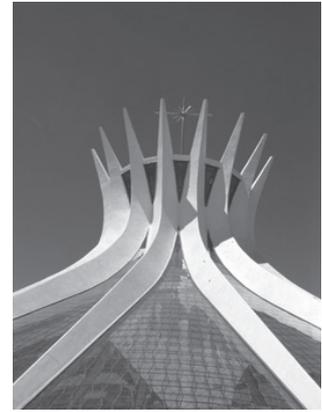
¹⁶ "Boa parte dessa reação derivou de um sentimento de índole pós-moderna: o ocaso das 'grandes narrativas' ou interpretações racionalizadoras, o fim das utopias, o questionamento dos modelos, dos grandes sistemas de pensamento." SEGAWA (1999, p. 198)

¹⁷ "Normalmente, urbanizar consiste em criar condições para que a cidade aconteça, com o tempo e o elemento surpresa intervindo; ao passo que em Brasília tratava-se de tomar posse do lugar e de lhe impor — à maneira dos conquistadores ou de Luis XIV — uma estrutura urbana capaz de permitir, num curto lapso de tempo, a instalação

de uma Capital. Ao contrário das cidades que se conformam e se ajustam à paisagem, no cerrado deserto e de encontro a um céu imenso, como em pleno mar a cidade criou a paisagem." COSTA (1995, p. 303), *O urbanista defende sua cidade*. Entre os muitos estudos e artigos destacam-se, para dirimir dúvidas, de Lucio Costa, o texto *Brasília Revisitada* (1985-87), de Maria Elisa Costa, *Brasília 1957-1985: do plano piloto ao Plano Piloto* (1985), e de Niemeyer, *Minha Experiência em Brasília*. No primeiro, o autor propõe a criação de novos bairros residenciais no Plano, os setores Sudoeste (implantado) e Noroeste. Ver COSTA (1995). Ver também: KATINSKI (1991) e GOROVITZ (1979).



Brasília - superquadras. In MONTEZUMA (2002, p. 283)



Catedral, Niemeyer, 1959. In ckphotos.com

a de sua imagem original com o correr do tempo; o concreto e o vidro dão forma para os programas então vinculados à elite e ao autoritarismo vigente: sedes de bancos, empresas, centros comerciais e hotéis de grande porte, e conjuntos habitacionais desvinculados das ruas com suas mazelas. Na década de 80, a produção diminui enquanto se inicia a abertura democrática e a discussão em torno de novos caminhos a serem seguidos. Das realizações posteriores, destacam-se as residências de José Zanine Caldas, que empregam materiais naturais e técnicas de amplo domínio.

A arquitetura moderna, não obstante o sucesso que protagoniza, ou por isso mesmo, sofre crítica feroz a partir da década de 60,²⁰ exatamente pela ausência de uma ancoragem figurativa com o passado e pelo 'formalismo' das edificações — principalmente as obras públicas ou oficiais, monumentais, ou particulares de elite, em sítios privilegiados, impostas como manifesto. No vácuo dessa tendência surge uma arquitetura explicitamente conectada com o passado, imbuída de historicismo, denominada pós-moderna.²¹ A denominação ocorre em função do entendimento do primeiro período modernista como umbilicalmente comprometido com a visão racionalista e industrial, onde os vínculos culturais com o território seriam desprezados em função de uma eficácia econômica, construtiva e funcional. No entanto, como já visto, essa crítica não procede e logo tem de ser revista; nem eram as boas obras modernas avessas ao passado, nem viria a deixar de sê-lo a arquitetura dita pós-moderna, com o exagero de informações explícitas que, mais do que figurativas, esconderiam a forma como expressão legítima do proposto projetual.

Felizmente o legado persiste em meio aos descaminhos que vêm após Brasília e os anos 60, quando se admite uma diversidade que deixa de implicar maniqueísmo. Busca-se uma compreensão mais geral, baseada em pressupostos de qualidade supostamente universais, ou 'verdadeiros', que permitam dissolver tanto a ilusão do moderno revolucionário quanto o anacronismo romântico. Em parte devido à situação política existente e em parte devido a uma postura imobilista já comentada, algumas regras, poucas transposições e pouco diálogo não permitem o aprofundamento das idéias da arquitetura moderna até os anos 80. A afirmação das circunstâncias é mais atrativa do que as constantes atemporais; talvez por isso a arquitetura que passa a ser produzida subseqüentemente peque tanto: parece carecer de certeza, na tentativa cega de reconstruir-se.

¹⁸ Entre as críticas, destacam-se as negativas de Moholy-Nagy e de Bruno Zevi, e a revisão de Edmond Bacon. Cfme. BRUAND (1981). "Se não tivessem ocorrido Walter Gropius e outros arquitetos europeus para atenuar as afirmações de Bill, os brasileiros teriam ficado muito ressentidos. O fato é que, mesmo exibindo uma despreocupada certeza sobre a validade do que constroem, estes, especialmente os jovens, estão perplexos. Sua arquitetura é a arquitetura da incerteza. (...) Uma análise psicológica não seria difícil: a arquitetura brasileira é a arquitetura da evasão. Em um país imenso, sem valores permanentes ou estabilidade econômica, a arquitetura reflete, na fluidez figurativa e na busca histórica de perfis

licenciosamente novos, um estado de incerteza. (...) A advertência européia não é prematura: por alguns anos ainda poderão se preocupar somente em produzir construções mirabolantes para o Estado e para os milionários; depois, virá o dia em que serão chamados a prestar contas." ZEVI in XAVIER (2003, p. 164)

¹⁹ XAVIER et alii (1991)

²⁰ Antes de meados da década de 60 a crítica era praticamente inexistente dentro do Brasil, como relata GULLAR (1963, p. 7), por ocasião do II Congresso Brasileiro de Críticos de Arte, em 1961.

²¹ "Na verdade, quem iniciou essa nova postura, não ortodoxa vis-à-vis à fase inicial da renovação arquitetônica — o chamado 'pós-modernismo' —, foi o próprio Le Corbusier com a sua capela de Notre Dame du Haut, em Ronchamp, onde prevaleceu, em vez do espaço geométrico brunelleschiano de apreensão instantânea, o 'espace indecible' próprio da concepção dinâmica, barroca. Não sou religioso, 'mais j'ai le sens du sacré' respondeu ele certa vez ao repórter que o interpelava. (...) O equívoco é que os arquitetos contemporâneos, no seu afã de não repetir formas consagradas ainda válidas, se avorem em 'pós-modernos'. Assimiladas que foram as novas técnicas construtivas, eles deveriam pensar em fazer arquitetura, simplesmente. Deixem para os futuros críticos classificarem de 'pós-moderna' a arquitetura que se faz hoje em dia." COSTA (1995, p. 424)

DADOS

De 1961 a 1965 registram-se 13 casas, das quais apenas as duas últimas, de Oscar Niemeyer em Israel, não são construídas. As casas localizam-se, em sua maioria absoluta, fora da cidade do Rio de Janeiro (atestando a difusão); os dados cruzados permitem apontar os indícios da fase terminal da dita arquitetura moderna brasileira — a carioca em particular, porquanto a paulista brutalista ainda marcaria presença até a década seguinte. Assim, quatro casas ficam no Rio de Janeiro, sendo duas urbanas (as de Vital Brazil) e duas suburbanas; duas casas ficam em Cabo Frio, à beira do lago e duas ficam na região serrana. Fora do estado, há uma casa em Brasília (casa Paes de Almeida, de Leão), uma em Belo Horizonte (Ensch, de Bernardes), uma em Santa Mônica, na Califórnia (de Niemeyer, única do arquiteto construída nos Estados Unidos) e duas em Israel. Revisando as autorias, Álvaro Vital Brazil tem quatro casas, Oscar Niemeyer tem três, e Sérgio Bernardes e Carlos Leão têm duas cada. As novas participações incluem a casa de Arthur Lício Pontual e Carlos João Juppá em Itanhangá, e a de Marcos de Vasconcellos em Teresópolis.

As casas situam-se quase todas em terrenos planos, de tamanho médio, e implantam-se, na maioria, soltas das divisas (exceto as casas urbanas e a casa no lago de Vital Brazil). Quanto ao tamanho, seis casas têm área variando dos 100 aos 400 m²; três têm até 550, outras duas vão até os 850 m², e somente uma (a casa Enschede de Sérgio Bernardes) encontra-se na faixa dos 1000 aos 1250 m². Seis casas têm dois pavimentos (uma sobre base), outras seis são térreas e a casa de Niemeyer na Califórnia tem um pavimento com garagem sob uma das extremidades.

Quanto ao partido, cinco casas têm volume em prisma puro (a mais literal é a Rothschild de Niemeyer); das bases, apenas uma é recuada, as demais são avançadas, coplanares, havendo uma mista. As coberturas continuam a diversificar-se: a platibanda oculta a cobertura em três casas e outras três têm laje plana (a da casa Rothschild de Niemeyer com recortes vazados em linhas curvas). Duas casas têm telhado em uma e duas águas, quatro têm telhado plano — introduzido no período anterior na casa do arquiteto Sérgio Bernardes —, e uma tem laje com curva reversa (um V alterado, usado por Niemeyer na casa Federmann). A estrutura é mista na maioria; uma sistematização diferente é criada por Pontual e Juppá na casa do Itanhangá: prevista para facilitar o acréscimo de funções e ampliações futuras, a estrutura mista em madeira é rigorosamente modulada nos dois sentidos, facilitando a justaposição de novas células.

Os programas não apresentam particularidades, e mesmo as casas em Israel, de Niemeyer, são bastante reguladas. Permanece a filiação predominante às gradações intermediárias entre o moderno e o tradicional. Os extremos são dados com as casas de Oscar Niemeyer, junto com a última do período de Vital Brazil, e a de Marcos de Vasconcellos, uma casa feita cuidadosamente nos moldes das casas de campo com aproximações às de Lucio Costa (muxarabis, telhado, beirais com madeiramento aparente pintado em branco, bases de pedra).

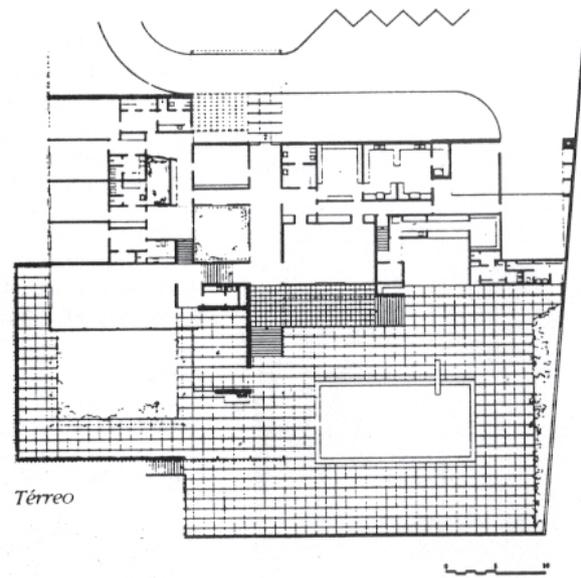
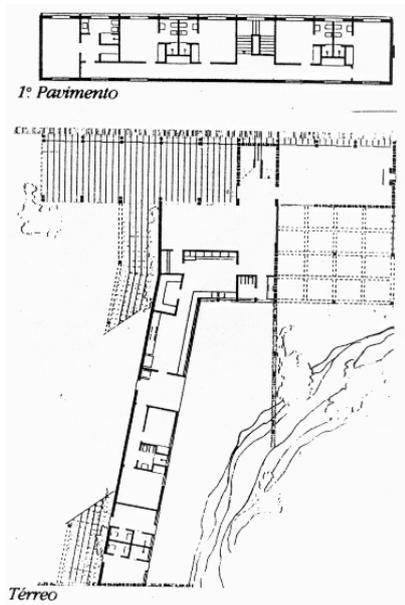
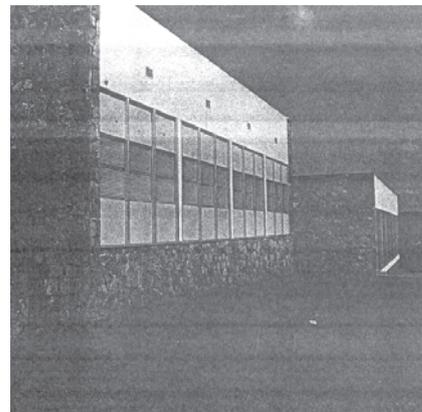
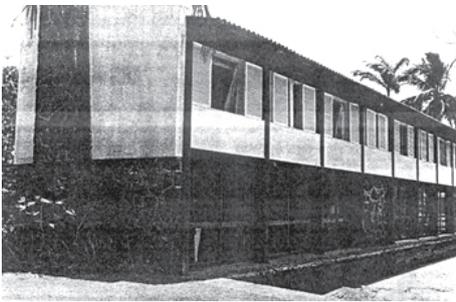
1961 - 1965: OCASO

Nº.	DATA - ANO	CASA - PROPRIETÁRIO	AUTOR - ARQUITETO	CIDADE UF	NATUREZA DOCUMENTAÇÃO
133	1961 ¹⁵	Homero Souza e Silva	Carlos Leão	Cabo Frio RJ	construção
134	1961 ¹⁵	Sebastião Paes de Almeida	Carlos Leão	Brasília DF	construção
135	1961	Do arquiteto	Álvaro Vital Brazil	Cabo Frio RJ	construção
136	1961	De campo	Marcos de Vasconcellos	Teresópolis RJ	construção
137	1961	Maria Coutinho Ensch	Sérgio Bernardes	Belo Horizonte MG	construção
138	1962 ^o	José Luís Magalhães Lins	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção
139	1963	Sérgio Fracalanza	Arthur Lício Pontual e Carlos João Juppá	Rio de Janeiro RJ	construção
140	1963	Joseph Strick	Oscar Niemeyer	Santa Monica CA USA	construção
141	1964 ¹⁶	Cláudio Jessourow	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	construção
142	1964 ¹⁶	Moacyr S. Brasil	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	construção
143	1964	Fernando Neves Magalhães	Álvaro Vital Brazil	Itaipava - Petrópolis RJ	construção
144	1964	Federmann	Oscar Niemeyer	Hertzlia, Tel-Aviv - Israel	projeto
145	1965	Edmond de Rothschild	Oscar Niemeyer	Tel-Aviv - Israel	projeto

OBS.:

Os números sobrescritos junto ao número de identificação das casas indicam aquelas que estão reunidas sob o mesmo comentário.

As letras 'p' e 'o' indicam que a data corresponde à publicação (p) ou à obra (o), no caso de não haver especificação sobre o ano de projeto



nº: 133

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
 grau: MODERNO-TRADICIONAL

situação: LAGO
 topografia: PLANO
 ocupação: SOLTA
 superfície: 550-700 m²
 altura: 2 PAVIMENTOS
 volumetria: JOGO DE VOLUMES
 base: AVANÇADA
 cobertura: TÊLHADO 1 ÁGUA

nº: 134

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
 grau: MODERNO-TRADICIONAL

situação: CIDADE
 topografia: PLANO
 ocupação: SOLTA
 superfície: /
 altura: 2 PAVIMENTOS
 volumetria: JOGO DE VOLUMES
 base: COPLANAR
 cobertura: PLATIBANDA

Plantas (esc. aprox. 1/750) e vistas externas
 casa em Cabo Frio - esq. - e casa em Brasília - dir.

CZAJKOWSKI (1993, pp. 78-79) in AU 48

1961

Casa Homero Souza e Silva / Casa Sebastião Paes de Almeida

Carlos Leão

Cabo Frio RJ / Brasília DF

Antes das primeiras exposições individuais, que ocorrem em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo na segunda metade da década de 60, Carlos Leão projeta a casa para Homero Souza e Silva em Cabo Frio e, no mesmo ano, a de Sebastião Paes de Almeida em Brasília.¹ A casa em Cabo Frio dá um salto formal na linha evolutiva dos trabalhos do arquiteto. Embora não tenha sido construída de acordo com o projeto original,² a casa tem um partido que difere dos anteriores. A implantação, aparentemente livre, responde à situação à beira do canal, em que a orientação solar e as visuais certamente têm papel importante.

A casa tem dois pavimentos interligados por uma escada em dois lances. O térreo espalha-se pelo sítio em uma base quase perpendicular, alongada e ligeiramente rotada em relação à projeção do bloco superior. Neste braço, estão as dependências de empregados e de hóspedes, cozinha e áreas de apoio e serviço; o contato com o outro bloco se faz pelas áreas sociais — sala de jantar e de estar, esta já sob a projeção, tangenciando o vértice. A escada em dois lances posiciona-se num nó de interseção, que no bloco superior se insere na modulação regular. A planta é retangular alongada; cinco dormitórios, cada qual com um banho privativo, distribuem-se linearmente. A fachada correspondente tem tratamento único, com esquadrias venezianadas de correr e beiral do telhado aparente, que do outro lado se esconde atrás de platibanda. Sob esta platibanda, a fachada superior simétrica com três portas de correr venezianadas de cada lado — protegidas por guarda-corpo — contrasta com a inferior, parte vazada, parte fechada em alvenaria de pedras. Já a fachada que se volta para a água é toda transparente, deixando à vista a área de convívio. Parte deste bloco apoia-se sobre pilotis, que no térreo definem uma varanda ligada à galeria paralela ao ramo oblíquo. A idéia de percurso é constante e adequa-se à proposta de permeabilidade.

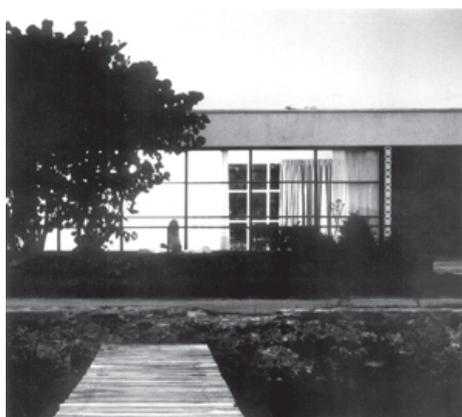
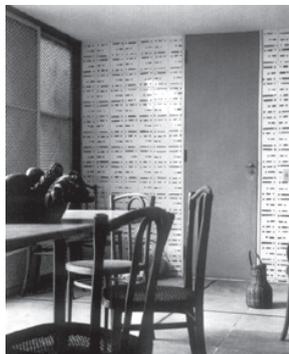
Na casa de Brasília, da qual há apenas uma planta do térreo e uma imagem — o que torna difícil a análise dedutiva —, é possível apontar semelhanças em alguns elementos: a base de pedras, as esquadrias venezianadas (de guilhotina) e a platibanda quase coplanar, ressaltada pelo tom mais claro. Os dois blocos gêmeos evidenciam, se não um certo minimalismo, um comedimento nos quesitos tratamento de volumes e de superfícies.

Embora a produção do arquiteto apresente variações bastante explícitas, a unidade que a permeia é resultado de um conceito mais perene em relação à habitação.³ A elegante concepção espacial está estreitamente ligada a um ponto de vista calcado na base da experiência, mais do que num sistema válido e pré-fixado; ainda que o ser humano tenha necessidades e aspirações genéricas, o indivíduo quer conviver com sua cultura e preservar suas particularidades. A obra de Leão contém este pensamento.

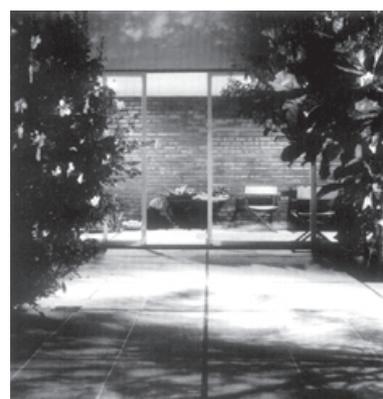
¹ Registra-se ainda a casa de Antônio Martins Bastos em Uruguiana, RS, também de 1961. Cfme. CZAJKOWSKI (1993).

² Cfme. CZAJKOWSKI (1993, p. 79) na versão original, não disponível, a casa dispunha-se em função de sete pátios articulados entre si e com o terreno; "(...) O conjunto formaria uma totalidade arquitetônico-paisagística cujo excepcional interesse decorre da complexa orquestração dos conceitos de percurso, lugar e limite." E atribui ao fato de não se ter desenvolvido sistematicamente a pouca evidência de seus projetos na cena contemporânea.

³ "Impregnados pela presença do arquiteto, balizados por seu olhar sintetizador, é como se os desenhos representassem não uma previsão do que ainda está por vir a ser, mas uma anotação do real, o registro de um espaço vivenciado. A obra proposta emerge do papel com a força de um objeto familiar ao observador. Essa qualidade evocativa, mais ligada à memória do que à projeção, traz à tona a especial sensibilidade do arquiteto para tudo aquilo que cerca o homem no seu dia-a-dia, e seu envolvimento amoroso com os ritos da vida cotidiana." CZAJKOWSKI (1993, p. 80)



PLANTA 0 15m



nº: 135

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: MODERNO-TRADICIONAL

situação: LAGO
topografia: PLANO
ocupação: DIVISAS
superfície: 400-550 m²
altura: TÉRREO
volumetria: PRISMA COMPACTO
base: n/a
cobertura: PLATIBANDA

Planta (esc. aprox. 1/500) e vistas externas e internas

Em meio aos edifícios de apartamentos e àqueles feitos para o Banco da Lavoura de Minas Gerais — muitos explorando a estrutura independente —, Álvaro Vital Brazil projeta e constrói para si esta casa de fim de semana em Cabo Frio. Apropriações imediatas indicam tratar-se de um projeto totalmente diverso daquele de 1940 para sua casa da capital;¹ entretanto, é evidente a permanência da linguagem ‘silenciosa’ adotada pelo arquiteto. Se a condição topográfica para a implantação daquela exige a distribuição em três pavimentos de modo a compactar a planta sem necessidade de adaptação ao declive, a planaridade desta acaba por sugerir maior singeleza, traduzida na construção térrea e igualmente plana. Mas ambas transmitem a simplicidade característica do autor, que na casa à beira do lago combina com o clima de descanso.

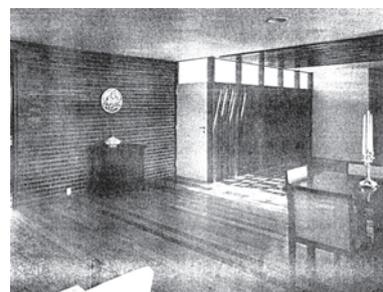
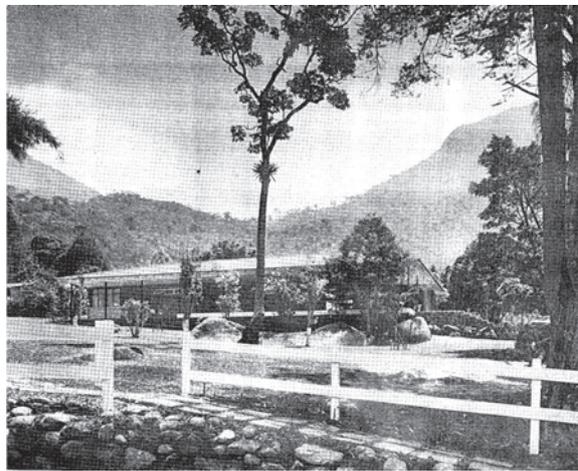
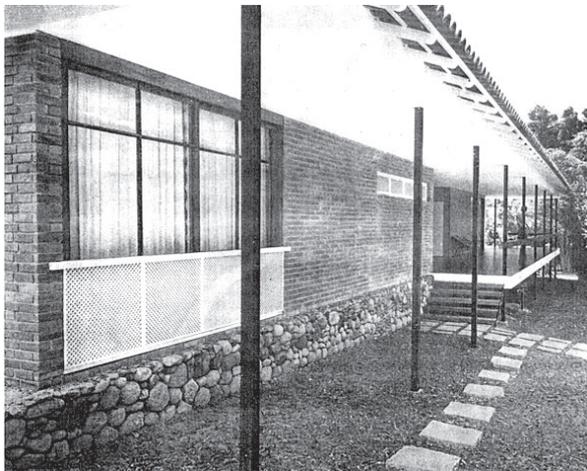
A casa desenvolve-se toda em torno de um pátio,² resultando quase em um quadrado, com um apêndice alongado posterior partindo de um dos vértices nos fundos. Usufruindo da proximidade com o canal de acesso à lagoa de Araruama, a casa volta-se para o embarcadouro, explorando a transparência do vidro em três alinhamentos consecutivos — sala de estar, pátio e dormitórios. A entrada larga fica à direita, com a varanda fechada contínua na mesma ala. A sala de estar fica na ala adjacente e frontal e tem largura igual à maior dimensão do pátio retangular. Cozinha e sala de jantar rebatem a varanda, enquanto a ala dos fundos abriga os três dormitórios e banhos, abertos para trás. A vegetação junto à interface com os dormitórios forma um anteparo visual natural. A distribuição dos cômodos obedece à lógica do partido — serviços nos vértices e ambientes principais comunicando-se diretamente com o pátio ou exterior, num diagrama de fluxos que escapa do convencional. Junto ao muro de fundos mantém-se uma circulação em corredor, que fecha o circuito periférico e permite a chegada ao apêndice estreito. Neste, alinham-se duas peças idênticas, destinadas à sala e ao dormitório, separadas por uma pequena cozinha em linha e banho, podendo constituir-se tanto em uma dependência de hóspedes quanto de caseiros.

Os muros junto às divisas atuam como estrutura portante juntamente com os segmentos de parede internos — apoios independentes são inexistentes. A laje de cobertura em concreto armado é protegida por telhas de cimento amianto e recebe terminação de uma viga de bordo que atua como platibanda; esta, em contato com o prisma puro original, somente reforça a planaridade e a expressão conferida pelos diferentes materiais empregados na construção: tijolos aparentes, madeira em lambris ou em chapas lisas, portas de correr envidraçadas, venezianas e muxarabis em esquadrias de correr em madeira, azulejos artesanais e pisos cerâmicos. Rústicos ou industrializados, combinam-se livremente, mas com parcimoniosa dosagem de efeitos.³

¹ Ver casa nº 35 da relação geral. Cfme. CONDURU (2000, p. 48): “A sua residência de Santa Tereza seria um aquário sobre pilotis na montanha, a de Cabo Frio, um aquário com pátio à beira do canal.”

² “Ou, ainda, como a de Cabo Frio, amenizada pelo uso do tijolo aparente e pela cor alegre da esquadria, sem embargo da total racionalidade da planta concebida para defesa contra o vento e, por isso, desenvolvida em torno de um pátio interno — racionalidade que, no entanto, se mostra despida de qualquer agressividade.” MINDLIN in VITAL BRAZIL (1986, p. 6)

³ “No conjunto de residências espalhadas pelo Brasil, a equação de viga, muro e plano de vidro sintetiza na fachada da rua a idéia do abrigo em uma imagem de racionalidade construtiva industrial, às vezes com um discreto acento rústico.” CONDURU (2000, p. 30)



nº: 136

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: TRADICIONAL

situação: CAMPO - SERRA
topografia: PLANO
ocupação: SOLTA
superfície: 250-400 m²
altura: TERREO
volumetria: JOGO DE VOLUMES
base: n/a
cobertura: TELHADO 2 ÁGUAS

Planta (esc. aprox. 1/500) e vistas externas e internas

Módulo 22 (1961, pp. 27-29)

Marcos Vasconcellos é citado por Bruand em seu livro *Arquitetura Contemporânea no Brasil* com duas casas: a casa de campo em Teresópolis — que aparece em *Módulo* (1961) com imagens e desenho de planta¹ — e outra cujo projeto *celular de grande flexibilidade*, adapta-se ao terreno e às necessidades do cliente.²

A casa de Teresópolis é construída para fins de moradia de seus proprietários, ao contrário da maioria das construções da região serrana do Rio de Janeiro, destinadas a férias ou fim de semana, ao lazer e ao descanso. Uma fotografia desde o portão de entrada da propriedade dá uma vaga idéia do terreno, em aclave muito leve, quase insignificante para a implantação da construção, mas do qual o arquiteto tira partido. Árvores seculares e pedras embelezam o lote, que usufrui de belíssima paisagem com as montanhas ao fundo.³

A casa divide-se em dois blocos posicionados paralelamente e separados por um pátio murado. O bloco frontal, a sul, inclui todos os ambientes principais da residência, enquanto o outro, a norte, é destinado às dependências de hóspedes e empregados, com dois dormitórios para cada; este bloco tem parede contígua à do pátio, à direita, e engloba a área de serviços que se abre para este pátio. No bloco maior, a porção íntima forma quase um quadrado em planta, subdividido em três dormitórios voltados para norte — e, portanto, para a parte posterior, de encontro ao bloco dos hóspedes — e um dormitório maior voltado para a frente sul. Os dois banhos alinham-se nessa faixa. O vestíbulo e o núcleo de distribuição ficam paralelos à cozinha, em posição intermediária no bloco principal, com largura coincidente com a maior dimensão do pátio, para onde se abre, portanto, a cozinha. A sala de estar e jantar em L configura a parcela mais recortada da planta,⁴ a leste, conectada a uma área externa posterior contígua ao pátio, e a todo o avarandado da frente, que amplia a área de estar na esquina.

O volume é tratado com elegância: os materiais são evidenciados na sua condição natural, gerando uma combinação interessante. Uma base em seixos assenta a parte mais fechada do corpo principal; sobre ela, apoiam-se as paredes em tijolos aparentes, interrompidas por esquadria de piso a forro no dormitório principal. Um guarda-corpo em painéis treliçados de madeira pintada de branco serve como filtro e proteção. Do lado oposto, a laje de piso do avarandado ultrapassa o alinhamento da base em pedras, ficando solta na borda e evidenciando a diferença de nível crescente em relação ao relevo natural. A base em seixos ultrapassa o limite da varanda a leste, e termina em escada que vence o desnível e facilita o acesso desde aquele lado. A seqüência de suportes verticais em pilares esbeltos escuros perfuram o piso e contrastam com a laje superior, que é protegida por cobertura em duas águas de telhas cerâmicas; com isso a fachada frontal lembra, de certo modo, a casa Holzmeister (1955) de Paulo Santos e Paulo Pires.⁵ O detalhe dado pelo beiral aparente à frente, com madeiramento pintado em branco, evidencia o requinte dos detalhes.

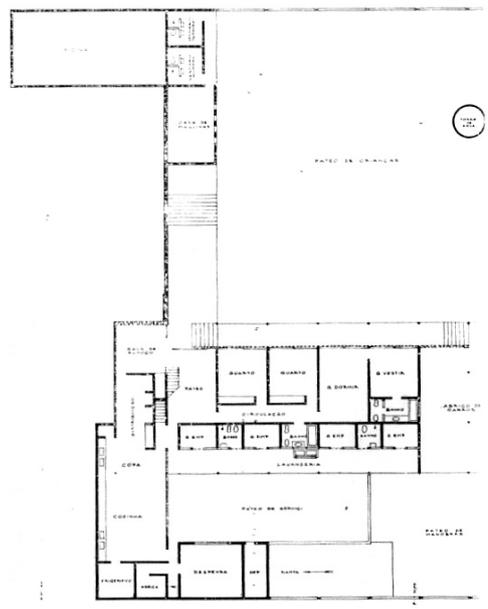
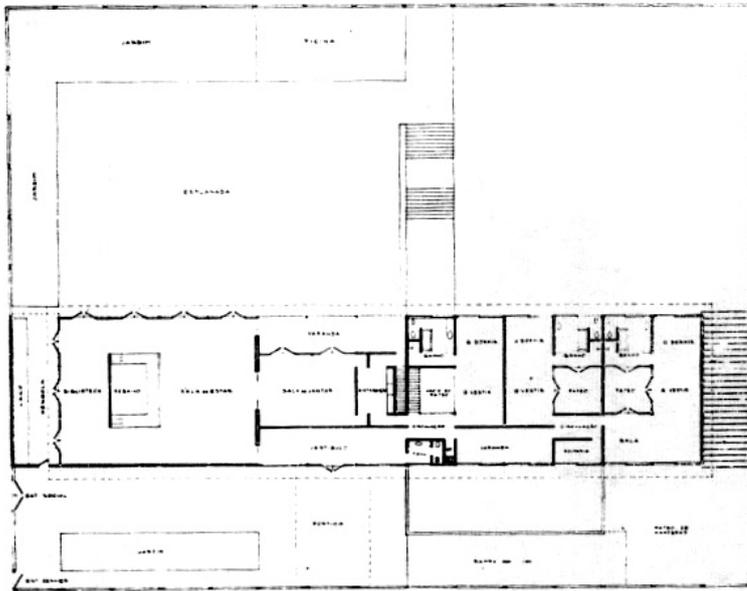
¹ BRUAND (1981) e Módulo 22 (1961)

³ Cfme. Módulo 22 (1961).

² BRUAND (1981, p. 292) comenta sobre a casa que é publicada em Módulo 28, de junho de 1962, e sobre o arquiteto, cfme. a mesma fonte: “Marcos de Vasconcellos foi o colaborador de Sérgio Bernardes nos planos da Universidade Católica do Paraná, de essência tipicamente racionalista.”

⁴ “O clima frio da região justifica a lareira.” Módulo 22 (1961, p. 27).

⁵ Ver casa nº 106 da relação geral.



nº: 137

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: MODERNO-TRADICIONAL

situação: CIDADE
topografia: DECLIVE
ocupação: SOLTA
superfície: 1000-1250 m²
altura: 2 PAVIMENTOS
volumetria: JOGO DE VOLUMES
base: RECUADA
cobertura: TELHADO PLANO

Plantas (esc. aprox. 1/750)

Arquitetura e Engenharia 66 (1963, p. 21)

Seguinte à casa do arquiteto, a casa Ensch, em Belo Horizonte, destaca-se pelas dimensões e pela utilização, novamente, de estrutura mista, com ênfase na porção independente de módulos regulares, e na utilização de materiais industrializados. Publica-se em *Arquitetura e Engenharia* (1963).¹

A casa divide-se em dois pavimentos: térreo no nível da rua e outro inferior, com metade da área. A implantação é simples, mas não convencional. Uma barra ocupa longitudinalmente uma faixa desde a frente até os fundos do terreno retangular em declive, abrindo-se nas duas faces maiores para o interior do lote, que resulta dividido em três faixas: uma destinada aos acessos e serviços, a intermediária definida pela construção propriamente dita, e outra, com o dobro da largura da primeira, ao lazer. Os acessos, um principal e um secundário, são discretos, inseridos no plano do muro frontal. A privacidade é privilegiada em detrimento da comunicação com a via pública, ao que vem a contribuir, igualmente, a pouca altura da casa, térrea.

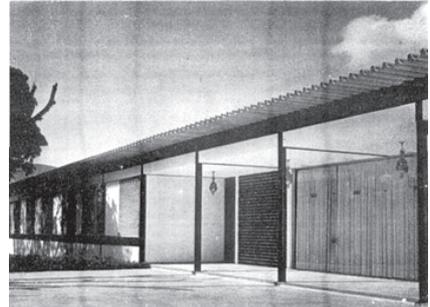
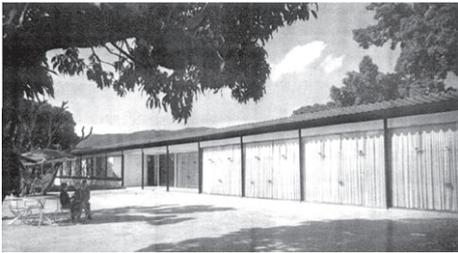
Salas de estar e de jantar, biblioteca, varanda e vestíbulo ocupam metade do bloco térreo; três suítes, cada qual com um pátio particular e uma com saleta, ocupam o restante. Para o pavimento inferior parte uma rampa alinhada com o acesso; as escadas são duas: uma externa perpendicular, que marca o percurso entre as áreas abertas, e duas internas centrais, todas junto ao eixo transversal. No nível inferior encontram-se mais três dormitórios, sanitários, cozinha, dependências de empregados e áreas de serviços, além da garagem. A piscina e os jardins ficam junto ao muro oposto, em linha paralela à da construção. Entre a piscina e a casa estende-se uma esplanada, para a qual se abre totalmente a sala de estar. Um pátio quadrado, indicado como sendo para as crianças, fica no nível mais baixo, acessível por galeria paralela aos dormitórios.

Em virtude da internalização, o arquiteto trabalha muito as aberturas para os pátios, tarefa facilitada pelo emprego da modulação coordenada entre estrutura e vãos, a intervalos regulares; os pilares e vigas são metálicos, e as telhas onduladas em fibrocimento apoiam-se sobre treliças metálicas delicadas na parte aberta, como na casa Lota Macedo Soares de 1951.² O forro liso é inserido nos vãos horizontais, em continuidade aos grandes panos de vidro entre pilares, sem marcação de caixilhos, que garantem a permeabilidade visual das áreas sociais quando as cortinas se abrem — a exemplo da casa Farnsworth de Mies van der Rohe. Nos ambientes que exigem interface opaca, painéis entre os pontos de apoio verticais configuram as paredes. A proteção para os ambientes íntimos dá-se por meio de painéis de correr externos. Uma parede em pedra rosa distingue-se das demais, valorizada pela uniformidade do todo, o mesmo ocorrendo com o mobiliário. A racionalização da construção deixa espaço para a liberdade de apropriação, não obstante a regra clara presente no objeto.³

¹ *Arquitetura e Engenharia* 66 (1963, pp. 20-26); as páginas são quase totalmente ocupadas por fotografias

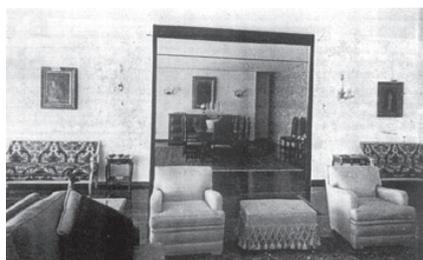
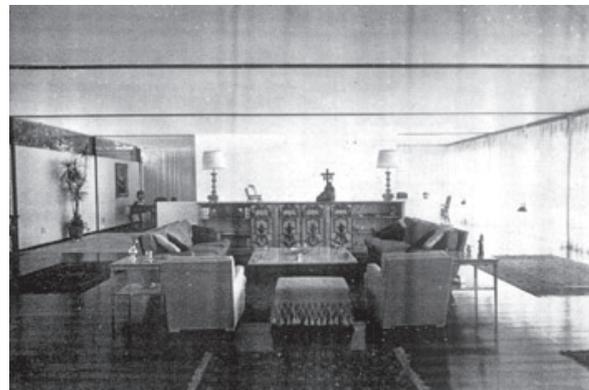
² Ver casa nº 81 da relação geral.

³ “Mas ainda no decorrer dos anos 50 ganha corpo em sua obra o gradual abandono desses em favor de uma crescente imersão na pesquisa autônoma, onde mais importa a experimentação que qualquer compromisso estabelecido de antemão. Cada vez mais, já não é o problema da identidade nacional o móvel de sua obra, senão o próprio ímpeto criativo e a confiança no progresso ilimitado identificados com a cultura americana, seus arranha-céus, suas indústrias, seu espírito jovem, progressista e empreendedor”. NOBRE (2002, p. 1) In: www.vitruvius.com.br



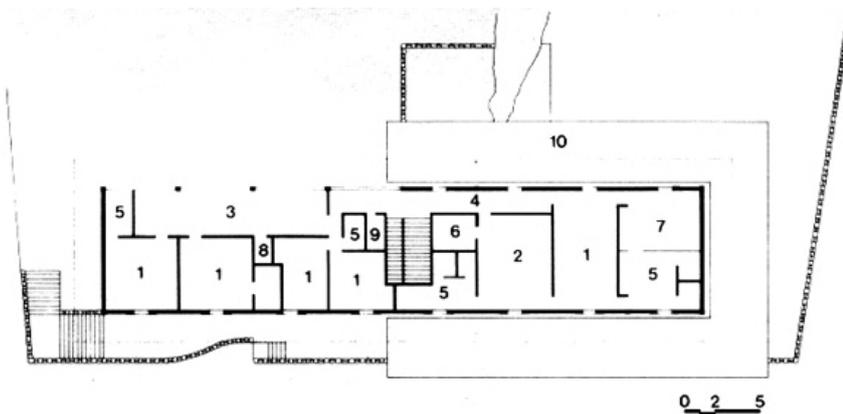
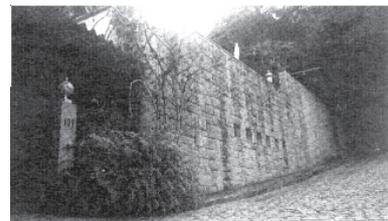
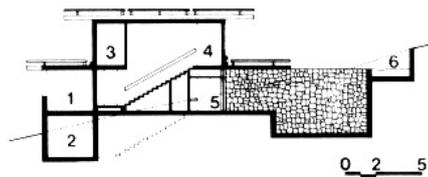
Vistas externas

Arquitetura e Engenharia 66 (1963, pp. 20-23)



Vistas internas

Arquitetura e Engenharia 66 (1963, pp. 24-26)



nº: 138

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: MODERNO-TRADICIONAL

situação: SUBÚRBIO
topografia: ACLIVE
ocupação: SOLTA
superfície: 250-400 m²
altura: 2 PAVIMENTOS
volumetria: JOGO DE VOLUMES
base: AVANÇADA
cobertura: TÊLHADO PLANO

Planta (esc. aprox. 1/500), corte e vistas externas

XAVIER et alii (1991, p. 124)

1962

Casa José Luís Magalhães Lins
Sérgio Bernardes
Rio de Janeiro RJ

Finalizando o período de grande produção de Sérgio Bernardes no que concerne ao programa residencial,¹ a casa Magalhães Lins é publicada com escassa documentação.² Ainda assim, há que destacá-la por suas qualidades projetuais e materialização, condicionadas e proporcionadas pela situação do terreno.

A casa está assentada perpendicularmente à linha de perfil do active, facilitando a implantação do bloco dividido em dois níveis. A planta é um retângulo alongado no segundo pavimento — possivelmente correspondente a outro menor no primeiro —, que iguala-se em cota com o limite da inserção, marcada por um espelho d'água. Abaixo do nível do acesso está a adega, indicada no corte. Cozinha e áreas sociais encontram-se no térreo; uma escada em lance único leva ao piso superior, em que se dispõem, em linha, quatro dormitórios na metade da esquerda — dois menores e dois maiores com banho privativo — e um na metade da direita — servido com banho e rouparia generosamente dimensionados. Este é precedido de um gabinete, igualmente com banho e apoio, enquanto aqueles convergem para uma sala íntima, resultado de um alargamento da circulação voltada para os fundos.

A farta vegetação e a proximidade do alinhamento definem um volume fechado para a rua e mais aberto para a parte posterior. As aberturas quadradas no imponente muro de pedras que caracteriza o invólucro são intervaladas regularmente, dotando as fachadas de uniformidade. Pela planta, nota-se que aberturas mais amplas ocorrem na sala íntima, onde apoios pontuais substituem a continuidade dos planos portantes. A cobertura é plana, em telhas de fibrocimento; um trecho mais largo cobre o bloco edificado, contando com calhas intermediárias para o escoamento da água da chuva; já com largura menor, o telhado apostado em altura intermediária protege tanto a entrada quanto o alpendre e tem continuidade numa das laterais que envolve.

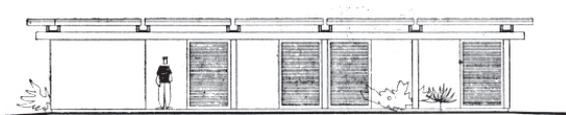
Através do LIC, seu Laboratório de Investigações Conceituais fundado em 1974, Sérgio Bernardes — que já propusera modelos de aviões, veículos, mobiliário, até um novo mapa sustentável para o Brasil, baseado nos rios — continuaria pesquisando livremente soluções para os mais variados problemas, como os bairros verticais habitacionais na cidade do Rio de Janeiro,³ as Células de Informações Submarinas, o projeto Hexágono (módulos para montagem temporária e urgente), os projetos Anéis de Equilíbrio (via de distribuição pela cota 100 dos maciços cariocas), as Habitações sobre a Linha Férrea, o Projeto Lagocean (ligando as lagoas do Rio de Janeiro entre si e com o mar), e as habitações 'metabolistas' sobre cabos em Paraty. No final da carreira, propõe casas elevadas, casas com automação e efeitos resultantes de tecnologias alternativas, como na Kouri (1989-90) e na Turkson (meados dos 1990), ambas com piscinas produzindo vapor, condensando a água em chuva artificial, cascatas, sons, e outros efeitos provocadores de sensações.⁴

¹ Outras residências desse período são apenas mencionadas, ilustrando o relevo da produção, como a casa Joaquim Bento Alves de Lima (1959), José Carvalho (1960), ambas no Rio de Janeiro, as casas Carlos Lacerda e Alberto Ortembald, a casa Fernando Segreto (1961), também no Rio de Janeiro, as casas João Souza Dantas (1962) em São Paulo, Sebastião Almeida Ribeiro e Francisco Souza Dantas (1962) em Guarujá SP. Cfme. Acrópole 301 (1963), que publica material apresentado na sala especial Sérgio Bernardes, com que é homenageado na VII Bienal de São Paulo.

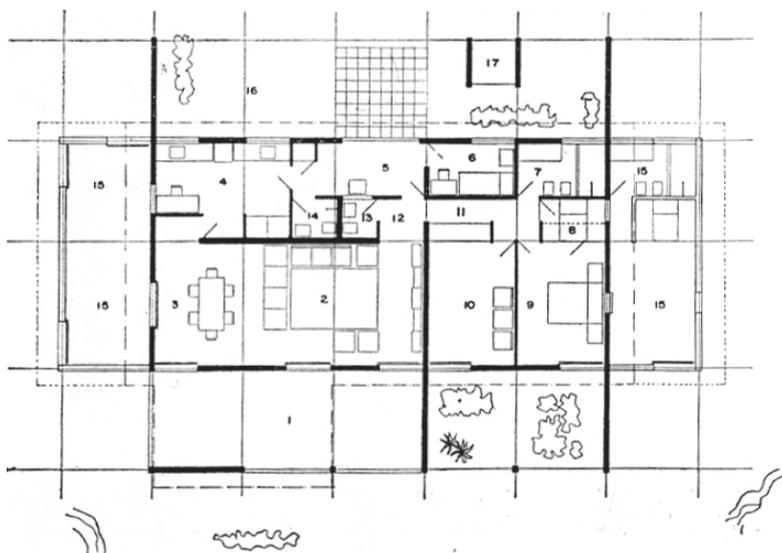
² Publica-se em XAVIER et alii (1991), com uma planta e um corte transversal esquemáticos e três fotografias parciais.

³ Cfme. MACUL (1999), que fala de um bairro-hotel vertical de 600 suítes, cilíndrico, com 600 metros de diâmetro; ao lado, uma ponte dá acesso a Cabo Frio, onde ficam torres habitacionais a cada 500 metros com áreas comerciais de 300 metros entre os espaços livres e estacionamento na base. "Para ele, o arquiteto não é um projetista de edifício ou cidade, mas uma pessoa criativa que tem que investigar e propor melhorias para o mundo." MACUL (1999, p. 66)

⁴ Cfme. BACKHEUSER (2002)



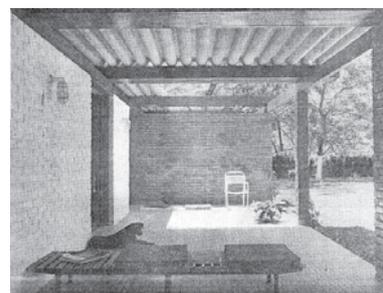
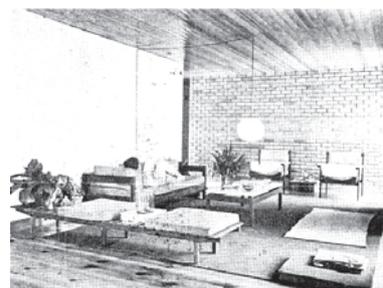
ELEVACÃO PRINCIPAL



nº: 139

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: TRADICIONAL-MODERNO

situação: SUBÚRBIO
topografia: PLANO
ocupação: SOLTA
superfície: 100-250m²
altura: TERREO
volumetria: PRISMA COMPACTO
base: n/a
cobertura: TELHADO PLANO



Planta, corte (esc. aprox. 1/250) e vistas externas

Arquitetura 32 (1965, pp. 12-15)

1963

Casa Sérgio Fracalanza
Arthur Lício Pontual e João Carlos Juppá
Rio de Janeiro RJ

Arthur Lício Pontual e Carlos João Juppá terminam juntos a Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil em 1962. A convite do primeiro, este passa a integrar a equipe da Companhia Brasileira de Estruturas (Cobe) quando ainda estudante, participando como arquiteto a partir de 1963. Pontual atua no exterior em montagens de exposições, e ambos dão ênfase ao aspecto construtivo das obras de arquitetura. É o que pode ser verificado nesta casa de 1963, premiada em 1965 pelo IAB da Guanabara e publicada na revista *Arquitetura*.¹

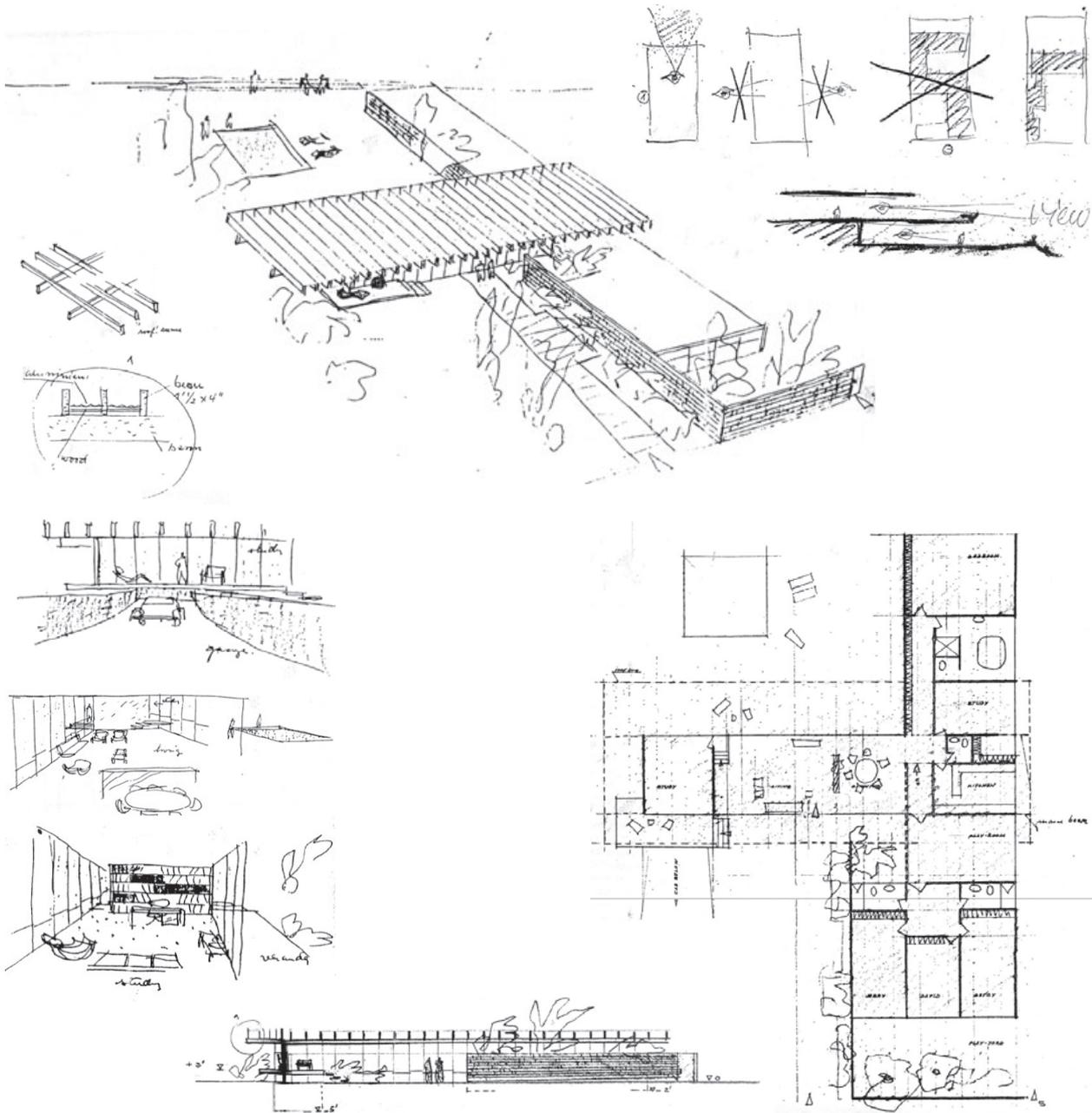
A casa fica solta sobre um terreno plano, rodeado de vegetação e de morros ao longe. A planta tem base numa malha ortogonal de sete intervalos regulares transversais de aproximadamente 3,6 metros, que cruzam com três intervalos longitudinais de quatro metros e um de cinco. Os elementos verticais são todos posicionados sobre a malha, ficando fora das linhas apenas algumas paredes internas menores. Dentro do prisma de base retangular que define o invólucro distribuem-se salas de estar e jantar, copa e cozinha, lavabo, dois dormitórios, banho, dependência de empregada e área de serviços. Com a inclusão das varandas de estar, de um lado, e de mais áreas de serviço, de outro, a planta resulta em quase um quadrado. Acréscimos posteriores são previstos na direção maior, um módulo para cada lado no comprimento.

As paredes são autoportantes, em alvenaria de tijolos aparentes ou caiadas. Dois apoios independentes em madeira aparecem na varanda, apenas. A estrutura de cobertura, também em madeira em duas camadas sobrepostas, com vigas principais dispostas longitudinalmente e secundárias transversalmente, regula a altura dos fechamentos e das aberturas; na fachada principal, estas são portas venezianadas. Forros em lambris e pisos internos em tábuas formam planos paralelos, assim como a cobertura em telhas onduladas de fibrocimento. A planaridade com caimento mínimo exige calhas intermediárias que, colocadas de acordo com as linhas estruturadoras gerais, são embutidas nas vigas secundárias e formam gárgulas nas fachadas posterior e anterior.

A proposta é racional e simplificada, de baixo custo e adaptável a situações diversas devido ao esquema modular e à flexibilidade por ele permitida. O exercício de projeto propondo a ampliação da área é demonstrativo dessa capacidade e torna-se viável muito em virtude da economia de meios — no projeto e na construção. O critério é utilizado em outras casas de Pontual, como as casas no Jardim Botânico de 1966 que se cobrem com abóbadas em concreto, ou a casa de Sérgio Lacerda (1969), ficando menos visível nos edifícios de grande porte como o Hotel Rio Othon Palace (1968), elaborado em parceria com outros arquitetos.² Ainda assim, a visibilidade da estrutura impõe uma organização que ultrapassa a razão funcional.

¹ O parecer do júri ressalta a “*unidade e a beleza*” resultantes do “*uso adequado de materiais*” e da “*simplicidade e clareza da solução*”. *Arquitetura* 32 (1965, p.12)

² Projetos publicados em Guia RJ (2000). Arthur Lício Pontual trabalha em parcerias que incluem Davino Pontual, Paulo de Souza Pires, Sérgio Porto e Flávio Ferreira — no Ed. Linneo de Paula Machado (1972) e no Hotel Rio Othon Palace (1968) —, Davino Pontual e Flávio Ferreira — banco do Brasil (1971) — e Davino Pontual — casas no Jardim Botânico (1966).



nº: 140

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
 grau: MODERNO

situação: SUBÚRBIO
 topografia: PLANO
 ocupação: SOLTA
 superfície: 400-550m²
 altura: 1 PAVIMENTO/BASE
 volumetria: JOGO DE VOLUMES
 base: COPLANAR
 cobertura: LAJE PLANA

Planta e corte versão final (esc. aprox. 1/500),
 diagramas e perspectivas

Arts & Architecture 18 (1964, pp. 21, 26-27)

Além da participação no pavilhão temporário da Feira de 1939, Oscar Niemeyer tem construídas, nos EUA, a sede da Organização das Nações Unidas, também em Nova York (1947-1952), e uma casa em Santa Monica, Califórnia, para o diretor, roteirista e produtor Joseph Strick e sua esposa, a escritora Anne. É a única obra residencial norte americana do arquiteto, já que o projeto para a casa Tremaine (1947) não sai do papel — e a Niemeyer não é permitido atuar naquele país por força de suas convicções políticas.¹ O processo de projeto e as tratativas com os clientes são conduzidos exclusivamente via correspondência, como na casa Tremaine. Para supervisionar a construção e para a elaboração dos interiores contratam-se dois arquitetos locais.² A casa é publicada unicamente em *Arts and Architecture* em 1964, onde aparecem desenhos para três versões anteriores à definitiva, esta acompanhada de uma carta do arquiteto. A primeira versão ensaiada propõe dormitórios num nível abaixo do estar, ambos os pavimentos descortinando a visual posterior para as montanhas, e cobertura recortada, resultando em uma figura planimétrica de arestas desiguais que incorpora áreas abertas — a referência é a casa das Canoas (1953); a segunda trabalha com as duas alas perpendiculares, mas mantém a separação em dois pavimentos; uma terceira muda o sentido da linha de dormitórios, agora no nível superior e paralela. Nenhuma é aprovada pelos clientes e as duas primeiras tampouco pela legislação local. A versão final, acorde com as expectativas dos clientes e as exigências legais, não se furta em utilizar a referência fornecida pelos próprios.³

A casa localiza-se em um bairro residencial bastante valorizado, que conta com projetos de vários arquitetos. A frente sul volta-se para o clube de golfe Riviera Country e os fundos norte para os morros de Santa Monica, visual enfatizada nos esboços do arquiteto. Na sua versão final o partido é um T no lote retangular, que abriga, na ala leste-oeste as áreas de estar, varandas, jantar e um estúdio na extremidade esquerda, sob o qual fica a garagem. A ala perpendicular, à direita, abriga três dormitórios na frente, protegidos por um pátio, e um nos fundos, além de sala de jogos, estúdio e cozinha no ponto de articulação com a outra ala. São aproximadamente 400 metros quadrados distribuídos em um pavimento. Os planos de cobertura são diferenciados pela altura e pelo tratamento — a sucessão de linhas de vigas aparentes intervaladas a pequena distância enfatizam a sobreposição da ala social sobre a outra. A proteção é em telhas de alumínio. Os vãos envidraçados de piso a forro contrastam com os planos de alvenaria de tijolos aparentes ou rebocados. Sobre a garagem, uma laje em balanço acessível por três degraus de escada prolonga o estúdio.

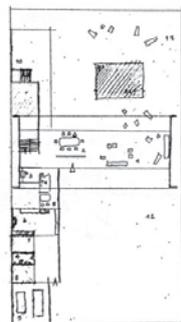
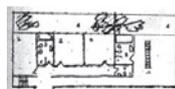
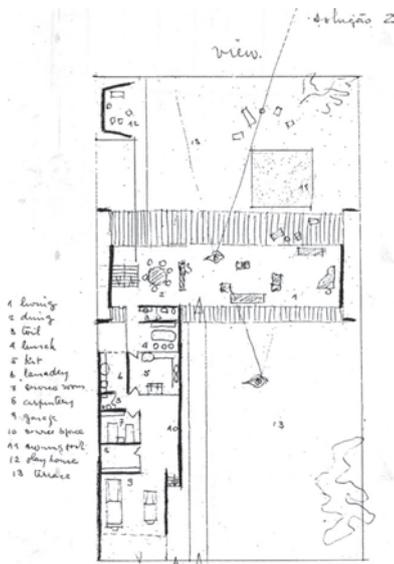
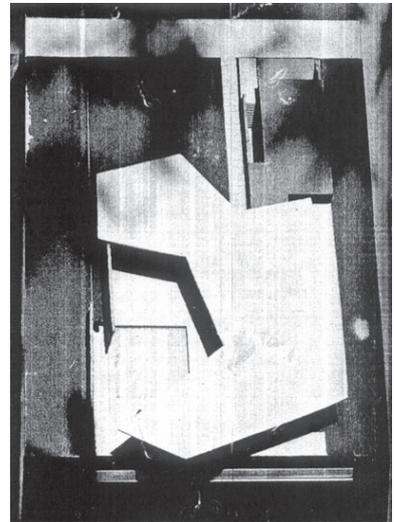
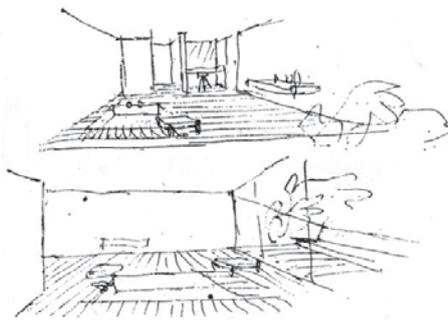
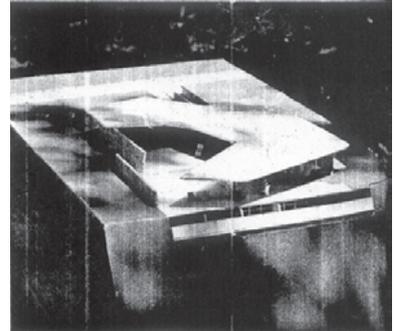
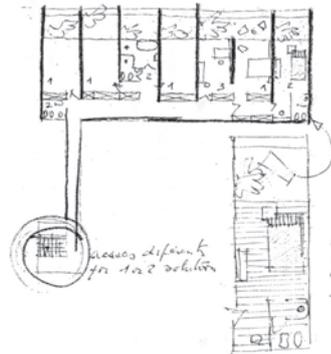
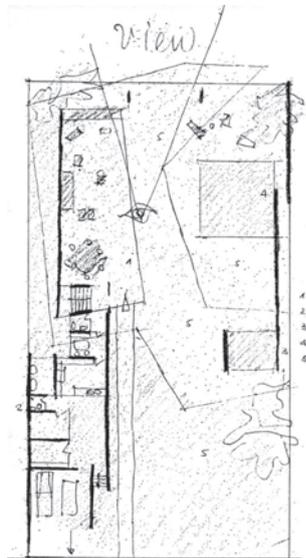
Alterações recentes incluem a retirada desse balanço e a inclusão de quebra-sóis verticais na fachada sul, medida desaprovada pelo Comitê Moderno de Conservação de Los Angeles e pela Comissão de Marcos Históricos, órgãos preservacionistas que lutam pela manutenção da construção. Assim, desde a troca de proprietário em 2002 discute-se o destino do objeto. A revenda da casa em 2003 é indicativa de esperança em prol de sua preservação.⁴

¹ O arquiteto é filiado ao Partido Comunista brasileiro desde 1945. A escolha do arquiteto brasileiro impedido de atuar nos EUA tem também um cunho de protesto por parte do casal Strick, em relação ao embargo. *Strick House, 1911 La Mesa Drive, Santa Monica, California — City Landmark Assessment Report*, 16/10/2003. In: em pen.ci.santa-monica.ca.us/planning/landmark/agendas/2003

³ No caso, um esboço da esposa; uma nota do arquiteto acompanha a terceira e definitiva opção de projeto para a casa. Diz a nota: “*The plan that I am sending you respects the functional lines of the ‘sketch’ sent to me. It is simple, and constructive, economical and beautiful.*” NIEMEYER (1964, p.28) in *Arts & Architecture*

⁴ A casa foi vendida por Anne Strick em 2002 e o novo proprietário, John Monkarsh pretendia demoli-la e construir no local uma casa estilo Craftsman. A Comissão de Marcos Históricos Santa Monica decretou seu valor e a demolição foi adiada. A casa foi revendida em 2003 para os proprietários atuais, os colecionadores Michael e Gabrielle Boyd. Cfme. o documento *Strick House, 1911 La Mesa Drive, Santa Monica, California — City Landmark Assessment Report*, de PCR Services Corporation para a Divisão de Planejamento da cidade de Santa Monica, 16/10/2003. In: pen.ci.santa-monica.ca.us/planning/landmark/agendas/2003

² O arquiteto de Los Angeles Ulrich Plaut foi contratado para o desenvolvimento do detalhamento construtivo. Nos interiores, colaborou a designer Amir Farr.



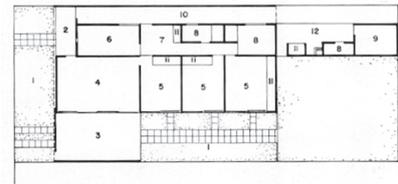
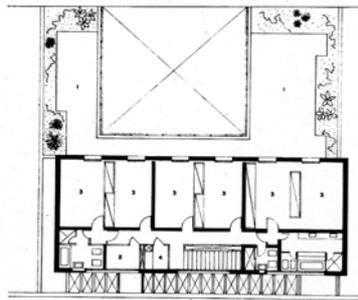
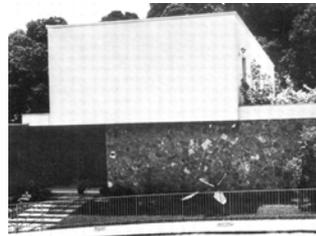
Plantas versão 1 e 2 (esq.),
segundo pavimento comum às duas (centro),
desenhos complementares versão 2
e fotos maquete versão 1

Arts & Architecture 18 (1964, pp. 22-25)



Vistas externas

pen.ci.santa-monica.ca.us/planning/landmark/agendas/2003
you-are-here.com - fotos dir.
www.smmirror.com - foto central
www.arcoweb.com.br - foto sup. central



nº: 141

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
 grau: TRADICIONAL-MÓDERNO

situação: CIDADE
 topografia: PLANO
 ocupação: DIVISAS
 superfície: 250-400m²
 altura: 2PAVIMENTOS
 volumetria: JOGO DE VOLUMES
 base: AVANÇADA
 cobertura: LÁJE PLANA - TERRAÇO

nº: 142

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
 grau: TRADICIONAL-MÓDERNO

situação: CIDADE
 topografia: PLANO
 ocupação: DIVISAS
 superfície: 100-250m²
 altura: TÊRREO
 volumetria: PRISMA COMPACTO
 base: n/a
 cobertura: PLATIBANDA

Plantas (esc. aprox. 1/500) e vistas externas
 casa Jessurow - esq. - e casa Brasil - dir.

VITAL BRAZIL (1986, pp. 110-113)

1964

Casa Cláudio Jessourow / Casa Moacyr S. Brasil
Álvaro Vital Brazil
Rio de Janeiro RJ

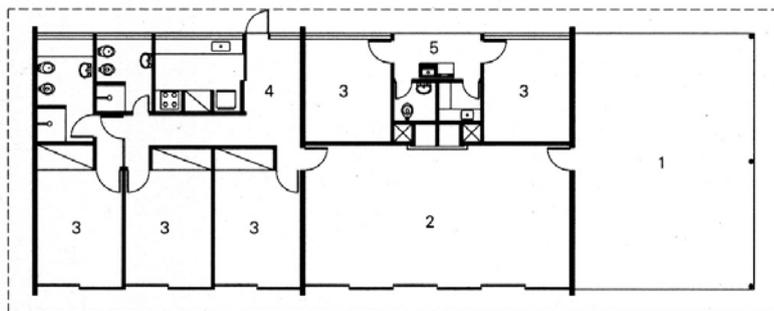
No início da década de 60, Álvaro Vital Brazil continua a elaborar projetos de edifícios de uso residencial, comercial ou misto. Dentre os construídos, destacam-se os para o Banco da Lavoura de Minas Gerais no Rio de Janeiro, em Maceió, em Belém, em Natal e em Belo Horizonte,¹ e os de apartamentos nos bairros de Ipanema e Tijuca. Em 1964 são projetadas as casas para Cláudio Jessourow e para Moacyr S. Brasil, ambas urbanas, localizadas na Tijuca e na Ilha do Governador respectivamente.

A casa de Moacyr Brasil é extremamente simples, térrea, implantada em lote retangular estreito e plano ocupando toda a largura. A fachada anterior — única externa — define-se por uma viga-platibanda contínua acima de três planos: o central em branco, como a viga, e os laterais escuros em contraste, estando o recuo de acesso à esquerda e a porta da varanda à direita.² A planta pode ser lida no sentido longitudinal, em que três faixas de larguras diferentes se justapõem — uma mais estreita e compartimentada com serviços e apoios, uma central com os ambientes principais, e a da varanda. No sentido transversal a leitura se dá igualmente por três retângulos justapostos — zona social perpendicular à íntima, serviços em anexo. Assim, na frente ficam cozinha, sala de estar e varanda, que poderia servir como abrigo para veículo; no centro ficam banhos e três dormitórios, e nos fundos dependência de empregada e serviços. Um corredor de circulação junto à divisa permite o acesso secundário independente. Paredes de alvenaria de tijolos aparentes conjugam-se com as venezianas de correr e com o grande portão vazado em ripas verticais de madeira, que corre externamente junto ao plano cego da fachada, desmaterializando a barreira e liberando a comunicação dos jardins internos com o da frente.

A casa de Cláudio Jessourow tem dimensões mais avantajadas e dois pavimentos. A ocupação se dá em U, de encontro a um muro de arrimo pré-existente, configurando um pátio quadrado para o qual se abrem todos os ambientes de permanência da casa — tal como na casa Brasil, a sala fecha-se para a rua e o acesso de pedestres acontece pela esquerda — o do carro pela direita. O vestíbulo, paralelo à escada que leva ao segundo pavimento, tem duas portas para a grande sala em L que se separa da biblioteca apenas por painéis de correr. A terminação se dá com a sala de almoço, e a comunicação com o pátio é plena, facilitada pelas portas envidraçadas de correr que se recolhem. Na ala dos fundos está toda a banda de serviços. O segundo pavimento é um bloco de base retangular, que fica sobre a ala central do térreo e utiliza a cobertura das outras duas alas como terraço, para o qual se abrem seis portas dos cinco dormitórios. A escada se alinha com os banhos, sala de costura e rouparia. A laje de cobertura é protegida com telhado de fibrocimento escondido por platibanda. O contraste com o branco das alvenarias rebocadas fica por conta da base escura revestida de pedras e das esquadrias sombreadas que marcam as perfurações.

¹ Administração central, com 21 pavimentos, plantas flexíveis e padrão internacional. Cfme. VITAL BRAZIL (1986, p. 157)

² A imagem lembra uma versão reduzida e muito despojada da casa Couto e Silva (1953) de Reidy, ou da casa em Niterói (1960), de Bolonha. Ver as casas nº 94 e nº 129 da relação geral.



PLANTA → N 0 5m

nº: 143

natureza da documentação: CONSTRUÇÃO
grau: MODERNO

situação: SERRA
topografia: ACLIVE
ocupação: SOLTA
superfície: 100-250m²
altura: TERREO
volumetria: PRISMA COMPACTO
base: n/a
cobertura: TELHADO PLANO

Planta (esc. aprox. 1/250) e vistas externas

CONDURU (2000, pp. 104-105)

1964

Casa Fernando Neves Magalhães
Álvaro Vital Brasil
Itaipava - Petrópolis RJ

Do rol que este trabalho abrange, a última casa de Álvaro Vital Brasil é a casa de Fernando Neves Magalhães em Itaipava, de 1964, excepcional na sua carreira.¹ Este é o ano do projeto para os estaleiros EMAQ — Engenharia e Máquinas, na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, que seria ampliado dez anos depois, e do edifício de apartamentos na rua Santa Clara, em Copacabana, que se sobressai por constituir a esquina, num aproveitamento máximo do lote, em uma curva envidraçada.

A casa de veraneio utiliza o aço com o objetivo de otimizar e acelerar a obra.² Implantada sobre um patamar plano num terreno em aclive, a casa destaca-se no sítio verde pela grande placa branca da laje de cobertura, um retângulo pousado sobre um prisma ortogonal de menor comprimento, que quase se mimetiza e visualmente flutua sobre o fundo, pelo escuro das sombras e dos materiais. A casa é térrea e tem uma organização planar simples e enxuta, como as outras do arquiteto. O programa reduzido é distribuído em duas faixas paralelas, subdivididas transversalmente em dois módulos iguais: na anterior, ficam a sala e os três dormitórios; na posterior, mais estreita, ficam os banhos, a cozinha, a copa, os serviços e a dependência de empregados. A área aberta sob a projeção da cobertura define uma faixa perpendicular, de largura diferenciada, que serve como abrigo para carro e varanda.

A estrutura é mista: no bloco fechado, são as paredes portantes em alvenaria de tijolos aparentes, nas laterais dos dois módulos, que sustentam a laje de cobertura; os apoios complementares ao avanço da laje são três esbeltas colunas metálicas escuras. O balanço é contínuo e uniforme, contornando toda a base estrutural e reforçando a idéia de plano solto. A proteção da cobertura é feita com telhas de fibrocimento que se alinham em seis faixas longitudinais, marcadas pelas calhas intermediárias que recolhem a água da chuva e a jogam para fora através de gárgulas na extremidade.

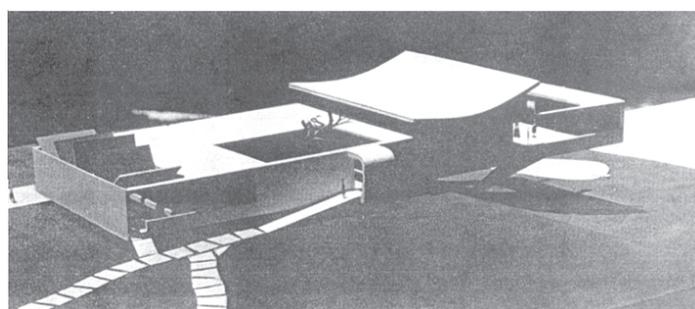
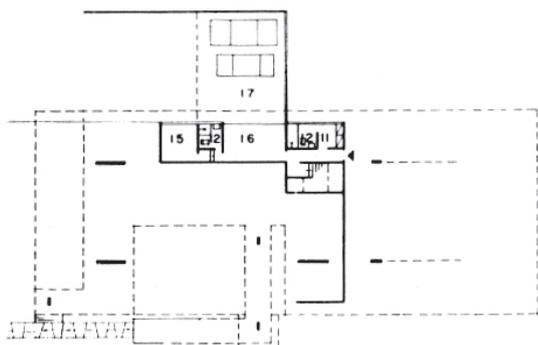
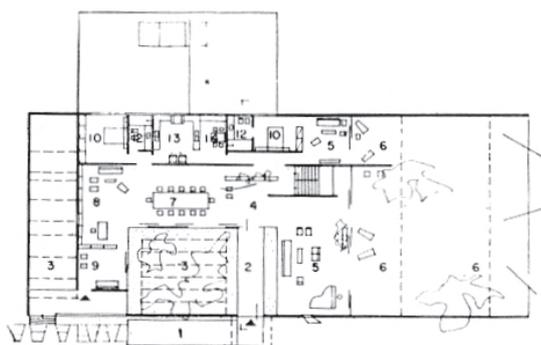
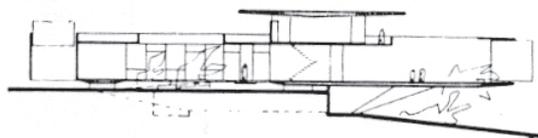
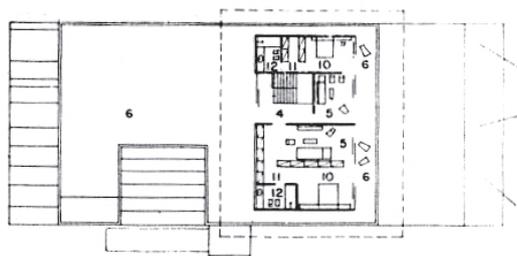
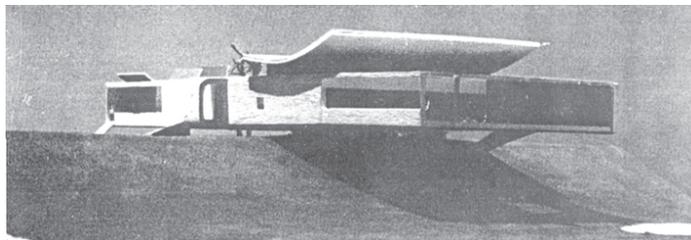
Paredes de alvenaria rebocada e pintada de branco constituem as vedações na fachada posterior, de serviços; aí as aberturas são discretas e altas, mostrando a separação entre os planos vertical e horizontal. Já na fachada anterior a transparência domina, com a totalidade da superfície em planos de vidro que correm, garantindo permeabilidade para todos os ambientes principais.

O arquiteto continuaria realizando obras para usos diversos, em especial edifícios de apartamentos, algumas residências unifamiliares e edifícios de uso comercial ou misto.³ Os destaques posteriores são a sede da Companhia Estadual de Gás no Rio de Janeiro (1970), primeiro lugar em concurso, e, do ano anterior, o estudo para a urbanização dos terrenos marginais ao canal de acesso à lagoa de Araruama, em Cabo Frio.

¹ “Como parte integrante desse quadro, a obra de Vital Brasil configura uma singularidade. Sem se contentar com a mera oposição ao excesso ou com a simples recusa à exuberância, sua prática arquitetônica contida, com raros momentos de clímax, dedicada a uma crescente depuração, chegou, em seu aprofundamento, a formulações quase antiestéticas. Ao enfrentar o desafio de obter muito com pouco, interpretava a célebre equação miesiana — ‘menos é mais’ — com despreensão e modéstia: sutilmente mais com simplesmente menos.” CONDURU (2000, p. 47)

² Cfme. VITAL BRAZIL (1986).

³ As casas posteriores são: na Ponta do Ambrósio (1968) em São Pedro da Aldeia — estudo, para Cid Teixeira de Freitas (1971) na Tijuca — projeto, para Alberto Rondon (1972) em Petrópolis, para Tirso Vital Brasil (1972) em Guaratinguetá, São Paulo, para Gabriel Wander de Andrade (1979) em Belo Horizonte — estudo, para Américo Moacyr de Oliveira (1982) em Passa Tempo, Minas Gerais — projeto. Cfme. VITAL BRAZIL (1986, p. 158).



nº: 144

natureza da documentação: PROJETO
grau: MODERNO

situação: CIDADE
topografia: DECLIVE
ocupação: SOLTA
superfície: 700-850 m²
altura: 2 PAVIMENTOS / BASE
volumetria: JOGO DE VOLUMES
base: RECUADA - AVANÇADA
cobertura: LAJE INCLINADA V

Plantas, cortes e elevações (esc. aprox. 1/750)
e fotos maquete

Acrópole 321 (1965, p. 29)

No ano em que se interrompe o processo democrático no Brasil, Oscar Niemeyer acha-se obrigado a sair do país. Vai a Israel, convidado por um conhecido, onde passa seis meses. A revista *Acrópole* publica matéria intitulada *Oscar Niemeyer: 90 dias em Israel*, na qual são ilustrados diversos projetos lá desenvolvidos pelo arquiteto.¹ A produção inclui o Plano na cidade de Negev, a Universidade de Haifa, o conjunto residencial Nordia, o Hotel Scandinavia e o Conjunto Panorama, além da casa Federmann, nenhum realizado.

As imagens de maquete da casa Federmann mostram uma caixa alongada, proporcionalmente baixa, parcialmente projetada sobre um degrau e um declive leve. O volume corresponde ao pavimento principal, térreo, que é ligeiramente elevado em relação ao terreno, guardando a privacidade. Assim, poucas aberturas dão acesso ao interior — uma social centralizada na lateral direita, e alcançável através de rampa, outra mais próxima da frente, no mesmo lado, para o escritório (separadas por um pátio) e uma de serviços, a partir do nível semi-enterrado. Este nível mais baixo dá lugar apenas à garagem — fora da projeção principal —, às dependências de empregados e à lavanderia e serviços. A grande planta retangular térrea abriga biblioteca contígua ao escritório, grandes salas de estar e jantar ao redor do pátio-jardim, um apartamento do lado oposto, junto com cozinha, e mais um dormitório. A parcela que avança longitudinalmente sobre o desnível do terreno é toda destinada à varanda e ao terraço, que juntos ocupam um terço da área do pavimento. O andar superior conta com mais dois apartamentos e varanda comum em toda a largura da parte projetada, e com terraço na face frontal correspondente à metade da área da laje que cobre o andar principal.

A cobertura do bloco-caixa faz-se com laje oculta atrás de platibanda, o que diminui visualmente a altura do pavimento superior, aparentemente imerso no prisma principal. Sobre o pavimento superior pousa uma cobertura em balanço frontal e posterior, que no corte se representa como plana, com espessura crescente das bordas em balanço em direção ao centro — como na casa Ermiro de Lima, onde a placa de perfil triangular era também inclinada.² Na imagem da maquete, contudo, a cobertura é curva, elevando-se nos balanços, acentuando a leveza e variando o sombreamento. Do mesmo precedente vêm os pilares inclinados em direção ao declive, por sob a caixa. A face livre do terraço é subdividida em placas que giram no eixo vertical e funcionam concomitantemente como bloqueio físico e visual, mas não total, permitindo a visão sobre a paisagem abaixo.

Em 1965 o arquiteto vai à França, onde faz o projeto para a sede do Partido Comunista Francês, para o Club Sena e para a casa Rothschild. Nos anos seguintes daria continuidade aos projetos no exterior, como a casa Dubonnet (1966), não construída, a urbanização Grasse e o Convento dos Dominicanos na França (1967), também não realizados, a sede editorial Mondadori em Milão, a Universidade de Argel, a casa Nara Mondadori, a Universidade de Constantine na Argélia (1968), a sede da Renault em Billancourt, o Centro Cultural em Le Havre e a sede da Bolsa de Bobigny (1972), além de muitos outros realizados e não realizados na Itália, Portugal, Inglaterra, França, Estados Unidos, Arábia e no Brasil, onde ainda atua.⁵

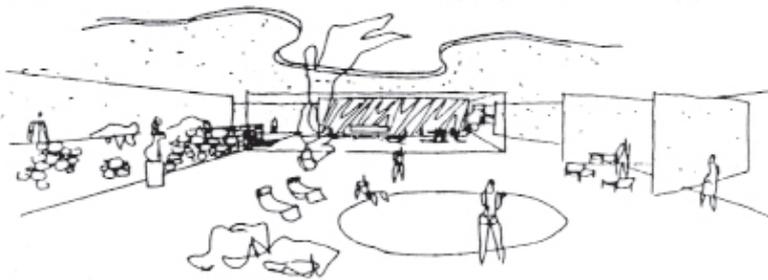
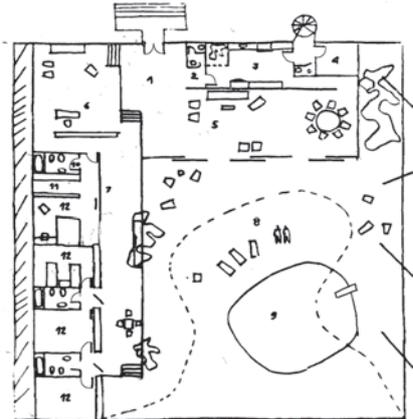
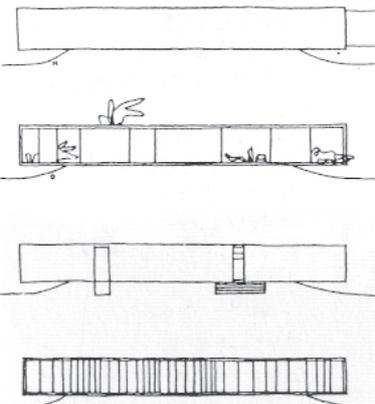
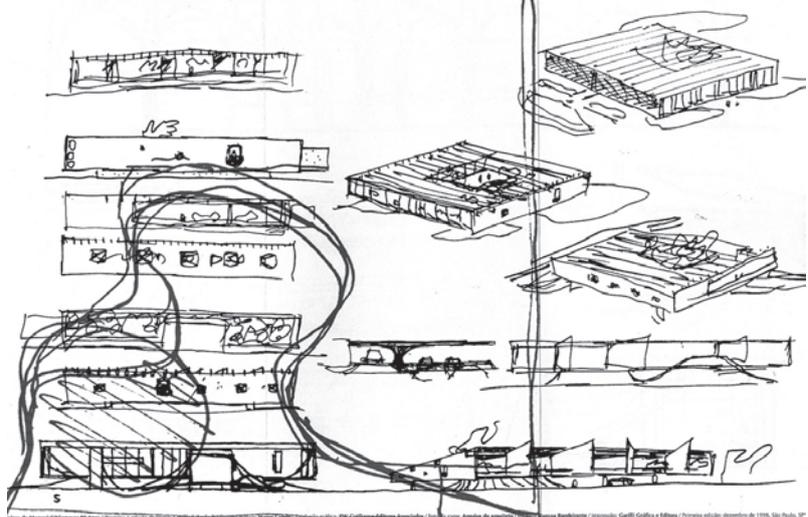
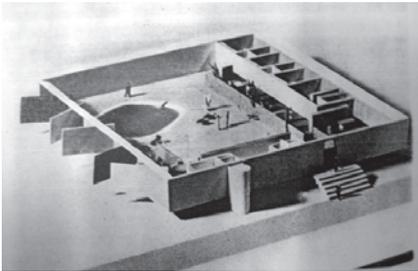
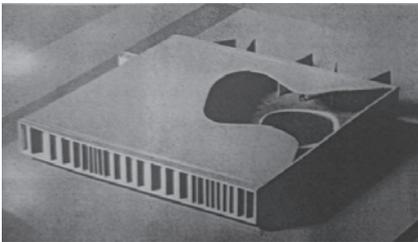
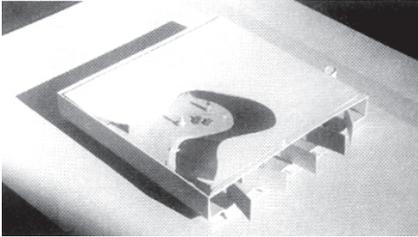
¹ *Acrópole* 321 (1965, pp. 19-29)

² Ver casa nº 91 da relação geral.

⁵ Entre as casas posteriores de Niemeyer, além das citadas, registram-se as para Maria Luiza P. de Carvalho (1966) em Brasília, Frederico Gomes (1972) e Josefina Jordan (1974) no Rio de Janeiro, Conselheiro do Reino na Arábia Saudita (1975), não construída, Lambert (1976) na França, e Wilson

Mirza (1976), idem, Adolpho Bloch (1978) em Cabo Frio, Darcy Ribeiro em Maricá, Carlos Miranda no Rio (1983), Sebastião Camargo em Brasília, Ricardo Medeiros em São Pedro da Aldeia (não construída), Marco Antônio Rezende em Ilhabela (1985), José Aparecido de Oliveira, em Conceição do Mato Dentro (1986), Camargo Correa em Brasília (1987), Orestes Quéricia, em São Paulo, não construída, Wilson Mirza, em Petrópolis, idem, e Ana Elisa Niemeyer, no Rio (1990).

Acrópole 362 (1969)
 BOTEY (1996)
 BRITTO (1995) in AU 55
 FILS (1982)
 L'A d'Aujourd'hui 124 (1966)
 Módulo 46 (1977)
 NIEMEYER (1997)



nº: 145

natureza da documentação: PROJETO
 grau: MODERNO

situação: LITORAL
 topografia: PLANO
 ocupação: SOLTA
 superfície: 400-550 m²
 altura: TERREO
 volumetria: PRISMA COMPACTO
 base: n/a
 cobertura: LAJE PLANA

Plantas, cortes e elevações (esc. aprox. 1/500)
 e fotos maquete

L'Architecture d'Aujourd'hui 124 (1966)
 L'Architecture d'Aujourd'hui 171 (1974)
 NIEMEYER (1997)
 Zodiac 16 (1996)

Em setembro de 1965 Niemeyer chega em Paris para projetar um programa de habitação com equipamentos de lazer dentro do plano de desenvolvimento da Cesaréia, financiada pelo barão Edmond de Rothschild em uma política de apoio a Israel. Niemeyer inicia uma série de projetos e tem então sua notoriedade confirmada na França, através de uma exposição de seus trabalhos no Museu de Artes Decorativas do Louvre, quando recebe o grande prêmio internacional da revista *L'Architecture d'aujourd'hui*.¹ O barão de Rothschild solicita projeto para residência própria, mas infelizmente este não é construído, tal como o da Cesaréia.²

A casa Rothschild é um prisma de base rigidamente quadrada de apenas um pavimento, colocado sobre um promontório que tem função de soltar os bordos do volume proporcionalmente baixo. Conforme a própria memória do autor, a idéia é contrastar o exterior *sóbrio, vedado*, com o interior *cheio de surpresas e movimento* através do fechamento periférico e da introversão, num ambiente agreste.³ Cerca de metade da grande área da planta configura um outro quadrado inscrito no maior, formando um 'pátio', uma área de lazer com avarandados de dois lados e piscina no centro. A planta da parte habitável fechada é um L perimetral voltado internamente para este 'pátio'. Uma das alas compreende sala de estar, cozinha e áreas de serviço; o acesso principal está localizado próximo ao encontro entre as duas alas, sendo o desnível transposto por uma escada externa. A zona íntima perpendicular abriga quatro dormitórios e banhos, todos acessíveis através de uma larga circulação aberta para o 'pátio'; o vértice dá lugar a um gabinete com estar. Toda esta ala está em um nível mais alto do que o restante da base, havendo pequenas escadas nos extremos da circulação.

A sala de estar abre-se com portas de correr para o avarandado defronte à piscina, incorporando-se ao ambiente semi-aberto; a comunicação com o exterior dá-se através da face contígua ao pátio, liberada pelo recuo da sala de jantar. O plano de fachada é segmentado em placas, rotadas no eixo vertical, de modo a liberar controladamente as visuais do exterior. As fachadas adjacentes são cegas, e a oposta, tratada com o mesmo recurso, mas em escala menor, ou seja, várias placas estreitas, como quebra-sóis, formam uma segunda pele que oculta e uniformiza a interface dos dormitórios, banhos e gabinete. Contudo, o gesto dominante está na cobertura, uma laje plana recortada em curva sobre a piscina, que permite ao sol penetrar e ao céu adentrar, emoldurado pelo contorno sinuoso. Assim, as placas que ao mesmo tempo bloqueiam e dão abertura, e o recorte zenital que simultaneamente limita e expande, sugerem a manipulação abstrata do volume, tornado uma escultura a céu aberto.⁴

¹ O prêmio é entregue por André Bloc, diretor geral da revista, e a cerimônia conta com a presença do presidente Juscelino Kubitschek. Cfme. ÉMERY (1994, p. 81)

² "Não que o barão o tenha deixado de lado, mas porque ele será, como o de Césarée, vítima da timidez dos investidores. Niemeyer, de fato, não se aborrece muito; de fato, ele está preocupado com outros projetos igualmente importantes, mais interessantes: o da ZUP de Grasse e o da nova sede do PCF – Partido Comunista Francês." ÉMERY (1994, p. 81)

³ "Projetei uma casa para Edmond de Rothschild, que encontrei pessoalmente apenas duas vezes, a primeira em seu escritório e a segunda em sua residência de Genebra, em um jantar. Lembro que, ao convidar-me, perguntou: 'Você prefere um carro aberto ou fechado?' Senti que me encontrava em um mundo diferente, o mundo do dinheiro que detestava, e o confirmei ao entrar em sua casa, um verdadeiro museu cercado de árvores centenárias em um parque magnífico. O projeto que concebi para a residência Rothschild me satisfaz bastante: uma casa inteiramente aberta para uma praça interna, com uma piscina e muitas salas de estar." NIEMEYER (1997)

⁴ "Más allá y por encima del pragmatismo, las decisiones formales de Niemeyer comunican un manifiesto sobre la necesidad de dualidad: libertad / limitación, abstracción / figuración, transparencia / opacidad, plano / volumen, extroversión / introversión, exuberancia / contención, exposición / ocultamiento, plenitud / fragmentación, geometría / topología, arquitectura / naturaleza. Estos términos no se presentan como polos opuestos irreconciliables, sino como extremos de igual valor con una gama de posibilidades." COMAS (1998, p. 51)

A casa moderna, conquanto tenha tido cunho experimental nas vanguardas de países desenvolvidos europeus — França, Alemanha, Áustria, Holanda — e também nos Estados Unidos, não teve o mesmo papel na América Latina, Brasil incluído. Desde a década de 20, episódios acumulados em São Paulo — como a Semana de Arte Moderna de 1922 e as casas Modernistas de Warchavchik — e no Rio de Janeiro — como a reação à desagregação dos ‘estilos’ sob a forma do neocolonial, e a Revolução de 1930 — constituíram a preparação necessária para o que transcorreu em seguida: a um período de incubação na primeira metade da década de 30 sucedeu a efetiva eclosão da arquitetura moderna brasileira, no Rio de Janeiro, capital do país. O marco da renovação foi o projeto de 1936 para o edifício do Ministério da Educação e Saúde Pública, de autoria da equipe coordenada por Lucio Costa, então referendado condutor das transformações que vinham sendo empreendidas antes da grande oportunidade. Os demais membros do grupo, Affonso Eduardo Reidy, Jorge Moreira, Carlos Leão, Ernani Vasconcellos, e Oscar Niemeyer, puderam endossar o projeto moderno com a mesma profissão de fé de Lucio Costa, inspirados pela verve lírica de Le Corbusier, que vem ao Brasil para ‘plantar suas sementes.’ Juntamente com os irmãos Roberto, autores da Associação Brasileira de Imprensa — de projeto anterior ao MESP —, com Álvaro Vital Brazil e Paulo Antunes Ribeiro, os arquitetos citados tornaram-se os epígonos da arquitetura moderna brasileira, fundando a que foi depois chamada de escola carioca. A representação aumentou com o ingresso de outros colegas na profissão e a produção foi crescendo até atingir seu ponto máximo na década de 50. Não obstante terem recebido os mais diversos encargos de grande porte, os arquitetos projetaram e construíram um número considerável de residências.

As oportunidades apresentadas aos brasileiros foram maiores do que nos demais países da América Latina (como Argentina e México), e para tanto contribuíram as iniciativas públicas. A implantação de um Estado moderno, seguida de um estado de espírito renovador tanto nas artes quanto na vida social e econômica do país, promoveu a valorização nacional através de ações em todos os campos. Refletindo essa política, os programas mais importantes nesses primeiros anos foram os institucionais: edifícios para a educação (incluindo não só colégios, mas também a Cidade Universitária), para a saúde, e administrativos governamentais. Em seguida, encomendaram-se também pavilhões de feira, hotéis, teatros, museus, igrejas, clubes, edifícios de habitação coletiva, edifícios administrativos, estádios, terminais de transporte e equipamentos públicos de grande e de pequeno porte. Os arquitetos brasileiros, como intelectuais comprometidos com um projeto moderno, constituíram a *intelligentsia* que soube estabelecer habilmente uma profícua permuta entre as esferas pública e privada — pois para além do domínio da arquitetura, estavam plenamente envolvidos com a formação cultural do país.

O efeito dessa produção foi inversamente proporcional à diminuição da construção na Europa desde os últimos anos da década de 30 — que se agravou com a guerra —; já os Estados Unidos, tendo-se recuperado da crise dos anos 30, promoviam então a boa vizinhança com os países latinos. A exposição e a publicação do catálogo *Brazil Builds* (1943) divulgou realizações brasileiras no exterior — como o conjunto da Pampulha (1940), de Oscar Niemeyer, outro dos grandes empreendimentos do poder público. A Pampulha, na Belo Horizonte administrada pelo prefeito Juscelino Kubitschek, estava a meio caminho entre o MESP de 1936 e a Brasília de 1960 — a última e apoteótica empreitada, conduzida pelo mesmo JK, então presidente, e cujo plano piloto, de Lucio Costa, data de 1957.

O débito guardado para com as explorações de vanguarda europeia — leia-se a França, matriz da Escola de Belas Artes, Le Corbusier, e também Mies van der Rohe, e a Itália — não impediu, tão logo tenha-se dado o estopim, que os brasileiros procurassem superar o Estilo Internacional através da reconciliação entre um passado tradicional (expressão local), e um futuro moderno (projeção internacional). Em 1929, quando Le Corbusier, em viagem à América do Sul, vem pela primeira vez ao Brasil, a *Villa Savoye* (última das Quatro Composições) estava em construção; na mesma viagem, recebeu a encomenda do projeto para a casa Errazuriz, no Chile, proposta com materiais rústicos e naturais, e ponto de inflexão em sua carreira. A presença decisiva na segunda viagem (Rio de Janeiro, 1936) não só esclareceu seu método de trabalho, como rendeu-lhe uma retro-alimentação — que pode ser reconhecida em sua obra posterior. A nova matriz compositiva, decodificada por Le Corbusier na ossatura *Dom-ino* independente, é compreendida e operada pelos arquitetos brasileiros em um sem-número de possibilidades, das quais não se excluem a planta celularizada, nem as regras clássicas de composição, tampouco o vínculo com as raízes mediterrâneas.

A casa no Brasil, longe de ter sido antecedente e manifesto, foi proposição concomitante com os demais encargos, e já elaborada com a base corbusiana transposta ao vocabulário local. Montada sobre a mesma estrutura social que tinha como modelo a Casa Grande feita funcionar pela máquina escrava, foi obrigada a reinventar-se — não como a máquina de morar do espírito novo, mas como a casa brasileira dotada do espírito da época e consciente do espírito do lugar. Para os brasileiros, a arquitetura moderna foi inclusiva, reivindicação e reconciliação de pólos mais complementares do que antagonicos. As disputas entre as correntes internacionais (como o racionalismo e o organicismo, sobre as quais se pronunciaram vários dos arquitetos aqui mencionados) fez-se vã e insensata ante a abstração que circunscreveu a manipulação da geometria, da materialidade, de formas e de elementos de arquitetura. Nessa refundação, o reconhecimento do passado ocorreu simultâneo; a compreensão da tradição local, que teve origem na arquitetura luso-brasileira transplantada de Portugal e aqui adaptada, passou a ser uma das tarefas dos arquitetos envolvidos com o Patrimônio (tendo Lucio Costa à frente), na busca por uma formulação própria.

DADOS

A seleção das 145 casas (obras ou projetos) constantes neste trabalho reúne os exemplares publicados nacional e internacionalmente com material iconográfico e / ou descritivo em quantidade mínima necessária para proceder à organização dos dados e à elaboração dos comentários. A periodização do recorte de tempo proposto em sete intervalos referenda suas denominações, o que pode ser observado na medida em que se verificam os dados extraídos da documentação pesquisada e organizados em tabulações e fichamentos. Dentro do recorte de tempo proposto — de 1930 a 1965 — as casas dividem-se da seguinte maneira: no período de incubação (1930-1935), registram-se 24 casas; no período de eclosão (1936-1939), nove casas; no período de emergência (1940-1945), 27 casas; no período de consolidação (1946-1950), 23 casas; no período de hegemonia (1951-1955), 40 casas; no período de mutação (1956-1960), 18 casas; e no período de ocaso (1961-1965), 13 casas.

O número de casas projetadas por cada arquiteto também tem correspondência, embora isso não seja regra, com sua atuação geral. A atuação de Niemeyer — que é o arquiteto com maior produção dentre todos — é notável: 25 das 145 casas têm sua autoria, o equivalente a quase 18% do total das casas. Lucio Costa vem em segundo lugar, com 18 casas, ou quase 13% do total. O terceiro arquiteto é da segunda geração: Sérgio Bernardes tem 15 casas, ou quase 11%.

Em seguida vêm Álvaro Vital Brazil e Francisco Bolonha, este também da segunda geração, com dez casas cada; Carlos Leão tem nove casas, Affonso Eduardo Reidy e Alcides Rocha Miranda têm oito casas cada, Jorge Moreira, os irmãos Roberto e Paulo Antunes Ribeiro têm cinco casas cada. Aldary Henriques Toledo tem quatro casas, Paulo Santos (com Paulo Pires), Carlos Ferreira e Marcello Fragelli têm três casas cada, Jorge Ferreira (com Thomaz Estrella, Renato Mesquita dos Santos e Renato Soeiro), Firmino Saldanha, Olavo Redig de Campos e Henrique Mindlin têm duas casas cada. Gregori Warchavchik, José de Souza Reis, José Bina Fonyat Filho (com Tércio Fontana Pacheco), Wladimir Alves de Souza, Marcos de Vasconcellos e Arthur Lício Pontual (com Carlos João Juppá) aparecem com uma casa cada. Estes dois e Marcello Fragelli pertencem a uma terceira geração, enquanto da mencionada segunda geração também fazem parte José Bina Fonyat, José de Souza Reis e Tércio Fontana Pacheco.

Além das já citadas, registram-se as participações de Gerson Pompeu Pinheiro (em duas casas com Reidy), Adhemar Marinho (em três casas com Vital Brazil), Elvin Mackay Dubugras e Fernando Cabral (em quatro casas com Rocha Miranda) e Paulo Candiota e Bela Torok (na casa para o primeiro, com Lucio Costa). Lucio Costa e Warchavchik também trabalham em parceria em duas casas, da época em que este passa a atuar no Rio de Janeiro e ambos se associam em uma firma.

Na separação por natureza da documentação pesquisada, 84 das casas são construções, outras 16 são construções posteriormente demolidas (a maioria pertencente ao primeiro período), 35 são projetos (as maiores participações são de Niemeyer, Lucio Costa, Rocha Miranda e Vital Brazil), 11 são fragmentos de projeto (incluindo a versão moderna para a casa Fontes de Lucio Costa) e duas são projetos com registro de construção e demolição posterior.

Das 145 casas, 77 são projetadas para a cidade do Rio de Janeiro, das quais 55 são construídas. A região serrana do Rio de Janeiro vem em seguida, com 20 casas projetadas para Petrópolis e seus distritos (das quais cinco são de Sérgio Bernardes). Das 20, 12 pertencem a Petrópolis, sendo uma não construída; cinco a Itaipava, sendo uma não construída; duas a Correias (de Lucio Costa) e uma a Pedro do Rio (a Cavanelas, de Niemeyer). Teresópolis tem quatro casas (três de Francisco Bolonha) e um projeto, e Nova Friburgo tem uma (a do arquiteto Carlos Ferreira). Casas de campo também são projetadas para Marquês de Valença (a primeira, de Lucio Costa para Carneiro de Mendonça), Miguel Pereira (a Passos, de Niemeyer) e Mendes (a casa da família de Niemeyer). Nos arredores da cidade do Rio, há três casas projetadas para Niterói, duas construídas. Na região dos lagos, há três casas projetadas para Araruama (uma construída, de Lucio Costa para Paes de Carvalho) e três, construídas, para Cabo Frio (duas de Carlos Leão). Rezende responde por mais três projetos (dois de Rocha Miranda).

Fora do Rio de Janeiro, Minas Gerais é o estado que mais absorve a produção carioca: Belo Horizonte tem três projetos, Cataguases tem quatro, Ouro Preto e Muriaé têm um cada; com exceção do projeto para Ouro Preto (o primeiro de Rocha Miranda), todos os outros são construídos. Para São Paulo, capital, são projetadas quatro casas (uma construída) e para Barretos, uma (de Reidy). Brasília tem duas construções e um projeto (a casa de Niemeyer é construída, a de Lucio Costa para as filhas, não) e Fortaleza tem uma casa (a Johnson, de Niemeyer). Fora do Brasil, todos os projetos são de autoria de Oscar Niemeyer, que faz dois para a Califórnia (a Tremaine não é construída), e dois para Israel, exatamente os que fecham a relação geral. Na documentação restam quatro casas sem registro de localização: com exceção das Casas sem Dono de Lucio Costa, estão as três primeiras casas de Sérgio Bernardes — que podem ter sido construídas, mas aparecem somente em projeto —, e uma de Aldary Toledo, construída.

Quanto à situação, 79 casas são de cidade, 29 são de subúrbio, 28 são de campo ou serra (cinco são de campo, 14 de campo-serra e nove de serra), quatro são de lago, quatro de litoral. Quanto à implantação, a posição dos lotes diz interesse às casas de cidade ou subúrbio, quando aqueles são pequenos e condicionam a ocupação junto às divisas. Assim, registram-se 65 lotes de meio de quarteirão e 18 de esquina, a maioria com dimensões pequenas ou médias; o restante não têm definição na documentação. A ocupação ocorre junto às divisas em 40 casas, enquanto as outras 100 são soltas. Das casas localizadas fora das zonas urbanas, raramente são encontradas informações quanto à dimensão ou a conformação dos terrenos; as casas aí implantadas podem ter grande superfície e espalharem-se livre de obstáculos. 43 lotes

são considerados grandes (32 sem definição dimensional, 11 com alguma definição), seis não apresentam nenhuma indicação de área, 69 são médios (43 definidos, 26 indefinidos) e 34 são pequenos (desses, a maioria é urbana e tem topografia plana). 95 terrenos têm relevo plano, enquanto 33 são em alicive e 17 em declive.

Na maioria das casas, o tamanho tem relação direta com a superfície distribuída em um ou dois pavimentos; poucas casas desenvolvem-se em altura (como as casas Xavier, de Niemeyer, e as duas de 1951 de Jorge Moreira). Excetuando-se 15 exemplares que não possuem elementos gráficos ou especificações que possam indicar sua área (são térreas ou de dois pavimentos), as demais distribuem-se em dez faixas: 35 têm entre 100 e 250 m² (térreas ou de dois pavimentos); 32 têm entre 250 e 400 m² (variando mais a altura, entre térrea, de um ou dois pavimentos sobre base ou pilotis, havendo uma de quatro pavimentos — a casa Xavier); 28 têm entre 400 e 550 m²; 12 têm entre 550 e 700 m² (havendo aí duas casas de três pavimentos e uma de quatro); 11 têm entre 700 e 850 m² (nenhuma térrea, como na faixa anterior); duas têm entre 850-1000 m²; quatro têm entre 1000 e 1250 m² (incluindo uma térrea, a de Adolpho Bloch, de Bolonha); quatro têm entre 1250 e 1500 m² (incluída aí de Antonio Ceppas de Jorge Moreira, com quatro pavimentos sobre base); e, no extremo, estão os dois projetos menos comuns (ambos de Niemeyer, não construídos): a casa Tremaine, com área entre 2000 e 2500 m², e a Pignatari, que teria mais de 7000 m² conforme o que se pode deduzir dos desenhos e das informações disponíveis.

Quanto à altura, as casas térreas perfazem o total de 40, havendo duas variações com mezanino e uma com cobertura-terraço; as casas de um pavimento elevado são 21, sendo oito sobre base (uma com mezanino) e 13 sobre pilotis (também havendo uma com mezanino); 74 casas têm dois pavimentos, sendo sete com cobertura-terraço, sete sobre base, e nove sobre pilotis (uma delas mista); seis têm três pavimentos, sendo três com cobertura-terraço e duas sobre base; e três casas têm quatro pavimentos (duas com terraço e uma sobre base). Somente uma casa não apresenta material suficiente para a indicação do número de pavimentos.

O partido está desdobrado em volumetria, base e cobertura. A volumetria divide o conjunto em dois, apenas, correspondentes aos extremos de uma classificação baseada nas Quatro Composições de Le Corbusier: prisma compacto — aplicável a 36 casas — e jogo de volumes — correspondente a 109 casas. A tripartição nem sempre é verificável: assim, a base é inexistente em 42 casas, que são térreas; em 17 casas ela é coplanar com o corpo; em 30 casas a base é mista — podendo ser avançada e coplanar, em sete casas, recuada e coplanar, em 12 casas, ou recuada e avançada, em 11 casas. As bases avançadas aparecem em 11 casas e as bases recuadas em 43 casas. Quanto à cobertura, a laje plana aparece em 40 exemplares (em 16 dos quais é terraço, a maioria pertencente ao primeiro período); 12 casas têm cobertura em laje inclinada (uma delas mista, sendo parte plana); oito casas têm laje inclinada em V, ou borboleta (três são de Niemeyer e três de Sérgio Bernardes); e duas têm abóbadas (na casa Oswald, combinada com laje plana).

Os telhados planos aparecem em sete casas, seis delas pertencentes ao último período (e três de autoria de Sérgio Bernardes); os telhados em uma água aparecem em 28 casas (a metade da década de 40), sendo três com platibanda, um com laje inclinada (a casa em Barretos de Reidy), e um com abóbada (a casa Chagas Freitas de Bernardes); os telhados de duas águas cobrem dez casas; os de duas águas com inclinação invertida, ou V, ou ainda borboleta, cobrem 17 casas; os de quatro águas, outras dez casas (sendo quatro de Lucio Costa e três de Carlos Leão); a platibanda oculta a cobertura em nove casas (fora as mencionadas anteriormente, em que é possível a definição de telhado). Há duas casas sem indicação de base e cobertura.

A estrutura independente aparece em oito casas, e a portante em 16. Todas as demais são construídas com estrutura mista. As questões de materialidade (com respeito a elementos de arquitetura) são listadas livremente em uma coluna complementar, tal como o programa, desdobrado em ambientes, quantificados por pavimento; ambos constituem informação complementar para fins de consulta, estando melhor descritos no corpo do trabalho.

Por fim, a coluna referente à atribuição do grau de variação entre o moderno e o tradicional coloca-se como guia para uma retrovisão mais atenta, e para possíveis tessituras de comentários acerca das mesclas e das gradações intermediárias entre os dois. Duas 'colunas do meio' são abertas, para que a divisão fique menos polarizada. Dessa forma, obtêm-se 50 casas com grau M (moderno), 54 com grau MT (moderno-tradicional, somada a versão moderna da mansão Fontes, de Lucio Costa), 23 com grau TM (tradicional-moderno) e 19 com grau T (tradicional).

O grau M abrange casas de todos os períodos, mas nota-se uma grande presença de casas do primeiro e do segundo períodos; o grau MT engloba casas do primeiro período, mas a maior quantidade é de casas das décadas de 40 e 50. O grau TM tem apenas uma casa do final da década de 30, as demais correspondendo aos períodos posteriores; e o grau T é dividido entre as quatro décadas. Num primeiro esboço, percebe-se o progressivo desprendimento da imagem do moderno afirmativo e aparente. Ao invés das casas partirem do grau T em direção ao grau M, pode-se dizer que ocorre o contrário, em termos relativos, o que é indicativo da assimilação da tradição como parte do processo de formação e desenvolvimento do moderno.

Lucio Costa inaugura o primeiro período, e é de 1930 seu projeto em duas versões para a casa Fontes; a postura de enfrentamento ponderado, aliada à sensatez e ao bom senso (e baseada na sua formação clássica e européia), é perceptível desde suas casas da década de 30, quando, já dominando a base moderna, consegue fazer a transposição de um consistente conhecimento do passado. Da associação com Warchavchik resultam construções mais depuradas, onde a adoção do vocabulário moderno é feita de modo menos interpretativo. Essas casas são sucedidas pelas de Vital Brazil com Adhemar Marinho, de Reidy com Gerson Pinheiro, de Jorge Moreira, de Paulo Antunes Ribeiro, de Carlos

Leão, de Firmino Saldanha e de José de Souza Reis. Na fase de incubação, predominam as casas de cidade implantadas em lotes pequenos e planos, os volumes brancos, as massas sobre os planos, a adição de volumes em dois pavimentos, as esquadrias destituídas dos recursos de proteção solar e a laje plana com terraço, ou o telhado oculto por platibanda. Difere dessa descrição o primeiro projeto de casa de Oscar Niemeyer, de 1935, que finda o período.

O segundo período começa com a casa Xavier, também de Niemeyer, um cubo de quatro pavimentos colado às divisas de lote estreito, trabalhado em subtrações que dão origem a terraços e varandas. Estando os arquitetos do grupo dos seis envolvidos na realização do MESP, a produção de casas diminui; mas a casa Neiva dos irmãos Roberto é publicada, bem como a primeira casa (no Horto) em carreira solo de Reidy, funcionário da Prefeitura do Distrito Federal. Oscar Niemeyer fecha uma série de projetos que inclui a casa Oswald de Andrade e a casa Passos, aquela com cobertura mista em plano inclinado e laje abobadada, essa com telhado borboleta cobrindo a um só tempo a parte térrea e a parte em dois pavimentos, num esquema em T que teria ecos em muitas realizações posteriores — suas e de outrem. Nessa fase de eclosão, um novo vocabulário começa a ser moldado, abrindo precedentes para as variantes — de cobertura, de base, de tratamento, de partido e de volume.

A passagem da eclosão para a emergência ocorre novamente com Oscar Niemeyer, que constrói a casa Cavalcanti em 1940. A casa tem cobertura em telhado de uma água, assim como sua casa na Lagoa, que a sucede (e cujo precedente é o Hotel de Ouro Preto). As duas são implantadas em declives, como a casa do arquiteto Vital Brazil, que utiliza estratégia e linguagem diversas. Oscar Niemeyer domina a produção do período, com mais três construções e um projeto (duas das construções em Minas Gerais, numa fase em que outros arquitetos também começam expandir sua atuação para outras cidades). A Pampulha, em construção, determina a fixação da arquitetura moderna de formas ‘livres’ e o enriquecimento do vocabulário com quebra-sóis verticais e horizontais, fachadas inclinadas, elementos vazados; não são desconsiderados, porém, o telhado de duas águas, a estrutura mista, as janelas venezianadas, os muxarabis e os alpendrados. Lucio Costa realiza então algumas de suas mais belas obras residenciais para membros da alta burguesia carioca (de grau intermediário, mais afeitas à tradição), como as casas Saavedra, Hungria Machado, Heloísa Marinho e Paes de Carvalho, cada qual apropriadamente dimensionada, organizada, composta e caracterizada de acordo com a situação e o programa. A qualidade dessas casas é sinal importante da aceitação da nova arquitetura por parte da clientela privada. Alcides Rocha Miranda e Aldary Toledo compõem com casas também de escala intermediária entre o moderno e o tradicional, mas é Lucio Costa quem faz a passagem para o próximo período — quando se ausenta do cenário das casas.

A casa de Paulo Candido é uma colaboração de Lucio Costa com o proprietário arquiteto, à qual é atribuído o grau T; a casa valoriza os espaços de transição, como as varandas no primeiro e segundo pavimentos. Nesse período de consolidação, Niemeyer faz o primeiro projeto residencial para o exterior — a casa Tremaine —, além de sua casa em Mendes e dos projetos para a casa Capanema e para uma casa no Rio

de Janeiro. Sérgio Bernardes, no início da carreira, aparece com três projetos; Francisco Bolonha, da mesma geração, além de casa homônima à da Tijuca de Reidy (com quem trabalha na Prefeitura), faz a casa para o embaixador Acciolly em Petrópolis. Esta resgata a linguagem rústica numa aplicação refinada de paus roliços, de pedras, de telhados, de assoalhos de madeira e de esquadrias venezianas; organiza-se em torno de pátios e conta com capela. Já Reidy faz a casa na Tijuca, elevada sobre grande terreno e projetada sobre a floresta através de sala-varanda; a cobertura em duas águas invertidas é empregada aqui e em várias outras casas. A rusticidade da casa Acciolly caracteriza também a casa do arquiteto Carlos Ferreira em Nova Friburgo, vizinha do antecessor Park Hotel de Lucio Costa, de 1940. Além destes, figuram Jorge Ferreira e equipe, Henrique Mindlin, e Olavo Redig de Campos, este com outra casa para embaixador, no Rio de Janeiro (onde um viés clássico-italiano é perceptível), articulada em U, com pé-direito alto, colunas externas, grandes elementos vazados e laje sinuosa cobrindo passagem. Em suma, o repertório tipológico é renovado com elementos de composição de raiz ibero-americana e mediterrânea, enquanto as técnicas construtivas são renovadas por elementos de arquitetura de raiz luso-brasileira.

Os dados registrados no período subsequente confirmam a hegemonia. Aumenta o número de casas soltas sobre lotes grandes, de subúrbio, campo e serra; diversificam-se porte, partido, cobertura, base e materialidade. As atuações maciças são de Niemeyer e de Sérgio Bernardes, mas todos os arquitetos já mencionados estão presentes. Niemeyer realiza a obra mais emblemática e publicada do conjunto dos 145 exemplares — a casa das Canoas —, além do colossal e mais atípico projeto — a casa Pignatari. Já Bernardes realiza uma série de experimentações nas casas de Petrópolis. As casas mais importantes de Jorge Moreira (as duas casas-edifício no Rio de Janeiro), dos Roberto (casa Coimbra e projeto para a casa Faria Goes de Araruama) e de Paulo Antunes Ribeiro (a sua e a Waller) são desse período. As novas participações são de Paulo Santos e Paulo Pires, Marcello Fragelli e José Bina Fonyat. Os graus de caracterização variam proporcionalmente ao número de casas, e introduz-se a auto-referência. A espacialidade é enfatizada através das circulações — em grandes escadas (como na casa Hime, de Mindlin) ou em rampas (como na casa Macedo Soares, de Bernardes, ou na casa Leonel Miranda, de Niemeyer). Na maioria dos casos, a horizontalidade predomina, principalmente nas casas localizadas fora do perímetro urbano; exceção são as casas verticais de Jorge Moreira, por exemplo, ou a Koslowski, de Jorge Ferreira e equipe, mas estas localizam-se na cidade do Rio. A cobertura em V ou borboleta é assumida tanto quanto os outros tipos, e ganha nova variante — a curva reversa, na casa Jadir de Souza (de Bernardes) e na Cavanelas (de Niemeyer); os jogos de volumes podem conter bloco apoiado sobre arrimo e pilotis, bloco térreo e bloco elevado, que se articulam em função do relevo; as estruturas mistas são visíveis em colunas e empenas portantes, em bases recuadas e avançadas (como na casa Carvalho, de Mindlin); as alvenarias brancas em moldura são combinadas com os planos em alvenaria aparente (como na casa Couto e Silva, de Reidy); as grandes aberturas podem ser transparentes (como na Waller, de Paulo Antunes), semi-transparentes ou totalmente protegidas — por venezianas (como na Carvalho, de Bina Fonyat), quebra-sóis verticais (como na Coimbra, dos Roberto), pérgolas (como na Klabin, de

Bolonha), balanços (como na Sampaio, de Bernardes) e beirais (como na casa Holzmeister, de Paulo Santos e Paulo Pires). Arquitetura moderna e tradição local são equacionadas e reelaboradas numa espiral evolutiva que gera os mais expressivos resultados.

No penúltimo período, chamado de mutação, há uma retração em quantidade. As estratégias continuam as mesmas, mas perdem a profusão criativa do período anterior. Bolonha completa a série das três casas em Teresópolis, Carlos Leão faz a casa Souza e Silva — em que se aproxima do moderno — e outras casas tradicionais, Rocha Miranda mantém a linha, Wladimir Alves de Souza faz a casa Castro Maya (com conteúdo clássico, remotamente moderna), Reidy retoma a cobertura em abóbada dupla de concreto na sua casa-apartamento de férias em Itaipava, Fragelli faz casa celular ao redor de um núcleo, e o período termina com duas casas para seus próprios autores (a de Sérgio Bernardes no Rio de Janeiro e a de Oscar Niemeyer em Brasília), e o projeto de Lucio Costa para suas filhas (também em Brasília). A casa de Sérgio Bernardes inova na utilização dos vidros temperados e do telhado plano em meios-tubos de fibrocimento, ao mesmo tempo em que se incrusta no terreno em declive acentuado com uma sólida base de pedras que contrasta com a transparência do piso superior (repetindo a inversão de Niemeyer na casa Canoas). A casa de Niemeyer em Brasília é documentada via artigo de Paulo Santos, que publica croqui de próprio punho com comentários acerca do retorno à tradição; de fato, a casa utiliza telhado em quatro águas apoiado sobre grossas colunas e varanda periférica. O contraponto é a casa de Lucio Costa, não construída, única do autor no que se refere à combinação do partido com a volumetria; ela utiliza soluções dos anos 40, mas investe-se de 'ares de Brasília' num prisma de planta quadrada com pátio central, elevado sobre base mista, e composto com simetrias. A operação sobre a base moderna não escapa à emulação dos princípios clássicos e à rememoração da tradição — o que é perfeitamente compreensível quando se trata da sutileza de Lucio Costa.

Brasília é inaugurada e tida como apoteose dessa trajetória. Ao mesmo tempo, é o prenúncio do ocaso da arquitetura moderna brasileira, que perde sua força tal como a democracia. A vertente paulista, que avança nas pesquisas brutalistas, ainda teria alguns anos de bem sucedidas realizações — entre elas estão as casas, que trazem bela contribuição (tanto na tipologia quanto na materialidade). Na vertente carioca, as últimas casas são de Carlos Leão, Vital Brazil, Sérgio Bernardes e Oscar Niemeyer. Marcos Vasconcellos tem único registro nesse período, bem como Pontual e Juppa, em início de carreira. Carlos Leão e Vital Brazil fazem casas em Cabo Frio, uma em L com ala de dois pavimentos voltada para o canal, outra térrea ao redor de um pátio que filtra as visuais e protege do vento. Sérgio Bernardes repete o telhado plano e a base pesada na rica casa Lins, e Oscar Niemeyer elabora três projetos, no início de uma fase de trabalho intenso para o exterior: o primeiro constitui sua única casa construída nos Estados Unidos (casa Strick), e os outros dois são encomendados quando da sua estadia em Israel (casa Federmann e casa Rothschild); dessas, nenhuma é construída. As duas casas expõem o talento de seu autor, mas a Rothschild é especialmente interessante por utilizar a inversão da relação interior-exterior. Trata-se de um prisma de base quadrada, elevado sobre

promontório suave e semi-fechado para o exterior. O invólucro delimita um pátio com piscina aberto na laje de cobertura, recortada em curvas irregulares. Nos planos verticais, as visuais são controladas por grandes painéis colocados obliquamente. Os projetos finais desse intervalo retomam o grau moderno, e colocam-se como questão aberta em razão das contingências.

Com a morte de alguns dos arquitetos cariocas (como Marcelo Roberto e Affonso Eduardo Reidy, em 1964) e a longa pausa da democracia, o processo de desenvolvimento é interrompido. Uma postura anti-dogmática mundial começa a surgir com relação ao movimento moderno, que recua ante a dissolução do CIAM e as discussões acerca do vínculo com a história. Quanto às casas, abrem-se novas discussões acerca das necessidades criadas com a idéia de mobilidade, de identidade, e de novos tipos de associação espacial. Os arquitetos brasileiros seguem seu caminho, mas as novas gerações, a partir do final dos 60, tomam distância irreversível, de modo que os anos pós-Brasília reservam poucas surpresas. Uma das exceções é José Zanine Caldas, que faz casas na Joatinga entre os anos 60 e 80. Sua arquitetura é artesanal, e busca uma aproximação com o vernáculo através das estruturas de madeira, dos telhados e dos fechamentos em material de demolição combinado com vidros temperados.

Ainda assim, alguns exemplares posteriores dos dois maiores representantes das casas cariocas podem ser resgatados como fecho. Niemeyer segue projetando casas, inclusive fora do Brasil — entre as publicadas estão as casas Nara Mondadori (1968), em Cap Ferrat, na França, Frederico Gomes (1972), no Rio de Janeiro, e Josefina Jordan (1974), no Rio de Janeiro. As três são muito diferentes; a casa Mondadori é uma *villa* com precedente na casa Tremaine, a Gomes é uma casa urbana de lote estreito em Botafogo, fechada para a via pública com vidro escuro e voltada para o pátio nos fundos; e a terceira utiliza aberturas que remetem ao palácio dos Arcos. Colocadas aqui como mera ilustração da infundável capacidade criativa de seu autor, que ainda vive, as três casas testemunham a exceção das obras modernas já nesse momento.

As casas das décadas de 70 e 80 de Lucio Costa podem dizer algo mais a respeito do fim do processo. As casas para o poeta Thiago de Mello são projetadas por Lucio e construídas pelo seu proprietário (com detalhamento de Severiano Porto) em Barreirinha, no Amazonas, de 1978 a 1987. A primeira casa, com projeto contido em quatro folhas de sulfite — são anotações e riscos simples, mas completos nas intenções arquitetônicas — tem volume gerador cúbico e dois pavimentos. Madeiras nobres são empregadas na estrutura; os paramentos são em taipa de mão, e o telhado de sapé é em quatro águas com beirais pronunciados. Venezianas e telas no lugar das janelas são as soluções utilizadas de acordo com os recursos e a mão-de-obra disponíveis no local. Algumas portas e janelas de Portugal, outras de Manaus, completam a paleta de materiais. A segunda casa é encomendada para destinar-se ao espaço Cultural Thiago de Mello, e é iniciada em 1984. A casa organiza-se em dois volumes: um alpendrado e um torreão — eco de casa bandeirista. Este possui aberturas generosas em dois lados, além de esguias ventilações para a biblioteca. A terceira casa é idealizada em maio de 1987 para ser a fundação da criança da floresta, menor que as outras e mais simples. A construção poderia confundir-se com uma moradia cabocla, não fossem alguns traços visivelmente pensados com a exatidão da ação projetual, como a empena. Os mesmos materiais e recursos das outras duas casas são utilizados.

Entre a primeira casa do poeta e as outras duas, Lucio Costa projeta, juntamente com sua filha Maria Elisa em 1982, a casa de sua outra filha Helena e de Luiz Fernando Moreira Penna, localizada em um terreno íngreme de uma encosta na Gávea. É uma das obras mais documentadas, o que muito provavelmente se deva à proprietária. O movimento de terra define uma planialtimetria com transição abrupta entre a rua e o jogo de planos escalonados em torno da casa, que se desenvolve em dois pavimentos. A ligação rua-moradia é feita por uma rampa para automóveis e uma escadaria esculpida entre os arrimos de pedra. A compensação do desnível do terreno colabora para que a parte da frente seja elevada abrigando a entrada e a garagem. A parte de trás, em contrapartida, é assentada no solo, na mesma cota do pátio e da piscina. Há muitos ambientes, todos amplos, organizados em torno do pátio e articulados com galerias, varandas e terraço. A rigidez, neste caso, é quebrada pelo volume mais baixo da sala de jantar, pela variação dos fechamentos nos blocos à sua volta e pela comunicação com a piscina através do jardim coberto, situado na face sudeste. Apesar da complexidade espacial, a contribuição maior advém do refinamento técnico-constructivo. Há uma gama enorme de soluções, cada qual aplicada com exatidão. Tanta precisão acaba por gerar pormenores expressivos, resultantes tanto da sua combinação variada quanto das especificidades de cada um. Há citações da arquitetura tradicional, como, gelosias, balcão, varanda íntima, alpendres, pilares em quina, balaústres no guarda-corpo, seteiras pivotantes nas laterais das janelas-caixa, forros em abóbada abatida nas salas de jantar e estar e elementos decorativos aplicados, como azulejos, entre outras.

Na mesma rua da casa de Helena está a casa de Edgard Duvivier, primo em terceiro grau de Lucio Costa. A casa é térrea a partir da rua de acesso, avançando sobre o terreno em declive. À primeira vista, divisa-se apenas o telhado de barro atrás dos brancos muros. Além de um estúdio, no nível mais baixo, para os proprietários (artistas ligados à música), destacam-se os alpendrados privativos dos quartos, que exploram a vista e a natureza próxima da mata atlântica carioca. Uma reminiscência da casa colonial portuguesa volta nessa obra: a quebra do telhado, consequência da mudança de inclinação da estrutura. O que traz a baila o diálogo fundamental na obra de Lucio, e que de alguma maneira guia também as aproximações feitas pelos demais arquitetos modernos brasileiros.

NOTAS ACERCA DO DEBATE MODERNIDADE-TRADIÇÃO

O debate entre a modernidade e a tradição margeia vivo o caminho da arquitetura brasileira do século XX. As razões a indicar que os epítetos 'moderno' e 'tradicional' têm relação de complementaridade, e não de oposição, abrem vários flancos para a discussão. Mais do que se complementarem, os dois conceitos combinam-se de diversas maneiras, nem sempre explícitas ou expressas em termos de figuração. A investigação acerca de um sentido para a contraposição entre passado e presente deixa de fazer-se substancial a partir do momento em que se presume não existir tal descontinuidade temporal.

Incurções na história por autores como Alan Colquhoun, Colin Rowe e o próprio Le Corbusier — além do notável Lucio Costa —, facilitam essa compreensão, ao abordarem o clássico e a tradição que persistem na modernidade. Arquitetura é construção com intenção plástica, segundo Lucio Costa; como obra qualificada, carrega consigo leis internas à disciplina, ao mesmo tempo em que traduz os condicionantes circunstanciais e acumula história e cultura. As transformações tecnológicas e sócio-econômicas que favorecem o surgimento da arquitetura moderna causam também uma mudança na relação entre presente e passado, e, por conseguinte, uma ‘ruptura epistemológica’.¹ Mas como arte que é, a arquitetura sofre também a influência das demais artes² e, em certo sentido, essa propriedade artística é responsável por deixar intocada a carga dos princípios que permanecem válidos — que não fogem à relação com seu correspondente clássico, até por emulação e superação de um ideal. Colin Rowe cita Le Corbusier: *‘Moi je dis oui, l’académie dit non.’*, mas defende que a *mera reação ante um sistema de idéias é insuficiente para erradicar esse sistema; e é mais que provável que, no sentido de proporcionar uma matriz, as atitudes que prevaleceram no final do século XIX tenham servido historicamente para promover a evolução do movimento moderno.*³

A necessidade de afirmar a revolução é assumida por Le Corbusier;⁴ contudo, o olhar mais atento revela sua aproximação com a tradição. Giedion aponta alguns precedentes dos Cinco Pontos, indicando quais são suas inovações;⁵ não obstante, o receituário corbusiano pressupõe ‘regras’ no uso da estrutura *Dom-ino*, ‘composição’ nas operações aditivas e subtrativas dos volumes, geratriz planar, ‘encaminhamento’ na *promenade* e ‘caráter’ distintivo de propriedade dentro de uma unidade formal. O proselitismo literário e a amplitude de abordagem de Le Corbusier abarcam uma série de colocações a respeito de um universo constante — um mundo ‘espiritual’ onde a memória e a cultura da tradição são invocados —, que contrasta com o progresso rápido.⁶ Seus edifícios e textos estão conectados com exemplos específicos e existentes, tipos históricos e tradicionais — mas também com os *objet-types* modernos. Os registros constantes de suas viagens respondem em parte pela necessidade de estabelecer uma estruturação teórica tão e mais válida do que aquela a suplantam;⁷ o diálogo entre passado e o presente está em pauta.⁸

Se Lucio Costa, por um lado, reconhece na industrialização um dos motivos para a transformação do preceito histórico, por outro, defende a revalidação dos bons princípios. E é isso que a eclosão da arquitetura moderna brasileira traz no seu bojo. Os autores do moderno brasileiro, responsáveis pelos acontecimentos que fazem surgir a dita escola carioca, deixam visíveis as amarras que nunca foram soltas da tradição acadêmica de que são herdeiros. Rowe, em *Caráter e Composição, ou algumas vicissitudes do vocabulário arquitetônico do século XIX*,⁹ coloca que, para os teóricos da composição, um edifício *edifício verdadeiramente significativo não é uma organização derivada de disciplinas funcionais, e estruturais* — ainda que essas também tenham um papel. *Para eles, um edifício verdadeiramente significativo é, em primeiro*

¹ Cfme. COLQUHOUN (2004)

² GIEDION (1955)

³ ROWE (1999, p. 43)

⁴ *“Todas as grandes obras da tradição, aquelas que, sem exceção, constituem, elo após elo, a corrente clássica, foram revolucionárias quando surgiram. O próprio da criação é equacionar relações forçosamente novas, pois um dos termos é fixo — a sensibilidade humana — e o outro está sempre em movimento — as contingências, isto é, o meio formado pela*

qualidade técnica, em todos os setores, de uma sociedade em perpétua evolução.” LE CORBUSIER (2004, p. 160), *Uma casa — um palácio, em Precisoões*

⁵ GIEDION (1955)

⁶ *“Seu desenho da estrutura Dom-ino foi a primeira demonstração de um princípio dialético que viria a dominar todo o seu trabalho posterior. (...) A arquitetura de Le Corbusier dá expressão artística ao conflito entre as duas tradições do racionalismo que acompanhamos: o a priori e o empírico.”* COLQUHOUN (2004, p. 86-87)

⁷ *“Em Voyage d’Orient, Jeanneret relata a espera quase ritual que se impôs antes de se aproximar da Acrópole ou de Istambul. Na viagem à América do Sul é o tempo da travessia atlântica que lhe permite preparar-se para essa mudança de estado que, uma vez alcançada, permite articular de maneira globalizante os distintos modos de ver.”* E o vê nas casas de índios em Assunção ou nas casas de tetos ondulados em Buenos Aires; retoma a oposição das ‘as casas de homens’ às casas de arquitetos’ como expressão de um saber natural, não corrompidos pela noção de estilo. MARTINS in LE CORBUSIER (2004, p. 280)

lugar, uma estrutura organizada segundo os princípios da composição arquitetônica e imbuída de um conteúdo simbólico que geralmente é descrito como caráter.¹⁰ Os conceitos de composição, simetria, ordem, modulação e proporção na coordenação dos elementos de arquitetura e dos elementos de composição são ensinados pela Escola de Belas Artes, e, embora sem reconhecimento nos discursos mais manifestamente avessos, continuam presentes nas obras dessa geração — que não pode se desvincular do que está incutido e passa, portanto, a aproveitar-lhe o aporte. Lucio Costa, como intelectual por excelência e personalidade coerente até mesmo no que diz respeito a suas próprias inquietações, tem consciência de sua contemporaneidade e de sua herança. *E faz o levantamento do acervo brasileiro, que é de uma herança muito especial, a cultura mediterrânea.*¹¹

A arquitetura como *arte plástica* é erudita quando a forma é dada conscientemente e popular quando inconscientemente. Lucio defende que a arquitetura moderna visa tão somente *integrar de novo a arte na técnica*, recuperando assim *o próprio conceito de arquitetura*.¹² A atuação própria e conjunta com os colegas de profissão de fé consegue modificar, através dessa compreensão, tanto a matriz disciplinar — que naquele momento se pauta pelo ecletismo ou pelo neocolonial —, quanto a condição normativa da ossatura Dom-ino corbusiana, que oferece ampla variedade de possibilidades compositivas. Sua transposição desembaraçada e a abertura às potencialidades admitidas pela livre articulação da estrutura independente e da planta livre resolvem a demanda de afirmação da modernidade assente na tradição.¹³ Realinha-se, pois, e legitima-se, não só a arquitetura moderna nacional como integrante da arquitetura moderna internacional, mas também a arquitetura ela mesma.

Lucio Costa passa logo a apontar as constantes ‘mesológicas’ e o valor de todas as grandes épocas. A arquitetura moderna é superação das limitações anteriores, e, como novo ponto de partida, goza de conciliações favoráveis em termos estéticos. A geometria e as operações, principalmente a simetria no seu velho sentido, são empregadas com o filtro da sensibilidade artística mais sofisticada, por simplificada e filtrada pela racionalidade. O profundo respeito com o passado coexiste com a aceitação do presente moderno, mesmo que em alusão subjacente ao que constitui, no fundo, a origem do processo. O projeto moderno passa a refletir certa ambigüidade, que não é marca de contradição. A inexistência do antagonismo entre modernidade e tradição não é tese de Lucio Costa, mas, mais do que corroborá-la, ele a demonstra, através dos escritos e dos projetos, pelos quais afirma que o tempo é um só.

No caso do Brasil, o passado pouco sedimentado, típico de país colonizado, propicia, com paradoxal rapidez, o resgate de uma tradição. Essa tradição não é raiz portuguesa, mas é raiz luso-brasileira, como constata Lucio Costa, adaptada desde o início. A tradição popular, principalmente no caso da casa, arquitetura civil, é a mistura da nativa com a implantada pelo colonizador, e diversificada pelo escravo.

⁸ “Ao mesmo tempo, os arquitetos mais criativos desde o fim do século XVIII, com o passado aberto a eles, trataram conscientemente dos problemas da existência e, portanto, da expressão, por meio de sua visão da história e da consequente idéia de uma missão pessoal como homens modernos. Na verdade, os maiores deles, como Wright e Le Corbusier, estavam duplamente conscientes de cada camada de significado implícito em suas fontes de inspiração, e das implicações eternas de seus temas amplos, raros e simples.” SCULLY JR., 2002, p. 143

⁹ Texto de 1953-54 publicado pela primeira vez em 1974 e republicado em ROWE (1999, pp. 63-64)

¹⁰ ROWE (1999, p. 65)

¹¹ Jorge Hue, in WISNIK (2003, p. 181)

¹² As definições fazem parte de texto de 1945, *Considerações sobre o Ensino da Arquitetura*. COSTA (1962, p. 111-117)

¹³ “Assim compreendeu Le Corbusier, o maior entre todos os mestres do século. Sabia na intimidade de seus débitos para com instituições que desprezava em público, como a *Beaux-Arts*. E assim Mies, e sem dúvida Lucio Costa, canibal confesso e até mesmo Oscar — durante certo tempo. Suas obras são na prática

menos revolucionárias que evolucionárias, constituindo afirmação simultânea de continuidade e de ruptura e conferindo a uma e outra importância igual. Paradoxalmente, é o próprio respeito pelo passado e pela sua arquitetura que impede a reprodução literal desta última. Reproduzida fielmente, esta não passaria de cenografia kitsch. Como diz Lucio, as formas devem variar para que o mesmo espírito subsista. Fidelidade a uma tradição não se mantém senão por sua traição parcial. O mote de ruptura total nunca foi mais que estratégia mercadológica.” COMAS (1986, p. 48)

Gilberto Freyre, numa observação pretérita, coloca que o português já carrega consigo essa mistura de raças e culturas; o brasileiro tem o direito de conhecer a tradição ocidental da qual faz parte, podendo contribuir para sua evolução. As qualidades da arquitetura popular vêm à tona em meio aos desvios das rasas adaptações estilísticas;¹⁴ Le Corbusier diferencia casas de homens das casas de arquitetos,¹⁵ e Lucio aponta a sabedoria dos mestres de obra portugueses.

Em *Documentação Necessária*,¹⁶ Lucio apresenta uma seqüência de tópicos que teriam algo da arquitetura colonial a oferecer à arquitetura contemporânea: os sistemas construtivos, as soluções de planta em função do lugar e dos recursos, os telhados simples que abrangem áreas fechadas e abertas, a quebra da inclinação do telhado que permite diminuir a velocidade da queda das águas pluviais, as janelas e seus diferentes tipos de vedação e fechamento, e o mobiliário. A distância da guerra e das crises habitacionais deixa o Brasil livre das preocupações com os ideais de padronização, para adotar o programa da casa brasileira tal como ele vinha se desenvolvendo (Lucio fala da planta dos índios). A exploração plástica pode ser feita sem detrimento da economia — porquanto ela não exista para aquém da contenção de meios, traduzida em sobriedade disciplinada por uma sensibilidade fiel aos materiais e estrutura —; também podem ser preservados os valores tradicionais associados principalmente à família e à organização celular das partes privativas da casa.

Lucio Costa não vê ruptura, mas evolução, entre o passado e o presente — como categorias artísticas sucedâneas; a manipulação das regras do novo jogo *Dom-ino* enriquece a mistura e facilita o deslizamento entre as ‘categorias’ ou atributos das arquiteturas passada e presente, erudita e vernácula. A assimilação e a maturação exigem uma primeira reação contrária aos antepassados, mas esta é feita com certo sentido antropofágico, de emular os princípios e eludir ao enquadramento, afirmando a singularidade de uma cultura irredutível aos estímulos exteriores. Sabendo situar-se na história, os brasileiros têm uma liberdade maior para jogar, advinda exatamente da visão temporal simultânea. Através do estudo das obras do passado, os epígonos passam a voltar os olhos para a questão da permanência.¹⁷ Em parte, a explicação pode ser a ‘brasilidade’ que contém o substrato dessas realizações — caráter das gentes, da época e do lugar. Os brasileiros são hábeis em percorrer os meandros, em misturar e colocar em tudo toque típico, de uma tipicidade ainda sem definição no início de suas manifestações, já que resultante de convergentes. Mais do que expor uma tensão entre a racionalidade universal e as idiosincrasias locais, utilizam-se da instrumentação moderna para recuperar valores tradicionais, através de uma recriação inusitada. O resultado é uma arquitetura que evoca a idéia de unicidade, não obstante o contraponto do corpo metafórico ao corpo mecânico do edifício.

Em *Espaço, tempo e arquitetura*,¹⁸ Giedion explora o conceito de ‘espaço-tempo’; a arquitetura moderna introduz diferentes pontos de vista, ao passo que é própria idéia do tempo relativo e da simultaneidade que estão latentes. Côncios dessa idéia, os arquitetos modernos

¹⁴ “A ferramenta de trabalho que a arquitetura erudita maneja restringe a simplicidade dos meios, a inventiva da técnica local, os imprevistos dos achados; enfim, espontaneidade de criação que na popular se nutre com a seiva bebida na terra.” Mas se a arquitetura popular tem interesse maior que a erudita, “em contraposição, só esta, através de um vocabulário incomparavelmente mais rico, traduz uma elaborada e penetrante compreensão de valores, ignorados ou despercebidos pelos que manipulam a arquitetura popular, que só os atingem, quando os atingem, por via da intuição ou do sentimento.” SANTOS (1988, p. 52 e 56)

¹⁶ Texto de 1937. COSTA (1962)

¹⁷ “É impossível uma relação saudável com o exterior sem uma valorização correta de nossa própria tradição. Se compreendermos a tradição como a coexistência do passado e do presente em um só tempo, tal como coexistem em um só tempo lugares distintamente situados na geografia, perceberemos que se abre uma nova perspectiva para a teoria e a história: elas passam a ser úteis. A tradição, assim definida, é um conhecimento que se organiza topologicamente. Trabalhar com ela deixa de ser o reverenciamento reacionário e formalista de relíquias para

transformar-se na busca atual de um sentido. Não se trata de valorizar a erudição, numa atitude que coloque a cultura como a marca da elite. Nem é esta uma argumentação que favoreça a reflexão em detrimento da prática, num sistema que antagonize teoria e prática. É, ao contrário, a defesa da indissolúvel ligação da teoria e da prática no fazer arquitetônico. É a defesa do enriquecimento da prática pela re-admissão do pensamento teórico como instrumento prático de trabalho.” CZAJKOWSKI (1985, p. 32)

¹⁸ GIEDION (1955)

¹⁶ Ver nota 7.

brasileiros, dialogando com todos os tempos, propõem uma dialética que incorpora as virtudes e os excipientes dessa realização antropofágica, que não obstante resultar em algo novo, é mais próxima do conhecido. Transparências e inflexões, reflexo e transformação, superposição e transposição são operações correntes na hibridação.¹⁹

Vistas em conjunto, as 145 casas cariocas confirmam o apuro dos seus autores quanto às questões de projeto, de composição, de adequação, e de domesticidade; as criações falam de arquitetura nova e substrato clássico, raiz mediterrânea e ibero-americana, modernidade internacional e tradição local. A ortodoxia dá lugar ao equilíbrio, a tábula rasa dá lugar à invenção, a inclusão substitui a exclusão. Nem por isso se perde o sentido de decoro, tão caro aos princípios da boa arquitetura, tampouco a domesticidade, pressuposto da boa tradição. Todos os elementos e suas variantes combinatórias consubstanciam-se na correta composição e na adequada caracterização — seja na casa ou no palácio — de objetos autênticos e perenes. As dicotomias são conciliadas no caso brasileiro, onde os caminhos do meio são mais dignos de consideração do que os extremos opostos. O olhar sobre a história da arquitetura pede sincronia e diacronia. É mais apropriado considerá-la como um instante contínuo, no qual o pensamento e a memória são co-extensivos, do que como uma sucessão de fatos únicos.²⁰ A história da arquitetura brasileira não se ausenta do mesmo olhar. E quanto à arquitetura moderna brasileira, seu tempo é tanto mais um presente contínuo quanto mais é a capacidade da obra de fazer-se presente ante a contemplação artística.

A tarefa de reconhecimento do peso da escola carioca na arquitetura moderna brasileira vem sendo empreendida já há algum tempo, mas ainda há territórios desconhecidos a percorrer — e mesmo os já demarcados ainda conservam espaços pouco visitados.²¹ Há necessidade de se pintar com matizes cinzas, e não só em preto e branco, esta arquitetura brasileira. A participação do Brasil no debate mundial tem-se feito rasa nas três últimas décadas. Enquanto isso, os anos dourados ainda dobram a esquina entoando sutis notas passadas despercebidas aos ouvidos desafinados de quem neles só vê saudades.²²

“É nesse particular, tal como no que se refere à consciência, no arquiteto moderno, da sua condição de artista, que o episódio singular da arquitetura brasileira contemporânea e a presença aqui de uma testemunha dessa experiência distante, devem ser considerados importantes, pois vêm pôr na ordem do dia, com a devida ênfase, o problema da qualidade plástica e do conteúdo lírico e passional da obra arquitetônica, aquilo por que haverá de sobreviver no tempo, quando funcionalmente já não for mais útil. Sobrevivência não apenas como exemplar didático de uma técnica construtiva ultrapassada, ou como testemunho de uma civilização perempta, mas num sentido mais profundo e permanente, - como criação plástica ainda viva, porque capaz de comover.”

Lucio Costa
O arquiteto e a sociedade contemporânea
1952

¹⁹ ROWE (1999)

²⁰ *“De acordo com essa visão, as características tipológicas de uma arquitetura racional não são aquelas criadas pela tecnologia ou por formas especificamente modernas de comportamento social, mas aquelas que persistem por meio da mudança tecnológica e social e que nos prendem a uma imagem permanente do homem.”* COLQUHOUN (2004, p. 92-93)

²¹ Assim é que no seminário Docomomo 5 (realizado em São Carlos, SP, em 2003) mostrou-se pequena a presença de trabalhos acerca do tema; ainda que dos epígonos da arquitetura moderna brasileira sejam os cariocas maioria, muitos episódios inconclusos continuam a ser relegados a um segundo plano pelos estudiosos, enquanto outros são reincidentes.

²² *“São as constantes da nossa sensibilidade que fazem por exemplo, que uma Casa Grande de Fazenda dos períodos Colonial e princípio Imperial: grandes massas, mansas, repousadas, tranqüilas, telhados sonolentos,*

espreguçando-se por sobre amplas alpendradas, capela de canto ou de fora, sala enorme com a mesa patriarcal, cozinha de convento, alcovas, camarinha — velha casa desprezível e simples, com seu não sei quê de sincero, franco e acolhedor —, nos pareça, mesmo àqueles de nós que jamais moramos noutro lugar que não no nosso apartamento da cidade —, como coisa familiar, muito nossa conhecida, como se nela houvésemos nascido e vivido, como se nos tivéssemos sentado à sua mesa farta, dormindo a sesta na rede que visualizamos estendida à sua varanda, ouvindo as cantigas de ninar menino das suas mães-pretas brincando com os moleques das suas senzalas, rezando a Santo Antônio na sua Capela.” SANTOS (1988, p. 56)

BIBLIOGRAFIA ANEXOS

BIBLIOGRAFIA

Livros

- AALTO, Alvar. **La Humanización de la Arquitectura**. Barcelona: Tusquets Editor, 1977.
- ÁBALOS, Iñaki. **La buena vida: visita guiada a las casas de la modernidad**. 2.ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- ACAYABA, Marlene Milan. **Residências em São Paulo 1947-1975**. São Paulo: Projeto, 1986.
- ALBERTI, Leon Battista. **On the art of building in ten books**. Cambridge / London: The MIT Press, 1991.
- ALDAY, Iñaki; LLINÀS, José; LAPEÑA, José Antonio Martínez; MONEO, Rafael. **Aprendiendo de todas sus casas**. Barcelona: UPC, 1996.
- AMARAL, Aracy A. **Blaise Cendrars no Brasil e os Modernistas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970.
- _____. **Artes Plásticas na Semana de 22**. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- _____. **Arte pra quê? A preocupação social na Arte Brasileira, 1930-1970**. São Paulo: Nobel, 1984.
- ANDREOLI, Elisabetta; FORTY, Adrian (org.). **Arquitetura Moderna Brasileira**. São Paulo: Martins Fontes e Phaidon, 2004.
- ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio; KON, Nelson. **Rino Levi: Arquitetura e Cidade**. São Paulo: Romano Guerra, 2001.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ARTIGAS, João Baptista Vilanova. **Vilanova Artigas**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi / Fundação Vilanova Artigas, 1997.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BAKER, Geoffrey H. **Le Corbusier, uma análise da forma**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BANHAM, Reyner. **Teoria e Design na Primeira Era da Máquina**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- BARDI, Pietro Maria. **Lembrança de Le Corbusier: Atenas, Itália, Brasil**. São Paulo: Nobel, 1984.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. **O último capítulo da arquitetura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- BENTON, Tim. **The villas of Le Corbusier : 1920-1930**. London: Yale-Press, 1987.
- BERGER, John. **Modos de ver**. Barcelona, Gustavo Gili, 2000.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BLASER, Werner. **Mies van der Rohe**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BOESIGER, Willy. **Le Corbusier 1910-1965**. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.
- _____. **Le Corbusier**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BOESIGER, Willy; STONOROV, O. **Le Corbusier: et Pierre Jeanneret - Oeuvre complète, 1910-1929**. Berlin: Birkhauser, 1995. v.1.
- _____. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret - Oeuvre complète, 1929-1934**. Berlin: Birkhauser, 1995. v.2.
- _____. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret - Oeuvre complète, 1934-1938**. Berlin: Birkhauser, 1995. v.3.
- _____. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret Oeuvre complète, 1938-1946**. Berlin: Birkhauser, 1995. v.4.
- _____. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret - Oeuvre complète, 1946-1952**. Berlin: Birkhauser, 1995. v.5.
- _____. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret - Oeuvre complète, 1952-1957**. Berlin: Birkhauser, 1995. v.6.
- _____. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret - Oeuvre complète, 1957-1965**. Berlin: Birkhauser, 1995. v.7.
- _____. **Le Corbusier et Pierre Jeanneret - Oeuvre complète, 1965-1969**. Berlin: Birkhauser, 1995. v.8.
- BONDUKI, Nabil Georges (Org.). **Afonso Eduardo Reidy**. 2. ed. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, Editorial Blau, 1999.
- BOTEY, Josep Ma. **Oscar Niemeyer - Obras e Proyectos**. Barcelona: Gustavo Gili, 1997.
- BOULLÉE, E. L. **Ensayo sobre el Arte**. Barcelona: Gustavo Gili, 1985.
- BRAGA, Andréa da Costa; FALCÃO, Fernando A. R. **Guia de Urbanismo, Arquitetura e Arte de Brasília**. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 1997.
- BROWNE, Enrique. **Casas latinoamericanas**. Mexico, D. F.: G. Gili, 1994.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.
- BULLRICH, Francisco. **New Directions in Latin American Architecture**. New York: George Braziller, 1969.
- _____. **Arquitetura Latinoamericana 1930/1970**. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.
- CASTEDO, Leopoldo. **Latin American Art and Architecture**. New York: Praeger Publishers, 1969.

- CAVALCANTI, Laura. **Modernistas na repartição**. Rio de Janeiro: UFRJ / Paço Imperial, 1993.
- _____. **Quando o Brasil era moderno: guia de arquitetura 1928-1960**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- CHING, Francis. **Arquitectura: Forma, Espacio y Orden**. Mexico: Gustavo Gili, 1985.
- CHOISY, Auguste. **Historia de la Arquitectura**. Buenos Aires: Editorial Vitor Leru, 1951.
- COLLINS, Peter. **Los Ideales de la Arquitectura Moderna y su Evolucion (1750 - 1950)**. Barcelona: Gustavo Gili, 1970.
- COLQUHOUN, Alan. **Essays in architectural criticism: modern architecture and historical change**. London: The MIT Press, 1986.
- _____. **Modernity and the classical tradition: architectural essays 1980-1987**. Cambridge/London: The MIT Press, 1989.
- _____. **Modernidade e tradição clássica: ensaios sobre arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. 'Le Corbusier: os riscos brasileiros de 1936'. In: TSIOMIS, Yannis (ed.). **Le Corbusier - Rio de Janeiro 1929,1936**. Paris: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1998.
- _____. 'Arquitetura Moderna Brasileira 30/60'. In: MONTEZUMA, Roberto (org.). **Arquitetura Brasil 500 anos: uma invenção recíproca**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias; ADRIÀ, Miquel. **La Casa Latinoamericana Moderna: 20 paradigmas de mediados de siglo XX**. México: Gustavo Gili, 2003.
- CORNOLDI, Adriano; SOLANAS I CÀNOVAS, Antoni. **La Arquitectura de la vivienda unifamiliar: manual del espacio doméstico**. Barcelona: G. Gili, 1999.
- CORONA MARTINEZ, Alfonso. **Ensayo sobre el proyecto**. Buenos Aires: CP67, 1990.
- COSTA, Lucio. **Sobre arquitetura**. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962.
- _____. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- CURTIS, William J. R. **Modern architecture since 1900**. London: Phaidon, 1999.
- CZAJKOWSKI, Jorge. **Jorge Machado Moreira**. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1999.
- DUNSTER, David. **100 casas unifamiliares de la arquitectura del siglo XX**. Mexico: G. Gili, 1998.
- EVANS, Robin. **Translations from Drawing to Building and Other Essays**. AA Documents 2, Londres, 1997.
- FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. **Arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Projeto, 1982.
- FERRAZ, Geraldo. **Warchavchik e a Introdução da Nova Arquitetura no Brasil: 1925 a 1940**. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 1965.
- FERRAZ, Marcelo Carvalho (Org.). **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1996.
- FRANK, Klaus. **The Works of Afonso Eduardo Reidy**. London: Alec Tiranti, 1960.
- FRAMPTON, Kenneth. **Historia crítica da arquitetura moderna**. São Paulo: M. Fontes, 1997.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.
- _____. **Sobrados e mocambos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1951.
- FROTA, Lélia Coelho. **Alcides Rocha Miranda: caminho de um arquiteto**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- GALFETTI, Gustau Gili. **Casas Refúgio**. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.
- GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: Edusp, 1991.
- GIEDION, Siegfried. **Espacio, tiempo y arquitectura: el futuro de una nueva tradicion**. 4.ed. Madri: Científico-Médica, 1968.
- GOODWIN, Philip. **Brazil builds: architecture new and old 1652-1942**. New York: The Museum of Modern Art, 1943.
- GOROVITZ, Matheus. **Brasília, uma questão de escala**. São Paulo: Projeto, 1985.
- GRAEFF, Edgar; JAIMOVICH, Marcos; DUVAL, José; SELTER, Sioma. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. Rio de Janeiro: Gertum Carneiro, 1947.
- GROPIUS, Walter. **Alcances de la arquitectura integral**. Buenos Aires: La Isla, 1957.
- GUIMARAENS, Cêça de. **Lucio Costa**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- HANSON, Julienne. **Decoding homes and houses**. Cambridge: Cambridge University, 1998.
- HARRIS, Elizabeth D. **Le Corbusier: Riscos Brasileiros**. São Paulo: Nobel, 1987.
- HEIDEGGER, Martin. Building, dwelling, thinking. In: LEACH, Neil. **Rethinking architecture: a reader in cultural theory**. London: Routledge, 1997.
- HITCHCOCK, Henry Russel. **Painting Toward Architecture**. New York: Duell, Sloan & Pearce, INC., 1948.

- _____. **Latin american architecture: since 1945.** New York: The Museum of Modern Art, 1955.
- _____. **Modern architecture: romanticism and reintegration.** New York: Da Capo Press, 1993.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 9ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- HOLSTON, James. **A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- HOUSLEY, Kathleen L. **Emily Hall Tremain: Collector on the cusp.** Meriden: Emily Hall Tremain Foundation, 2001.
- JACOBS, Jane. **Morte e Vida das Grandes Cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JENCKS, Charles. **Le Corbusier and the Tragic View of Architecture.** Cambridge: Harvard University, 1973.
- KAMITA, João Masao. **Vilanova Artigas.** São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
- _____. A casa moderna brasileira. In: **Arquitetura Moderna Brasileira.** São Paulo: Martins Fontes e Phaidon, 2004.
- KATINSKI, Júlio Roberto. **Casas bandeiristas: nascimento e reconhecimento da arte em São Paulo.** São Paulo: IGEOG-USP, 1976.
- _____. **Brasília em três tempos.** Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- KLEIN, Alexander. **Vivienda mínima: 1906-1957.** Barcelona: G. Gili, 1980.
- LAVIN, Sylvia. **Quatremère de Quincy and the invention of a modern language of architecture.** Cambridge: MIT, 1992.
- LE CORBUSIER. **Une maison un palais.** Paris: Éditions Connivences, 1928.
- _____. **El modulator : ensayo sobre una medida armonica a la escala humana, aplicable universalmente a la arquitectura y a la mecanica.** Buenos Aires: Poseidon, 1953.
- _____. **Une Petit Maison.** Zurich: Artemis Verlags-AG, 1954.
- _____. **Vers une architecture.** Paris: Éditions Vincent, Fréal & C^{ie}, 1958.
- _____. **Por uma Arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 1977.
- _____. **Precisões sobre um estado presente de arquitetura e do urbanismo.** São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Arquitetura brasileira.** São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1979.
- _____. **História da casa brasileira.** São Paulo: Contexto, 1989.
- LISSOVSKY, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes de (org.). **Colunas da Educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde (1935-1945).** Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, 1996.
- MAHFUZ, Edson da Cunha. **Ensaio sobre a razão compositiva.** Belo Horizonte: AP Cultural, 1995.
- _____. **O clássico, o poético e o erótico e outros ensaios.** Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 2001.
- MARTÍ ARÍS, Carlos. **Silencios elocuentes.** Barcelona: Edicions UPC, 1999.
- MINDLIN, Henrique Ephim. **Modern Architecture in Brazil.** Amsterdam: Meulenhoff & CO NV, 1956.
- _____. **Arquitetura moderna no Brasil.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MOCK, Elizabeth; GOODWIN, Philip. **Built in USA since 1932.** New York: The Museum of Modern Art, 1945.
- MONTANER, Josep Maria. **Después del movimiento moderno: Arquitectura de la segunda mitad del siglo XX.** Barcelona: Gustavo Gili, 1993.
- MONTEYS, Xavier; FUERTES, Pere. **Casa collage: un ensayo sobre la arquitectura de la casa.** Barcelona: Gustavo Gili, 2001.
- MONTEZUMA, Roberto (org.). **Arquitetura Brasil 500 anos.** Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2002.
- MOORE, Charles W; ALLEN, Gerald; LYNDON, Donlyn. **La casa: forma y diseño.** Barcelona: G. Gili, 1976.
- MORALES DE LOS RIOS, Adolfo. **Grandjean de Montigny e a evolução da arte brasileira.** Rio de Janeiro: A Noite, 1941.
- NIEMEYER, Oscar. **Pampulha.** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.
- _____. **A forma na arquitetura.** Rio de Janeiro: Avenir, 1978.
- _____. **Oscar Niemeyer.** Milano: Mondadori, 1975.
- _____. **Meu sócia e eu.** Rio de Janeiro: Revan, 1992.
- _____. **Cadernos do arquiteto.** São Paulo / Rio de Janeiro: Instituto Lina e P. M. Bardi, Fundação Memorial da América Latina e Fundação Oscar Niemeyer, 1997.
- _____. **As curvas do tempo - memórias.** 3.ed. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- _____. **Minha Arquitetura — 2002.** Rio de Janeiro: Revan, 2002.

- NOBRE, Ana Luíza et alii. **Lucio Costa: um modo de ser moderno**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. **Intenciones en arquitectura**. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.
- _____. **Genius loci: towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli, 1980.
- ORTEGA Y GASSET, J. **La deshumanización del arte**. Alianza Editorial, Madrid, 1991.
- PANERAI, Philippe. **Elementos de analisis urbano**. Madri: Instituto de Estudios de Administración Local, 1983.
- PAPADAKI, Stamo. **The Work of Oscar Niemeyer**. New York: Reinhold, 1950.
- _____. **Oscar Niemeyer: works in progress**. New York: Reinhold, 1956.
- _____. **Oscar Niemeyer**. New York : George Braziller, 1960.
- _____. **The masters of world architecture - Oscar Niemeyer**. New York : George Braziller, 1960.
- PEREZ OYARZUN, Fernando. **La Casa Errazuriz en la obra de Le Corbusier**. [197-?]. Exemplar datilografado.
- _____. (org). **Le Corbusier y Sudamerica: viajes y proyectos**. Santiago: Pontificia Universidad Catolica de Chile, 1991.
- _____.; ARAVENA MORI, Alejandro; QUINTANILLA CHALA, José. **Los hechos de la Arquitectura**. Santiago do Chile: Ediciones Arquitectura, 1999.
- PEVSNER, Nikolaus. **Panorama da arquitetura ocidental**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- PETIT, Jean. **Niemeyer Poeta da Arquitetura**. Lugano: Fidia Edizioni d'Arte, 1998.
- PIÑÓN, Hélio. **El sentido de la arquitectura moderna**. Barcelona: UPC, 1997.
- PIRSIG, Robert M. **Zen e a arte da manutenção das motocicletas: uma investigação sobre valores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- RAPOPORT, Amos. **Vivienda y cultura**. Barcelona: Gustavo Gili, 1969.
- _____. **Pour une anthropologie de la maison**. Paris: Dunod, 1972.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- RISSELADA, Max (Org.). **Raumplan Versus Plan Libre – Adolf Loos e Le Corbusier**. Amsterdam: Delft University Press, 1991.
- ROSSI, Aldo. **Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ROWE, Colin. **The mathematics of the ideal villa and other essays**. London: The MIT Press, 1976.
- _____. KOETTER, Fred. **Collage city**. London: The MIT Press, 1980.
- _____. **The architecture of good intentions: towards a possible retrospect**. London: Academy Ed., 1994.
- _____. **Manierismo y arquitectura moderna y otros ensayos**. 3.ed. Barcelona: 1999.
- RYKWERT, Joseph. **La casa de Adán en paraíso**. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.
- RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma ideia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SÁ CORRÊA, Marcos. **Oscar Niemeyer - Ribeiro de Almeida Soares**. Perfis do Rio. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- SACRISTE, Eduardo. **Qué es la casa**. Buenos Aires: Columba, 1968.
- SANTOS, Cecilia R. dos.; PEREIRA, Margareth da Silva, et alii. **Le Corbusier e o Brasil**. São Paulo: Tessela / Projeto, 1987.
- SANTOS, Paulo F. **Quatro Séculos de Arquitetura**. Rio de Janeiro: Valença, 1977.
- SBRIGLIO, Jacques. **Le Corbusier: Les Villas La Roche-Jeanneret**. Basel: Birkhauser, 1997.
- SCHWARTZ, Jorge (Org.) **Da Antropofagia a Brasília - Brasil, 1920-1950**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SCULLY JR., Vincent. **Arquitetura Moderna : a arquitetura da democracia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: Edusp, 1998.
- SEMPER, Gottfried. **The four elements of architecture and other writings**. Cambridge: Press, 1989.
- SERLIO, Sebastiano. **On domestic architecture**. New York: MIT, 1978.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Oscar Niemeyer por Nelson Werneck Sodré**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- Solar Grandjean de Montigny. **Afonso Eduardo Reidy**. Rio de Janeiro: PUC - Solar Grandjean de Montigny - Index Promoções Culturais, 1985.
- SOUZA, Abelardo de. **Arquitetura no Brasil: depoimentos**. São Paulo: Diadorim, 1978.
- SUDJIC, Deyan; BEYERLE, Tulga. **Hogar: la casa del siglo XX**. Barcelona: Leopold Blume, 2000.
- TSIOMIS, Yannis (ed.). **Le Corbusier – Rio de Janeiro: 1929, 1936**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro, 1998.

- TZONIS, Alexander. **Le Corbusier : the poetics of machine and metaphor**. New York: Universe, 2001.
- UNDERWOOD, David Kendrick. **Oscar Niemeyer and the Architecture of Brazil**. New York: Rizzoli, 1994.
- _____. **Oscar Niemeyer and the architecture in Brazil**. New York: Rizzoli, 1994.
- _____. **Oscar Niemeyer e o modernismo de formas livres no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- VALENTINETTI, Cláudio M. **Oscar Niemeyer: diálogo pré-socrático**. Instituto Lina Bo P.M. Bardi, 1998.
- VALÉRY, Paul. **Eupalinos ou O arquiteto**. Rio de Janeiro:34, 1996.
- VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição em arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- VIOLLET-LE-DUC, Eugène-Emmanuel. **Historia de la habitacion humana**. Buenos Aires: Victor Leru, 1945.
- VITRUVIUS, Marcus. **The ten books on architecture**. Translated by M.H.Morgan. New York: Dover, 1960.
- VON MOOS, Stanislaus. **Le Corbusier**. Barcelona: Lumen, 1977.
- WESTON, Richard. **Evolución Arquitectónica de la Casa en el Siglo XX**. Barcelona: Blume, 2002.
- WEBB, Michael. **Modernism Reborn: mid-century american houses**. Nova York: Universe, 2001
- WISNIK, Guilherme. **Lucio Costa**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- _____. (org.). **O risco: Lucio Costa e a utopia moderna: depoimentos do filme de Geraldo Motta Filho**. Rio de Janeiro: Bang Bang Filmes, 2003.
- WÖLFFLIN, Heinrich. **Conceitos Fundamentais da História da Arte**, São Paulo, 1986.
- WORRINGER, Wilhelm. **Abstraction and empathy: a contribution to the psychology of style**. New York: International Universities Press, 1953.
- XAVIER, Alberto; BRITO, Alfredo; NOBRE, Ana Luiza. **Arquitetura moderna no Rio de Janeiro**. São Paulo: Pini; Rio de Janeiro: Rioarte, 1991.
- XAVIER, Alberto. **Arquitetura moderna brasileira: depoimento de uma geração**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- YOSHIDA, Celia Ballario et alii. **Henrique Ephim Mindlin: O Homem e o Arquiteto**. São Paulo: Instituto Roberto Simonsen / Federação e Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, 1975.
- ZABALBEASCOA, Anaxu. **La casa del arquitecto**. Barcelona: G.Gili, 1995.
- _____. **As Casas do Século**. Barcelona: Blau, 1998.
- _____. RODRIGUES MARCOS, Javier. **Vidas construídas: biografias de arquitectos**. Barcelona: G. Gili, 1999.
- ZEVI, Bruno. A moda lecorbusiana no Brasil. In: XAVIER, Alberto (org.). **Depoimento de uma geração – arquitetura moderna brasileira**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

Periódicos

- ACAYABA, Marlene Milan. 'Brutalismo caboclo e as residências paulistas'. **Projeto** nº 73, São Paulo: Projeto, mar 1985, pp. 46-48
- ARANTES, Ofélia B. F. 'Resumo de Lucio Costa'. **Folha de São Paulo - Caderno Mais**. São Paulo: Folha, 24 fev 2002, p.6-11
- AU - ARQUITETURA E URBANISMO. São Paulo: Pini, n.55, ago./set. 1994. Edição especial: Oscar Niemeyer
- BACKHEUSER, João Pedro. 'Sérgio Bernardes: sob o signo da aventura e do humanismo'. **Projeto Design** nº 270, São Paulo: Arco Editorial, ago 2002, pp. 24-26
- BANDEIRA, Manuel. 'Sobre arquitetura'. **Arquitetura Revista** nº 4, Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 2º semestre 1986, pp. 10-14
- BARIANI, Márcio. 'Marcello Fragelli: a arquitetura entre o Rio de Janeiro e São Paulo (1)'. **Arquitextos**, São Paulo, 2005: pp. 1-4. In: <http://www.vitruvius.com.br>
- BRITTO, Alfredo. 'Na escala do morar'. **AU Arquitetura e Urbanismo** nº 55, ago-set 1994, pp. 86-90
- BRITTO, Alfredo. 'MM Roberto'. **AU Arquitetura e Urbanismo** nº 52, fev-mar 1994, pp. 68-78
- CAMPOFIORITO, Italo. 'A Arquitetura Brasileira — Até hoje'. **Módulo** nº 42, Rio de Janeiro, mar-abr-mai 1976, pp. 16-23
- CARDOZO, Joaquim. 'Um tipo de casa rural do antigo Distrito Federal e Estado do Rio'. **Módulo** nº 29, Rio de Janeiro, ago 1962, pp. 1-23
- CARDOZO, Joaquim. O episódio da Pampulha. **Módulo** nº 4, 1956. In XAVIER (2003, p. 147)
- CARRILHO, Marcos. 'Brazil builds : 55 da exposição'. **AU Arquitetura e Urbanismo** nº 77, São Paulo, abr 1998, pp.55-61
- 'Casa Edgar Duvivier / Olívia Byington, Rio de Janeiro, RJ' [Lúcio Costa]. **Projeto** nº 134, São Paulo: Arco Editorial, ago. 1990, pp. 46-48

- CAVALCANTI, Lauro. 'Le Corbusier, Estado Novo e a formação da arquitetura moderna brasileira'. **Projeto** nº 102, São Paulo: Arco Editorial, ago 1997, pp. 161-163
- COLQUHOUN, Alan. 'Regionalismo e pos-modernidade'. **AU Arquitetura e Urbanismo** nº 45, vol.8, São Paulo: Pini, dez 1992 - jan 1993, pp.51-53
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. 'Protótipo e Monumento: um Ministério, o Ministério'. **Projeto** nº102, São Paulo: Projeto, ago 1987, pp.136-149
- _____. 'Ofício e Paixão: canibalismo, outras bossas, coisas nossas'. **AU Arquitetura e Urbanismo** nº13, São Paulo: Pini, ago-set 1987, p.47-49
- _____. 'Uma certa arquitetura moderna brasileira: experiência a re-conhecer'. **Arquitetura Revista** nº 5, Rio de Janeiro, 1987, pp.22-28
- _____. 'Em busca de uma arquitetura latino-americana própria'. **Projeto** nº 124, São Paulo: Arco Editorial, ago 1989, pp. 133-134
- _____. 'Arquitetura moderna, estilo Corbu, pavilhão brasileiro'. **AU Arquitetura e Urbanismo** nº 26, vol. 5, São Paulo: Pini, out-nov 1989, pp. 92-101
- _____. 'Da atualidade de seu pensamento'. **AU** nº 38, São Paulo: Pini, out-nov 1991, pp.69-74
- _____. 'Década e meia de arquitetura brasileira'. **AU Arquitetura e Urbanismo** nº 49, São Paulo: Pini, ago-set 1993, pp.73-76
- _____. 'Teoria acadêmica, arquitetura moderna, corolário brasileiro'. **Gávea** nº 11, vol. 11, Rio de Janeiro: PUC-RJ, abr 1994, pp.181-193
- _____. 'O jovem Niemeyer — a legitimidade da diferença'. **AU Arquitetura e Urbanismo** nº 55, São Paulo: Pini, ago-set 1994.
- _____. 'El oasis de Niemeyer.' **Arquine** nº3, Mexico, 1998.
- _____. 'O Encanto da Contradição - Conjunto da Pampulha, de Oscar Niemeyer', **Arquitextos** nº 11, set. 2000. In: <http://www.vitruvius.com.br>
- _____. 'A Máquina para Recordar: Ministério da Educação no Rio de Janeiro, 1936-45'. **Arquitextos** nº 5, São Paulo, out. 2000. In: <http://www.vitruvius.com.br>
- _____. 'Stud banker bang bang!: Casa e atelier Barragán em Tacubaya, México, 1947'. **Arquitextos** nº 26, São Paulo, nov 2000. In:<http://www.vitruvius.com.br>
- _____. 'A Racionalidade da Meia Lua: Apartamentos do Parque Guinle no Rio de Janeiro, 1948-52'. **Arquitextos** nº 10, São Paulo, mar. 2001. In: <http://www.vitruvius.com.br>
- _____. 'Casino, Cobijo, Capilla: tres casas de cristal modernas en Brasil'. **Summa** nº 50, ago-set 2001
- _____. 'Paulo Mendes da Rocha: o prumo dos 90'. **AU Arquitetura e Urbanismo** nº 97, São Paulo, ago-set 2001
- _____. 'Lucio Costa e a revolução na arquitetura brasileira 30/39: de lenda(s) e Le Corbusier'. **Arquitextos** nº 22, São Paulo, mar 2002. In: <http://www.vitruvius.com.br>
- _____. 'Domesticidad y paraíso: el sueño de la buena vida'. **Summa** nº 58, jan-fev 2003. In <http://www.summamas.com/58b.htm>
- _____. Livre pensar é só pensar: casa, cidade e pax americana 1. **Projeto Design** nº. 281, São Paulo: Arco Editorial, jul 2003, p. 20-22
- _____. 'Domesticidad moderna, tradición arquitectónica, cultura contemporánea'. 2004, texto não publicado
- COSTA, Lucio et. al. 'Ministère de l'Education et de la Santé Publique'. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº13-14, Paris, set. 1947, pp. 13-19
- COSTA, Lucio. 'Destruí algo que existia': entrevista a Haifa Y. Sabbag. **AU Arquitetura e Urbanismo** nº 5, São Paulo: Pini, abr 1986, pp. 18-21
- CZAJKOWSKI, Jorge. 'Arquitetura brasileira: produção e crítica'. **Gávea** nº 2, Rio de Janeiro: PUC-RJ, set 1985
- _____. 'Breve Notícia sobre Pesquisa — O nativismo Carioca: uma Arquitetura entre Tradição e Modernidade'. **Gávea** nº 6, Rio de Janeiro: PUC-RJ, dez 1988
- ÉMERY, Marc. 'Recusa às concessões'. **AU** nº 55, São Paulo: Pini, ago-set 1994, pp. 81-85
- FERRAZ, Geraldo. 'Desaparecem dois grandes arquitetos: Marcelo Roberto e Affonso Eduardo Reidy. **Habitat** nº 78, jul-ago 1964, pp. 17-24
- GONSALES, Célia Helena Castro. 'Residência e cidade - arquiteto Rino Levi'. **Arquitextos** nº 50, São Paulo, jan. 2004. In: www.vitruvius.com.br
- GUIMARAENS, Cêça. 'Por que falar duas ou três coisas sobre Le Corbusier, cem anos depois?' **Projeto** nº 102, São Paulo: Arco Editorial, ago 1997, pp. 82-84
- GULLAR, Ferreira. 'Ausência de uma crítica'. **Arquitetura** nº 7, Rio de Janeiro: IAB, jan 1963, p.7
- 'Inquérito Nacional de Arquitetura' [Acácio Gil Borsoi, A. Rubio Morales, Affonso Eduardo Reidy]. **Arquitetura** nº 1, Rio de Janeiro: IAB, ago 1961, pp. 13-21
- 'Inquérito Nacional de Arquitetura' [Gregori Warchavchik e Henrique Mindlin]. **Arquitetura** nº 4, Rio de Janeiro: IAB, out 1962, pp. 12-14
- 'Inquérito Nacional de Arquitetura' [João Henrique Rocha, José Cláudio Gomes, Lucio Costa, M.M.M. Roberto]. **Arquitetura** nº 5, Rio de Janeiro: IAB, 1962, pp. 13-19 e 38
- 'Inquérito Nacional de Arquitetura' [Marcello Accioly Fragelli e Marcos Konder Netto]. **Arquitetura** nº 6, Rio de Janeiro: IAB, dez 1962 pp. 22-24 e 41-52
- 'Inquérito Nacional de Arquitetura' [Oscar Niemeyer Soares Filho e Sérgio Wladimir Bernardes]. **Arquitetura** nº 7, Rio de Janeiro: IAB, jan 1963 pp. 33-40
- KAMITA, João M. 'Affonso Eduardo Reidy: o rigor do método'. **AU** nº50, São Paulo: Pini, abr-mai 1993, pp.73-84
- 'Le Corbusier e o Brasil: a pesquisa'. **Modulo** nº 96, Rio de Janeiro: Avenir, nov 1987, pp.42-45
- 'Le Corbusier: 1887-1987'. **Projeto** nº 102. São Paulo: Arco Editorial, ago 1997, pp. 77-163

- 'Le Corbusier'. **Arquitetura** nº 7, Rio de Janeiro: IAB, jan 1963, pp. 7-9
- LEVI, Rino. 'A arquitetura e a estética das cidades. In: XAVIER, Alberto (2003).
- 'Lucio Costa: a vanguarda permeada com a tradição'. Entrevista a Hugo Segawa. **Projeto** nº 104, São Paulo: Arco Editorial, out 1987, pp.145-154
- MAHFUZ, Edson da Cunha. 'Composição e caráter e a arquitetura no fim do milênio.' In: **Projeto Design** nº 195, São Paulo: Arco Editorial, 1996.
- MAHFUZ, Edson da Cunha. 'Traços de uma arquitetura consistente'. **Arquitextos** nº 16, São Paulo, set. 2001. In: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos>
- 'Marcelo Roberto e sua obra pioneira'. **Arquitetura** nº 27, especial Marcelo Roberto, Rio de Janeiro: IAB, set 1964, pp. 3-13
- MARTINS, Carlos Alberto Ferreira. 'Estado, cultura e natureza na origem da arquitetura moderna brasileira: Le Corbusier e Lúcio Costa, 1929-1936'. In: **Caramelo** nº 6. São Paulo: FAU-USP, 1993, pp. 129-136
- MELLO, Thiago de. 'As casas amazônicas de Lucio Costa'. **D&I** nº XX dez 1989, pp.107-111
- MINDLIN, Henrique E. 'Gilberto Freyre e os arquitetos.' **Arquitetura** nº 4, Rio de Janeiro: IAB, out 1962, pp. 17-11
- MIRANDA, Alcides Rocha. 'Convivência e harmonia com o passado'. **Arquitetura Revista** nº 4, Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2º sem 1986, pp.15-29
- _____. 'Aula inaugural'. **Caramelo** nº10, São Paulo: FAU-USP, 1998, pp. 138-157
- NIEMEYER, Oscar. 'Contradição na Arquitetura'. **Módulo** nº 31, Rio de Janeiro: Avenir, dez 1962, pp. 17-18
- _____. 'Considerações sobre a Arquitetura Brasileira'. **Módulo** nº 44, Rio de Janeiro: Avenir, dez-jan 1976-1977.
- NOBRE, Ana Luiza (coord.). 'Alcides Rocha Miranda educador'. **Caramelo** nº10, São Paulo: FAU-USP, 1998, pp.129-138
- _____. 'Lucio Costa: o primeiro verso'. **AU** nº38, São Paulo: Pini, out-nov 1991, pp.47-60
- _____. 'A razão e as razões de Lucio Costa'. **AU** nº 100, São Paulo: Pini, fev-mar 2002, pp. 100-103
- _____. 'Sérgio Bernardes: a subversão do possível'. **Arquitetura e Crítica** nº 009, São Paulo, junho 2002. In: <http://www.vitruvius.com.br>
- OLIVEIRA, Rogerio de Castro. 'Quatremère de Quincy e o *essai sur l'imitation*: o alvorecer da crítica no horizonte da modernidade'. In: **Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis**. Vol.3 Porto Alegre, jun.2001, p. 73-91
- _____. 'As modernidades eletivas de Le Corbusier e Lucio Costa : Rio de Janeiro, 1936'. In: **Arqtexto** nº 2. Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 152-167
- 'Os pioneiros da arquitetura moderna no Brasil'. **Acrópole** nº 301, São Paulo, dez. 1963, pp. 20-21
- PEDREIRA, Lúvia Álvares. 'Reidy, o desenho da razão'. **AU** nº16, São Paulo: Pini, mar 1988, pp.76-81
- PEIXOTO, Marta. 'Sistemas de proteção de fachada na escola carioca de 1935 a 1955'. **Arqtexto** nº 2, Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- PEREIRA, Cláudio Calovi. 'Os irmãos Roberto e o edifício da A.B.I.: uma história da modernidade brasileira'. **Arqtexto** nº 2, Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- PEREIRA, Margareth; RODRIGUES, Cecília; et alii. 'Um marco nas relações de Le Corbusier com o Brasil'. **Projeto** nº 102, São Paulo: Arco Editorial, ago 1997, pp. 105-108
- PEREIRA, Margareth da Silva. 'Uma caixa de madeira e poesia'. **AU** nº 38, São Paulo: Pini, out-nov 1991, pp.86-90
- QUATREMÈRE DE QUINCY, Antoine-Chrysostome. 'Type'. **Oppositions**, Cambridge, nº 8, p. 147-150, Spring 1977
- QUATREMÈRE DE QUINCY, Antoine-Chrysostome. Extracts from the *Encyclopédie Méthodique d'Architecture*. **9H** nº 7, 1985, pp. 25-39
- 'Residência particular: Brasil'. **Módulo** nº 43, Rio de Janeiro: Avenir, jun-jul 1976
- 'Residências de João Daudt de Oliveira' [Lucio Costa]. **Arquitetura e Urbanismo**, set-out 1938. pp.238-250
- ROBERTO, Marcelo. 'Pensamento de Marcelo Roberto'. Entrevista concedida a Jaime Maurício e publicada no *Correio da manhã* 12 out 1955. **Arquitetura** nº 27, especial Marcelo Roberto, São Paulo, set 1964, pp. 3-13
- ROCHA MIRANDA, Alcides. 'Aula inaugural'. **Caramelo** nº10, São Paulo: FAU-USP, 1998, pp. 138-157
- ROGERS, Ernesto N. 'Pretesti per una critica non formalistica'. **Casabella-Continuità** nº 200, fev mar 1954, pp. 1-3
- SABBAG, Haifa Yagizi. 'Origens da casa brasileira'. **AU Arquitetura e Urbanismo** nº 3, vol. 1, São Paulo, nov1985, pp.34-36
- SANTOS, Paulo F. 'Raízes da arquitetura contemporânea'. **Arquitetura e Engenharia** nº 30, Belo Horizonte, mar-abr 1954, pp. 57-65
- _____. 'Marcelo Roberto'. **Arquitetura** nº 36, Rio de Janeiro: IAB, jun 1965, pp. 3-13
- _____. 'Marcelo Roberto – II'. **Arquitetura** nº 38, Rio de Janeiro: IAB, ago 1965, pp. 8-18
- _____. 'Constantes de Sensibilidade'. **Arquitetura Revista** nº 6, Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 1988, pp. 52-70
- SEGAWA, Hugo. 'Brazilian Architecture school e outras medidas'. **Projeto** nº 53, São Paulo: Arco Editorial, jul 1983, pp.70-73
- _____. 'Lucio Costa e as casas do poeta'. **Projeto** nº 104, São Paulo: Arco Editorial, out 1987, pp. 78-85

- _____. 'Uma casa de Lucio Costa'. **Projeto** nº104, São Paulo: Arco Editorial, out. 1987, pp. 115-121
- _____. 'Lucio Costa e as casas do poeta'. **Projeto** nº 125, São Paulo: Arco Editorial, set. 1989, pp. 78-85
- SEGRE, Roberto. 'A arquitetura brasileira avançou, apesar das dificuldades impostas pela globalização'. **Projeto Design** nº 251, São Paulo: Arco Editorial, jan 2001, pp. 42-47
- SERAPIÃO, Fernando. 'O pêndulo de Lucio Costa'. **Projeto Design** nº 265, São Paulo: Arco Editorial, mar 2002, pp. 21-25
- SILVA, Maria Angélica da. 'As casas da memória'. **AU** nº38, São Paulo: Pini, out-nov 1991, pp.78-85
- SOLÁ-MORALES, Ignasi de. 'De la memoria a la abstracción: la imitación arquitectónica en la tradición Beaux-Arts'. **Arquitectura** nº 234. Madrid, jul-ago 1984, p. 56-63
- THOMAZ, Dalva. 'Vilanova Artigas: desenhar é preciso, viver também é preciso'. **AU Arquitetura e Urbanismo** nº 50, São Paulo: Pini, out-nov 1993, pp.77-90
- TURKIENICZ, Benamy. 'A arquitetura da crítica'. **AU Arquitetura e Urbanismo** nº 55, São Paulo: Pini, ago-set 1994, pp.53-56
- WOLF, José e PEDREIRA, Livia Álvares. 'Em curvas e retas'. **AU Arquitetura e Urbanismo** nº16, São Paulo: Pini, mar 1988, pp.52-59

Teses e dissertações

- CABRAL, Gilberto Flores. **Paradoxos de uma modernidade longínqua. Le Corbusier e o imaginário urbano corbusiano: uma análise de suas interações com o Brasil.** Tese de Doutorado, UFRGS, 2002.
- CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira. **Afonso Eduardo Reidy: o poeta contrutor.** Tese de Doutorado. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, E.T.S.A.B., 1999.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Precisões Brasileiras Sobre um Passado da Arquitetura e Urbanismo Modernos a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Afonso Reidy, Jorge Moreira & cia., 1936-45.** Tese de doutorado. Paris: Université de Paris VIII, 2002.
- D'ALÓ FROTA, José Artur. **El Vuelo del Fénix: la aventura de una idea. El movimiento moderno en tierras brasileñas.** Tese de Doutorado. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, E.T.S.A.B., 1997.
- MACEDO, Danilo Matoso. **A matéria da Invenção: criação e construção das obras de Oscar Niemeyer em Minas Gerais-1938-1954.** Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, Escola de Arquitetura, 2002.
- PEREIRA, Claudio Calovi. **Os Irmãos Roberto e a Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro 1936-1954.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPARG-UFRGS, 1994.
- SANVITTO, Maria Luiza Adams. **Brutalismo Paulista: uma análise compositiva de residências paulistanas entre 1957 e 1972.** Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 1994.
- SILVA, Maria Angélica. **As formas e as palavras na obra de Lucio Costa.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, jun 1991.
- ZEIN, Ruth Verde. **Arquitetura Brasileira, Escola Paulista e as casas de Paulo Mendes da Rocha.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PROPARG-UFRGS, 2000.

Sites

www.abc.org.br	www.asminasgerais.com.br	www.geocities.com	www.plannet-arch.com	arch.ou.edu
www.ad.ntust.edu.tw	www.athenaeum.ch	www.greatbuildings.com	www.prossigabr	cat2.mit.edu
www.altiplano.com.br	www.brainyquote.com	www.guiadebrasil.com.br	www.riodesign.com.br	courses.arch.hku.hk
www.archinform.net	www.brasiliense.hpg.ig.com.br	www.herbstours.com	www.rio.rj.gov.br/riotur	demo.sfgb-b.ch
www.architecture.about.com	www.basilisk.com	www.hn-ams.org	www.scjarnauba.com	digilander.libero.it
www.archpedia.com	www.buildersbooksource.com	www.iabsp.org.br	www.summamas.com	iit.edu
www.arcoweb.com.br	www.daads.org	www.ifcs.ufrj.br	www.tu-harburg.de	infor.architektur.uni-weimar.de
www.arcspace.com	www.designmuseum.org	www.makcenter.org	www.ugr.es	intro2arch.arch.hku.hk
www.artchive.com	www.dutramenezes	www.niemeyer.org.br	www.urbandesign.it	klangundkleid.ch
www.artdeco.world.com	www.etsav.upc.es	www.noolhar.com	www.vitruvius.com	libraries.mit.edu
www.arth.upenn.edu	www.fiu.edu	www.odebrecht.com.br	www2.uerj.br	
www.artnet.com	www.galinsky.com	www.passeiopublico.com.br	www3.bk.tudelft.nl	

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA - CASAS

NO.	DATA - ANO	CASA - PROPRIETÁRIO	AUTOR - ARQUITETO	CIDADE UF	PUBLICAÇÃO	NACIONAL - INTER
1	1930	Fábio Carneiro de Mendonça	Lucio Costa	Marquês de Valença RJ	COMAS (2002) COMAS (2002) in Arqitextos COSTA (1995) SILVA (1991)	I N N N
2	1930	Ernesto Gomes Fontes	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	COMAS (2002) COMAS (2002) in Arqitextos COSTA (1995) GUIMARAENS (1996) Manchete 1034 (1972) n/c SILVA (1991) in AU 38 SILVA (1991) WISNIK (2001)	I N N N N N N
3	1931	William Nordschild	Gregori Warchavchik	Rio de Janeiro RJ	BRUAND (1981) CAVALCANTI (2001) FERRAZ (1956) in Habitat 28 FERRAZ (1965) XAVIER et alii (1991)	I N N N N
4	1931-35	Sem dono	Lucio Costa		CAVALCANTI (2001) COMAS (2002) COMAS (2002) in Arqitextos COSTA (1995) SILVA (1991) WISNIK (2001)	N I N N N N
5	1932	Alfredo Schwartz	Lucio Costa (c/ Gregori Warchavchik)	Rio de Janeiro RJ	COSTA (1995) FERRAZ (1965) SILVA (1991) XAVIER et alii (1991)	N N N N
6	1932	Maria e Dulce Gallo	Lucio Costa (c/ Gregori Warchavchik)	Rio de Janeiro RJ	FERRAZ (1965) XAVIER et alii (1991)	N N
7	1933	Em Ipanema	Affonso Eduardo Reidy (c/ Gerson Pompeu Pinheiro)	Rio de Janeiro RJ	BONDUKI (2000)	N
8	1933-37	Thérèse Vilain Alves	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	CZAJKOWSKI (1999)	N
9	1933-37	Fernando Lyra	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	CZAJKOWSKI (1999)	N
10	1933	Cesário Coelho Duarte	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	COMAS (2002) COMAS (2002) in Arqitextos COSTA (1995) SILVA (1991) XAVIER et alii (1991)	I N N N N
11	1934	Ronan Borges	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	BRUAND (1981) FERRAZ (1956) in Habitat 35 SILVA (1991) XAVIER et alii (1991)	I N N N
12	1934	Álvaro Osório de Almeida	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	COSTA (1995) SILVA (1991) PDF 12 (1934)	N N N
13	1934	Genival Londres	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	COSTA (1995) SILVA (1991)	N N
14	1932-36	Carmem Santos	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	COSTA (1995)	N
15	1932-36	Maria Dionésia	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	COSTA (1995)	N

16	1934	Francisca de Azevedo Leão	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	CZAJKOWSKI (1993) in AU 48 Guia RJ (2000) XAVIER et alii (1991)	N N N
17	1934	Edmar Machado	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	Arquitetura e Urbanismo 3 (1936) COMAS (2002) XAVIER et alii (1991)	N I N
18	1934	Mário Brazil	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Niterói RJ	CONDURU (1995) in AU 62 CONDURU (2000) VITAL BRAZIL (1986)	N N N
19	1935	1935'	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Rio de Janeiro RJ	CONDURU (2000) PDF 17 (1935)	N N
20	1935	Na Urca	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	VITAL BRAZIL (1986)	N
21	1935	Antônio Pinto Nogueira Assioly Netto Affonso Eduardo Reidy (c/ Gerson Pompeu Pinheiro)		Rio de Janeiro RJ	Arquitetura e Urbanismo 1 (1937) BONDUKI (2000) Solar Gradjean Montigny (1985)	N N N
22	1935	Ivan Santiago	Paulo Santos e Paulo Pires	Rio de Janeiro RJ	Arquitetura e Urbanismo 4 (1937) XAVIER et alii (1991)	N N
23	1935	Thomas Otton Leonardos	José de Souza Reis	Rio de Janeiro RJ	Arquitetura e Urbanismo 4 (1937) XAVIER et alii (1991)	N N
24	1935	No Rio de Janeiro '1'	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	PDF 19 (1935)	N
25	1936	Henrique Xavier	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	BOTEY (1997) COMAS (2002) FILS (1982) PAPADAKI (1960) PDF 5 (1936)	I I I I N
26	1936	A. Neiva	M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	Arquitetura e Urbanismo 1 (1938) PEREIRA (1993) XAVIER et alii (1991)	N N N
27	1936	1936'	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Rio de Janeiro RJ	CONDURU (2000) PDF 3 (1936)	N N
28	1937	Roberto Marinho de Azevedo Filho	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	BRUAND (1981) SILVA (1991) WISNIK (2001) XAVIER et alii (1991)	I N N N
29	1937	Para médico do hospital veterinário	Afonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	BONDUKI (2000) PDF 2 (1937) Solar Gradjean Montigny (1985)	N N N
30	1937	Izabel Azevedo Alves Silva	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	CZAJKOWSKI (1999) NICOLAEFF (1993) in AU 49	N N
31	1938	Oswald de Andrade	Oscar Niemeyer	Itaipava - Petrópolis RJ	ACB 2 (1948) Arquitetura e Urbanismo 3 (1939) BRITTO (1994) in AU 55 BOTEY (1997) CAVALCANTI (2001) COMAS (2002) FILS (1982) PAPADAKI (1950)	N N N I N I I I

32	1938	Abigail Seabra de Paula Buarque	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	XAVIER et alii (1991)	N
33	1939	M. Passos	Oscar Niemeyer	Miguel Pereira RJ	BOTEY (1997) COMAS (2002) FILS (1982) PAPADAKI (1950)	I I I I
34	1940	Cavalcanti	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	COMAS (2002) GOODWIN (1943) XAVIER et alii (1991)	I I N
35	1940	Do arquiteto	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	ACB (1947) n/c Arquitetura e Engenharia 6 (1947) CONDURU (1995) in AU 62 CONDURU (2000) PDF 4 (1943) VITAL BRAZIL (1986) XAVIER et alii (1991)	N N N N N N N
36	1940	Do Diretor da Cia. Telefônica	Alcides Rocha Miranda	Ouro Preto MG	COMAS (2002) FROTA (1993)	I N
37	1941	Barão de Saavedra	Lucio Costa	Correias - Petrópolis RJ	Arquitetura 3 (1949) n/c Arquitetura e Engenharia 11 (1949) BRUAND (1981) COMAS (2002) COSTA (1995) FERRAZ (1956) in Habitat 35 SILVA (1991) WISNIK (2001)	N n N I I N N N N
38	1941	Argemiro Hungria Machado	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	BRUAND (1981) CAVALCANTI (2001) COMAS (2002) COSTA (1995) Guia RJ (2000) MINDLIN (2000) SILVA (1991) WISNIK (2001) XAVIER et alii (1991)	I N I N N I N N N
39	1942	Heloísa Marinho	Lucio Costa	Correias - Petrópolis RJ	BRUAND (1981) COSTA (1995) SILVA (1991) WISNIK (2001)	I N N N
40	1942	Hermenegildo Sotto Maior	Aldary Henriques Toledo	Araruama RJ	COMAS (2002) GOODWIN (1943)	I I
41	1942	Do arquiteto	Alcides Rocha Miranda	Rio de Janeiro RJ	ACB (1947) Caramelo 10 (1998) COMAS (2002) FROTA (1993) PDF 2 (1948) XAVIER et alii (1991)	N N I N N N
42	1942	Celso da Rocha Miranda	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Petrópolis RJ	CAVALCANTI (2001) COMAS (2002) FROTA (1993)	N I N

43	1942	Do Arquiteto	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	ACB 2 (1948) BOTEY (1997) CAVALCANTI (2001) COMAS (2002) DUNSTER (1998) FILS (1982) GOODWIN (1943) L'A d'Aujourd'hui 13-14 (1947) L'A d'Aujourd'hui 171 (1974) PAPADAKI (1950) UNDERWOOD (1994) XAVIER et alii (1991)	N I N I I I I I I I I N
44	1942	Herbert Jonhson	Oscar Niemeyer	Fortaleza CE	Acrópole 92 (1945) Acrópole 157 (1951) COMAS (2002) GOODWIN (1943)	N N I I
45	1943	Juscelino Kubitschek	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte MG	ACB 2 (1948) BOTEY (1997) BRUAND (1981) COMAS (2002) FILS (1982) L'A d'Aujourd'hui 171 (1974) NIEMEYER (1944) PAPADAKI (1950) UNDERWOOD (1994)	N I I I I I I I I
46	1943	Charles Ofaire	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	FILS (1982) PAPADAKI (1950)	I I
47	1943	Francisco Inácio Peixoto	Oscar Niemeyer	Cataguases MG	CAVALCANTI (2001) FILS (1982) L'A d'Aujourd'hui 42-43- Brésil (1952) L'A d'Aujourd'hui 171 (1974) PAPADAKI (1950) PDF 4 (1948)	N I I I I N
48	1943	Prudente de Moraes Neto	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	ACB 2 (1948) BOTEY (1997) COMAS (2002) FILS (1982) L'A d'Aujourd'hui 18-19 (1948) NIEMEYER (1944) PAPADAKI (1950)	N I I I I N I
49	1943	João Lima Pádua	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte MG	Revista Arquitetura 4 (1946) n/c	N
50	1943	José Cláudio Costa Ribeiro	Carlos Leão	Cabo Frio RJ	CZAJKOWSKI (1993) in AU 48	N
51	1944	Pedro Paulo Paes de Carvalho	Lucio Costa	Araruama RJ	COMAS (2002) SILVA (1991) SILVA (1991) in AU 38 WISNIK (2001)	I N N N
52	1946	Paulo Candiota	Lucio Costa (c/ Paulo Candiota e B. Torok)	Rio de Janeiro RJ	Acrópole 196 (1955) BRUAND (1981)	N I
53	1946	o José Pacheco de Medeiros Filho	Aldary Henrique Toledo	Cataguases MG	ACB 2 (1948) L'A d'Aujourd'hui 42-43- Brésil (1952) MINDLIN (2000) PDF 2 (1948)	N I I N

54	1947	Gustavo Capanema	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	ACB (1947) FILS (1982) L'A d'Aujourd'hui 18-19 (1948) PAPADAKI (1950)	N I I I
55	1947	Burton Tremaine	Oscar Niemeyer	Santa Bárbara EUA	Arquitetura e Engenharia 8 (1948) Arts and Architecture march (1949) BOTEY (1997) FILS (1982) Interiors abril (1949) L'A d'Aujourd'hui 30 (1950) PAPADAKI (1950) PDF 2 (1948)	N I I I I I I N
56	1947	p Na Lagoa	Jorge Ferreira (c/ T. Estrella, R.dos Santos e R. Soeiro)	Rio de Janeiro RJ	ACB (1947)	N
57	1947	p Faria Goes	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	ACB (1947)	N
58	1947	p F. E.	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	ACB (1947)	N
59	1947	1947'	Sérgio Bernardes		ACB (1947) L'A d'Aujourd'hui 18-19 (1948)	N I
60	1948	1948 - 1'	Sérgio Bernardes			N
61	1948	1948 - 2'	Sérgio Bernardes		ACB 2 (1948)	N
62	1948	p Na Gávea	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	ACB 2 (1948)	N
63	1948	De Campo	Firmino Saldanha	Petrópolis RJ	ACB 2 (1948)	N
64	1948	p Jorge de Castro	Aldary Henriques Toledo	Rezende RJ	ACB 2 (1948) PDF 2 (1948)	N N
65	1948	Na Tijuca	Afonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	BONDUKI (2000) PDF 4 (1948) Solar Gradjean Montigny (1985)	N N N
66	1948	Na Tijuca	Francisco Bolonha	Rio de Janeiro RJ	PDF 4 (1948)	N
67	1948	Walther Moreira Salles	Olavo Redig de Campos	Rio de Janeiro RJ	CAVALCANTI (2001) Guia RJ (2000) Habitat 6 (1952) n/c MINDLIN (2000) XAVIER et alii (1991)	N N N I N
68	1948	George Hime	Henrique Mindlin	Petrópolis RJ	Acrópole 184 (1954) Arquitetura e Engenharia 22 (1952) n/c CAVALCANTI (2001) Domus 280 (1953) HITCHCOCK (1955) L'A d'Aujourd'hui 42-43- Brésil (1952) MINDLIN (2000) YOSHIDA et alii (1975)	N N N I I I I N
69	1949	Do Arquiteto - Mendes	Oscar Niemeyer	Mendes RJ	BRITTO (1994) in AU 55 CAVALCANTI (2001) FILS (1982) L'A d'Aujourd'hui 42-43- Brésil (1952) L'A d'Aujourd'hui 171 (1974) PAPADAKI (1950) PAPADAKI (1960) PETIT (1998)	N N I I I I I I

70	1949	No Rio de Janeiro	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	Alphabet (1977) n/c FILS (1982) PAPADAKI (1950)	I I I
71	1949	o Do arquiteto	Carlos Ferreira	Nova Friburgo RJ	Arquitetura e Engenharia 28 (1953) CAVALCANTI (2001) L'A d'Aujourd'hui 42-43- Brésil (1952) MINDLIN (2000)	N N I I
72	1949	Hildebrando Accioly	Francisco Bolonha	Petrópolis RJ	BRUAND (1981) Brasil Arq. Contemporânea 10 (1957)n/c CAVALCANTI (2001) FRANCO (1988) in Arquitetura Revista 6 Habitat 25 (1955) L'A d'Aujourd'hui 42-43- Brésil (1952) MINDLIN (2000)	I N N N I I
73	1950	Carmen Portinho	Afonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	Arquitetura e Engenharia 31 (1954) n/c BONDUKI (2000) BRUAND (1981) CAVALCANTI (2001) FRANK e GIEDION (1960) n/c FERRAZ (1956) in Habitat 29 KAMITA (1993) in AU 47 L'A d'Aujourd'hui 62 (1955) MINDLIN (2000) Módulo 2 (1955) PEDREIRA (1988) in AU 16 Solar Gradjean Montigny (1985) XAVIER et alii (1991)	N N I N I N N I N N N N
74	1950	Sandoval Coimbra	Afonso Eduardo Reidy	Barretos SP	BONDUKI (2000)	N
75	1951	Sérgio Corrêa da Costa	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	CZAJKOWSKI (1999) L'A d'Aujourd'hui 90 (1960) NICOLAEFF (1993) in AU 49	N I N
76	1951	Antônio Ceppas	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	Acrópole 276 (1961) Arquitetura 2 (1961) BRUAND (1981) CZAJKOWSKI (1999) L'A d'Aujourd'hui 90 (1960) NICOLAEFF (1993) in AU 49 XAVIER et alii (1991)	N N I N I N N
77	1951	Hélio Fraga	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	Casa e Jardim 43 (1958) n/c CZAJKOWSKI (1993) in AU 48 Guia RJ (2000) XAVIER et alii (1991)	N N N N
78	1951	p Nilo Pacheco Medeiros	Francisco Bolonha	Muriae MG	FRANCO (1988) in Arquitetura Revista 6	N
79	1951	Caseiros de Paulo Bittencourt	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	L'A d'Aujourd'hui 42-43- Brésil (1952) Habitat 7 (1951) n/c MINDLIN (2000)	I N I
80	1951	Jadir de Souza	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	Acrópole 301 (1963) Architectural Review 115 (1954) Arquitetura e Engenharia 29 (1954) n/c Brasil Arq. Contemporânea 4 (1954) n/c CAVALCANTI (2001) Habitat 20 (1955) HITCHCOCK (1955) L'A d'Aujourd'hui 52 (1954) MINDLIN (2000) XAVIER et alii (1991)	N I N N N I I I I N

81	1951	Maria Carlota de Macedo Soares	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	Acrópole 301 (1963) Architectural Review 115 (1954) Brasil Arq. Contemporânea 4 (1954) n/c CAVALCANTI (2001) Habitat 7 (1951) n/c L'A d'Aujourd'hui 42-43- Brésil (1952) L'A d'Aujourd'hui 90 (1960) MINDLIN (2000) Módulo Especial Sérgio Bernardes (1983)	N I N N N I I I N
82	1951	Paulo Sampaio	Sérgio Bernardes	Itaipava - Petrópolis RJ	Acrópole 301 (1963) Architectural Review 115 (1954) Módulo 1 (1955) Módulo Especial Sérgio Bernardes (1983)	N I N N
83	1952	Guilherme Brandi	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	Acrópole 202 (1955) Acrópole 301 (1963) Arquitetura e Engenharia 34 (1955) CAVALCANTI (2001) MINDLIN (2000)	N N N N I
84	1952	p José de Castro	Francisco Bolonha	Cataguases MG	L'A d'Aujourd'hui 42-43- Brésil (1952)	I
85	1952	Israel Klabin	Francisco Bolonha	Rio de Janeiro RJ	Acrópole 206 (1955) FRANCO (1988) in Arquitetura Revista 6 Habitat 25 (1955)	N N N
86	1952	p Carlos Leite	Carlos Ferreira	São Paulo SP	L'A d'Aujourd'hui 42-43- Brésil (1952)	I
87	1952	Nair José Vieira	Carlos Ferreira	Rio de Janeiro RJ	L'A d'Aujourd'hui 42-43- Brésil (1952)	I
88	1952	Faria Goes	M. M. M. Roberto	Araruama RJ	Arquitetura 27 (1964) n/c L'A d'Aujourd'hui 42-43- Brésil (1952)	N I
89	1952	o Arthur Monteiro Coimbra	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	Arquitetura 36 (1965) Arquitetura e Engenharia 31 (1954) n/c BRUAND (1981) Habitat 20 (1955) LIMA (1988) in AU 16 Módulo 2 (1955) XAVIER et alii (1991)	N N N N N N N
90	1952	Leonel Miranda	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	Casa Cor (2002) FILS (1982) PAPADAKI (1956) XAVIER et alii (1991)	N I I N
91	1952	Ermiro de Lima	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	FILS (1982) PAPADAKI (1956)	I I
92	1953	Do arquiteto - Canoas	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	ALDAY (1996) Architectural Review 694 (1954) Brasil Arq. Contemporânea 4 (1954) BOTEY (1997) BRITTO (1994) in AU 55 BRUAND (1981) Casabella (1954) CAVALCANTI (2001) COMAS (1998) in Arquine 3 COMAS e ADRIÀ (2003) Domus 302 (1955) DUNSTER (1998) FILS (1982)	I I N I N I I N I I I I I

					Guia RJ (2000)	N
					Habitat 18 (1954)	N
					HITCHCOCK (1955)	I
					L'A d'Aujourd'hui 52 (1954)	I
					MINDLIN (2000)	I
					Módulo 2 (1955)	N
					Módulo 70 (1982)	N
					Módulo especial (1983)	N
					PAPADAKI (1956)	I
					PAPADAKI (1960)	I
					PETIT (1998)	I
					SÁ CORRÊA (1996)	N
					UNDERWOOD (1994)	I
					UNDERWOOD (2002)	I
					WESTON (2002)	I
					XAVIER et alii (1991)	N

93	1953	Francisco Pignatari	Oscar Niemeyer	São Paulo SP	FILS (1982)	I
					PAPADAKI (1956)	I

94	1953	O. B. Couto e Silva	Afonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	Arquitetura e Engenharia 38 (1956) n/c	N
					A Record 7 (1956)	I
					BONDUKI (2000)	N
					FERRAZ (1956) in Habitat 29	N
					L'A d'Aujourd'hui 62 (1955)	I
					MINDLIN (2000)	I
					Solar Gradjean Montigny (1985)	N
					XAVIER et alii (1991)	N

95	1953	o Lauro Souza Carvalho	Henrique Mindlin	Petrópolis RJ	MINDLIN (2000)	I
----	------	------------------------	------------------	---------------	----------------	---

96	1953	p Ernesto Waller	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	L'A d'Aujourd'hui 49 (1953)	I
					MINDLIN (2000)	I

97	1954	Linneu de Paula Machado Jr.	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Rio de Janeiro RJ	FROTA (1993)	
----	------	-----------------------------	--	-------------------	--------------	--

98	1954	Edmundo Cavanelas	Oscar Niemeyer	Pedro do Rio RJ	BOTEY (1997)	I
					BRITTO (1994) in AU 55	N
					FILS (1982)	I
					L'A d'Aujourd'hui 171 (1974)	I
					Módulo 3 (1955)	N
					PAPADAKI (1956)	I
					PAPADAKI (1960)	I

99	1954	o Geraldo Baptista	Olavo Redig de Campos	Itaipava - Petrópolis RJ	Habitat 25 (1955)	N
					MINDLIN (2000)	I

100	1954	Edmundo Mello Costa	Marcelo Fragelli	Petrópolis RJ	Acrópole 240 (1958)	N
					L'A d'Aujourd'hui 103 (1962)	I

101	1954	o João Antero de Carvalho	José Bina Fonyat (c/ Tercio Fontana Pacheco)	Petrópolis RJ	Acrópole 251 (1959)	N
					CAVALCANTI (2001)	N
					L'A d'Aujourd'hui 62 (1955)	I
					MINDLIN (2000)	I

102	1954	o Stanislaw Koslowski	Jorge Ferreira (c/ T. Estrella, R. dos Santos e R. Soeiro)	Rio de Janeiro RJ	MINDLIN (2000)	I
					XAVIER et alii (1991)	N

103	1954	o Ottoni Alvim Gomes	Francisco Bolonha	Cataguases MG	Arquitetura Revista 6 (1988)	N
-----	------	----------------------	-------------------	---------------	------------------------------	---

104	1955	R. Armando	Marcelo Fragelli	Rio de Janeiro RJ	Acrópole 236 (jun 1958)	N
					L'A d'Aujourd'hui 90 (1960)	I

105	1955	p Arnaldo Aizim	Paulo Santos e Paulo Pires	Rio de Janeiro RJ	Arquitetura e Engenharia 34 (1955)	N
-----	------	-----------------	----------------------------	-------------------	------------------------------------	---

106	1955	o Martin Holzmeister	Paulo Santos e Paulo Pires (c/ Paulo T. F. dos Santos)	Rio de Janeiro RJ	Guia RJ (2000) MINDLIN (2000) XAVIER et alii (1991)	N I N
107	1955	o Do arquiteto	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	MINDLIN (2000) XAVIER et alii (1991)	I I
108	1955	Mario Rosalino Marchesi	Firmino Saldanha	Rio de Janeiro RJ	Guia RJ (2000)	N
109	1955	p Para administrador	Alcides Rocha Miranda	Rezende RJ	Acrópole 205 (1955)	N
110	1955	p Para engenheiro	Alcides Rocha Miranda	Rezende RJ	Acrópole 205 (1955)	N
111	1955	p Juvenil da Rocha Vaz	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro	Acrópole 204 (1955) Arquitetura e Engenharia 37 (1955) Habitat 24 (1955) Módulo Especial Sérgio Bernardes (1983)	N N N N
112	1955	p Antonio de Pádua Chagas Freitas	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	Acrópole 209 (1956) Arquitetura e Engenharia 37 (1955)	N N
113	1955	José de Vasconcellos Carvalho	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	CZAJKOWSKI (1993) in AU 48	N
114	1955	Adolpho Bloch	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ	FRANCO (1988) in Arquitetura Revista 6 L'A d'Aujourd'hui 103 (1962)	N I
115	1956	Oscar Bloch	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ	L'A d'Aujourd'hui 90 (1960) MINDLIN (2000)	I I
116	1956	Nelson Alves	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ	L'A d'Aujourd'hui 90 (1960)	I
117	1956	Carlos Soares Brandão	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	CZAJKOWSKI (1993) in AU 48	N
118	1956	Homero Souza e Silva	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	CAVALCANTI (2001) Casa Vogue Brasil 40 (1978) n/c CZAJKOWSKI (1993) in AU 48 XAVIER et alii (1991)	N N N N
119	1956	Raymundo Ottoni de Castro Maya	Wladimir Alves de Souza	Rio de Janeiro RJ	CAVALCANTI (2001) Guia RJ (2000) XAVIER et alii (1991)	N N N
120	1956	o Gilberto Ferraz da Silva	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	Acrópole 217 (1956)	N
121	1956	p Cincinato Cajado Braga	Sérgio Bernardes	São Paulo SP	Acrópole 213 (1956) Arquitetura 7 (1963) n/c	N N
122	1957	p De fim de semana	Aldary Henriques Toledo		Módulo 7 (1957)	N
123	1958	Oswaldo Sant'Anna Jr.	Álvaro Vital Brazil	São Paulo SP	CONDURU (2000)	N
124	1958	Oswaldo Nazareth	Alcides Rocha Miranda	Teresópolis RJ	FROTA (1993)	N
125	1958	Plácido da Rocha Miranda	Alcides Rocha Miranda	Petrópolis RJ	FROTA (1993) DOMUS XXX (1978) n/c	N I
126	1958	Cândido Guinle de Paula Machado	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	CZAJKOWSKI in AU 48 (1993)	N
127	1959	Do arquiteto	Afonso Eduardo Reidy	Itaipava RJ	Arquitetura 30 (1964) Baukunst und Werkform 1 (1962) n/c BONDUKI (2000) CAVALCANTI (2001) Habitat 71 (1963) KAMITA (1993) in AU 47 L'A d'Aujourd'hui 103 (1962) PEDREIRA (1988) in AU 16 Solar Gradjean Montigny (1985)	N I N N N N I N N

128	1959	Fernando Tasso Fragoso Pires	Marcelo Fragelli	Rio de Janeiro RJ	Acrópole 323 (1965) Arquitetura 41 (1965) XAVIER et alii (1991)	N N N
129	1960	p Em Niterói	Francisco Bolonha	Niterói RJ	L'A d'Aujourd'hui 90 (1960)	I
130	1960	Do arquiteto	Oscar Niemeyer	Brasília DF	Casa e Jardim n/c Habitat 66 (1961) n/c	N N
131	1960	Do arquiteto	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	Acrópole 301 (1963) BRUAND (1981) CAVALCANTI (2001) MACUL (1999) in AU 82 Módulo especial Sérgio Bernardes (1983) XAVIER et alii (1991) Zodiac 11 (1963)	N I N N N N I
132	1960	Maria Elisa e Helena Costa	Lucio Costa	Brasília DF	COSTA (1995)	N
133	1961	Homero Souza e Silva	Carlos Leão	Cabo Frio RJ	CZAJKOWSKI (1993) in AU 48	N
134	1961	Sebastião Paes de Almeida	Carlos Leão	Brasília DF	CZAJKOWSKI (1993) in AU 48	N
135	1961	Do arquiteto	Álvaro Vital Brazil	Cabo Frio RJ	CONDURU (2000) VITAL BRAZIL (1986)	N N
136	1961	p Casa de campo	Marcos de Vasconcellos	Teresópolis RJ	Módulo 22 (1961)	N
137	1961	Maria Coutinho Ensch	Sérgio Bernardes	Belo Horizonte MG	Arquitetura e Engenharia 66 (1963)	N
138	1962	o José Luís Magalhães Lins	Sergio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	Módulo Especial Sérgio Bernardes (1983) XAVIER et alii (1991)	N N
139	1963	Sérgio Fracalanza	Arthur Lício Pontual e Carlos João Juppá	Rio de Janeiro RJ	Arquitetura 32 (1965) XAVIER et alii (1991)	N N
140	1963	Joseph Strick	Oscar Niemeyer	Santa Monica CA USA	Arts & Architecture 18 (1964)	I
141	1964	Cláudio Jessourow	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	VITAL BRAZIL (1986)	N
142	1964	Moacyr S. Brasil	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	VITAL BRAZIL (1986)	N
143	1964	Fernando Neves Magalhães	Álvaro Vital Brazil	Itaipava - Petrópolis RJ	CONDURU (2000) VITAL BRAZIL (1986)	N N
144	1964	Federmann	Oscar Niemeyer	Hertzlia, Tel-Aviv - Israel	Acrópole 321 (1965) FILS (1982) Módulo 39 (1965) n/c	N I N
145	1965	E. de Rothschild	Oscar Niemeyer	Tel-Aviv - Israel	Acrópole 362 (1969) BOTEY (1996) BRITTO (1995) in AU 55 FILS (1982) L'A d'Aujourd'hui 124 (1966) Módulo 46 (1977) n/c NIEMEYER (1997)	N I N I I N N

PUBLICAÇÕES - CASAS

Livros

- ALDAY, Anaki. **Aprendiendo de todas sus casas.** Barcelona: UPC, 1996
- BONDUKI, Nabil (Org.). **Afonso Eduardo Reidy.** Lisboa / São Paulo: Blau / Instituto Lina e P. M. Bardj, 2000
- BOTEY, Josep Ma. **Oscar Niemeyer: Obras e Projectos.** Barcelona: Gustavo Gili, 1996
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1981
- CAVALCANTI, Lauro (Org.). **Quando o Brasil era moderno: guia de arquitetura 1928-1960.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Precisões brasileiras sobre um estado passado da arquitetura e urbanismo modernos.** Tese de Doutorado, Universidade de Paris IIX, 2002.
- CONDURU, Roberto. **Vital Brazil.** São Paulo: Cosac & Naify, 2000
- COSTA, Lucio. **Lucio Costa: registro de uma vivência.** São Paulo: Empresa das Artes, 1995
- CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). **Jorge Machado Moreira.** Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 1999
- CZAJKOWSKI, Jorge (Org.). **Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra / Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000
- DUNSTER, David. **100 casas unifamiliares de la arquitectura del siglo XX.** Mexico: G. Gili, 1998
- FERRAZ, Geraldo. **Warchavchik e a Introdução da Nova Arquitetura no Brasil: 1925 a 1940.** São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 1965
- FRANK, Klaus. **The Works of Afonso Eduardo Reidy.** London: Alec Tiranti, 1960
- FROTA, Lélia Coelho. **Alcides Rocha Miranda: caminho de um arquiteto.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1993
- FILS, Alexander (Org.). **Oscar Niemeyer: Selbstdarstellung, Kritiken, Oeuvre.** Düsseldorf: Frölich & Kaufmann, 1982
- GOODWIN, Philip. **Brazil Builds: architecture old and new: 1652 – 1942.** Nova York: Museu de Arte Moderna, 1943
- GRAEFF, Edgar; JAIMOVICH, Marcos; DUVAL, José; SELTER, Sioma. **Arquitetura Contemporânea no Brasil.** Rio de Janeiro: Gertum Carneiro, 1947
- GRAEFF, Edgar; JAIMOVICH, Marcos; DUVAL, José; SELTER, Sioma. **Arquitetura Contemporânea no Brasil 2.** Rio de Janeiro: Gertum Carneiro, 1948
- GUIMARAENS, Cêça de. **Lucio Costa: um certo arquiteto em incerto e secular roteiro.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará / Rioarte, 1996
- HITCHCOCK, Henry-Russel. **Latin american architecture: since 1945.** New York: The Museum of Modern Art, 1955
- MINDLIN, Henrique Ephim. **Arquitetura moderna no Brasil.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000
- NIEMEYER, Oscar. **Cadernos do arquiteto.** São Paulo / Rio de Janeiro: Instituto Lina e Pietro Maria Bardj, Fundação Memorial da América Latina e Fundação Oscar Niemeyer, 1997
- PAPADAKI, Stamo. **The work of Oscar Niemeyer.** New York: Reinhold, 1950
- PAPADAKI, Stamo. **Oscar Niemeyer: works in progress.** New York: Reinhold, 1956
- PAPADAKI, Stamo. **Grosse Meister der Architektur - X: Oscar Niemeyer.** Ravensburg: Otto Meier, 1960
- PEREIRA, Claudio Calovi. **Os irmãos Roberto e a arquitetura moderna no Rio de Janeiro (1936-1945).** Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, PROPAP, 1993
- PETIT, Jean. **Oscar Niemeyer: poeta da arquitetura.** Lugano: Fidia edizioni d'arte, 1995
- SÁ CORRÊA, Marcos. **Oscar Niemeyer - Ribeiro de Almeida Soares.** Perfis do Rio. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996
- SILVA, Maria Angélica. **As formas e as palavras na obra de Lucio Costa.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, jun 1991
- Solar Grandjean de Montigny. **Afonso Eduardo Reidy.** Rio de Janeiro: PUC, 1985
- UNDERWOOD, David. **Oscar Niemeyer and the Architecture of Brazil.** New York: Rizzoli, 1994
- VALENTINETTI, Cláudio M. **Oscar Niemeyer: diálogo pré-socrático.** Instituto Lina Bo P.M. Bardj, 1998

VITAL BRAZIL, Álvaro. **Cinqüenta anos de arquitetura**. São paulo: Nobel, 1986

WESTON, Richard. **Evolución Arquitectónica de la Casa en el Siglo XX**. Barcelona: Blume, 2002

WISNIK, Guilherme. **Lucio Costa**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001

XAVIER, Alberto; BRITTO, Alfredo; NOBRE, Ana Luiza. **Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro**. São Paulo / Rio de Janeiro: Fundação Vilanova Artigas / Pini / Rioarte, 1991

YOSHIDA, Celia Ballario; ANTUNES, Maria Cristina Almeida; MUNIZ, Maria Izabel Perini e SAHIHI, Venus. **Henrique Ephim Mindlin: O Homem e o Arquiteto**. São paulo: Instituto Roberto Simonsen, 1975

Periódicos

Acrópole São Paulo

'Casa Johnson' [Oscar Niemeyer]. **Acrópole** nº 92, dez 1945, pp. 212-213

'Casa Johnson' [Oscar Niemeyer]. **Acrópole** nº 157, mai 1951, p. 24

'Residência do arquiteto' [Paulo Candioti]. **Acrópole** nº 196, jan 1955, pp. 173-175

'Residência em Petrópolis' [Sérgio Bernardes]. **Acrópole** nº 202, ago 1955, pp. 449-451

'Residência no Rio de Janeiro' [Sérgio Bernardes]. **Acrópole** nº 204, out 1955, pp. 550-553

'Residência para engenheiro, Residência para administrador' [Alcides Rocha Miranda]. **Acrópole** nº 205, nov 1955, pp. 16-17

'Residência no Rio de Janeiro' [Francisco Bolonha]. **Acrópole** nº 206, dez 1955, pp. 92-94

'Residência em Petrópolis' [Sérgio Bernardes]. **Acrópole** nº 209, mar. 1956

'Residência em Cidade Jardim' [Sérgio Bernardes]. **Acrópole** nº 213, jul. 1956, pp. 344-348

'Residência no Rio de Janeiro' [Sérgio Bernardes]. **Acrópole** nº 217, nov. 1956, pp. 15-19

'Residência em São Conrado' [Marcelo Fragelli]. **Acrópole** nº 236, jun. 1958, pp. 400-401

'Residência em Petrópolis' [Marcelo Fragelli]. **Acrópole** nº 240, out 1958, pp. 546-547

'Residência' [Bina Fonyat e Tercio Fontana]. **Acrópole** nº 251, set 1959, p. 402

'Residência Antônio Ceppas' [Jorge Machado Moreira]. **Acrópole** nº 276, nov. 1961, pp. 416-419

'Sala especial Sérgio Bernardes' [VII Bienal de São Paulo]. **Acrópole** nº 301, dez. 1963, pp. 1-19

'90 Dias em Israel' [Oscar Niemeyer]. **Acrópole** nº 321, set 1965, pp. 21-29

'Residência no Rio de Janeiro' [Marcelo Fragelli]. **Acrópole** nº 323, nov 1965, pp. 38-41

Alphabet

NIEMEYER. Belmont-sur-Lausanne. **Alphabet**, 1977, pp.206-207

Architectural Forum Nova York, EUA

Architectural Forum Brazil, nov 1947, pp. 65-112

Architectural Record New Hampshire

'South American House on a mountainside. House for Dr. Couto e Silva, Tijuca, Brazil' [Affonso Eduardo Reidy]. **Architectural Record** nº 7, vol. 119, jun 1956, pp. 173-175

Architectural Review Londres

Brazilian Review. **Architectural Review** vol. 114, jul 1953, pp.10-15

'Three Houses by Sergio Bernardes'. **Architectural Review** vol. 115, mar 1954, pp. 162-167

'House at Gavea. Architect: Oscar Niemeyer.' **Architectural Review** vol.116, nº 694, out 1954, pp. 215 e 248-249

'Report on Brazil'. **Architectural Review** vol.116, nº 694, out 1954, pp. 234-240

Arquine Cidade do México

COMAS, Carlos Eduardo Dias. 'El Oasis de Niemeyer: una Quinta brasileña de los años cincuenta'. **Arquine** nº 3, 1998, pp. 46-57

Arquitetura Rio de Janeiro: IAB Guanabara

SANTOS, Paulo F. 'Marcelo Roberto'. **Arquitetura** nº 36, jun 1965, pp. 4-13

'Residência Antônio Ceppas'. **Arquitetura** nº 2, out 1961, pp. 11-13

Arquitetura nº 7, 1963

Arquitetura nº 27, 1964

'Affonso Eduardo Reidy'. **Arquitetura** nº 30, dez 1964, pp. 3-19

'Habitação Individual' [Marcelo Fragelli]. **Arquitetura** nº 41, nov 1965, pp. 14-15

Arquitetura Minas Gerais

Arquitetura nº 3, 1946

NIEMEYER, Oscar. 'Estudo de uma residência'. **Arquitetura** nº 4, 1946, p. 25

Arquitetura e Urbanismo IAB RJ

NIEMEYER, Oscar. 'Residência para o escritor Oswald de Andrade'. **Arquitetura e Urbanismo** nº 3, ano IV, mai-jun 1939, p. 48-49

'Residência da Exma. Família Edmar Machado' [Paulo Antunes Ribeiro]. **Arquitetura e Urbanismo** nº 3, ano I, mai-jun 1936, pp.33-34

'Residência' [Affonso Eduardo Reidy e Gerson Pompeu Pinheiro]. **Arquitetura e Urbanismo** nº 1, ano II, jan-fev 1937 p. 25

'Propriedade do Dr. Ivan Santiago' [Pires e Santos]. **Arquitetura e Urbanismo** nº 4, ano II, jul-ago 1937 p. 183

'Propriedade do Sr. Thomas Otton Leonardos' [José de Souza Reis]. **Arquitetura e Urbanismo** nº 4, ano II, jul-ago 1937 p. 188

'Residência do Dr. A. Neiva' [Marcelo Roberto e Milton Roberto]. **Arquitetura e Urbanismo** nº 1, ano III, jan-fev 1938, pp.23-27

Arquitetura Revista Rio de Janeiro: FAU- UFRJ

FRANCO, Luiz Fernando. 'Francisco Bologna, ou a modernidade resistente ao clichê modernista'. **Arquitetura Revista** nº 6, FAU-UFRJ, 1988, p. 15-26

SANTOS, Paulo F. 'Constantes de Sensibilidade'. **Arquitetura Revista** nº 6, FAU-UFRJ, 1988, p. 55

AU Arquitetura e Urbanismo São Paulo: Pini

BRITTO, Alfredo. 'As casas: na escala do morar'. **AU** nº 55, ago-set 1994, pp. 86-90

CONDURU, Roberto. 'Documento: Álvaro Vital Brazil'. **AU** nº 62, out-nov 1995, pp. 81-89

CZAJKOWSKI, Jorge. 'Documento: Carlos Leão'. **AU** nº 48, jun-jul 1993, pp. 69-80

'Documento: Oscar Niemeyer'. **AU** nº 55, ago-set 1994, pp.46-105

FRANCO, Luiz Fernando. 'Francisco Bologna, ou a modernidade resistente ao clichê modernista'. **AU** nº 56, out-nov 1994, pp. 15-26

KAMITA, João Massao. 'Documento: Affonso Eduardo Reidy'. **AU** nº 47, abr-mai 1993, pp. 73-84

LIMA, Evelyn F. W. 'À margem, os irmãos Roberto'. **AU** nº 16, fev-mar 1988, pp.60-65

MACUL, Márcia. 'Documento: Sérgio Bernardes'. **AU** nº 82, fev-mar 1999, pp. 63-69

NICOLAEFF, Alex. 'Documento: Jorge Moreira'. **AU** nº 49, ago-set 1993, pp. 85-94

NOBRE, Ana Luiza. 'A razão e as razões de Lucio Costa'. **AU** nº 100, fev-mar 2002, pp. 100-103

PEDREIRA, Livia Álvares. 'Reidy, o desenho da razão.'. **AU** nº 16, fev-mar 1988, pp.76-81

SILVA, Maria Angélica da. 'As casas da memória'. **AU** nº 38, out-nov 1991, pp.78-86

Arquitetura e Engenharia Belo Horizonte

NIEMEYER, Oscar. 'Residência para Mr. Burton Tremaine: California.'. **Arquitetura e Engenharia** nº 8, ago-out 1948, pp. 24-29

VITAL BRAZIL, Álvaro. 'Residências em morros'. **Arquitetura e Engenharia**, nº 6, nov-dez 1947, pp. 41-43

'Residência do Barão de Saavedra em Petrópolis' [Lucio Costa]. **Arquitetura e Engenharia**, nº 11, out-dez 1949, pp.41-43

'Residência George Hime' [Henrique Mindlim]. **Arquitetura e Engenharia**, nº 22, 1952

'Residência de verão na serra de Friburgo' [Carlos Ferreira]. **Arquitetura e Engenharia**, nº 28, dez-jan 1953, pp. 48-49

'Residência Jadir de Souza' [Sérgio Bernardes]. **Arquitetura e Engenharia**, nº 29, 1954

'Residência em Jacarepaguá' [Affonso Eduardo Reidy]. **Arquitetura e Engenharia**, nº 31, mai-jun 1954, pp. 36-40

- 'Residência em Jacarepaguá' [M.M.M. Roberto]. **Arquitetura e Engenharia**, nº 31, mai-jun 1954, pp. 41-45
- 'Residência em Petrópolis' [Sérgio Bernardes]. **Arquitetura e Engenharia**, nº 34, jan-mar 1955, pp. 18-20
- 'Residência' [Sérgio Bernardes]. **Arquitetura e Engenharia**, nº 37, nov-dez 1955, pp. 24-29
- 'Residência' [Sérgio Bernardes]. **Arquitetura e Engenharia**, nº 37, nov-dez 1955, pp. 30-32
- 'Residência na Tijuca' [Affonso Eduardo Reidy]. **Arquitetura e Engenharia**, nº 38, jan-fev 1956
- 'Residência Sra. Maria Coutinho Ensch' [Sérgio Bernardes]. **Arquitetura e Engenharia**, nº 66, 1963, pp. 20-26

Arquitextos São Paulo

COMAS, Carlos Eduardo Dias. 'Lucio Costa e a revolução na arquitetura brasileira 30/39: de lenda(s) e Le Corbusier'. **Arquitextos**, São Paulo, 2002 pp. 1-7

Arts and Architecture

NIEMEYER, Oscar. 'Project for a House in Santa Monica, California'. **Arts & Architecture**, vol.18, nº 19, set 1964, pp.20-28

Baukunst und Werkform

'Wochenendhaus in Itaipava'. Vol. XV, nº1, Austría: 1962

Brasil Arquitetura Contemporânea

- 'Residência Lota Macedo Soares- Rio de Janeiro'. [Sérgio Bernardes]. **Brasil Arquitetura Contemporânea** nº 4, 1954, pp.14-15
- 'Residência do arquiteto - Rio de Janeiro'. [Oscar Niemeyer]. **Brasil Arquitetura Contemporânea** nº 4, 1954, pp.24-27
- 'Residência Jadir de Souza - Rio de Janeiro'. [Sérgio Bernardes]. **Brasil Arquitetura Contemporânea** nº 4, 1954, p.66
- 'Residência Aciolly - Petrópolis'. [Francisco Bolonha]. **Brasil Arquitetura Contemporânea** nº 10, 1957, pp.22-25

Casa Cor São Paulo

'Em obras' [Oscar Niemeyer] Casa Leonel Miranda. **Casa Cor a revista**, 2001, pp.16-18

Casa Cor Rio, 2002

Casa e Jardim São Paulo

- 'Residência Hélio Fraga' [Carlos Leão]. **Casa e Jardim** nº43, 1958
- 'Niemeyer Colonial' [Oscar Niemeyer]. **Casa e Jardim**, s.d., pp.67-68

Casa Vogue Brasil São Paulo

Casa Vogue Brasil nº 40, 1978

Domus Milão

- 'Caratteri di architetture brasiliane' [Henrique Mindlin]. **Domus** nº280, mar 1953, pp. 59-61
- 'La casa di Oscar Niemeyer'. **Domus** nº302, jan 1955, pp. 10-14
- Domus** nº 578, jan. 1978

Habitat São Paulo

- FERRAZ, Geraldo. 'Individualidades na história da arquitetura no Brasil: I — Gregori Warchavchik'. **Habitat** nº 28, mar 1956, pp. 40-48
- FERRAZ, Geraldo. 'Individualidades na história da arquitetura no Brasil: II - Affonso Eduardo Reidy'. **Habitat** nº 29, abr 1956, pp. 38-55
- FERRAZ, Geraldo. Individualidades na história da arquitetura no Brasil: IV — M.M.M. Roberto. **Habitat** nº 31, jun 1956, pp. 49-66
- FERRAZ, Geraldo. 'Individualidades na história da arquitetura no Brasil: V — Lucio Costa'. **Habitat** nº 35, out 1956, pp. 28-43
- FERRAZ, Geraldo. 'Residência em Correias, Petrópolis, Est. do Rio'. **Habitat** nº 35, out 1956, pp. 42-43
- 'Residência Walther Moreira Salles' [Olavo Redig de Campos]. **Habitat** nº6, 1951, p. 69
- 'Residência Lota Macedo Soares' [Sergio Bernardes]. **Habitat** nº7, abr-jun 1951, pp. 11-17
- 'Residência do arq. Oscar Niemeyer Filho, Rio de Janeiro'. **Habitat** nº18, set-out 1954, pp. 12-16
- 'Residência em Jacarepaguá, Rio de Janeiro' [M.M.M. Roberto]. **Habitat** nº 20, jul 1955, pp. 22-25

- 'Residência na Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro' [Sergio Bernardes]. **Habitat** nº 20, jul 1955, pp. 26-28
- 'Residência campestre na estrada do Pontal, Distrito Federal' [Sergio Bernardes]. **Habitat** nº 24, out 1955, pp. 34-35
- 'Residência de um diplomata, Petrópolis, Est. do Rio' [Francisco Bolonha]. **Habitat** nº 25, dez 1955, pp. 54-55
- 'Residência de verão, Itaipava, Est. do Rio de Janeiro' [Olavo Redig de Campos]. **Habitat** nº 25, dez 1955, pp. 56-57
- 'Residência no Rio' [Francisco Bolonha]. **Habitat** nº 25, dez 1955, pp. 60-62
- 'Residência em Jacarepaguá' [Affonso Eduardo Reidy]. **Habitat** nº 29, abr 1956, pp. 49-50
- 'Residência na Tijuca, Rio de Janeiro' [Affonso Eduardo Reidy]. **Habitat** nº 29, abr 1956, p. 55
- 'Residência do arquiteto, Brasília' [Oscar Niemeyer]. **Habitat** nº 66, 1961, p. 63
- 'Residência em Itaipava' [Affonso Eduardo Reidy]. **Habitat** nº 71, mar 1963, pp. 10-15

Interiors

- 'Produced site unseen: Design for a vacation house by Oscar Niemeyer'. **Interiors**, April 1949, pp.96-106.

L'Architecture d'Aujourd'hui Paris

- 'La maison d'Oscar Niemeyer'. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 13-14, set 1947, pp. 48-49

L'Architecture d'Aujourd'hui nº 13-14, especial Brésil, set 1947

- 'Avant-projet pour une résidence' [Sergio Bernardes]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 18-19, jul 1948, p. 73

- 'Habitations individuelles au Brésil' [Oscar Niemeyer]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 18-19, jul 1948, p. 72

- 'Maison a Santa-Barbara'. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº30, jul 1950, p. 73 especial "Habitations 50"

L'Architecture d'Aujourd'hui nº 42-43, especial Brésil, ago 1952

- 'Résidence d'été a Petropolis' [Francisco Bolonha]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 42-43, ago 1952, pp. 15-17

- 'Villa a Petropolis' [Henrique Mindlin]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 42-43, ago 1952, pp. 18-21

- 'Residence d'été au bord de la lagune d'Araruama' [M. M. M. Roberto]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 42-43, ago 1952, p. 67

- 'Villa dans la forêt de Friburgo' [Carlos Frederico Ferreira]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 42-43, ago 1952, p. 68

- 'Habitation aux environs de Petropolis' [Sergio Bernardes]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 42-43, ago 1952, pp. 70-71

- 'La maison du régisseur d'une résidence de Patrópolis' [Sérgio Bernardes]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 42-43, ago 1952, p. 72

- 'Habitation pour un médecin a São Paulo' [Carlos Frederico Ferreira]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 42-43, ago 1952, p. 75

- 'La maison de week-end de l'architecte a Mendes' [Oscar Niemeyer]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 42-43, ago 1952, p. 78

- 'Residence — 1942' [Oscar Niemeyer]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 42-43, ago 1952, p. 83

- 'Quatre habitations individuelles a Cataguases' [Aldary Toledo, Francisco Bolonha, Edgar do Vale]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 42-43, ago 1952, pp. 88-89

- 'Résidence aux environs de Rio de Janeiro' [Paulo Antunes Ribeiro]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 49, out 1953 pp. 62-63

- 'Maison aux environs de Rio de Janeiro' [Oscar Niemeyer]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 52, fev 1954, pp. 2-3

- 'Résidence a Rio' [Sérgio Bernardes]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 52, fev 1954, p.6

- 'Habitation a Petropolis, Brésil' [José Bina Fonyat Filho e Tercio Fontana Pacheco]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 62, nov 1955, pp. 24-25

- 'Villa aux environs de Rio de Janeiro' [Affonso Eduardo Reidy]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 62, nov 1955, pp. 26-27

- 'Maison de week-end a Tijuca' Janeiro' [Affonso Eduardo Reidy]. Rio de Janeiro, Brésil. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 62, nov 1955, pp. 28-29

- 'Deux habitations a Terezopolis' [Francisco Bolonha]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 90, jun-jul 1960, pp. 62-63

- 'Deux habitations a Rio de Janeiro' [Jorge Machado Moreira]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 90, jun-jul 1960, pp. 66-67

- 'Habitation a São Conrado près de Rio' [Marcelo Fragelli]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 90, jun-jul 1960

- 'Habitation a Niteroi' [Francisco Bolonha]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 90, jun-jul 1960

- 'Habitation individuelle a Petropolis' [Sergio Bernardes]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 90, jun-jul 1960

- 'Habitation a Petropolis' [Marcello Fragelli]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 103, set. 1962, pp. XXXV

- 'Maison de week-end a Itaipava, Brésil' [Affonso Eduardo Reidy]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 103, set. 1962, pp. 30-31

- 'Maison d'un éditeur a Terezopolis' [Francisco Bolonha]. **L'Architecture d'Aujourd'hui** nº 103, set. 1962, pp. 76-77

L'Architecture d'Aujourd'hui nº 124, fev-mar 1966

L'Architecture d'Aujourd'hui nº 171, especial Oscar Niemeyer, jan-fev 1974

Manchete Rio de Janeiro

'Residência Ernesto Gomes Fontes' [Lucio Costa]. **Manchete** nº 1034, 1972

Módulo Rio de Janeiro

NIEMEYER, Oscar. Residência J. J. - Rio de Janeiro, RJ. **Módulo** nº 49, jun-jul 1978, pp. 66-71

'Residência de Week End' [Sérgio Bernardes]. **Módulo** nº1, mar 1955, pp. 39-41

'Residência em Jacarepaguá' [Affonso Eduardo Reidy]. **Módulo** nº2, ago1955, pp. 43-45

'Moradia em Jacarepaguá' [M.M.M. Roberto]. **Módulo** nº2, ago1955, pp. 34-36

'Residência em Canoas, Rio de Janeiro' [Oscar Niemeyer]. **Módulo** nº2, ago1955, pp. 40-42

'Casa de campo de Edmundo Cavanellas' [Oscar Niemeyer]. **Módulo** nº3, dez 1955, pp. 44-46

'Casa de week-end' [Aldary Henriques Toledo]. **Módulo** nº7, fev 1957, pp. 28-31

'Casa de campo em Teresópolis'. [Marcos Vasconcelos]. **Módulo** nº 22, abr 1961, pp. 27-29

'Oscar Niemeyer: Residência Canoas, Rio de Janeiro'. **Módulo** nº 70, mai 1982, pp. 48-51

'A casa do arquiteto'. **Módulo** especial Oscar Niemeyer, jun 1983

'Projetos de Sérgio Bernardes'. **Módulo** especial Sérgio Bernardes, out-nov 1983

'Especial Oscar Niemeyer'. **Módulo** nº 97, fev 1988

Projeto São Paulo

BACKHEUSER, João Pedro. 'Sérgio Bernardes: sob o signo da aventura e do humanismo'. **Projeto Design** nº 270, ago 2002, pp. 24-26

SEGAWA, Hugo. 'Vanguarda permeada com a tradição'. **Projeto** nº104, out 1987, pp. 115-120

SEGAWA, Hugo. 'Lucio Costa e as casas do poeta'. **Projeto** nº 125, set1989, pp. 78-85

SERAPIÃO, Fernando. 'O pêndulo de Lucio Costa'. **Projeto/Design** nº 265, mar 2002, pp. 21-25

Revista Municipal de Engenharia (PDF) Rio de Janeiro

Revista da Diretoria de Engenharia (1932-35)

P. D. F. Revista da Diretoria de Engenharia (1936-37)

Revista Municipal de Engenharia P. D. F. (1938-59)

Revista de Engenharia do Estado da Guanabara (1960-64)

'Projecto para Uma Residência' [Lucio Costa]. **Revista da Diretoria de Engenharia - PDF** nº 12, set 1934, pp. 88-89

'Projecto de Residencia' [Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho]. **Revista da Diretoria de Engenharia - PDF** nº 17, jul 1935, pp.432-433

'Ante-projecto de residencia' [Oscar Niemeyer]. **Revista da Diretoria de Engenharia - Prefeitura do Distrito Federal** nº 19, nov 1935, pp.588-590

'Projecto Para a Construção de Uma Residencia' [Álvaro Vital Brazil e Adhemar Marinho]. **Revista da Diretoria de Engenharia - PDF** nº 3, mai 1936, pp. 112-113

'Projecto de uma residencia a ser construida na Urca' [Oscar Niemeyer]. **Revista da Diretoria de Engenharia - PDF** nº 5, set 1936, pp.258-259

'Projecto de Residência Para Médico do Hospital Veterinário' [Affonso Eduardo Reidy]. **Revista da Diretoria de Engenharia - PDF** nº 2, mar 1937, pp. 62-63

[Álvaro Vital Brazil]. 'Residências em Morros'. **Revista Municipal de Engenharia - PDF** nº 4, out 1943, pp. 230-237

'Residência do Snr. José Pacheco de Medeiros em Cataguazes' [Aldary Henriques Toledo]. **Revista Municipal de Engenharia - PDF**, nº 2, abr-jun 1948. pp. 38-40

NIEMEYER, Oscar. 'Projeto para a Residência do Snr. Tremaine Junior. Califórnia. Estados Unidos'. **Revista Municipal de Engenharia - PDF** nº 2, abr-jun 1948, pp. 52-55

'Residência do Arquiteto em Botafogo'. [Alcides da Rocha Miranda]. **Revista Municipal de Engenharia - PDF**, nº 2, abr-jun 1948, p. 43

'Casa de Campo em Rezende, para o Snr. Jorge de Castro. [Aldary Henriques Toledo]. **Revista Municipal de Engenharia - PDF**, nº 2, abr-jun 1948, p. 44

'Residência na Tijuca' [Affonso Eduardo Reidy]. **Revista Municipal de Engenharia - PDF**, nº 4, out-dez 1948, pp. 124-126

'Residencia Francisco Peixoto. Cataguazes' [Oscar Niemeyer]. **Revista Municipal de Engenharia - PDF**, nº 4, out-dez 1948, pp. 154-159

'Residência na Tijuca'. [Francisco Bolonha]. **Revista Municipal de Engenharia - PDF**, nº 4, out-dez 1948, pp. 130-132

Zodiac

'La casa di Sergio Bernardes a Rio'. **Zodiac** nº11, fev 1963, pp. 48-55

PETIT, Jean; NIEMEYER, Oscar. [Les Derniers travaux de Oscar Niemeyer à Israel]. **Zodiac** nº 16, 1996, pp. 75-83

LEGENDA DAS TABULAÇÕES

Nº: identificação da casa (em ordem cronológica)

DATA - ANO: de projeto (quando não informado, ano da obra, ou ainda da publicação)

CASA - PROPRIETÁRIO

AUTOR - ARQUITETO

CIDADE UF

ENDEREÇO (quando disponível)

NATUREZA DA DOCUMENTAÇÃO: construção, construção (demolida), projeto, fragmento de projeto

GRAU (de aproximação às gradações intermediárias entre o moderno e o tradicional): moderno, moderno tradicional, tradicional-moderno, tradicional

IMPLANTAÇÃO

SITUAÇÃO: cidade, subúrbio, campo, campo-serra, serra, lago, litoral

POSIÇÃO (no quarteirão): meio ou esquina

DIMENSÃO LOTE: grande, médio ou pequeno, definido ou indefinido

TOPOGRAFIA: plano, aclave ou declive

OCUPAÇÃO: solta ou (colada às) divisas

TAMANHO

ÁREA (aproximada): 100-250 m², 250-400 m², 400-550 m², 550-700 m², 700-850 m², 850-1000 m², 1000-1250 m², 1250-1500 m², ou extras

ALTURA: térreo, 1, 2, 3 ou mais pavimentos, sobre base ou pilotis, com cobertura-terraço, mezanino

PARTIDO

VOLUMETRIA: prisma compacto ou jogo de volumes

BASE: recuada, coplanar, avançada (ou mista recuada-coplanar, recuada-avançada, avançada-coplanar)

COBERTURA: laje plana (ou plana - terraço), laje inclinada, laje inclinada V, laje abóbada, telhado 1, 2 ou 4 águas, telhado 2 águas V, telhado plano

ESTRUTURA: portante, independente, ou mista

PROGRAMA: ambientes e cômodos (com indicação de localização por pavimento), como varanda, pátio, terraço, 'vazio', estar, jantar, gabinete (ou biblioteca, ou estúdio), dormitórios, sanitários, cozinha, área de serviço, garagem e dependência de empregados

MATERIALIDADE (predominância de materiais ou técnicas construtivas e acabamentos, ou ainda de elementos de arquitetura)

Obs.: Dados extraídos da documentação publicada.

RELAÇÃO COMPLETA DOS DADOS

NO.	DATA - ANO	CASA - PROPRIETÁRIO	AUTOR - ARQUITETO	CIDADE UF	ENDEREÇO	NATUREZA DOCUMENT
1	1930	Fábio Carneiro de Mendonça	Lucio Costa	Marquês de Valença RJ		projeto
2	1930	Ernesto Gomes Fontes	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	Estrada da Gávea Pequena, 1454 - Gávea	construção
2	1930	Ernesto Gomes Fontes - alternativa	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ		fragmento de projeto
3	1931	William Nordschild	Gregori Warchavchik	Rio de Janeiro RJ	Rua Taneleros, 138 - Copacabana	construção (demolida)
4	1931-35	Sem dono 1	Lucio Costa			projeto
4	1931-35	Sem dono 2	Lucio Costa			projeto
4	1931-35	Sem dono 3	Lucio Costa			projeto
5	1932 ¹	Alfredo Schwartz	Lucio Costa (c/ Gregori Warchavchik)	Rio de Janeiro RJ	Rua Raul Pompéia, 190 - Copacabana	construção (demolida)
6	1932 ¹	Maria e Dulce Gallo	Lucio Costa (c/ Gregori Warchavchik)	Rio de Janeiro RJ	Av. Rainha Elisabeth	projeto (demolida)
7	1933 ²	Em Ipanema	Affonso Eduardo Reidy (c/ Gerson Pompeu Pinheiro)	Rio de Janeiro RJ	Ipanema	construção (demolida)
8	1933-37 ³	Thérèse Vilain Alves	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	Gávea	construção (demolida)
9	1933-37 ³	Fernando Lyra	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	Leblon	projeto
10	1933	Cesário Coelho Duarte	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	Rua Sambaíba, 66 e 176 - Leblon	projeto (demolida)
11	1934	Ronan Borges	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	Rua Barata Ribeiro, 311 - Copacabana	construção (demolida)
12	1934 ⁴	Álvaro Osório de Almeida	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	Av. Vieira Souto, Jardim de Alá - Leblon	fragmento de projeto
13	1934 ⁴	Genival Londres	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	Ladeira Saint Roman - Copacabana	fragmento de projeto
14	1932-36 ⁴	Carmem Santos	Lucio Costa	Niterói RJ	Praia de São Francisco	fragmento de projeto
15	1932-36 ⁴	Maria Dionésia	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	Largo dos Leões - Botafogo	fragmento de projeto
16	1934	Francisco de Azevedo Leão	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	Rua Alegrete, 38 - Laranjeiras	construção
17	1934 ⁵	Edmar Machado	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	Rua Pinheiro Machado, esq. De Pinedo	construção (demolida)
18	1934	Mário Brazil	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Niterói RJ	Rua Vital Brazil Filho	construção
19	1935	1935'	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Rio de Janeiro RJ		projeto
20	1935	Na Urca	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	Av. Portugal - Urca	projeto
21	1935 ²	Antônio Pinto Nogueira Assioly Netto	Affonso Eduardo Reidy (c/ Gerson Pompeu Pinheiro)	Rio de Janeiro RJ	Rua Almirante Gomes Pereira, 71 - Urca	construção (demolida)
22	1935 ⁶	Ivan Santiago	Paulo Santos e Paulo Pires	Rio de Janeiro RJ	Rua Almirante Cochrane, 157	construção (demolida)
23	1935 ⁶	Thomas Otton Leonardos	José de Souza Reis	Rio de Janeiro RJ	Rua Tarumã, 40	construção (demolida)
24	1935	No Rio de Janeiro '1'	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ		projeto
25	1936	Henrique Xavier	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	Urca	projeto
26	1936	A. Neiva	M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	Av. Epitácio Pessoa - Lagoa	construção (demolida)
27	1936	1936'	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Rio de Janeiro RJ		projeto
28	1937	Roberto Marinho de Azevedo Filho	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	Rua Dr. Alfredo Gomes, 1 - Botafogo	construção (demolida)
29	1937	Para médico do hospital veterinário	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	Horto Florestal	projeto
30	1937	Izabel Azevedo Alves Silva	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	Rua General Rabelo, 52 - Gávea	construção
31	1938	Oswald de Andrade	Oscar Niemeyer	Itaipava - Petrópolis RJ		projeto
32	1938 ⁵	Abigail Seabra de Paula Buarque	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	Rua Almirante Alexandrino, 5 - Santa Tereza	construção
33	1939	M. Passos	Oscar Niemeyer	Miguel Pereira RJ		projeto
34	1940	Cavalcanti	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	Rua Sacopã, 42 - Lagoa	construção
35	1940	Do arquiteto	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	Rua Almirante Alexandrino, 3179 - Santa Tereza	construção
36	1940	Do Diretor da Cia. Telefônica	Alcides Rocha Miranda	Ouro Preto MG		fragmento de projeto
37	1941	Barão de Saavedra	Lucio Costa	Correias - Petrópolis RJ	Estrada União da Indústria, 5070	construção
38	1941	Argemiro Hungria Machado	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	Av. Visc. de Albuquerque, 466 - Leblon	construção
39	1942	Heloísa Marinho	Lucio Costa	Correias - Petrópolis RJ	Estrada União da Indústria, 5609	construção
40	1942	Hermenegildo Sotta Maior	Aldary Henriques Toledo	Araruama RJ	Fazenda São Luiz	projeto
41	1942	Do arquiteto	Alcides Rocha Miranda	Rio de Janeiro RJ	Rua Visconde de Ouro Preto, fundos - Botafogo	construção (demolida)
42	1942	Celso da Rocha Miranda	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Petrópolis RJ	Rua Ipiranga, 760	construção
43	1942	Do Arquiteto	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	Rua Carvalho Azevedo, 96 - Lagoa	construção
44	1942	Herbert Johnson	Oscar Niemeyer	Fortaleza CE	Avenida Beira Mar	construção
45	1943	Juscelino Kubitschek	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte MG	Av. Otacílio Negrão de Lima, 4188 - Pampulha	construção

GRAU	IMPLANTAÇÃO					TAMANHO		VOLUMETRIA	PARTIDO		ESTRUTURA
	SITUAÇÃO	POSIÇÃO	DIM. LOTE	TOPOGRAFIA	OCUPAÇÃO	ÁREA ~m2	ALTURA		BASE	COBERTURA	
T	campo		indefinido	plano	solta	100-250	T	prisma compacto	n/a	telhado 4 águas	mista
T	subúrbio		Grande i	plano	solta	1250-1500	2P	prisma compacto	coplanar	telhado 4 águas	portante
MT	subúrbio		Grande i	plano	solta	/	2P	jogo de volumes	recuada - avançada	laje plana	mista
M	cidade	meio	Médio d	aclive	solta	700-850	3P + CT	jogo de volumes	avançada	laje plana terraço	mista
MT	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	400-550	2P	jogo de volumes	recuada	laje plana	mista
MT	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	250-400	2P	jogo de volumes	recuada	laje plana	mista
MT	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	400-550	2P	jogo de volumes	recuada	laje plana	mista
M	cidade	meio	Pequeno d	plano	solta	400-550	2P + CT	jogo de volumes	recuada - coplanar	laje plana terraço	mista
M	cidade		Pequeno i	plano	/	100-250	2P	prisma compacto	coplanar	platibanda	portante
M	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	/	2P	jogo de volumes	coplanar	laje plana terraço	mista
T	cidade	meio	Pequeno d	plano	solta	100-250	2P	prisma compacto	coplanar	telhado 2 águas	portante
M	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	100-250	2P	prisma compacto	coplanar	laje plana	portante
M	subúrbio		Grande i	plano	solta	400-550	2P	jogo de volumes	recuada - avançada	laje plana	mista
MT	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	400-550	2P + CT	jogo de volumes	recuada - coplanar	laje plana terraço	mista
MT	cidade	esquina	Médio d	plano	solta	/	2P	jogo de volumes	avançada - coplanar	laje plana	mista
MT	cidade		indefinido	plano	/	/	2P	jogo de volumes	/	/	mista
MT	subúrbio		indefinido	plano	solta	/	2P	jogo de volumes	recuada - avançada	laje plana	mista
MT	cidade		indefinido	plano	/	/	/	/	/	/	mista
TM	cidade	meio	Pequeno d	aclive	divisas	400-550	2P + CT	prisma compacto	coplanar	laje plana terraço	portante
M	cidade	esquina	Pequeno d	plano	solta	400-550	2P	jogo de volumes	avançada - coplanar	laje plana	mista
M	cidade	meio	Pequeno d	plano	solta	100-250	2P + CT	jogo de volumes	avançada - coplanar	laje plana terraço	portante
M	cidade	meio	Pequeno d	plano	solta	400-550	3P + CT	jogo de volumes	recuada	laje plana terraço	independente
M	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	550-700	4P + CT	prisma compacto	recuada	laje plana terraço	mista
M	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	100-250	2P + CT	jogo de volumes	recuada - coplanar	laje plana terraço	mista
M	cidade	esquina	Pequeno d	plano	divisas	100-250	2P	prisma compacto	avançada - coplanar	platibanda	portante
M	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	100-250	2P	jogo de volumes	avançada - coplanar	laje plana terraço	mista
MT	cidade	meio	Pequeno d	plano	solta	250-400	2P	jogo de volumes	avançada	laje plana	mista
M	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	250-400	4P + T	prisma compacto	recuada	laje plana	mista
MT	cidade	meio	Pequeno d	plano	solta	550-700	3P + CT	prisma compacto	recuada - coplanar	laje plana terraço	mista
M	subúrbio		Médio i	plano	solta	250-400	2P + CT	jogo de volumes	avançada	laje plana terraço	mista
T	cidade		Médio i	plano	solta	400-550	2P	prisma compacto	coplanar	telhado 2 águas	portante
M	subúrbio	meio	Pequeno d	aclive	solta	100-250	1P / PL	jogo de volumes	recuada	laje plana	mista
MT	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	250-400	2P + CT	prisma compacto	avançada - coplanar	laje plana terraço	portante
M	campo - serra		Médio d	plano	solta	100-250	T + M	jogo de volumes	n/a	laje inclinada - abóbada	mista
M	cidade	esquina	Pequeno d	aclive	solta	250-400	3P/B	jogo de volumes	coplanar	telhado - platibanda	mista
TM	campo		Grande i	plano	solta	250-400	2P	jogo de volumes	recuada	telhado 2 águas V	mista
TM	cidade	meio	Médio d	declive	solta	250-400	2P/B	jogo de volumes	recuada	telhado 1 água	mista
M	cidade	meio	Médio d	declive	divisas	250-400	2P/PL	jogo de volumes	recuada	laje plana terraço	mista
MT	cidade	meio	Médio i	aclive	solta	250-400	2P/PL	jogo de volumes	recuada	telhado 1 água	mista
TM	campo - serra		Grande i	plano	solta	1000-1250	2P	jogo de volumes	recuada	telhado 1 água	mista
TM	cidade	esquina	Médio d	plano	solta	850-1000	2P	prisma compacto	coplanar	telhado 4 águas	mista
T	campo - serra		Grande i	plano	solta	250-400	T	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas	mista
MT	campo		Grande i	plano	solta	400-550	T	jogo de volumes	n/a	telhado 1 água	mista
TM	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	100-250	2P	jogo de volumes	avançada - coplanar	telhado 1 água	mista
MT	cidade	meio	Médio i	aclive	solta	700-850	2P/B	jogo de volumes	coplanar	telhado plano	mista
MT	cidade	meio	Médio d	declive	solta	400-550	2P/PL	prisma compacto	recuada	telhado 1 água	independente
MT	litoral		Médio i	plano	solta	550-700	2P/PL	prisma compacto	recuada	telhado 1 água	independente
MT	cidade	meio	Médio d	aclive	divisas	400-550	1P/B	jogo de volumes	coplanar	laje inclinada V	mista

PROGRAMA													MATERIALIDADE
VAR/ALP	PÁTIO	TERRAÇO	VAZIO	ESTAR	JANTAR	GAB/BIBL/ST	DORMS.	SANITÁRIOS	COZINHA	A. SERV.	GARAGEM	EMPREGADOS	
1t				1t	1t		4t	2t	1t	t	t	1t	madeira; alvenaria; venezianas; sapê; abóbada de berço
1t 2p			p	1t 2p	1t	1t	6p	3t 4p	1t	t		2 t	alvenaria; sapê; abóbadas; arcos
1p 1p2		1t 1p c		1p	1p		4p2	2t 1p 2p2	1p	t		3t	alvenaria rebocada; colunas; panos de vidro; venezianas contínuas; lambris
1t		1p		1t	1t		3p	2 p 1t	1 t	t		2t	alvenaria rebocada branca; esquadrias contínuas
1p	t	c		2p	1t		3p	2p	1p	p		t	alvenaria rebocada; colunas; venezianas contínuas; lambris
1t	t	3p		1p	1p	1p	4p	1t 1p	1t 1p	t		1t	alvenaria rebocada; colunas; venezianas contínuas; lambris
1t		1p + c		1t	1t	1t	6p	3p	1t	t	1t	2p	alvenaria rebocada pintura em cor; guarda-corpos contínuo; esquadrias basculantes
	1t			1t	1t		3p	1t 1p	1t	t		1t	alvenaria rebocada
1p 1p2				1t	1t		3p	2t 1p	1t	t		1t	alvenaria rebocada; colunas; esquadrias basculantes
1t				1t	1t	1t	2p	1t 1p	1t	t		1t	alvenaria rebocada; alvenaria de pedras; arcos
1t 3p		c		1p	1p	1t	1t 2p	2t 1p	1p	t		1t	alvenaria rebocada; esquadrias basculantes
1p	t	c										1t	alvenaria rebocada; colunas; venezianas contínuas; pedra; lambris
													alvenaria rebocada branca lisa/ rugosa; esquadrias contínuas
													alvenaria rebocada lisa; esquadrias em série; banderías venezianas
													esquadrias contínuas; colunas; lambril; persianas
													alvenarias rebocadas lisas; base pedras aparentes; colunas; esquadrias contínuas
													colunas; lambris; panos de vidro
1t 1p		1p + c		1p	1t	1p	2t 3p	2t 1p	1t	t		1t 1p	alvenaria rebocada; venezianas de abrir; pérgola
2t		2c		1t	1t		1t 4p	2t 1p	1t	t	1t	2t	alvenaria rebocada; escada em leque; terraços em balanço
1t		1p + c		1t	1t		3p	1t 1p	1t	t			alvenaria branca lisa; esquadrias basculantes
1t		1p2 + c		1p 1p2	1p		2p 2p2	1p 1p2	1t 1p	t p2			colunas; vestíbulo curvo; esquadrias contínuas; esquadria fixa quadriculada; persianas
1t		1p3 + c		1p 1p3	1p		4p2 1p3	1t 1p 2p2 1p3	1p	t			colunas; vestíbulo curvo; esquadrias contínuas; pérgola; pára-sóis tipo toldo
1p				1p		1p	2p	1t 1p	1t	t			alvenaria rebocada; coluna; esquadrias basculantes; esquadria fixa quadriculada
1t				1t	1t		1t 3p	1t 1p	1t	t			alvenaria rebocada; marquises em balanço; óculo; rasgo vertical junto à circulação
2t 1p		1p		1t	1t		4p	2t 1p	1t	t		1t	alvenaria rebocada; varanda; coluna esquina; basculantes
1p	t	1p		1t	1t		2p	2t 1p	1t	t		1t	alvenaria de pedras; alvenarias rebocadas; venezianas de correr
1p3		1p2 1p4		1p2	1t	1p4	2p3	1t 1p3	1p2	t		1t	alvenaria rebocada; colunas; máscara
2p 1p2		c		1t 1p	1p	1t	4p2	2t 1p 1p2	1p	t		2t	alvenaria rebocada; basculantes; varandas em balanço
1t		1p + c		1t	1t	2p	1t 1p	2t 2p	1t	t		1t	alvenaria rebocada lisa; esquadrias horizontais basculantes; óculos; guarda-corpos tipo gradil
													alvenaria rebocada; muxarabis, janelas salientes
1p				1p	1t		2p	2p	1p			1p	alvenaria rebocada; colunas; venezianas; esquadrias contínuas
1t		1p + c		1t	1t	1t	3p	2t 1p	1t	t		1t	alvenaria branca; elementos vazados; venezianas contínuas
1t				1t	1t		2m	1m	1t	t			parede pedra; panos vidro; telhado defasado c/ curva; muxarabi
			p	1p2	1p2		4p3	1t 1p 1p2 1p3	1p2	t		3p	alvenaria rebocada; venezianas; volume curvo
1t 3p				1t	1t		3p	1t 2p	1t	t			parede pedra; pilares; vidro; guarda-corpos; muxarabi
1t				1t	1t		p	1t p	1t	t			alvenaria branca; curva térreo
1b		c		1t			3p-1	1p-1 1b	1t	t			alvenaria branca; panos de vidro c/ caixilho horizontal; pilares concreto
													alvenaria; colunas; rampa; brises; vidro; telha capa-canal
3p	t			1p	1p		7p	2t 4p	1t/p	t		2t	alvenaria branca; base pedra; pilares concreto; telha capa-canal; muxarabis; janelas salientes
1t 3p	t	1p	p	1t	1t	1p	4p	2t 3p	1t	t		3t	alvenaria branca; esquadrias enfileiradas; persianas internas
1t	t	t		2t	1t		4t	3t	1t	t			alvenaria rebocada; base pedra; desnível; telha capa-canal; venezianas
2t				1t	1t		5t	2t	1t	t		2t	base e paredes pedra; panos e vidro com caixilhos; pilares/montantes delgados
1p				1t		1t	2p	1t 1p	1t	t			alvenaria rebocada; venezianas alumínio e madeira contínuas; telha capa-canal
													estrutura aço/ madeira; madeira; rampa; vidro; beiral madeira
1p		1p2	p2	p		1m	1p 2p2	1t 1p	1p	t		t	alvenaria branca; colunas; rampa; mezanino; panos de vidro; esquadrias contínuo; curva térreo
1p				1p	1p		1m	1p	1p				colunas; grandes panos venezianados
1t				1t 1p	1t	1t	3p	2p	1p	t		t	colunas esbeltas; bordas brancas; fechamento madeira; rampas

NO.	DATA - ANO	CASA - PROPRIETÁRIO	AUTOR - ARQUITETO	CIDADE UF	ENDEREÇO	NATUREZA DOCUMENT
46	1943	Charles Ofaire	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ		projeto
47	1943	Francisco Inácio Peixoto	Oscar Niemeyer	Cataguases MG	Rua Major Vieira, 154	construção
48	1943	Prudente de Moraes Neto	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	Gávea	construção
49	1943	João Lima Pádua	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte MG	Rua Bernardo Guimarães, 2751	construção
50	1943	José Cláudio Costa Ribeiro	Carlos Leão	Cabo Frio RJ		construção (demolida)
51	1944	Pedro Paulo Paes de Carvalho	Lucio Costa	Araruama RJ	Estrada Amaral Peixoto, km. 85, 5	construção
52	1946	Paulo Candiota	Lucio Costa (c/ Paulo Candiota e Bela Torok)	Rio de Janeiro RJ	Rua Codajás, 231 - Leblon	construção
53	1946	o José Pacheco de Medeiros Filho	Aldary Henriques Toledo	Cataguases MG	Av. Astolfo Dutra, 146	construção
54	1947	Gustavo Capanema	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	Gávea	projeto
55	1947	Burton Tremaine	Oscar Niemeyer	Santa Bárbara EUA		projeto
56	1947	p Na Lagoa	Jorge Ferreira (c/ T. Estrella, R. dos Santos e R. Soeiro)	Rio de Janeiro RJ	Lagoa	projeto
57	1947 ⁷	p Faria Goes	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ		construção
58	1947 ⁷	p F. E.	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ		construção
59	1947	1947'	Sérgio Bernardes			projeto
60	1948	1948 - 1'	Sérgio Bernardes			projeto
61	1948	1948 - 2'	Sérgio Bernardes			projeto
62	1948 ⁸	p Na Gávea	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	Gávea	construção
63	1948 ⁸	De Campo	Firmino Saldanha	Petrópolis RJ	Nogueira	projeto
64	1948	p Jorge de Castro	Aldary Henriques Toledo	Rezende RJ		projeto
65	1948 ⁹	Na Tijuca	Afonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	Tijuca	projeto
66	1948 ⁹	Na Tijuca	Francisco Bolonha	Rio de Janeiro RJ	Tijuca	projeto
67	1948	Walther Moreira Salles	Olavo Redig de Campos	Rio de Janeiro RJ	Rua Marquês de São Vicente, 476 - Gávea	construção
68	1948	George Hime	Henrique Mindlin	Petrópolis RJ	Nogueira - Bom Clima	construção
69	1949	Do Arquiteto - Mendes	Oscar Niemeyer	Mendes RJ		construção (demolida)
70	1949	No Rio de Janeiro	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	Gávea	projeto
71	1949	o Do arquiteto	Carlos Ferreira	Nova Friburgo RJ	Estação Boca do Mato - Granja Serrana	construção
72	1949	Hildebrando Accioly	Francisco Bolonha	Petrópolis RJ	Estrada do Contorno, km 73 - Fazenda Inglesa	construção
73	1950	Carmen Portinho	Afonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	Rua Timbuassú, 310/Est. Guanambi, 671 - Jacarepaguá	construção
74	1950	Sandoval Coimbra	Afonso Eduardo Reidy	Barretos SP		projeto
75	1951	Sérgio Carrêa da Costa	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	Rua Campo Belo, 88 - Laranjeiras	construção
76	1951	Antônio Ceppas	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	Rua Jerônimo Monteiro, 86 - Leblon	construção (demolida)
77	1951	Hélio Fraga	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	Rua Cedro, 34 - Gávea	construção
78	1951 ¹⁰	p Nilo Pacheco Medeiros	Francisco Bolonha	Muriáé MG		construção
79	1951	Caseiros de Paulo Bittencourt	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ		construção
80	1951	Jadir de Souza	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	Av. Visconde de Albuquerque, 1165 - Leblon	construção
81	1951	Maria Carlota de Macedo Soares	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	Rua Djanira, 2132 - Samambaia	construção
82	1951	Paulo Sampaio	Sérgio Bernardes	Itaipava - Petrópolis RJ		construção
83	1952	Guilherme Brandi	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	Fazenda Mangalarga - Samambaia	construção
84	1952 ¹⁰	p José de Castro	Francisco Bolonha	Cataguases MG		construção
85	1952	Israel Klabin	Francisco Bolonha	Rio de Janeiro RJ		construção
86	1952 ¹¹	p Carlos Leite	Carlos Ferreira	São Paulo SP		projeto
87	1952 ¹¹	Nair José Vieira	Carlos Ferreira	Rio de Janeiro RJ		construção
88	1952	Faria Goes	M. M. M. Roberto	Araruama RJ		projeto
89	1952	o Arthur Monteiro Coimbra	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	Estrada Engenho d'água, 1208 - Jacarepaguá	construção
90	1952	Leonel Miranda	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	Av. Visconde de Albuquerque, 1225 - Leblon	construção
91	1952	Ermiro de Lima	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ		projeto
92	1953	Do arquiteto - Canoas	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	Estrada das Canoas, 2310 - São Conrado	construção
93	1953	Francisco Pignatari	Oscar Niemeyer	São Paulo SP	Rua Dona Helena Pereira de Morais, 200 - Panambi	projeto
94	1953	O. B. Couto e Silva	Afonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	Av. Edson Passos, 3114 - Alto da Boa Vista	construção
95	1953	o Lauro Souza Carvalho	Henrique Mindlin	Petrópolis RJ	Samambaia	construção

GRAU	IMPLANTAÇÃO					TAMANHO		PARTIDO			ESTRUTURA
	SITUAÇÃO	POSIÇÃO	DIM.LOTE	TOPOGRAFIA	OCUPAÇÃO	ÁREA ~m2	ALTURA	VOLUMETRIA	BASE	COBERTURA	
MT	subúrbio		Médio i	plano	solta	100-250	1P/PL + M	jogo de volumes	recuada	telhado 2 águas V	independente
TM	cidade	meio	Médio d	declive	divisas	400-550	2P	jogo de volumes	recuada	telhado 2 águas	mista
M	cidade	meio	Médio d	plano	divisas	700-850	2P	jogo de volumes	recuada	laje inclinada	independente
MT	cidade	esquina	Médio d	plano	divisas	100-250	T	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas V	mista
T	litoral	esquina	Médio d	plano	divisas	100-250	T	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas	portante
TM	lago		Grande i	plano	solta	250-400	T	jogo de volumes	n/a	telhado 1 água	mista
T	cidade	meio	Médio d	plano	divisas	400-550	2P	jogo de volumes	recuada - coplanar	telhado 4 águas	mista
TM	cidade	meio	Médio d	plano	divisas	550-700	2P	jogo de volumes	recuada - avançada	telhado 2 águas	mista
MT	subúrbio		Médio i	plano	solta	400-550	2P	prisma compacto	recuada - coplanar	telhado 1 água	mista
M	litoral		Grande d	plano	solta	2000-2500	2P	jogo de volumes	recuada - avançada	laje inclinada	independente
MT	cidade		Médio i	declive	solta	850-1000	2P/PL	jogo de volumes	recuada	telhado 2 águas V	independente
M	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	100-250	2P	jogo de volumes	avançada	telhado 1 água	mista
M	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	250-400	2P	jogo de volumes	recuada - avançada	laje plana	mista
M	cidade	meio	Médio d	aclive	solta	700-850	2P	jogo de volumes	recuada - coplanar	laje inclinada	mista
MT	cidade	meio	Médio d	aclive	divisas	100-250	1P/B + M	jogo de volumes	recuada - coplanar	telhado 1 água	mista
M	cidade	esquina	Médio d	plano	solta	700-850	2P	jogo de volumes	recuada - coplanar	laje inclinada V	mista
MT	subúrbio		Médio i	plano	solta	100-250	2P	jogo de volumes	avançada	telhado 1 água	mista
TM	campo - serra		Médio i	plano	solta	250-400	T	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas V	mista
MT	campo	meio	Pequeno d	plano	divisas	100-250	T + M	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas V	mista
TM	subúrbio		Médio i	plano	solta	100-250	T	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas V	mista
TM	subúrbio		Médio i	plano	solta	100-250	T	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas V	mista
MT	subúrbio	esquina	Grande d	declive	solta	1250-1500	2P/B	jogo de volumes	n/a	telhado 1 água	mista
MT	campo - serra		Grande i	plano	solta	550-700	2P	jogo de volumes	recuada	telhado 1 água	mista
MT	campo		Médio i	plano	solta	100-250	T	prisma compacto	n/a	telhado 1 água	portante
M	subúrbio		Médio i	aclive	solta	100-250	1P/B	prisma compacto	recuada	laje inclinada	mista
T	campo - serra		Médio i	plano	solta	100-250	T	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas V	mista
T	campo - serra		Grande i	aclive	solta	700-850	1P/B	jogo de volumes	n/a	telhado 1 água	mista
MT	subúrbio	meio	Grande d	declive	solta	250-400	1P/PL	jogo de volumes	recuada	telhado 2 águas V	mista
MT	cidade	meio	Médio d	plano	divisas	550-700	2P	jogo de volumes	recuada - avançada	telhado 1 água - laje inclinada	mista
M	cidade	meio	Médio d	declive	solta	550-700	3P/B	jogo de volumes	recuada	laje plana terraço	mista
M	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	1250-1500	4P/B	prisma compacto	recuada	laje plana	mista
T	cidade	meio	Médio d	aclive	solta	250-400	1P/B	prisma compacto	recuada	telhado 4 águas	mista
MT	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	250-400	T	jogo de volumes	n/a	laje inclinada V	mista
TM	campo - serra		Grande i	aclive	solta	100-250	T	prisma compacto	n/a	telhado 1 água - platibanda	mista
MT	cidade	esquina	Médio d	plano	solta	400-550	2P	jogo de volumes	recuada	laje inclinada V	mista
MT	campo - serra		Grande i	aclive	solta	400-550	T	jogo de volumes	n/a	telhado 1 água	mista
MT	campo - serra		Grande i	plano	solta	400-550	T	jogo de volumes	n/a	laje inclinada V	mista
MT	campo - serra		Grande i	aclive	solta	250-400	1P/PL	jogo de volumes	recuada - avançada	laje inclinada	mista
M	cidade	esquina	Médio i	aclive	divisas	/	T	jogo de volumes	n/a	laje plana	mista
TM	cidade		Médio d	declive	solta	250-400	1P/PL	jogo de volumes	recuada	telhado 2 águas V	mista
M	cidade	meio	Médio d	plano	divisas	400-550	1P/PL	jogo de volumes	recuada - coplanar	telhado 2 águas V	mista
MT	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	100-250	T	jogo de volumes	n/a	telhado 1 água	mista
M	lago		Médio d	plano	solta	100-250	1P/PL	jogo de volumes	recuada	laje inclinada	independente
M	subúrbio	esquina	Grande d	plano	solta	400-550	T + CT	jogo de volumes	n/a	laje plana	mista
M	cidade		Médio i	plano	solta	700-850	1P/PL	prisma compacto	recuada	laje inclinada	independente
M	cidade	meio	Médio d	declive	solta	400-550	2P/B	jogo de volumes	recuada	laje inclinada	mista
M	subúrbio		Médio d	declive	solta	250-400	1P/B	jogo de volumes	avançada	laje plana	independente
M	subúrbio		Grande d	aclive	solta	acima de 7000	3P	jogo de volumes	avançada	laje plana	independente
MT	subúrbio	meio	Médio d	aclive	solta	100-250	1P/B	jogo de volumes	coplanar	laje plana	mista
MT	campo - serra		Grande d	aclive	solta	400-550	2P	jogo de volumes	recuada	telhado 2 águas V	mista

PROGRAMA													MATERIALIDADE
VAR/ALP	PÁTIO	TERRAÇO	VAZIO	ESTAR	JANTAR	GAB/BIBL/ST	DORMS.	SANITÁRIOS	COZINHA	A. SERV.	GARAGEM	EMPREGADOS	
1t 1p				1p	1p		1m	1m	1p	t	t	t	colunas; parede pedra; curva térreo
1t		1p	p	1t 1m 1p	1t	1p	4p	1t 1p	1t	t	t	2t	colunas esbeltas; telha capa-canal; brises
1t 1p			p	1t	1t	1t 1p	3p	2t 2p	1t	t	t	2t	bordas brancas; colunas esbeltas; panos de vidro; rampa; curva no térreo; plano inclinado
	1t			2t	1t	1t	2t	3t	1t	t	t	1t	alvenaria branca; telha capa/canal; elementos vazados; azulejos
1t	1t			1t			2t	3t	1t	t	t	1t	alvenaria rebocada; alpendres adicionados; madeiramento roliço; esquadrias madeira
1t	1t			1t	1t		6t	5t	1t	t	t	1t	alvenaria branca; telha capa/canal; esquadrias contínuas; muxarabis
1t 1p				1t	1t	1t	3p	2t 2p	1t	t	t	2t	alvenaria rebocada; brise soleil; pérgolas com vegetação
3t 1p		1p	p	1t	1t	1t	5p	2t 2p	1t	t	t	2t	alvenaria rebocada; base muros pedra; brises verticais e horizontais; grandes esquadrias
1t 1p				1t	1t	1p	4p	1t 3p	1t	t	t	1t	paredes pedra; colunas; panos de vidro; fechamento brises horizontais; plano inclinado
3t 4p		1p		1t	1t	1t	4p	4t 5p	1t	t	t	2t	colunas; panos de vidro; brises verticais; marquise de bordas curvas
1p 1p2			p	2p	1p	1m	4p2	3p 2p2	1p	p	b	2p	colunas; panos de vidro; rampa
1t				1t			3p	1t 1p	1t			1t	alvenaria; panos de vidro; esquadrias contínuas
1t				1t	1t	1p	4p	2t 2p	1t	t	t	2t	alvenaria; parede de pedra; marquise
2t 1p			p	3t	1t	2m	4p	1t 2p	1t	t	t	2t	base pedra; bordas brancas; panos de vidro; fechamento brises verticais; venezianas
1p				1p	1p		2p 2m	2p 1m	1p	p	b	1p	base pedra; alvenaria rebocada; panos de vidro; fechamento brises horizontais
2t	1t		2p	1t 2p	1t	1t	6p	1t 4p	1t	t	t	4p	colunas; parede pedra curva; alvenaria; panos de vidro; combogós; venezianas grandes
1t				1t		1p	1p	2t 1p	1t			3t	alvenarias rebocadas; colunas inclinadas; panos de vidro c/ caixilhos; beiral
1t	1t	1t		1t	1t		3t	3t	1t	t	t	1t	alvenarias rebocadas; brises verticais; panos de vidro; guarda-corpo
1t				1t			1m	2t	1t		t	1t	parede de pedra; alvenarias rebocadas; panos de vidro; combogós; fechamento veneziano
1t				1t			3t	2t	1t		t	1t	parede de pedra; colunas esbeltas; alvenarias rebocadas; muxarabis
1t				1t	1t		3t	2t	1t	t	t	1t	parede de pedra; alvenarias rebocadas; muxarabis; venezianas
1t	1t			2t	1t	1t	6t	5t 2p	1t	t	t	4p	alvenarias brancas; colunas; bordas brancas; pano de vidro; combogós; marquise sinuosa; piscina
1t			1p	1t 1m	1p		4p	5p	1p	1p	t	2p	parede de pedra; colunas; bordas brancas; esquadrias enfileiradas; venezianas; beiral
4t				1t	1t		3t	3t	1t			1t	alvenaria rebocada; bordas brancas; combogós; plano inclinado
1b 1p				1p	1p		3p	2p	1p				base pedra; bordas brancas; panos de vidro; elemento vazado
1t				1t	1t	1t	2t	2t	2t	t			parede de pedra; alvenarias rebocadas; madeiramento roliço; panos de vidro
1t	2t	1t		2t	1t		7t	5t	1t	t	b	3t	alvenarias rebocadas; base pedra; colunas madeira; madeiramento roliço; guarda-corpos
	1t			1t	1t	1t	1t	2t	1t	t	t	1t	alvenarias brancas; colunas; bordas brancas; pano de vidro; rampa
2t 3p				1t	1t	1t	3p	1t 2p	1t	t	t	1p	parede pedra; colunas; laje inclinada; planos de vidro
1p-1 1p2			1p-1	1t	1t	1p-1 1t	1p-1 4p	1b 3p-1 1t 4p	1t	p-1	p-1	2p-1	alvenarias brancas; colunas; pérgola; panos de vidro; fechamentos venezianados;
1p 1p2		2p3	1p2	1p 1p3	1p	1p	5p2 1p3	1b 2t 1p 3p2 2p3	1p 1p3	b t p2	b	3t	paredes pedra; colunas; bordas brancas; fechamento venezianado; brises verticais; pérgola
	1p			1p	1p	1p	3p	3p	1p	b	b	1p	alvenarias rebocadas; venezianas; telha capa-canal
1t				1t			3t	2t	1t	t			base pedras; bordas em concreto brancas; alvenaria tijolos aparentes; lâminas verticais
1t 1p				1t 1p	1t	1t	4p	1t 3p	1t	t	t	3t	alvenarias brancas; colunas; bordas brancas; panos de vidro; brises verticais
1t				2t	1t		5t	3t	1t	t	t	2t	base e paredes de pedra; colunas esbeltas; panos de vidro; rampa; treliças metálicas; telha ondulada
2t				1t	1t		6t	4t	1t	1t		2t	parede pedra; alvenarias brancas; colunas; panos de vidro; madeira
1p				1p	1p		4p	3p	1p	b	b	3p	parede pedra; bordas brancas; colunas; panos de vidro; brises verticais; pérgola
1t				1t	1t	1t	4t	3t	1t	t		1t	parede pedras; alvenaria aparente; esquadrias contínuas; venezianas; pérgola; brises; beiral
1t 1p	1t			1t	1t	1t	3p	3t 3p	1t	t	t	2t	pilotis; rampas; mosaicas; cobertura em alumínio; venezianas horizontais guilhotina
1t				1t			3t	2t	1t		t	1t	mural
				1p	1p		1p	1p	1p	t		1t	pilares em V; bordas brancas; esquadrias contínuas; brises verticais; rampas; curva térreo
1t	c			1t	1t	1t	4t	4t	1t	t	t	3t	base pedra; alvenaria; colunas esbeltas; laje bordas sinuosas; escada cobertura
2p				1p	1p	1p	4p	3p	1p	p			bordas brancas; pilares inclinados; panos de vidro; rampa; plano inclinado; cobogós
1t 3p-1		t		1t	1t		3p-1	2t 2p-1	1t	t	t	2t	paredes pedra; panos vidro; misulas concreto
1t		1t		1t	1t	1b	3b	1t 3b	1t	t		1b	alvenarias rebocadas; colunas esbeltas; panos de vidro; laje bordas sinuosas; pedra; lambris
1t		1t		1t	1t	1t	3t	3t	1t	t	b	1t	colunas; panos de vidro; marquise de bordas curvas
1p				1t 1p	1p		6p	3t 5p	1t 1p	t	t	4t	parede pedra; bordas brancas; panos de vidro; combogós; fechamento venezianado
													alvenarias brancas e aparentes; pilares; panos de vidro; esquadrias enfileiradas; beiral

NO.	DATA - ANO	CASA - PROPRIETÁRIO	AUTOR - ARQUITETO	CIDADE UF	ENDEREÇO	NATUREZA DOCUMENT
96	1953 p	Ernesto Waller	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	Estrada do Sorimã, 521 - Gávea	construção
97	1954 ¹²	Linneu de Paula Machado Jr.	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Rio de Janeiro RJ		fragmento de projeto
98	1954	Edmundo Cavanelas	Oscar Niemeyer	Pedro do Rio - Petrópolis RJ		construção
99	1954 o	Geraldo Baptista	Olavo Redig de Campos	Itaipava - Petrópolis RJ	Mangalarga	construção
100	1954	Em Petrópolis	Marcello Fragelli	Petrópolis RJ		construção
101	1954 o	João Antero de Carvalho	José Bina Fonyat Filho (c/ Tercio Fontana Pacheco)	Petrópolis RJ	Parque Rio da Cidade	construção
102	1954 o	Stanislaw Koslowski	Jorge Ferreira (c/ T. Estrella, R. dos Santos e R. Soeiro)	Rio de Janeiro RJ	Rua Codajás, 641 - Leblon	construção
103	1954 o	Otoni Alvim Gomes	Francisco Bolonha	Cataguases MG	Av Astolfo Dutra, 176 - Centro	construção
104	1955	Em São Conrado	Marcello Fragelli	Rio de Janeiro RJ	São Conrado	construção
105	1955 ¹³ p	Arnaldo Aizim	Paulo Santos e Paulo Pires	Rio de Janeiro RJ		construção
106	1955 ¹³ o	Martin Holzmeister	Paulo Santos e Paulo Pires (c/ Paulo T. F. dos Santos)	Rio de Janeiro RJ	Av. Jaime Silvano, 20 - Gávea	construção
107	1955 o	Do arquiteto	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	Rua Tenente Arantes Filho, 99 - Gávea	construção (demolido)
108	1955 ⁸	Mario Rosalino Marchesi	Firmino Saldanha	Rio de Janeiro RJ	Rua Urbano Santos, 50 - Urca	construção
109	1955 p	Para administrador	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Rezende RJ		projeto
110	1955 p	Para engenheiro	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Rezende RJ		projeto
111	1955 p	Juvenil da Rocha Vaz	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	Estrada do Pontal - Jacarepaguá	construção
112	1955 p	Antonio de Pádua Chagas Freitas	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	Nogueira	construção
113	1955 ¹⁴	José de Vasconcellos Carvalho	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	Laranjeiras	fragmento de projeto
114	1955	Adolpho Bloch	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ		construção
115	1956	Oscar Bloch	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ		construção
116	1956	Nelson Alves	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ		construção
117	1956 ¹⁴	Carlos Soares Brandão	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	Gávea	fragmento de projeto
118	1956	Homero Souza e Silva	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	Rua Caio de Mello Franco, 330 - Jd. Botânico	construção
119	1956	Raymundo Otoni de Castro Maya	Wladimir Alves de Souza	Rio de Janeiro RJ	Rua Murinho Nobre, 93 - Santa Tereza	construção
120	1956 o	Gilberto Ferraz da Silva	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	Gávea Parque	construção
121	1956 p	Cincinato Cajado Braga	Sérgio Bernardes	São Paulo SP	Cidade Jardim	construção
122	1957 p	De fim de semana	Aldary Henriques Toledo			construção
123	1958	Oswaldo Sant'Anna Jr.	Álvaro Vital Brazil	São Paulo SP		projeto
124	1958 ¹²	Oswaldo Nazareth	Alcides Rocha Miranda	Teresópolis RJ		fragmento de projeto
125	1958	Plácido da Rocha Miranda	Alcides Rocha Miranda	Petrópolis RJ	Rua Monte Real	construção
126	1958 ¹⁴	Cândido Guinle de Paula Machado	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ		fragmento de projeto
127	1959	Do arquiteto	Afonso Eduardo Reidy	Itaipava - Petrópolis RJ	Vale do Cuibá	construção
128	1959	Fernando Tasso Fragoso Pires	Marcelo Fragelli	Rio de Janeiro RJ	Rua Eng. Penna Chaves, 360 - Jd. Botânico	construção
129	1960 p	Em Niterói	Francisco Bolonha	Niterói RJ		construção
130	1960	Do arquiteto	Oscar Niemeyer	Brasília DF	Quadra 26, lote 3 - Setor de Mansões Park Way	construção
131	1960	Do arquiteto	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	Av. Niemeyer, 179 - São Conrado	construção
132	1960	Maria Elisa e Helena Costa	Lucio Costa	Brasília DF	Região dos Lagos	projeto
133	1961 ¹⁵	Homero Souza e Silva	Carlos Leão	Cabo Frio RJ		construção
134	1961 ¹⁵	Sebastião Paes de Almeida	Carlos Leão	Brasília DF		construção
135	1961	Do arquiteto	Álvaro Vital Brazil	Cabo Frio RJ	Rua Constantino Menelau	construção
136	1961	De campo	Marcos de Vasconcellos	Teresópolis RJ		construção
137	1961	Maria Coutinho Ensch	Sérgio Bernardes	Belo Horizonte MG		construção
138	1962 o	José Luís Magalhães Lins	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	Rua Icatu, 109 - Humaitá	construção
139	1963	Sérgio Fracalanza	Arthur Lício Pontual e Carlos João Juppá	Rio de Janeiro RJ	Itanhangá	construção
140	1963	Joseph Strick	Oscar Niemeyer	Santa Monica CA USA	1911 La Mesa Drive	construção
141	1964 ¹⁶	Cláudio Jessourow	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	Rua da Selva - Tijuca	construção
142	1964 ¹⁶	Moacyr S. Brasil	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	Rua Capanema - Ilha do Governador	construção
143	1964	Fernando Neves Magalhães	Álvaro Vital Brazil	Itaipava - Petrópolis RJ		construção
144	1964	Federmann	Oscar Niemeyer	Hertzlia, Tel-Aviv - Israel		projeto
145	1965	Edmond de Rothschild	Oscar Niemeyer	Tel-Aviv - Israel		projeto

GRAU	IMPLANTAÇÃO					TAMANHO		PARTIDO			ESTRUTURA
	SITUAÇÃO	POSIÇÃO	DIM.LOTE	TOPOGRAFIA	Ocupação	ÁREA ~m2	ALTURA	VOLUMETRIA	BASE	COBERTURA	
MT	subúrbio		Grande d	plano	solta	1250-1500	2P	jogo de volumes	recuada - coplanar	laje inclinada	mista
M	cidade	meio	indefinido	plano	solta	/	2P	prisma compacto	coplanar	laje plana	mista
M	campo - serra		Grande d	plano	solta	250-400	T	jogo de volumes	n/a	laje inclinada V	independente
MT	serra		Grande d	acive	solta	550-700	2P	jogo de volumes	recuada	laje inclinada	mista
T	cidade	meio	Médio d	plano	divisas	100-250	T	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas	portante
MT	serra		Grande i	acive	solta	250-400	1P/PL	jogo de volumes	recuada	laje inclinada V	mista
M	cidade	meio	Médio d	acive	solta	550-700	2P/PL	prisma compacto	recuada	laje plana	mista
MT	cidade	meio	Médio i	plano	solta	/	2P	jogo de volumes	coplanar	platibanda	mista
T	cidade	meio	Médio d	plano	divisas	250-400	T	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas	independente
T	cidade		Médio i	plano	solta	550-700	2P	jogo de volumes	recuada	telhado 1 água	mista
T	cidade	esquina	Médio d	plano	solta	700-850	2P	jogo de volumes	recuada	telhado 4 águas	mista
M	cidade		Médio i	declive	solta	400-550	2P/PL	jogo de volumes	recuada	laje plana	independente
M	cidade	meio	Pequeno i	plano	/	/	2P	jogo de volumes	recuada	platibanda	independente
MT	subúrbio		Médio d	plano	solta	250-400	T	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas V	mista
MT	subúrbio		Médio d	plano	solta	100-250	T	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas V	mista
M	subúrbio		Grande i	acive	solta	250-400	1P/PL	prisma compacto	recuada	telhado 1 água	independente
MT	serra		Médio i	plano	solta	250-400	T	jogo de volumes	n/a	telhado 1 água - abóbada	mista
T	subúrbio	esquina	Médio d	acive	solta	/	T	jogo de volumes	n/a	telhado 4 águas	portante
TM	serra		Grande i	acive	solta	1000-1250	T	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas	mista
MT	serra		Grande i	acive	solta	250-400	1P/PL	prisma compacto	recuada	laje inclinada	mista
TM	serra		Grande i	acive	solta	250-400	T	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas V	mista
T	subúrbio	meio	Médio d	plano	divisas	/	2P	jogo de volumes	recuada	telhado 4 águas	mista
MT	cidade	esquina	Grande d	acive	solta	1000-1250	2P/PL/B	jogo de volumes	recuada - avançada	laje plana - laje inclinada	mista
TM	subúrbio		Grande d	declive	solta	400-550	2P/PL	jogo de volumes	recuada - coplanar	platibanda	mista
M	subúrbio	esquina	Médio d	declive	solta	550-700	2P/B	jogo de volumes	recuada - avançada	laje plana	mista
M	cidade	esquina	Médio d	acive	solta	700-850	1P/PL	jogo de volumes	recuada	telhado 2 águas V	mista
MT	subúrbio	meio	Médio d	plano	divisas	250-400	T	jogo de volumes	n/a	telhado 1 água	mista
M	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	100-250	2P	jogo de volumes	recuada	telhado 1 água - platibanda	mista
MT	serra		indefinido	plano	solta	/	T	prisma compacto	n/a	laje inclinada	mista
MT	cidade		Médio i	plano	solta	400-550	T	jogo de volumes	n/a	telhado plano platibanda	mista
T	cidade	meio	Médio i	plano	solta	/	2P	jogo de volumes	recuada	telhado 4 águas	mista
MT	serra	meio	Médio d	acive	solta	100-250	1P/PL	prisma compacto	recuada	laje abóbada	independente
TM	cidade	meio	Médio d	acive	solta	250-400	2P/B	jogo de volumes	coplanar	telhado 1 água	mista
TM	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	100-250	T	prisma compacto	n/a	platibanda	portante
T	cidade		Médio i	plano	solta	/	T	prisma compacto	n/a	telhado 4 águas	portante
TM	cidade		Médio d	declive	solta	700-850	2P	jogo de volumes	avançada	telhado plano	mista
M	cidade	meio	Médio d	plano	solta	400-550	2P	prisma compacto	recuada - avançada	telhado 1 água - platibanda	independente
MT	lago	meio	Médio i	plano	solta	550-700	2P	jogo de volumes	avançada	telhado 1 água	mista
MT	lago	meio	Médio i	plano	solta	/	2P	jogo de volumes	coplanar	platibanda	mista
MT	lago	meio	Médio d	plano	divisas	400-550	T	prisma compacto	n/a	platibanda	mista
T	campo - serra		Grande i	plano	solta	250-400	T	jogo de volumes	n/a	telhado 2 águas	mista
MT	cidade	meio	Médio d	declive	solta	1000-1250	2P	jogo de volumes	recuada	telhado plano	mista
MT	subúrbio	esquina	Médio i	acive	solta	250-400	2P	jogo de volumes	avançada	telhado plano	mista
TM	subúrbio	meio	Pequeno d	plano	solta	100-250	T	prisma compacto	n/a	telhado plano	portante
M	subúrbio		Médio d	plano	solta	400-550	1P/B	jogo de volumes	coplanar	laje plana	mista
TM	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	250-400	2P	jogo de volumes	avançada	laje plana - terraço	mista
TM	cidade	meio	Pequeno d	plano	divisas	100-250	T	prisma compacto	n/a	platibanda	mista
M	serra		Grande i	acive	solta	100-250	T	prisma compacto	n/a	telhado plano	independente
M	cidade		Médio d	declive	solta	700-850	2P/B	jogo de volumes	recuada - avançada	laje inclinada V	mista
M	litoral		Grande i	plano	solta	400-550	T	prisma compacto	n/a	laje plana	mista

PROGRAMA													MATERIALIDADE
VAR/ALP	PÁTIO	TERRAÇO	VAZIO	ESTAR	JANTAR	GAB/BIBL/ST	DORMS.	SANITÁRIOS	COZINHA	A. SERV.	GARAGEM	EMPREGADOS	
1t			1p	1t	1t	1p 1t	5p	2t 8p	1t	t	t	5p	alvenarias brancas; base pedra; colunas esbeltas; panos de vidro com caixilhos; venezianas
1t				1t	1t		3t	2t	1t				paredes e pilares pedra; planos de vidro; treliça metálica; cobertura curva
1t		3p		1t	1t		6p	1t 5p	1t	t	t	3p	base pedra; alvenarias e bordas brancas; colunas; venezianas; brises verticais
1t	1t			1t	1t	1t	4t	4t	1t	t	t	2t	alvenarias brancas; venezianas em madeira; telhas fibrocimento
1p				1p	1p	1p	5p	4p	1p	p		1p	base pedra; alvenarias e bordas brancas; colunas; fechamento venezianado; combogós
1p 1p2				1p	1p	1t	3p2	1t 2p 2p2	1p	p	p		alvenarias e bordas brancas; colunas; panos de vidro; fechamento venezianado; guarda-corpos
1t				1t	1t	1t	3t	3t	1t	t	t	1t	alvenarias; rampa; esquadrias contínuas; vidro colorido; venezianas
1t 1p	1t			1t 1p	1t	1t	6p	3t 5p	1t	t	t	3t 2p	alvenarias brancas; colunas esbeltas; panos de vidro com caixilhos; esquadrias enfileiradas
1t		1t 1p		1t	1t	1p	3p	1t 3p	1t	t		2t	alvenarias brancas e aparentes; colunas; panos de vidro; esquadrias enfileiradas; forro relevo
1t				1t	1t		4t	5t	1t	t	t	1t	alvenaria brancas; paredes de pedra; panos de vidro
				1t	1t		3t	3t	1t	t	t	1t	alvenaria brancas; paredes de pedra; panos de vidro; muro alvenaria aparente
1p	1t			2p	1p		3p	3p	1p	p	p	2p	pórticos concreto brancos; panos de vidro com caixilho; venezianas; rampa
5t				1t	1t	1t	4t	3t	1t	t		2t	alvenarias de pedra; concreto pintado de branco; venezianas; telhas em fibrocimento
3t	1t			1t	1t		6t	8t		t	t	2t	alvenarias de pedra e rebocadas; telhados em cerâmica
1t 1p	1t	1p		1p	1p		4p	3p	1p	p		2p	alvenarias aparentes; pilares inclinados em madeira; panos de vidro
1t	1t			1t	1t		3t	3t	1t	t	t	1t	bordas brancas; alvenarias aparentes; pilares inclinados; panos de vidro; venezianas; pérgola
1p 1p2	1p	1p2		1p2	1p2	1p2	1p2 3p3	2p 2p2 4p3	1p2	p2	t	3p3	alvenarias de rebocadas; telhados em cerâmica
2p2				1p	1p	1p	2p2	2p2	1p	p		3p2	alvenarias brancas; base pedra curva; colunas; panos de vidro; esquadrias contínuas
1b 2t		2t 1p2		1t	1t		4p2	1b 3p2	1t	p2	t	2p2	alvenarias com pó de pedra; colunas; sacadas em balanço; guarda-corpos
1t				1t	1t	1t	4t	4t 1b	1t	b	b	1t 1b	bordas brancas; alvenarias aparentes; paredes de pedra; pilares metálicos; panos de vidro
1t	1t			1t	1t		4t	3t	1t	t	t	1t	bordas brancas; alvenarias aparentes; muros de pedra; panos de vidro
		1p		1t	1t		4p	1t 2p	1t	t	t	1t	alvenaria de tijolos aparentes; venezianas
2t	1t	c		1t	1t	1t	4t	5t	1t	t	t		alvenarias brancas; panos de vidro; platibanda; brises verticais
2p	1p			1p	1p	1p	1p	1t 1p	1p	t		1t	parede pedra; alvenarias aparentes; pilares em concreto; panos de vidro; cobertura abobadada
				1p	1p	1p	4p	2p	1p	p	b	p2	alvenarias brancas; paredes de pedra; panos de vidro
1p-1		2t 1p-1		1t 1p-1	1t	1t 1p-1	4p-1	1t 5p-1	1t	p-1		3p-1	colunas; alpendre; varanda; telhado cerâmico
1t 2p	2t			1t 2p	1t		2p	1t 2p	1t	t		?t	paredes pedra; panos de vidro; esquadrias contínuas; cobogós; beiral
1t				1t	1t		2t 5p	4t 5p	1t	t	t	2t	alvenarias aparentes; esquadrias enfileiradas; fechamento venezianado
1t	1t			2t	1t		4t	3t	1t	t			alvenarias aparentes/rebocadas; esquadrias enfileiradas; venezianas; panos de vidro
2t	2t			1t	1t		6t	5t	1t	t		2t	alvenarias aparentes; panos de vidro; muxarabis; venezianas; lambris
2t	5b	1t		2t	1t 1b	1t	3t 3b	4t 6b	1b	b	b	4b	base de pedra; colunas esbeltas; panos de vidro; rampa; treliças metálicas; telha ondulada
?t		1p		1t 1p	1t	?t 1p	5p	?p 4p	1t	t		?t	paredes pedra; beiral
1t				1t	1t		2t	3t	1t	t		t	alvenarias aparentes e caídas; madeira; venezianas
1t	1t	1p		1t	1t	1t	6p	2t 3p	1t	t	t	2t	alvenarias rebocadas; parede de pedras; panos de vidro
1t				1t	1t		3t	3t	1t	t		1t	alvenarias brancas; venezianas
1t				1t	1t		3t	3t	1t	t	t	2t	alvenarias aparentes; colunas aço; panos de vidro
1t	1t			2t	1t	1t	4t	5t	1t	t			

RELAÇÃO GERAL - ARQUITETO

NO.	DATA - ANO	CASA - PROPRIETÁRIO	AUTOR - ARQUITETO	CIDADE UF	NATUREZA	DOCUMENTAÇÃO	GRAU
24	1935	No Rio de Janeiro '1'	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto		MT
25	1936	Henrique Xavier	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto		M
31	1938	Oswald de Andrade	Oscar Niemeyer	Itaipava - Petrópolis RJ	projeto		M
33	1939	M. Passos	Oscar Niemeyer	Miguel Pereira RJ	projeto		TM
34	1940	Cavalcanti	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção		TM
43	1942	Do Arquiteto	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção		MT
44	1942	Herbert Jonhson	Oscar Niemeyer	Fortaleza CE	construção		MT
45	1943	Juscelino Kubitschek	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte MG	construção		MT
46	1943	Charles Ofaire	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto		MT
47	1943	Francisco Inácio Peixoto	Oscar Niemeyer	Cataguases MG	construção		TM
48	1943	Prudente de Moraes Neto	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção		M
49	1943	João Lima Pádua	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte MG	construção		MT
54	1947	Gustavo Capanema	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto		MT
55	1947	Burton Tremaine	Oscar Niemeyer	Santa Bárbara EUA	projeto		M
69	1949	Do Arquiteto - Mendes	Oscar Niemeyer	Mendes RJ	construção (demolida)		MT
70	1949	No Rio de Janeiro	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto		M
90	1952	Leonel Miranda	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção		M
91	1952	Ermiro de Lima	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto		M
92	1953	Do arquiteto - Canoas	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção		M
93	1953	Francisco Pignatari	Oscar Niemeyer	São Paulo SP	projeto		M
98	1954	Edmundo Cavanelas	Oscar Niemeyer	Pedro do Rio - Petrópolis RJ	construção		M
130	1960	Do arquiteto	Oscar Niemeyer	Brasília DF	construção		T
140	1963	Joseph Strick	Oscar Niemeyer	Santa Monica CA USA	construção		M
144	1964	Federmann	Oscar Niemeyer	Hertzlia, Tel-Aviv - Israel	projeto		M
145	1965	Edmond de Rothschild	Oscar Niemeyer	Tel-Aviv - Israel	projeto		M

1	1930	Fábio Carneiro de Mendonça	Lucio Costa	Marquês de Valença RJ	projeto		T
2	1930	Ernesto Gomes Fontes	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	construção		T
2	1930	Ernesto Gomes Fontes - alternativa	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto		MT
4	1931-35	Sem dono 1	Lucio Costa		projeto		MT
4	1931-35	Sem dono 2	Lucio Costa		projeto		MT
4	1931-35	Sem dono 3	Lucio Costa		projeto		MT
5	1932 ¹	Alfredo Schwartz	Lucio Costa (c/ Gregori Warchavchik)	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)		M
6	1932 ¹	Maria e Dulce Gallo	Lucio Costa (c/ Gregori Warchavchik)	Rio de Janeiro RJ	projeto (demolida)		M
10	1933	Cesário Coelho Duarte	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	projeto (demolida)		MT
11	1934	Ronan Borges	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)		M
12	1934 ⁴	Álvaro Osório de Almeida	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto		MT
13	1934 ⁴	Genival Londres	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto		MT
14	1932-36 ⁴	Carmem Santos	Lucio Costa	Niterói RJ	fragmento de projeto		MT
15	1932-36 ⁴	Maria Dionésia	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto		MT
28	1937	Roberto Marinho de Azevedo Filho	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)		T
37	1941	Barão de Saavedra	Lucio Costa	Correias - Petrópolis RJ	construção		TM
38	1941	Argemiro Hungria Machado	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	construção		TM
39	1942	Heloísa Marinho	Lucio Costa	Correias - Petrópolis RJ	construção		T
51	1944	Pedro Paulo Paes de Carvalho	Lucio Costa	Araruama RJ	construção		TM
52	1946	Paulo Candiota	Lucio Costa (c/ Paulo Candiota e Bela Torok)	Rio de Janeiro RJ	construção		T
132	1960	Maria Elisa e Helena Costa	Lucio Costa	Brasília DF	projeto		M

59	1947	1947'	Sérgio Bernardes		projeto	M
60	1948	1948 - 1'	Sérgio Bernardes		projeto	MT
61	1948	1948 - 2'	Sérgio Bernardes		projeto	M
79	1951	Caseiros de Paulo Bittencourt	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	construção	TM
80	1951	Jadir de Souza	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
81	1951	Maria Carlota de Macedo Soares	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	construção	MT
82	1951	Paulo Sampaio	Sérgio Bernardes	Itaipava - Petrópolis RJ	construção	MT
83	1952	Guilherme Brandi	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	construção	MT
111	1955	p Juvenil da Rocha Vaz	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	M
112	1955	p Antonio de Pádua Chagas Freitas	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	construção	MT
120	1956	o Gilberto Ferraz da Silva	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	M
121	1956	p Cincinato Cajado Braga	Sérgio Bernardes	São Paulo SP	construção	M
131	1960	Do arquiteto	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
137	1961	Maria Coutinho Ensch	Sérgio Bernardes	Belo Horizonte MG	construção	MT
138	1962	o José Luís Magalhães Lins	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	MT

18	1934	Mário Brazil	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Niterói RJ	construção	M
19	1935	1935'	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Rio de Janeiro RJ	projeto	M
27	1936	1936'	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Rio de Janeiro RJ	projeto	M
20	1935	Na Urca	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	projeto	M
35	1940	Do arquiteto	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	construção	M
123	1958	Oswaldo Sant'Anna Jr.	Álvaro Vital Brazil	São Paulo SP	projeto	M
135	1961	Do arquiteto	Álvaro Vital Brazil	Cabo Frio RJ	construção	MT
141	1964	¹⁶ Cláudio Jessourow	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
142	1964	¹⁶ Moacyr S. Brasil	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
143	1964	Fernando Neves Magalhães	Álvaro Vital Brazil	Itaipava - Petrópolis RJ	construção	M

66	1948	^y Na Tijuca	Francisco Bolonha	Rio de Janeiro RJ	projeto	TM
72	1949	Hildebrando Accioly	Francisco Bolonha	Petrópolis RJ	construção	T
85	1952	Israel Klabin	Francisco Bolonha	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
103	1954	o Ottoni Alvim Gomes	Francisco Bolonha	Cataguases MG	construção	MT
114	1955	Adolpho Bloch	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ	construção	TM
115	1956	Oscar Bloch	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ	construção	MT
116	1956	Nelson Alves	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ	construção	TM
129	1960	p Em Niterói	Francisco Bolonha	Niterói RJ	construção	TM
78	1951	¹⁰ p Nilo Pacheco Medeiros	Francisco Bolonha	Muriaé MG	construção	MT
84	1952	¹⁰ p José de Castro	Francisco Bolonha	Cataguases MG	construção	M

16	1934	Francisca de Azevedo Leão	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
50	1943	José Cláudio Costa Ribeiro	Carlos Leão	Cabo Frio RJ	construção (demolida)	T
77	1951	Hélio Fraga	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	construção	T
113	1955	¹⁴ José de Vasconcellos Carvalho	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	T
117	1956	¹⁴ Carlos Soares Brandão	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	T
118	1956	Homero Souza e Silva	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
126	1958	¹⁴ Cândido Guinle de Paula Machado	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	T
133	1961	¹⁵ Homero Souza e Silva	Carlos Leão	Cabo Frio RJ	construção	MT
134	1961	¹⁵ Sebastião Paes de Almeida	Carlos Leão	Brasília DF	construção	MT

7	1933	² Em Ipanema	Afonso Eduardo Reidy (c/ Gerson Pompeu Pinheiro)	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
21	1935	² Antônio Pinto Nogueira Assioly Netto	Afonso Eduardo Reidy (c/ Gerson Pompeu Pinheiro)	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
29	1937	Para médico do hospital veterinário	Afonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	projeto	M
65	1948	⁹ Na Tijuca	Afonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	projeto	TM
73	1950	Carmen Portinho	Afonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
74	1950	Sandoval Coimbra	Afonso Eduardo Reidy	Barretos SP	projeto	MT
124	1958	¹² Oswaldo Nazareth	Alcides Rocha Miranda	Teresópolis RJ	fragmento de projeto	MT
125	1958	Plácido da Rocha Miranda	Alcides Rocha Miranda	Petrópolis RJ	construção	MT

36	1940	Do Diretor da Cia. Telefônica	Alcides Rocha Miranda	Ouro Preto MG	fragmento de projeto	MT
41	1942	Do arquiteto	Alcides Rocha Miranda	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	TM
42	1942	Celso da Rocha Miranda	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Petrópolis RJ	construção	MT
97	1954	¹² Linneu de Paula Machado Jr.	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	M
109	1955	p Para administrador	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Rezende RJ	projeto	MT
110	1955	p Para engenheiro	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Rezende RJ	projeto	MT
124	1958	¹² Oswaldo Nazareth	Alcides Rocha Miranda	Teresópolis RJ	fragmento de projeto	MT
125	1958	Plácido da Rocha Miranda	Alcides Rocha Miranda	Petrópolis RJ	construção	MT

8	1933-37 ³	Thérèse Vilain Alves	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	T
9	1933-37 ³	Fernando Lyra	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	projeto	M
30	1937	Izabel Azevedo Alves Silva	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
75	1951	Sérgio Corrêa da Costa	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	construção	M
76	1951	Antônio Ceppas	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
17	1934 ⁵	Edmar Machado	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
32	1938 ⁵	Abigail Seabra de Paula Buarque	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção	M
62	1948 ⁸	p Na Gávea	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
96	1953	p Ernesto Waller	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
107	1955	o Do arquiteto	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
26	1936	A. Neiva	M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	MT
57	1947 ⁷	p Faria Goes	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	construção	M
58	1947 ⁷	p F. E.	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	construção	M
88	1952	Faria Goes	M. M. M. Roberto	Araruama RJ	projeto	M
89	1952	o Arthur Monteiro Coimbra	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	construção	M
40	1942	Hermenegildo Sotto Maior	Aldary Henriques Toledo	Araruama RJ	projeto	MT
53	1946	o José Pacheco de Medeiros Filho	Aldary Henriques Toledo	Cataguases MG	construção	TM
64	1948	p Jorge de Castro	Aldary Henriques Toledo	Rezende RJ	projeto	MT
122	1957	p De fim de semana	Aldary Henriques Toledo		construção	MT
22	1935 ⁶	Ivan Santiago	Paulo Santos e Paulo Pires	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
105	1955 ¹³	p Arnaldo Aizim	Paulo Santos e Paulo Pires	Rio de Janeiro RJ	construção	T
106	1955 ¹³	o Martin Holzmeister	Paulo Santos e Paulo Pires (c/ Paulo T. F. dos Santos)	Rio de Janeiro RJ	construção	T
71	1949	o Do arquiteto	Carlos Ferreira	Nova Friburgo RJ	construção	T
86	1952 ¹¹	p Carlos Leite	Carlos Ferreira	São Paulo SP	projeto	M
87	1952 ¹¹	Nair José Vieira	Carlos Ferreira	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
100	1954	Edmundo Mello Costa	Marcello Fragelli	Petrópolis RJ	construção	T
104	1955	R. Armando	Marcello Fragelli	Rio de Janeiro RJ	construção	T
128	1959	Fernando Tasso Fragoso Pires	Marcelo Fragelli	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
56	1947	p Na Lagoa	Jorge Ferreira (c/ T. Estrella, R. dos Santos e R. Soeiro)	Rio de Janeiro RJ	projeto	MT
102	1954	o Stanislav Koslowski	Jorge Ferreira (c/ T. Estrella, R. dos Santos e R. Soeiro)	Rio de Janeiro RJ	construção	M
63	1948 ⁸	De Campo	Firmino Saldanha	Petrópolis RJ	projeto	TM
108	1955 ⁸	Mario Rosalino Marchesi	Firmino Saldanha	Rio de Janeiro RJ	construção	M
67	1948	Walther Moreira Salles	Olavo Redig de Campos	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
99	1954	o Geraldo Baptista	Olavo Redig de Campos	Itaipava - Petrópolis RJ	construção	MT
68	1948	George Hime	Henrique Mindlin	Petrópolis RJ	construção	MT
95	1953	o Lauro Souza Carvalho	Henrique Mindlin	Petrópolis RJ	construção	MT
3	1931	William Nordschild	Gregori Warchavchik	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
23	1935 ⁶	Thomas Otton Leonardos	José de Souza Reis	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
101	1954	o João Antero de Carvalho	José Bina Fonyat Filho (c/ Tercio Fontana Pacheco)	Petrópolis RJ	construção	MT
119	1956	Raymundo Ottoni de Castro Maya	Wladimir Alves de Souza	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
136	1961	De campo	Marcos de Vasconcellos	Teresópolis RJ	construção	T
139	1963	Sérgio Fracalanza	Arthur Lício Pontual e Carlos João Juppá	Rio de Janeiro RJ	construção	TM

RELAÇÃO GERAL - CIDADE

NO.	DATA - ANO	CASA - PROPRIETÁRIO	AUTOR - ARQUITETO	CIDADE UF	NATUREZA DOCUMENTAÇÃO	SITUAÇÃO
2	1930	Ernesto Gomes Fontes	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	construção	subúrbio
2	1930	Ernesto Gomes Fontes - alternativa	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	subúrbio
3	1931	William Nordschild	Gregori Warchavchik	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	cidade
5	1932 ¹	Alfredo Schwartz	Lucio Costa (c/ Gregori Warchavchik)	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	cidade
6	1932 ¹	Maria e Dulce Gallo	Lucio Costa (c/ Gregori Warchavchik)	Rio de Janeiro RJ	projeto (demolida)	cidade
7	1933 ²	Em Ipanema	Afonso Eduardo Reidy (c/ Gerson Pompeu Pinheiro)	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	cidade
8	1933-37 ³	Thérèse Vilain Alves	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	cidade
9	1933-37 ³	Fernando Lyra	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	projeto	cidade
10	1933	Cesário Coelho Duarte	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	projeto (demolida)	subúrbio
11	1934	Ronan Borges	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	cidade
12	1934 ⁴	Álvaro Osório de Almeida	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	cidade
13	1934 ⁴	Genival Londres	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	cidade
15	1932-36 ⁴	Maria Dionésia	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	cidade
16	1934	Francisco de Azevedo Leão	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
17	1934 ⁵	Edmar Machado	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	cidade
19	1935	1935'	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Rio de Janeiro RJ	projeto	cidade
20	1935	Na Urca	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	projeto	cidade
21	1935 ²	Antônio Pinto Nogueira Assioly Netto	Afonso Eduardo Reidy (c/ Gerson Pompeu Pinheiro)	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	cidade
22	1935 ⁶	Ivan Santiago	Paulo Santos e Paulo Pires	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	cidade
23	1935 ⁶	Thomas Otton Leonardos	José de Souza Reis	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	cidade
24	1935	No Rio de Janeiro '1'	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto	cidade
25	1936	Henrique Xavier	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto	cidade
26	1936	A. Neiva	M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	cidade
27	1936	1936'	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Rio de Janeiro RJ	projeto	subúrbio
28	1937	Roberto Marinho de Azevedo Filho	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	cidade
29	1937	Para médico do hospital veterinário	Afonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	projeto	subúrbio
30	1937	Izabel Azevedo Alves Silva	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
32	1938 ⁵	Abigail Seabra de Paula Buarque	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
34	1940	Cavalcanti	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
35	1940	Do arquiteto	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
38	1941	Argemiro Hungria Machado	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
41	1942	Do arquiteto	Alcides Rocha Miranda	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	cidade
43	1942	Do Arquiteto	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
46	1943	Charles Ofaire	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto	subúrbio
48	1943	Prudente de Moraes Neto	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
52	1946	Paulo Candiota	Lucio Costa (c/ Paulo Candiota e Bela Torok)	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
54	1947	Gustavo Capanema	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto	subúrbio
56	1947 ^p	Na Lagoa	Jorge Ferreira (c/ T. Estrella, R. dos Santos e R. Soeiro)	Rio de Janeiro RJ	projeto	cidade
57	1947 ⁷	Faria Goes	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
58	1947 ⁷	F. E.	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
62	1948 ⁸	Na Gávea	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção	subúrbio
65	1948 ⁹	Na Tijuca	Afonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	projeto	subúrbio
66	1948 ⁹	Na Tijuca	Francisco Bolonha	Rio de Janeiro RJ	projeto	subúrbio
67	1948	Walther Moreira Salles	Olavo Redig de Campos	Rio de Janeiro RJ	construção	subúrbio
70	1949	No Rio de Janeiro	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto	subúrbio
73	1950	Carmen Portinho	Afonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	construção	subúrbio
75	1951	Sérgio Corrêa da Costa	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
76	1951	Antônio Ceppas	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	cidade
77	1951	Hélio Fraga	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
80	1951	Jadir de Souza	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
85	1952	Israel Klabin	Francisco Bolonha	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
87	1952 ¹¹	Nair José Vieira	Carlos Ferreira	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
89	1952 ^o	Arthur Monteiro Coimbra	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	construção	subúrbio
90	1952	Leonel Miranda	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
91	1952	Ermiro de Lima	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto	cidade

92	1953	Do arquiteto - Canoas	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção	subúrbio
94	1953	O. B. Couto e Silva	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	construção	subúrbio
96	1953	p Ernesto Waller	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção	subúrbio
97	1954 ¹²	Linneu de Paula Machado Jr.	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	cidade
102	1954	o Stanislav Koslowski	Jorge Ferreira (c/ T. Estrella, R. dos Santos e R. Soeira)	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
104	1955	R. Armando	Marcello Fragelli	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
105	1955 ¹³	p Arnaldo Aizim	Paulo Santos e Paulo Pires	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
106	1955 ¹³	o Martim Holzmeister	Paulo Santos e Paulo Pires (c/ Paulo T. F. dos Santos)	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
107	1955	o Do arquiteto	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	cidade
108	1955 ⁸	Mario Rosalino Marchesi	Firmino Saldanha	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
111	1955	p Juvenil da Rocha Vaz	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	subúrbio
113	1955 ¹⁴	José de Vasconcellos Carvalho	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	subúrbio
117	1956 ¹⁴	Carlos Soares Brandão	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	subúrbio
118	1956	Homero Souza e Silva	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
119	1956	Raymundo Ottoni de Castro Maya	Wladimir Alves de Souza	Rio de Janeiro RJ	construção	subúrbio
120	1956	o Gilberto Ferraz da Silva	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	subúrbio
126	1958 ¹⁴	Cândido Guinle de Paula Machado	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	cidade
128	1959	Fernando Tasso Fragoso Pires	Marcelo Fragelli	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
131	1960	Do arquiteto	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
138	1962	o José Luis Magalhães Lins	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	subúrbio
139	1963	Sérgio Fracalanza	Arthur Lício Pontual e Carlos João Juppa	Rio de Janeiro RJ	construção	subúrbio
141	1964 ¹⁶	Cláudio Jessourow	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade
142	1964 ¹⁶	Moacyr S. Brasil	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	construção	cidade

125	1958	Plácido da Rocha Miranda	Alcides Rocha Miranda	Petrópolis RJ	construção	cidade
42	1942	Celso da Rocha Miranda	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Petrópolis RJ	construção	cidade
63	1948 ⁸	De Campo	Firmino Saldanha	Petrópolis RJ	projeto	campo - serra
68	1948	George Hime	Henrique Mindlin	Petrópolis RJ	construção	campo - serra
72	1949	Hildebrando Accioly	Francisco Bolonha	Petrópolis RJ	construção	campo - serra
79	1951	Caseros de Paulo Bittencourt	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	construção	campo - serra
81	1951	Maria Carlota de Macedo Soares	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	construção	campo - serra
83	1952	Guilherme Brandi	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	construção	campo - serra
95	1953	o Lauro Souza Carvalho	Henrique Mindlin	Petrópolis RJ	construção	campo - serra
100	1954	Edmundo Mello Costa	Marcelo Fragelli	Petrópolis RJ	construção	cidade
101	1954	o João Antero de Carvalho	José Bina Fonyat Filho (c/ Tercio Fontana Pacheco)	Petrópolis RJ	construção	serra
112	1955	p Antonio de Pádua Chagas Freitas	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	construção	serra

31	1938	Oswald de Andrade	Oscar Niemeyer	Itaipava - Petrópolis RJ	projeto	campo - serra
82	1951	Paulo Sampaio	Sérgio Bernardes	Itaipava - Petrópolis RJ	construção	campo - serra
99	1954	o Geraldo Baptista	Olavo Redig de Campos	Itaipava - Petrópolis RJ	construção	serra
127	1959	Do arquiteto	Affonso Eduardo Reidy	Itaipava - Petrópolis RJ	construção	serra
143	1964	Fernando Neves Magalhães	Álvaro Vital Brazil	Itaipava - Petrópolis RJ	construção	serra

114	1955	Adolpho Bloch	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ	construção	serra
115	1956	Oscar Bloch	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ	construção	serra
116	1956	Nelson Alves	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ	construção	serra
124	1958 ¹²	Oswaldo Nazareth	Alcides Rocha Miranda	Teresópolis RJ	fragmento de projeto	serra
136	1961	De campo	Marcos de Vasconcellos	Teresópolis RJ	construção	campo - serra

47	1943	Francisco Inácio Peixoto	Oscar Niemeyer	Cataguases MG	construção	cidade
53	1946	o José Pacheco de Medeiros Filho	Aldary Henriques Toledo	Cataguases MG	construção	cidade
84	1952 ¹⁰	p José de Castro	Francisco Bolonha	Cataguases MG	construção	cidade
103	1954	o Ottoni Alvim Gomes	Francisco Bolonha	Cataguases MG	construção	cidade

86	1952 ¹¹	p Carlos Leite	Carlos Ferreira	São Paulo SP	projeto	cidade
93	1953	Francisco Pignatari	Oscar Niemeyer	São Paulo SP	projeto	subúrbio
121	1956	p Cincinato Cajado Braga	Sérgio Bernardes	São Paulo SP	construção	cidade
123	1958	Oswaldo Sant'Anna Jr.	Álvaro Vital Brazil	São Paulo SP	projeto	cidade

14	1932-36 ⁴	Carmem Santos	Lucio Costa	Niterói RJ	fragmento de projeto	subúrbio
18	1934	Mário Brazil	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Niterói RJ	construção	cidade
129	1960 ^p	Em Niterói	Francisco Bolonha	Niterói RJ	construção	cidade
40	1942	Hermenegildo Sotto Maior	Aldary Henriques Toledo	Araruama RJ	projeto	campo
51	1944	Pedro Paulo Paes de Carvalho	Lucio Costa	Araruama RJ	construção	lago
88	1952	Faria Goes	M. M. M. Roberto	Araruama RJ	projeto	lago
45	1943	Juscelino Kubitschek	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte MG	construção	cidade
49	1943	João Lima Pádua	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte MG	construção	cidade
137	1961	Maria Coutinho Ensch	Sérgio Bernardes	Belo Horizonte MG	construção	cidade
50	1943	José Cláudio Costa Ribeiro	Carlos Leão	Cabo Frio RJ	construção (demolida)	litoral
133	1961 ¹⁵	Homero Souza e Silva	Carlos Leão	Cabo Frio RJ	construção	lago
135	1961	Do arquiteto	Álvaro Vital Brazil	Cabo Frio RJ	construção	lago
64	1948 ^p	Jorge de Castro	Aldary Henriques Toledo	Rezende RJ	projeto	campo
109	1955 ^p	Para administrador	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Rezende RJ	projeto	subúrbio
110	1955 ^p	Para engenheiro	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Rezende RJ	projeto	subúrbio
130	1960	Do arquiteto	Oscar Niemeyer	Brasília DF	construção	cidade
132	1960	Maria Elisa e Helena Costa	Lucio Costa	Brasília DF	projeto	cidade
134	1961 ¹⁵	Sebastião Paes de Almeida	Carlos Leão	Brasília DF	construção	cidade
37	1941	Barão de Saavedra	Lucio Costa	Correias - Petrópolis RJ	construção	campo - serra
39	1942	Heloísa Marinho	Lucio Costa	Correias - Petrópolis RJ	construção	campo - serra
55	1947	Burton Tremaine	Oscar Niemeyer	Santa Bárbara EUA	projeto	litoral
140	1963	Joseph Strick	Oscar Niemeyer	Santa Monica CA USA	construção	subúrbio
144	1964	Federmann	Oscar Niemeyer	Hertzlia, Tel-Aviv - Israel	projeto	cidade
145	1965	Edmond de Rothschild	Oscar Niemeyer	Tel-Aviv - Israel	projeto	litoral
1	1930	Fábio Carneiro de Mendonça	Lucio Costa	Marquês de Valença RJ	projeto	campo
33	1939	M. Passos	Oscar Niemeyer	Miguel Pereira RJ	projeto	campo
36	1940	Do Diretor da Cia. Telefônica	Alcides Rocha Miranda	Ouro Preto MG	fragmento de projeto	cidade
44	1942	Herbert Jonhson	Oscar Niemeyer	Fortaleza CE	construção	litoral
69	1949	Do Arquiteto - Mendes	Oscar Niemeyer	Mendes RJ	construção (demolida)	campo
71	1949 ^o	Do arquiteto	Carlos Ferreira	Nova Friburgo RJ	construção	campo - serra
74	1950	Sandoval Coimbra	Afonso Eduardo Reidy	Barretos SP	projeto	cidade
78	1951 ¹⁰ ^p	Nilo Pacheco Medeiros	Francisco Bolonha	Muriae MG	construção	cidade
98	1954	Edmundo Cavanelas	Oscar Niemeyer	Pedro do Rio - Petrópolis RJ	construção	campo - serra
4	1931-35	Sem dono 1	Lucio Costa		projeto	cidade
4	1931-35	Sem dono 2	Lucio Costa		projeto	cidade
4	1931-35	Sem dono 3	Lucio Costa		projeto	cidade
59	1947	1947'	Sérgio Bernardes		projeto	cidade
60	1948	1948 - 1'	Sérgio Bernardes		projeto	cidade
61	1948	1948 - 2'	Sérgio Bernardes		projeto	cidade
122	1957 ^p	De fim de semana	Aldary Henriques Toledo		construção	subúrbio

RELAÇÃO GERAL - GRAU

NO.	DATA - ANO	CASA - PROPRIETÁRIO	AUTOR - ARQUITETO	CIDADE UF	NATUREZA DOCUMENTAÇÃO	GRAU
3	1931	William Nordschild	Gregori Warchavchik	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
5	1932 ¹	Alfredo Schwartz	Lucio Costa (c/ Gregori Warchavchik)	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
6	1932 ¹	Maria e Dulce Gallo	Lucio Costa (c/ Gregori Warchavchik)	Rio de Janeiro RJ	projeto (demolida)	M
7	1933 ²	Em Ipanema	Affonso Eduardo Reidy (c/ Gerson Pompeu Pinheiro)	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
9	1933-37 ³	Fernando Lyra	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	projeto	M
11	1934	Ronan Borges	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
17	1934 ⁵	Edmar Machado	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
18	1934	Mário Brazil	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Niterói RJ	construção	M
19	1935	1935'	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Rio de Janeiro RJ	projeto	M
20	1935	Na Urca	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	projeto	M
21	1935 ²	Antônio Pinto Nogueira Assioly Netto	Affonso Eduardo Reidy (c/ Gerson Pompeu Pinheiro)	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
22	1935 ⁶	Ivan Santiago	Paulo Santos e Paulo Pires	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
23	1935 ⁶	Thomas Otton Leonardos	José de Souza Reis	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
25	1936	Henrique Xavier	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto	M
27	1936	1936'	Álvaro Vital Brazil (c/ Adhemar Marinho)	Rio de Janeiro RJ	projeto	M
29	1937	Para médico do hospital veterinário	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	projeto	M
31	1938	Oswald de Andrade	Oscar Niemeyer	Itaipava - Petrópolis RJ	projeto	M
32	1938 ⁵	Abigail Seabra de Paula Buarque	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção	M
35	1940	Do arquiteto	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	construção	M
48	1943	Prudente de Moraes Neto	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção	M
55	1947	Burton Tremaine	Oscar Niemeyer	Santa Bárbara EUA	projeto	M
57	1947 ⁷	p Faria Goes	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	construção	M
58	1947 ⁷	p F. E.	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	construção	M
59	1947	1947'	Sérgio Bernardes		projeto	M
61	1948	1948 - 2'	Sérgio Bernardes		projeto	M
70	1949	No Rio de Janeiro	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto	M
75	1951	Sérgio Corrêa da Costa	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	construção	M
76	1951	Antônio Ceppas	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
84	1952 ¹⁰	p José de Castro	Francisco Bolonha	Cataguases MG	construção	M
86	1952 ¹¹	p Carlos Leite	Carlos Ferreira	São Paulo SP	projeto	M
88	1952	Faria Goes	M. M. M. Roberto	Araruama RJ	projeto	M
89	1952	o Arthur Monteiro Coimbra	M. M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	construção	M
90	1952	Leonel Miranda	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção	M
91	1952	Ermiro de Lima	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto	M
92	1953	Do arquiteto - Canoas	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção	M
93	1953	Francisco Pignatari	Oscar Niemeyer	São Paulo SP	projeto	M
97	1954 ¹²	Linneu de Paula Machado Jr.	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	M
98	1954	Edmundo Cavanelas	Oscar Niemeyer	Pedro do Rio - Petrópolis RJ	construção	M
102	1954	o Stanislav Koslowski	Jorge Ferreira (c/ T. Estrella, R. dos Santos e R. Soeiro)	Rio de Janeiro RJ	construção	M
107	1955	o Do arquiteto	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	M
108	1955 ⁸	Mario Rosalino Marchesi	Firmino Saldanha	Rio de Janeiro RJ	construção	M
111	1955	p Juvenil da Rocha Vaz	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	M
120	1956	o Gilberto Ferraz da Silva	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	M
121	1956	p Cincinato Cajado Braga	Sérgio Bernardes	São Paulo SP	construção	M
123	1958	Oswaldo Sant'Anna Jr.	Álvaro Vital Brazil	São Paulo SP	projeto	M
132	1960	Maria Elisa e Helena Costa	Lucio Costa	Brasília DF	projeto	M
140	1963	Joseph Strick	Oscar Niemeyer	Santa Monica CA USA	construção	M
143	1964	Fernando Neves Magalhães	Álvaro Vital Brazil	Itaipava - Petrópolis RJ	construção	M
144	1964	Federmann	Oscar Niemeyer	Hertzlia, Tel-Aviv - Israel	projeto	M
145	1965	Edmond de Rothschild	Oscar Niemeyer	Tel-Aviv - Israel	projeto	M

2	1930	Ernesto Gomes Fontes - alternativa	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	MT
4	1931-35	Sem dono 1	Lucio Costa		projeto	MT
4	1931-35	Sem dono 2	Lucio Costa		projeto	MT
4	1931-35	Sem dono 3	Lucio Costa		projeto	MT
10	1933	Cesário Coelho Duarte	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	projeto (demolida)	MT
12	1934 ⁴	Álvaro Osório de Almeida	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	MT
13	1934 ⁴	Genival Londres	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	MT
14	1932-36 ⁴	Carmem Santos	Lucio Costa	Niterói RJ	fragmento de projeto	MT
15	1932-36 ⁴	Maria Dionésia	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	MT
24	1935	No Rio de Janeiro '1'	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto	MT
26	1936	A. Neiva	M. M. Roberto	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	MT
30	1937	Izabel Azevedo Alves Silva	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
36	1940	Do Diretor da Cia. Telefônica	Alcides Rocha Miranda	Ouro Preto MG	fragmento de projeto	MT
40	1942	Hermenegildo Sotto Maior	Aldary Henriques Toledo	Araruama RJ	projeto	MT
42	1942	Celso da Rocha Miranda	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Petrópolis RJ	construção	MT
43	1942	Do Arquiteto	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
44	1942	Herbert Jonhson	Oscar Niemeyer	Fortaleza CE	construção	MT
45	1943	Juscelino Kubitschek	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte MG	construção	MT
46	1943	Charles Ofaire	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto	MT
49	1943	João Lima Pádua	Oscar Niemeyer	Belo Horizonte MG	construção	MT
54	1947	Gustavo Capanema	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	projeto	MT
56	1947	p Na Lagoa	Jorge Ferreira (c/ T. Estrella, R.dos Santos e R. Soeiro)	Rio de Janeiro RJ	projeto	MT
60	1948	1948 - 1'	Sérgio Bernardes		projeto	MT
62	1948 ⁸	p Na Gávea	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
64	1948	p Jorge de Castro	Aldary Henriques Toledo	Rezende RJ	projeto	MT
67	1948	Walther Moreira Salles	Olavo Redig de Campos	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
68	1948	George Hime	Henrique Mindlin	Petrópolis RJ	construção	MT
69	1949	Do Arquiteto - Mendes	Oscar Niemeyer	Mendes RJ	construção (demolida)	MT
73	1950	Carmen Portinho	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
74	1950	Sandoval Coimbra	Affonso Eduardo Reidy	Barretos SP	projeto	MT
78	1951 ¹⁰	p Nilo Pacheco Medeiros	Francisco Bolonha	Muriae MG	construção	MT
80	1951	Jadir de Souza	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
81	1951	Maria Carlota de Macedo Soares	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	construção	MT
82	1951	Paulo Sampaio	Sérgio Bernardes	Itaipava - Petrópolis RJ	construção	MT
83	1952	Guilherme Brandi	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	construção	MT
87	1952 ¹¹	Nair José Vieira	Carlos Ferreira	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
94	1953	O. B. Couto e Silva	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
95	1953	o Laura Souza Carvalho	Henrique Mindlin	Petrópolis RJ	construção	MT
96	1953	p Ernesto Waller	Paulo Antunes Ribeiro	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
99	1954	o Geraldo Baptista	Olavo Redig de Campos	Itaipava - Petrópolis RJ	construção	MT
101	1954	o João Antero de Carvalho	José Bina Fonyat Filho (c/ Tercio Fontana Pacheco)	Petrópolis RJ	construção	MT
103	1954	o Ottoni Alvim Gomes	Francisco Bolonha	Cataguases MG	construção	MT
109	1955	p Para administrador	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Rezende RJ	projeto	MT
110	1955	p Para engenheiro	Alcides Rocha Miranda (c/ Dubugras e Cabral)	Rezende RJ	projeto	MT
112	1955	p Antonio de Pádua Chagas Freitas	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	construção	MT
115	1956	Oscar Bloch	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ	construção	MT
118	1956	Homero Souza e Silva	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	construção	MT
122	1957	p De fim de semana	Aldary Henriques Toledo		construção	MT
124	1958 ¹²	Oswaldo Nazareth	Alcides Rocha Miranda	Teresópolis RJ	fragmento de projeto	MT
125	1958	Plácido da Rocha Miranda	Alcides Rocha Miranda	Petrópolis RJ	construção	MT
127	1959	Do arquiteto	Affonso Eduardo Reidy	Itaipava - Petrópolis RJ	construção	MT
133	1961 ¹⁵	Homero Souza e Silva	Carlos Leão	Cabo Frio RJ	construção	MT
134	1961 ¹⁵	Sebastião Paes de Almeida	Carlos Leão	Brasília DF	construção	MT
135	1961	Do arquiteto	Álvaro Vital Brazil	Cabo Frio RJ	construção	MT
137	1961	Maria Coutinho Ensch	Sérgio Bernardes	Belo Horizonte MG	construção	MT
138	1962	o José Luís Magalhães Lins	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	MT

16	1934	Francisca de Azevedo Leão	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
33	1939	M. Passos	Oscar Niemeyer	Miguel Pereira RJ	projeto	TM
34	1940	Cavalcanti	Oscar Niemeyer	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
37	1941	Barão de Saavedra	Lucio Costa	Correias - Petrópolis RJ	construção	TM
38	1941	Argemiro Hungria Machado	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
41	1942	Do arquiteto	Alcides Rocha Miranda	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	TM
47	1943	Francisco Inácio Peixoto	Oscar Niemeyer	Cataguases MG	construção	TM
51	1944	Pedro Paulo Paes de Carvalho	Lucio Costa	Aruama RJ	construção	TM
53	1946 ^o	José Pacheco de Medeiros Filho	Aldary Henriques Toledo	Cataguases MG	construção	TM
63	1948 ⁸	De Campo	Firmino Saldanha	Petrópolis RJ	projeto	TM
65	1948 ⁹	Na Tijuca	Affonso Eduardo Reidy	Rio de Janeiro RJ	projeto	TM
66	1948 ⁹	Na Tijuca	Francisco Bolonha	Rio de Janeiro RJ	projeto	TM
79	1951	Caseiros de Paulo Bittencourt	Sérgio Bernardes	Petrópolis RJ	construção	TM
85	1952	Israel Klabin	Francisco Bolonha	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
114	1955	Adolpho Bloch	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ	construção	TM
116	1956	Nelson Alves	Francisco Bolonha	Teresópolis RJ	construção	TM
119	1956	Raymundo Ottoni de Castro Maya	Wladimir Alves de Souza	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
128	1959	Fernando Tasso Fragoso Pires	Marcelo Fragelli	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
129	1960 ^p	Em Niterói	Francisco Bolonha	Niterói RJ	construção	TM
131	1960	Do arquiteto	Sérgio Bernardes	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
139	1963	Sérgio Fracalanza	Arthur Lício Pontual e Carlos João Juppá	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
141	1964 ¹⁶	Cláudio Jessourow	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	construção	TM
142	1964 ¹⁶	Moacyr S. Brasil	Álvaro Vital Brazil	Rio de Janeiro RJ	construção	TM

1	1930	Fábio Carneiro de Mendonça	Lucio Costa	Marquês de Valença RJ	projeto	T
2	1930	Ernesto Gomes Fontes	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	construção	T
8	1933-37 ³	Thérèse Vilain Alves	Jorge Machado Moreira	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	T
28	1937	Roberto Marinho de Azevedo Filho	Lucio Costa	Rio de Janeiro RJ	construção (demolida)	T
39	1942	Heloísa Marinho	Lucio Costa	Correias - Petrópolis RJ	construção	T
50	1943	José Cláudio Costa Ribeiro	Carlos Leão	Cabo Frio RJ	construção (demolida)	T
52	1946	Paulo Candiota	Lucio Costa (c/ Paulo Candiota e Bela Torok)	Rio de Janeiro RJ	construção	T
71	1949 ^o	Do arquiteto	Carlos Ferreira	Nova Friburgo RJ	construção	T
72	1949	Hildebrando Accioly	Francisco Bolonha	Petrópolis RJ	construção	T
77	1951	Hélio Fraga	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	construção	T
100	1954	Edmundo Mello Costa	Marcello Fragelli	Petrópolis RJ	construção	T
104	1955	R. Armando	Marcello Fragelli	Rio de Janeiro RJ	construção	T
105	1955 ¹³ ^p	Arnaldo Aizim	Paulo Santos e Paulo Pires	Rio de Janeiro RJ	construção	T
106	1955 ¹³ ^o	Martin Holzmeister	Paulo Santos e Paulo Pires (c/ Paulo T. F. dos Santos)	Rio de Janeiro RJ	construção	T
113	1955 ¹⁴	José de Vasconcellos Carvalho	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	T
117	1956 ¹⁴	Carlos Soares Brandão	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	T
126	1958 ¹⁴	Cândido Guinle de Paula Machado	Carlos Leão	Rio de Janeiro RJ	fragmento de projeto	T
130	1960	Do arquiteto	Oscar Niemeyer	Brasília DF	construção	T
136	1961	De campo	Marcos de Vasconcellos	Teresópolis RJ	construção	T

ARQUITETOS - CRONOLOGIA

ARQUITETO	NASCIMENTO - MORTE	LOCAL NASCIMENTO	LOCAL MORTE	ANO	INSTITUIÇÃO	TÍTULO
Alfonso Eduardo Reidy	1909 - 1964	Paris FR	Rio de Janeiro R.	1930	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Alcides Rocha Miranda	1909 - 2001	Rio de Janeiro RJ		1932	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Aldary Henriques Toledo		Rio de Janeiro RJ		1939	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Alvaro Vital Brazil	1909 - 1997	São Paulo SP	Rio de Janeiro R.	1933	Escola Politécnica do Rio de Janeiro RJ	
Arthur Lício Pontual	1935 -	Recife PE		1962	Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil R	
Carlos João Juppá	1937 -	ES		1962	Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil R	
Carlos Frederico Ferreira		Rio de Janeiro RJ		1935	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Carlos de Azevedo Lato	1906 - 1983	Rio de Janeiro RJ		1931	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Firmino Fernandes Soldanha	1905 - 1986	Santana do Livramento RS		1931	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Francisco de Paula Lemos Bolonha	1923 -	Belém PA		1945	Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil R	
Gregory Warchavchik	1896 - 1972	Odessa Rússia	São Paulo SP	1920	Instituto Superior de Belas Artes de Roma ITALIA	
Henrique Ephim Mindlin	1911 - 1971	São Paulo SP	Guababara RJ	1932	Escola de Engenharia Mackenzie SP	
Jorge Ferreira	1913	Paris FR		1935/6	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Thomaz Estrella	1912 - 1980	Rio de Janeiro RJ		1936	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Renato Mesquita dos Santos	1914	Rio de Janeiro RJ		1936	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Renato Soeiro	1911 - 1984	Rio de Janeiro RJ		1936	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Jorge Machado Moreira	1904 - 1992	Paris FR	Rio de Janeiro R.	1932	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
José Bina Fonyat Filho	1918	Salvador BA		1949	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal	
José de Souza Reis		Rio de Janeiro RJ		1948	Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil R	
Lucio Marçal Ferreira Ribeiro de Lima e Costa	1902 - 1998	Toulon FR	Rio de Janeiro R.	1924	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Marcelo Dória Batista - Roberto	1908 - 1964	Rio de Janeiro RJ	Rio de Janeiro R.	1930	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Milton Roberto	1914 - 1953	Petrópolis RJ	Rio de Janeiro R.	1934	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Maurício Roberto	1921 -	Rio de Janeiro RJ		1944	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Marcello Accioly Fragelli	1928 -	Rio de Janeiro RJ		1953		
Marcos de Vasconcellos						
Olavo Redig de Campos	1906 - 1984	Rio de Janeiro RJ		1931	Escola Superior de Arquitetura de Roma	
Oscar Niemeyer Soares Filho	1907 -	Rio de Janeiro RJ		1934	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Paulo Antunes Ribeiro	1905 - 1973	Rio de Janeiro RJ		1926	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Paulo Everard Nunes Pires	1903 - 1976	Rio de Janeiro RJ		1926	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Paulo Ferreira dos Santos	1904 - 1988	Rio de Janeiro RJ	Rio de Janeiro R.	1926	Escola Nacional de Belas Artes RJ	
Paulo de Tarsó Ferreira dos Santos	1921 - 1987	São Paulo SP		1948	Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil R	
Sergio Wladimir Bernardes	1919 - 2002	Rio de Janeiro RJ		1948	Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil R	
Wladimir Alves de Souza	1908 - 1994	Belém PA	Rio de Janeiro R.	1930	Escola Nacional de Belas Artes RJ	

ARQUITETO

1936

1937

1938

1939

Alfonso Eduardo Reilly	MESP RJ (equipe de Lucio Costa) Sede do Posto Florestal RJ (projeto)	Casa para médico do hospital venenífero RJ (projeto) Cidade Universitária RJ (equipe de Lucio Costa) Livre docente em Composição de Arquitetura na CNBA Sede da 4ª e 6ª Divisão de Viçosa RJ (projeto) Sede da Delegação Fiscal e Posto de Polícia Municipal RJ (projeto)	Arquiteto do Serviço Técnico do Plano da Cidade na PDF RJ (projeto) Urbanização do Estimado do Castelo RJ (projeto) Ed. sede da Prefeitura do Distrito Federal RJ (3º verso) Sede do Depto. Geral de Transportes e Oficinas de PDF RJ	Ed. Da Diabética de Transportes da PDF RJ (projeto) Bar em Praça Pública na Tijuca RJ (projeto)
Alcides Rocha Almeida				
Alcyr Henrique Toledo				
Alvaro Vital Brazil	Casa 1936 RJ (projeto) (✓ Adhemar Marinho) Ed. Estihar SP (✓ Adhemar Marinho)	Ed. Adhur Nogueira SP	Secretaria de Educação e Cultura de PDF RJ	
Arthur Lúcio Pontual e Carlos João Juppá				
Carlos Ferreira				
Carlos João	MESP RJ (equipe de Lucio Costa) Clube de Engenharia RJ (concurso, com Lucio Costa) Cidade Universitária RJ (equipe de Lucio Costa)	Colégio Pedro II RJ (✓ Ernani Vasconcelos)		
Ermano Saldanha			Ed. residencial Mississipi RJ	
Francisco Bolonha				
Georgi Warchavnik			Casa Cta. Melhoramentos Soporno SP	Ed. residencial SP Praça Municipal de São Paulo (concurso, com Adolpho - 2º lugar)
Henrique Mindlin			Casa G. Hinkelkamp SP Casa E. Gross Salinas SP	Casa Souza Lima Itaipas SP Casa Carlos de Moraes Itaipas SP
Jorge Ferreira			Estação de Hidroviáveis RJ	
Thomas Estrella				
Renato Mesquita dos Santos				
Renato Seabra				
Jorge Machado Moreira	Cidade Universitária RJ (equipe de Lucio Costa) MESP RJ (equipe de Lucio Costa) Ministério da Fazenda RJ (concurso 2º lugar com J. Souza Reis e Niemeyer) Ed. de apos. RJ (projeto)	Casa Izabel Azevedo Alves Silva RJ		Ed. de apos. para Luiz Fernando de Mendonça RJ (projeto) Ed. Tapir RJ (concurso)
José Bino Fayat Filho				
Tarcio Ferreira Pacheco				
José de Souza Reis				
Luís Costa	Ministério da Educação e Saúde Pública RJ	Casa Roberto Marinho de Azevedo Filho RJ Museu dos Museus RS Diretor da Divisão de Estudos e Fundamentos do SPHAN (até 1972) Docente de Arquitetura	Problema do Brasil Feito Mundial de Nova York Problema do Brasil Feito Mundial de Nova York	Pavilhão do Brasil Feito Mundial de Nova York, com Niemeyer Notas sobre a evolução do mobiliário Auto-brasileiro
Marcos Roberto				
Wilson Roberto				
Maurício Roberto				
Marcos de Vasconcelos				
Marcello Foglielli				
Olavo Redig de Campos				
Oscar Niemeyer	Casa Henrique Xavier RJ (projeto) Projeto para a Cidade Universitária RJ (equipe Lucio Costa - 1º Colunista) MESP RJ Ministério da Fazenda RJ (com Moreira e Reis, 2º lugar concurso)	Obra do Barco RJ	Casa Oswald de Andrade Itaipava RJ (projeto) Problema do Brasil Feito Mundial de Nova York	Casa M. Pessas Miguel Pereira RJ (projeto) Problema do Brasil Feito Mundial de Nova York, com Lucio Costa Grande Hotel Ouro Preto MG
Paulo Antônio Ribeiro	Maternidade Amadeu de Moraes RJ		Casa Abigail Sobrinho de Paula Bianquis RJ	
Paulo Pires				
Paulo Santos				
Paulo de F. dos Santos				
Sergio Bernardes				
Wladimir Alves de Souza	Ministério da Fazenda RJ (com Eneas Silva, 1º lugar concurso, projeto)			

ARQUITETO

1951

1952

1953

1954

1955

Afonso Eduardo Reily	Diretor do Depto. de Urbanismo novamente 1º Prêmio no I Biênio de Arte de SP pelo Pedregulho (grandes áreas) Conjunto Residencial Catombas, Laguna RI (estudo)	Conjunto residencial dos Marquês de São Vicente, Góvea RI Museu de Arte Moderna de São Paulo (concurso 1º lugar - projeto) Escolta Experimental Brasil-Panamá, Assunção Paraguai	Caso O. B. Couto e Silva RI Centro de Educação do Leme SP (✓ Dubuigues e Cabral)	Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro RI Regente da cadeia de Terço e Praça dos Planos da Cidade na FMA Integrante da comissão encarregada de localizar o novo Distrito Federal, Goiás	Terço Rural do Estudante - Campo Grande RI (projeto)
Alcides Rocha Miranda	Instituto do Professor Primário Cidade Universitária SP (✓ Res)	Conjunto residencial em Santa Tereza RI (projeto, ✓ Dubuigues e Cabral)	Casa Linneu de Paula Machado Jr. RI (projeto, ✓ Dubuigues e Cabral) Petrópolis, Golf Club, Petrópolis RI (projeto, ✓ Dubuigues e Cabral) Ed. de escritórios para a Co. Internacional de Seguros RI (projeto) Museu das Madrugadas RI (projeto)	Casa para administrador Rezende RI (projeto, ✓ Dubuigues e Cabral) Casa para engenheiro Rezende RI (projeto, ✓ Dubuigues e Cabral) Altar-monumento para o Congresso Eucarístico Internacional RI (foto inicial Lucio Costa / com Dubuigues e Cabral) Capela da Federação das Bandeirantes do Brasil RI (✓ Dubuigues e Cabral) Igreja e Centro Social Na. Sta. das Graças Friburgo RI (✓ Dubuigues e Cabral)	
Alcyr Henrique Toledo	Hotel Cariaguas, MG		Instituto de Psiquiatria Universidade do Brasil RI Querna em Cariaguas, MG (✓ Carlos Leão)	Cidade Universitária Universidade do Brasil, Ilha do Governador RI	
Alvaro Vital Brazil	Ed. de apartamentos Niterói RI	Ed. de apartamentos RJ (proprietário)	Ed. para o Diário da Manhã e o Rádio Club de Fortaleza CE Instituto BGG Laboratórios RI (projeto) Casa Dr. Carlos Alberto Thomas Curitiba PR (projeto)	Ed. de apartamentos em Copacabana RI Ed. de apartamentos RI	
Arthur Lúcio Pontual e Carlos João Joppa				Monumento Nacional dos Mortos da 2ª Guerra Mundial (concurso, menção)	
Carlos Ferreira	Piscina coberta da Sociedade Esportiva Palmeiras SP (concurso 1º lugar)	Casa Carlos Leão SP Casa Wair José Vieira RI Terminal de passageiros e de carga do pier da Praça Mauá RI (concurso 1º lugar)			
Carlos Leão	Casa Hélio Fraga RI	Querna em Cariaguas, MG (✓ Aldey Toledo)		Casa José de Vasconcelos Carvalho RI (projeto)	
Fimino Soldanha				Casa Mario Rosalino Marchesi RI Hospital dos Marilhões RI	
Francisco Bolonha	Casa Vito Pacheco Medeiros Curitiba, MG Hospital Maternidade Cariaguas, MG	Casa José de Castro Cariaguas, MG Casa Israel Klobin RI Jardim de Infância Vitória ES	Casa Ottoni Alvim Gomes Cariaguas, MG Capela Santa Maria na casa Actóy Petrópolis RI	Casa Adolpho Bloch Petrópolis RI	
Gregori Warchavchik					
Henrique Mindlin	Ed. de apartamentos p/ Carlos Sylla RI Casa p/ Alaire Burke RI Ed. de apartamentos p/ José Peliks RI Ed. de apartamentos RI Nova sede Banco Brasil RI (concurso) Sede Banco Crédito Real Mira Gómeis SP Estrução de passageiros Praga XVI RI Casa Harry Wenworth Hollnagel RI Casa José Carlos Moreira Salles Santos SP	Casa Nelson Dobson RI Ed. de apartamentos p/ Marcelo M. Franco Alves RI Hotel p/ Imãns Aquino Ed. de apartamentos p/ Lauro de Carvalho RI Hotel CPAN SP (projeto) Ed. de apartamentos p/ B. Kosinski Casa Ignácio Sporn SP Urbanização e tratamento Ilha de São Amaro SP	Casa Lauro Souza Carvalho Petrópolis RI Sinagoga Copacabana RI (projeto) Sede do Lar do Criança Israelita RI Casa Diana Dornemann RI Cidade Mannesmann Belo Horizonte MG (projeto)	Casa Horst Lakhal RI Sede Habérica RI Fábrica Metal Leve SP Sede do Senado Federal (concurso)	Fábrica Aéropegas, Mohair SP
Jorge Ferreira Thomaz Estrella Renato Mesquita dos Santos Renato Soeiro				Casa Stanislaw Kosowski RI Colônia de férias do SESC e SENAC, Ponta Alegre RS	
Jorge Machado Moreira	Casa Sérgio Cardo de Costa RI Casa Antônio Cepias RI Casa Renato de Lya Favares RI (projeto) Edifícios de aptos. RI (projeto)	Ed. de aptos. Niterói RI (projeto)	Instituto de Psiquiatria Universidade do Brasil RI Ed. de escritórios RI (projeto) Ed. de aptos. Lúcio Cardoso RI Ed. de aptos. RI (projeto)	Casa Sérgio Marques de Souza Petrópolis RI Casa Francisco Ferraz RI Divisão médica Casa AP Ferrovárias e Serviços Públicos RS (projeto)	Casado Haras Sumatara (projeto) Igreja para Fomeira para Maurício Goulart (projeto)

